

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



França Júnior *Teatro Completo*

Dois proveitos em um saco - Entrei para o Clube Jácome
A lotação dos bondes - As doutoras - Caiu o ministério!
Como se fazia um deputado - Amor com amor se paga
Ingleses na costa - Maldita parentela - O tipo brasileiro
Meia hora de cinismo - Tipos da atualidade



Iba Mendes
www.poeteiro.com

França Júnior

Teatro Completo

*Dois proveitos em um saco - Entrei para o Clube
Jácome - A lotação dos bondes - As doutoras -
Caiu o ministério! - Como se fazia um deputado
- Amor com amor se paga- Ingleses na costa -
Maldita parentela - O tipo brasileiro - Meia hora
de cinismo - Tipos da atualidade*

**Joaquim José de França Júnior
(1838 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 234



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro França Júnior: “*Teatro Completo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

França Júnior (Joaquim José da F. J.), jornalista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de março de 1838, e faleceu em Poços de Caldas, MG, em 27 de setembro de 1890.

Filho de Joaquim José da França e de Mariana Inácia Vitovi Garção da França. Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II e em Direito pela Faculdade de São Paulo (1862), começou a carreira de dramaturgo em 1861 com duas "comédias de costumes acadêmicos", *A república modelo* e *Meia hora de cinismo*, sobre as relações entre um calouro e um grupo de estudantes veteranos. Revelou-se um continuador de Martins Pena. Em 1862, estreou no Ginásio Dramático (RJ) *Tipos da atualidade*, comédia mais conhecida como *O barão de Cutia*, graças à extrema popularidade do personagem do mesmo nome, um fazendeiro rico que uma viúva interesseira deseja ardentemente ter por genro. Dando à peça o título "Tipos da atualidade", o comediógrafo faz da mediocridade e do interesse as molas-mestras das relações interpessoais na sociedade fluminense de então. Utilizando-se de enredos aparentemente anedóticos, França Júnior fez de suas comédias pequenas caricaturas de aspectos variados do cotidiano e da família fluminense. Outro alvo de suas comédias é o "estrangeiro", sobretudo o "inglês", e os privilégios que obtém do governo brasileiro, como em *O tipo brasileiro* e *Caiu o ministério*, comédias representadas em 1882.

Importante como painel crítico do Rio de Janeiro no fim do século, a obra de França Júnior reforça a tradição cômica do teatro brasileiro e se caracteriza pela agilidade das falas curtas, das peças em um ato, com linguagem coloquial, jogo cênico rápido, ambigüidades e grande noção de ritmo teatral.

Além de comediógrafo, França Júnior foi promotor público e curador da Vara de Órfãos no Rio de Janeiro, secretário do Governo da Província da Bahia e, como jornalista, autor de folhetins bastante populares à época, publicados em *O País*, *O Globo Ilustrado* e *Correio Mercantil* (reunidos em *Folhetins*, em 1878, com prefácio e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira).

*Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014*

ÍNDICE

A LOTAÇÃO DOS BONDES	1
AS DOUTORAS	20
CAIU O MINISTÉRIO!	86
COMO SE FAZIA UM DEPUTADO	139
AMOR COM AMOR SE PAGA	189
DOIS PROVEITOS EM UM SACO	229
ENTREI PARA O CLUBE JÁCOME	244
INGLESES NA COSTA	260
MALDITA PARENTELA	282
MEIA HORA DE CINISMO	306
O TIPO BRASILEIRO	327
TIPOS DA ATUALIDADE	348

A LOTAÇÃO DOS BONDES

COMÉDIA EM UM ATO

PERSONAGENS

CAMILO CORREA, 26 anos
RAMIRO MARTINS, 50 anos
ELVIRA MARTINS, *sua filha*, 18 anos
JOAQUIM PIMENTA, 40 anos
JOSEFA PIMENTA, *sua mulher*, 25 anos
Tenentes do Diabo
VITORINO
GONZAGA
ERNESTO
CARNEIRO
MAGALHÃES
UM CRIADO DO HOTEL

A cena passa-se no Hotel de Londres.

Época - Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala do Hotel de Londres no

Jardim Botânico

CENA I

VITORINO, ERNESTO, GONZAGA, MAGALHÃES e CARNEIRO (*Que comem sentados ao redor de uma mesa*)

VITORINO - Vivam os Tenentes do Diabo!

TODOS - Hip! Hip! Urrah!

ERNESTO - Tu gritas mais do que comes, meu caro amigo.

Toma o exemplo do Magalhães, que come sem gritar.

GONZAGA (*Batendo no ombro de Magalhães*) - É um excelente garfo!

CARNEIRO (*Levantando-se*) - Meus senhores, quem devora por este modo merece a consideração e respeito de seus consócios. Eu proponho que o Magalhães seja promovido a capitão do Diabo.

TODOS - Apoiado!

CARNEIRO - Não deve marcar passo em tenente quem ocupa sempre um lugar de honra em nossos passeios, atacando com valor inexcedível as sopeiras e as terrinas e realizando as mais bem combinadas operações de queixo.

ERNESTO - É um Moltke!

CARNEIRO - Vejam: ele acaba de plantar o estandarte da vitória sobre o esqueleto deste peru.

MAGALHÃES - Por falar em peru, passa-me aquele frango de cabidela.

VITORINO - Já não há mais.

MAGALHÃES (*Batendo no prato*) - Garçom! Garçom! (*Aparece o criado*)

ERNESTO - Frango de cabidela a um. (*O criado vai a sair*)

CARNEIRO (*Chamando o criado*) - Venha cá, traga para quatro.

MAGALHÃES - Dizes muito bem: eu só, valho por quatro de vocês. (*O criado sai, volta depois com o prato pedido*)

CARNEIRO - Não contesto.

MAGALHÃES - E provo-o já.

VITORINO - Vejamos.

MAGALHÃES - Qual é o fim do nosso passeio hoje ao Jardim Botânico?

ERNESTO - Divertirmo-nos.

GONZAGA - Um pretexto para te ver comer.

MAGALHÃES - Não sejam modestos; estamos em família e podemos dizer que nós, os Tenentes do Diabo, só de diabos temos o nome quando, dominados pelos mais belos sentimentos, saímos pelas ruas a implorar do generoso povo fluminense o óbolo da caridade em favor dos desgraçados e oprimidos.

GONZAGA - Bonito, seu Magalhães.

MAGALHÃES - Não vimos aqui hoje esmolar para as vítimas da epidemia de Buenos Aires? Pois bem, abram as sacolas e eu aposto aquele frango de cabidela em como nenhum de vocês será capaz de realizar até ao fim do dia o que eu tenho conseguido até agora.

ERNESTO (*Tirando dinheiro do saco*) - Eu já arranjei dez cartões de bondes.

VITORINO - Eu tenho mil e oitocentos.

MAGALHÃES - Eu lhes apresento dez de cinco e quatro cartões da Ferry.

CARNEIRO - Decididamente eu expiraria de bom grado nos braços da epidemia para deixar a viúva amparada por um protetor da tua ordem.

GONZAGA - À saúde do Magalhães.

VITORINO - Falemos em tese. Pela segunda vez - à saúde dos Tenentes do Diabo, e há de ser cantada.

TODOS (*Menos Magalhães que come durante o canto que se segue*) - Apoiado!

CARNEIRO - Canto eu. (*Canta*)

Em prazeres e folias
Corre a vida venturosa;
Este mundo desgraçado
E daquele que mais goza!

Eia, pois, rapaziada,
Toca a rir, toca a folgar,
Não devemos nesta vida
Duras penas suportar.

CORO (*Com acompanhamento de copos*)

Em prazeres e folia
Corre a vida venturosa,
Este mundo desgraçado
E daquele que mais goza.

CARNEIRO

Somos praças do diabo,
Mas a Deus idolatramos,
Pois as lágrimas da viúva
Com prazer nós enxugamos.

Eia, pois, rapaziada,
Das garrafas demos cabo;
Viva a tropa caridosa
Dos Tenentes do Diabo.

CORO

Eia, pois, rapaziada,
Das garrafas demos cabo,
Viva a tropa caridosa,
Dos Tenentes do Diabo.

Todos - Bravo! Bravo!

CENA II

OS MESMOS e o CRIADO

CRIADO - Acaba de chegar um bonde. Quem quiser ir para a cidade, ande depressa, antes que se complete a lotação.

CARNEIRO (*Indo à janela. Todos deixam a mesa*) - Já não há lugar; está cheio como a barriga do Magalhães! Ficaram três famílias a ver navios, com umas caras tão desconsoladas...

VITORINO - Aproveitemos aquele grupo. A coleta ali deve ser rendosa.

Tonos - Vamos. (*Saem, levando Magalhães um pão consigo*)

CENA III

O CRIADO, CAMILO, ELVIRA e JOSEFA

CRIADO (*Examinando a mesa*) - Irra! Se o tal sujeito fica aqui mais meia hora, era capaz de devorar os guardanapos!

CAMILO (*Entrando com Elvira e Josefa*) - Não se assustem, minhas senhoras, Vossas Excelências têm a seu lado um cavalheiro.

ELVIRA (*Aflita*) - A esta hora anda papai à minha procura. Como não estará mamãe aflita! Logo no dia de seus anos!

CAMILO - Sossegue, minha senhora.

JOSEFA - E meu marido, minha Nossa Senhora das Candeias! Antes eu tivesse ficado em Minas. Eu bem não queria vir ao Brasil.

CAMILO - Vossa Excelência é mineira?

JOSEFA - Sim, senhor; nasci na freguesia da Meia Pataca. CAMILO - É por conseguinte *meia pataqueira*?

JOSEFA - No que tenho muita honra. Chamo-me Josefa Pimenta, estou casada há dois meses com o Senhor Joaquim Pimenta que tem dois filhos do primeiro matrimônio, chamados Cazuza Pimenta e Manduca Pimenta.

CAMILO (*À parte*) - Safa! Que pimenteira! Esta família é um molho!

ELVIRA - Onde estará, papai, meu Deus?!

CAMILO - Não imagina Vossa Excelência o favor com que bendigo este feliz incidente.

CRIADO - Os senhores querem alguma coisa?

CAMILO - Vai-te embora, deixa-nos em paz. (*O criado sai*)

CENA IV

OS MESMOS *menos o CRIADO*

CAMILO - Vou marcar na minha folhinha este venturoso domingo.

ELVIRA - E o senhor a gracejar em uma situação destas!

CAMILO - O que tem esta situação? Quer que chore? Não estamos um ao lado do outro?

ELVIRA - O coração bem estava me dizendo que eu não devia ir à cidade. Saio de casa a fim de comprar na rua do Ouvidor um presente para dar à mamãe...

CAMILO - E quis a minha boa estrela que seu pai, ao chegar, às três horas da tarde, na rua Gonçalves Dias, no meio da lufa-lufa do povo que ali se apinha à espera de bondes, tomasse o carro do Jardim Botânico pelo das Laranjeiras, que

investisse para ele, que Vossa Excelência, mais ligeira, alcançasse um lugar e que ele ficasse na plataforma, sendo daí enxotado pelo urbano, por estar fora da lotação. Nada mais natural. Vossa Excelência não deu por isso; o bonde partiu e eis-me a seu lado, fruindo esta ventura que me esperava. *(Vai à janela)*

JOSEFA *(Desce)* - Ah! Minha Nossa Senhora das Candeias, que lembrança desgraçada teve aquele homem em querer por força vir visitar hoje a comadre. O senhor não avalia em que assados me vi. Deram-me tamanho futeção no vestido que descoseram-me todo o franzido, perdi o chapéu, romperam-me o chale, estive entalada na porta do carro dois minutos sem poder tomar respiração, puseram-me enfim mais arrepiada do que uma galinha no choco. Sento-me furiosa, parte o bonde e quando procuro pelo Senhor Pimenta...

CAMILO - Tinha ficado também, graças à lotação.

JOSEFA - O senhor não me explicará que história é esta de lotação?

CAMILO - A lotação, minha senhora, é uma medida empregada pela polícia, para que ninguém venha incomodado dentro dos bondes.

JOSEFA - Pois olhe, mais incomodada do que eu vim é impossível! Lá na Meia Pataca não há lotação e a gente anda como quer. Onde está meu marido? O senhor compreende, estou casada com o Pimenta apenas há dois meses...

CAMILO - Devem ter tido uma lua de mel muito ardida.

ELVIRA - Leve-nos para a casa, senhor; iremos com esta senhora e eu explicarei tudo a meu pal.

CAMILO - Tenha paciência; havemos de jantar juntos. Vou chamar o criado e mandar preparar o que houver de mais esquisito. *(Canta)*

Bem unidos
Jantaremos,
Quão felizes
Não seremos.

Teu talher
Junto do meu!
O meu rosto
Junto do teu!

Que ventura
Vou gozar!

Que mais posso
Desejar?

ELVIRA

Minha mãe,
Pobre coitada,
Deve estar
Angustiada.

JOSEFA

E o Pimenta
Lá ficou,
Sem saber
Aonde estou.

CAMILO

Não se zangue,
Deixe estar,
Nós havemos
De o encontrar.

ELVIRA - (TODOS)

Minha mãe, etc...

JOSEFA - (TODOS)

E o Pimenta, etc...

CAMILO - (TODOS)

Não se zangue, etc...

CAMILO (*Gritando para dentro*) - Garçom! Garçom!

ELVIRA - Vou partir sozinha no primeiro bonde.

CAMILO - Não consinto. (*Aparece o criado*) Garçom, prepara naquela sala um jantar para três.

JOSEFA (*Para o criado*) - Oh! Seu garçom, o senhor podia me fazer um obséquio? Estou toda descosida, se houvesse lá dentro uma agulha...

CAMILO - Vá com ele, minha senhora, e fale lá dentro com a madama, que há de encontrar tudo quanto precisa. *(Saem Josefa e o criado)*

CENA V

CAMILO e ELVIRA

CAMILO - Estamos sós. Que ventura! Querida Elvira.

ELVIRA - Meu Deus! O senhor causa-me medo. Por que me olha assim?

CAMILO - Por que te olho assim?! Pergunta à brisa por que cícia medrosa em noites estreladas no recatado turíbulo das flores; pergunta à vaga por que desfaz-se na branca areia em alvos risos de espuma; ao humilde passarinho por que exala saudosos trinos quando a aurora derrama róseos prantos de luz sobre a campina verdejante; ao desgraçado por que sorri em horas de esperança. Por que te olho assim?! E que eu bebo a vida em teus olhos negros e quisera exalar o último suspiro aspirando a teu lado o grato perfume dessas tranças de ébano.

ELVIRA - Mas o senhor nunca me falou por este modo.

CAMILO - Que querias que te dissesse se temos estado juntos apenas cinco minutos e se o único consolo que me resta é passar todas as tardes por tua casa e ver-te à janela?

ELVIRA - No que tem feito muito mal, porque a vizinhança tem hoje as vistas em cima de nós e segundo me consta já tenho sido até assunto de conversação no açougue da esquina.

CAMILO - O que devo fazer então? Queres que não passe mais por tua porta?

ELVIRA - Não digo isso... Mas o senhor bem sabe que quando as coisas chegam a um certo ponto... Por que ainda não falou com papai?

CAMILO - Mas se eu não conheço teu pai, nem nunca o vi, como hei de sem mais nem menos, sem uma apresentação sequer, entrar-lhe pela casa adentro, e pedir-lhe a tua mão?

ELVIRA - Eu já lhe contei tudo.

CAMILO - Deveras? Então teu pai me conhece?

ELVIRA - Não o conhece pessoalmente, mas creia que tem as melhores informações a seu respeito!

CAMILO - E quem lhas deu?

ELVIRA - Esta sua criada.

CAMILO - Oh! Quanto sou feliz! Dou-te minha palavra que amanhã envergarei a casaca preta, calçarei um par de luvas brancas e... (*Gritam de dentro: - Vivam os Tenentes do Diabo!*).

ELVIRA - O que é isto?

CAMILO - Esconda-se depressa ali.

ELVIRA - Não; vou-me embora.

CENA VI

OS MESMOS, VITORINO, ERNESTO, GONZAGA, MAGALHÃES e CARNEIRO (*Que vêm de dentro cantarolando*)

E viva o Zé Pereira
Pois que a ninguém faz mal,
Viva a bebedeira
No dia de Carnaval, etc.

CAMILO - Esconda-se, minha senhora.

CARNEIRO - Oh! Cá está o Camilo. (*Vendo Elvira no momento em que esta entra para a esquerda baixa*)Olé, temos contrabando?

CAMILO - Por favor, deixem-me só.

GONZAGA (*Rindo-se*) - O mitra tinha conquista; por isso é que não quis se incorporar à troça.

VITORINO (*Para Camilo*) - És um tenente degenerado.

CARNEIRO - Meus senhores, eu sou o homem da justiça. Assim como há pouco tive a honra de vos propor que o Magalhães fosse promovido a capitão do diabo pelo muito que tem trabalhado em prol da barriga, proponho agora que demos baixa quanto antes no Camilo e que se mencione este acontecimento em ordem do dia.

Toros - Apoiado! Apoiado!

CAMILO - Pois sim, dêem-me baixa, reformem-me, tirem-me o título de barão de *Kikiriqui* com que me agraciaram, mas deixem-me só, pelo amor de Deus. (*Entra para a direita*)

CARNEIRO (*Gritando para a direita*) - Queremos ver esta conquista.

TODOS - Ah! Ah! Ah!

MAGALHÃES (*Tirando uma nota do saco*) - Meus senhores, uma nota de dez mil réis arrancada com argumentos irresistíveis da carteira de um usurário!

CENA VII

VITORINO, ERNESTO, GONZAGA, MAGALHÃES,

CARNEIRO e RAMIRO

RAMIRO (*Entrando com um queijo embrulhado e diversos embrulhos sobraçados*) - Boa tarde, meus senhores. Os senhores não viram por aqui uma menina de vestido branco, nariz aquilino, cabelos crespos, um pequeno sinal na face direita.

CARNEIRO - Baixota, gordota, bonitota? Não vimos, não, senhor.

RAMIRO - Deixem-se de caçoadas, que eu falo sério. Quem é o dono da casa?

CARNEIRO (*Olhando para o queijo*) - Quer que lhe alivie deste peso?

RAMIRO - Mas com os diabos isto é para desesperar!

MAGALHÃES - Meu caro amigo, chegou a propósito.

RAMIRO - Acaso sabe onde ela está? Oh! Diga-me, senhor, pelo amor de Deus, onde está ela?

MAGALHÃES - Ela quem?

RAMIRO - Minha filha, que perdeu-se em um bonde e que a esta hora vaga pela cidade, sem uma bengala que a proteja. Eis aí em que deu a medida da polícia. *Chuche*, seu Ramiro! Não há nada como morar fora da cidade, dizem todos. Pois não, é ótimo! Vai um cidadão para casa, carregado como uma carroça de trastes, leva muitos trambolhões, pontapés e socos, para escalar um bonde; quando julga-se aboletado, empurram-no da plataforma, porque a

lotação está completa e lá se vai um pai sem uma filha, uma família sem chefe... Isto é para fazer perder a cabeça!

MAGALHÃES (*Mostrando o saco*) - Em todo o caso foi a Providência que aqui o trouxe para praticar uma boa ação.

RAMIRO - O que quer o senhor com este saco?

MAGALHÃES - Uma esmola para as vítimas da epidemia de Buenos Aires.

RAMIRO - Sim, senhor; dou a esmola; mas fique sabendo que no Rio de Janeiro há uma epidemia maior do que todas as que possam assolar o universo.

MAGALHÃES - Qual é, meu caro senhor?

RAMIRO - A epidemia da caridade. Há uma chuva de gafanhotos na China, o Brasil, que tem grandes interesses no Celeste Império, trata logo de minorar os sofrimentos dos sectários de Confúcio. Arvora-se uma comissão com o respectivo presidente, que sai pelas ruas a esmolar. Livre-se então quem puder. Amigos, conhecidos, desconhecidos, todos, ninguém escapa, todos hão de concorrer com o seu óbolo para o saco: em outro tempo dois vinténs era o óbolo do remediado; a praga dos cartões, porém, matou o cobre, e quando nos apresentam uma sacola, lá se vão de pancada dois tostões. A caridade, esse sentimento rei, que o Cristo depositou no santuário da nossa consciência, tornou-se uma virtude oficial. Esmolam arregimentados, com murças, insígnias, nas portas dos templos, dos teatros, do passeio, nas cancelas do Jóquei Clube, por toda a parte, enfim, onde a filantropia fique bem patente. O Evangelho diz que a mão direita não deve saber o que dá a esquerda. O que a mão direita dá, entre nós, não só o sabe a esquerda, como um terceiro, que se coloca entre o rico e o pobre como procurador deste. Um filantropo quer comemorar o nascimento de um filho ou o aniversário natalício da mulher, liberta o ventre de uma escrava de oitenta anos, e manda publicar logo em todas as folhas diárias: "Ato de filantropia. O Sr. Fulano dos Anzóis Carapuça, querendo solenizar o dia, etc., etc., libertou o ventre de sua escrava Quitéria." Atos como este não se comentam. Outros libertam ventres, que ainda podem dar frutos e vivem desconhecidos na sociedade.

MAGALHÃES - Pois bem, meu amigo, proteste, mas pague.

RAMIRO - Já lhe disse que dou a esmola. O que desejo é que os senhores, mancebos em cujos peitos pulsam os mais generosos sentimentos, se convençam de que vão no meio em todo este negócio, como eu. As honras, as condecorações, os agradecimentos oficiais e as tetéias, são para os graúdos, ao passo que para os pequenos há a consolação de voltarem-se para o céu e

exclamarem - Meu Deus, vós sois testemunha de que eu fiz o bem pelo bem.
Aqui tem dez tostões.

MAGALHÃES - Obrigado. Falou como um Demóstenes.

RAMIRO (*Canta*)

Nesta terra caridosa
Os pequenos e miúdos,
Servem todos, sem exceção,
De degrau para os graúdos.

Muito tolo é quem trabalha
Para os grandes elevar,
Que no dia da ascensão
Pontapés há de tomar.

Eles são grandes gigantes,
Nós pequenos pigmeus;
Eles sábios e ilustrados,
Nós camelos e sandeus.

Nesta terra caridosa
Os pequenos e miúdos,
Servem todos, sem exceção,
De degrau para os graúdos.

Mas onde estará minha filha? Elvira, anjo de candura, onde paras? Olá de dentro?

CARNEIRO (*Olhando para o fundo*) - Lá está um grande grupo. A ele, rapaziada! (*Saem todos correndo*)

CENA VIII

RAMIRO *e depois* JOAQUIM PIMENTA

RAMIRO - O sangue sobe-me à cabeça, eu vou ter um ataque.

PIMENTA (*Entrando a toda pressa pelo fundo*) - O senhor não viu por aqui uma moça de vestido branco?...

RAMIRO - Diga, fale, senhor, onde é que a viu? Nariz aquilino, cabelos crespos...

PIMENTA - Não, senhor; nariz chato, cabelo corrido e acode pelo nome de Josefa.

RAMIRO - Ora bolas! Então não é ela.

PIMENTA - De quem é que o senhor fala então?

RAMIRO - De minha filha, que perdeu-se em um bonde, desgraçado!

PIMENTA - E eu falo de minha mulher, que sumiu-se também em um carro que veio para o Jardim Botânico. Que dia, meu prezado senhor! Minha mulher perdida e eu com este furioso galo na testa. E quer saber por que foi tudo isto? Por causa da lotação.

RAMIRO - E não sabe também o senhor que, por causa da lotação, acho-me agora aqui, com estes embrulhos, e este queijo londrino, que devia figurar a esta hora no banquete dos anos de minha mulher, que todos os convidados lá estão à minha espera e que minha filha anda por aí exposta às chufas do primeiro valdevinos?

PIMENTA - E minha mulher? Uma criatura inocente e angélica, nascida na freguesia da Meia Pataca, uma tontinha que nunca veio à corte e que será capaz de aceitar o braço do primeiro bigorrilhas que lhe queira ir mostrar o peixe-boi do Fialho. Eu vinha para as Laranjeiras e ela veio parar para estes lados.

RAMIRO - Justamente como eu.

PIMENTA - Quando investi para o carro e procurei ganhar o estribo um malvado arruma-me tamanho soco que cai sobre as pedras, fazendo este galo na testa.

RAMIRO - Não é exato. Conte o caso como o caso foi. O senhor, ao subir para o estribo, escorregou; neste escorregão segurou-se à aba da sobrecasaca de um indivíduo, procurando arrastá-lo também na queda.

PIMENTA - Como sabe o senhor isto?

RAMIRO - Porque foi este seu criado quem teve a honra de dar-lhe o soco.

PIMENTA - E o senhor diz-me em face semelhante coisa?

RAMIRO - Ora, vamos lá; quer brigar?

PIMENTA - Há de dar-me uma satisfação em público.

RAMIRO - Dou-lhas todas que quiser; pago-lhe até o curativo do galo; mas lembre-se que estamos empenhados em uma causa comum, para a qual devem convergir presentemente todos os nossos esforços.

PIMENTA - Sim, um soco em um cidadão! Não é nada. É sabido que sou influência na Meia Pataca...

RAMIRO - Diga antes - influência de meia-pataca, como são todas as de aldeia.

PIMENTA - Não me falte ao respeito, senhor.

RAMIRO - Perdão, não me fiz bem compreender; eu queria dizer influência apatacada, que é a verdadeira influência.

PIMENTA - Aceito a explicação. Ora, sendo eu conhecido na freguesia pelo meu apego a todos os governos, necessariamente a *Reforma* há de aproveitar este incidente para um boato.

RAMIRO - Deixemo-nos de questões ociosas. Quer ou não achar sua mulher?

PIMENTA - E para que fim vim eu cá?

RAMIRO - Então vamos para o jardim; o senhor procura por um lado e eu por outro. Os sinais de minha filha são os seguintes:

vestido branco, nariz aquilino, cabelos crespos e pretos. E clara.

PIMENTA - Aí vão os da minha mulher: cara larga, nariz chato, falta de um queixal, está um pouco indefluxada e traz uma liga verde.

RAMIRO - Muito bem; vamos embora. (*Canta*)

Ao Jardim sem mais demora,
Vamos ambos procurar,
O senhor a cara esposa,
Eu a vida do meu lar.

PIMENTA

Oxalá que as encontremos,
No que não tenho esperança,
Procuremos as tontinhas
Que a noite já se avança.

RAMIRO

Ao Jardim sem mais demora,
Vamos, etc., etc.,

PIMENTA

Oxalá que as encontremos,
No que, etc., etc.

PIMENTA - Vamos! *(Sai sem chapéu, com Ramiro, pelo fundo)*

CENA IX

CAMILO, JOSEFA e depois PIMENTA

JOSEFA - O senhor disse que nos levava para casa, logo que acabássemos de jantar.

CAMILO *(À parte)* - Que sarna! *(Alto)* É verdade, mas eu não sei onde a senhora mora.

JOSEFA - É na rua... *(Procurando lembrar-se)* Uma rua muito suja.

CAMILO - No Rio de Janeiro não há rua que seja limpa. Já vê que estamos na mesma.

JOSEFA - Rua de...

PIMENTA *(Entrando para procurar o chapéu; à parte)* - Olá! Minha mulher com um sujeito! Ui! Que picada no galo!

JOSEFA - Rua de...

PIMENTA *(A parte)* - Está lhe ensinando a casa.

JOSEFA - Eu vou perguntar à mocinha; ela há de saber. *(Entra pela direita)*

CENA X

CAMILO e PIMENTA

(Pimenta dirige-se a Camilo e contempla-o com raiva, abanando a cabeça, pequena pausa)

CAMILO *(À parte)* - O que quererá este sujeito?

PIMENTA - Conhece-me? Sabe quem eu sou?

CAMILO - Não tenho essa honra.

PIMENTA - Ponha o seu chapéu e vamos à polícia.

CAMILO - À polícia?!

PIMENTA - Ande, senhor.

CAMILO - Ora, vá pentear macacos.

PIMENTA - Ah! Miserável, pensavas que poderias abusar impunemente da posição de uma moça que é surpreendida em um bonde, sozinha, inerte, sem defesa...

CAMILO (*À parte*) - Com os diabos! É o pai de Elvira!

PIMENTA - Vai já me pagar.

CAMILO - Estou pronto a reparar tudo, senhor.

PIMENTA - A reparar tudo! Então ela cometeu uma falta?! Ai! Meu Deus! Quero ar! Quero ar!

CAMILO - Sossegue, senhor.

PIMENTA - Estou com a vista escura! Segure-me. (*Desmaia nos braços de Camilo*)

CAMILO (*Gritando*) - Garçom? Garçom? (*Aparece o criado*) Leva este senhor para dentro. (*O criado leva Pimenta para a esquerda*) Estou perdido!

CENA XI

CAMILO e JOSEFA

JOSEFA - Já sei: é na rua de São Diogo.

CAMILO (*Passeando apressado*) - Está bom, minha senhora; faça-lhe bom proveito.

JOSEFA - Vamos já, antes que anoiteça.

CAMILO - Pode ir sozinha, eu não a acompanho.

JOSEFA - Não me acompanha?! (*Chorando*) Ai! Meu Deus! O que será de mim?

CAMILO - Grita para ai.

JOSEFA (*Chorando*) - O senhor é um homem sem entranhas.

CAMILO - Melhor.

JOSEFA (*Chorando*) - Não se condói da posição de uma pobre desgraçada... Pois bem, eu ficarei aqui, e meu marido há de achar-me. (*Entra para a direita*)

CENA XII

CAMILO *e depois* ELVIRA

CAMILO - Que os diabos te carreguem. E então o que me dizem a uma entaladela destas?

ELVIRA - Vamos embora, senhor.

CAMILO - Elvira, está tudo perdido!

ELVIRA - Tudo perdido?! Não o compreendo!

CAMILO - Não podemos sair daqui sem um grande escândalo!

ELVIRA - E é o senhor que me falava ainda há pouco por aquele modo, que me vem agora dizer...

CAMILO - É por isso mesmo.

ELVIRA - Compreendo finalmente os seus planos. Tenho em meu poder uma donzela fraca e indefesa, disse com os seus botões, uma tolinha que teve a ingenuidade de declarar-me que me amava. Pois bem, vou abusar da posição que me deu a minha boa estrela e divertir-me à custa da infeliz.

CAMILO - Mas, Elvira...

ELVIRA - Deixe-me, vou partir já, em companhia daquela senhora. Os nossos amores estão acabados.

CENA XIII

OS MESMOS, RAMIRO *e depois* PIMENTA

RAMIRO (*Entrando pelo fundo, à parte*) - Onde se meteria aquele palerma? (*Deparando com Elvira*) Ah! Elvira! Elvira! Minha filha!

CAMILO (*À parte*) - Sua filha?!

RAMIRO - Deixa-me abraçar-te; segura neste queijo. (*Dá o queijo, deparando com Camilo*) Quem é este homem?

PIMENTA (*Entrando*) - Ah! Ainda está aí! Vamos para a polícia, senhor.

RAMIRO - Para a polícia?! Por quê?

PIMENTA - Vêem este libertino?! É o sedutor de minha mulher.

ELVIRA (*Indo abraçar-se com Ramiro*) - Meu pai, defenda-me.

CAMILO - Mas que diabo de mulher foi que eu seduzi? Eu pensava que o senhor fosse o pai desta menina.

RAMIRO - Então o negócio é com minha filha?

CAMILO (*À parte*) - Que embrulhada, meu Deus!

CENA XIV

OS MESMOS e JOSEFA

JOSEFA - Estou pronta. (*Deparando com Pimenta*) Pimenta! Foi o céu quem te trouxe aqui!

CAMILO - Ah! Esta é que é a sua mulher? Ah! Ah! Ah!

PIMENTA - E o senhor ainda ri-se?

CAMILO - Pois não quer que me ria? Ah! Ah! Ah!

PIMENTA - Que desaforo!

CAMILO - Não precisa ter o incômodo de me levar à polícia. Dona Elvira explicar-lhe-á tudo.

PIMENTA - Como sabe o senhor o nome de minha filha?

ELVIRA - Papai, é o Senhor Camilo, aquele moço de quem lhe tenho falado por diversas vezes e que passa todas as tardes lá por casa.

RAMIRO - E vieste parar sozinha no Jardim Botânico com um namorado?!

CAMILO - É verdade; porém um namorado respeitador e das melhores intenções, que aguardava solícito uma ocasião para pedir-lhe este anjo em casamento.

RAMIRO - Mas isto não é um sonho?

ELVIRA - E eu quero, papai.

RAMIRO (*Com alegria*) - E eu também, minha filha!

PIMENTA (*Para Josefa*) - Não hás de embarcar mais em bondes.

RAMIRO - Pois minhas filhas hão de andar doravante somente em bondes e oxalá que todas se percam como esta. Bendita lotação! Vou dar um abraço na polícia.

CENA XV

OS MESMOS, VITORINO, GONZAGA, CARNEIRO, MAGALHÃES e ERNESTO

TODOS (*Os tenentes*) - Vivam os Tenentes do Diabo!

CARNEIRO (*Vendo Pimenta*) - Lá está um que ainda não deu nada.

RAMIRO (*Com alegria*) - Cheguem para cá todas as bolsas, estou radiante de felicidade. (*Dá dinheiro em todas as bolsas*)

Levem também este queijo e façam-no figurar em um tombola. (*Dá-o a Carneiro*)

(*A orquestra preludia o canto final, Ramiro dispõe-se a cantar*)

CENA XVI

OS MESMOS e o CRIADO

CRIADO - Chegou um bonde da cidade. (*Saem todos correndo, com atropelo, pelo fundo*)

(*CAI O PANO*)

AS DOUTORAS

PERSONAGENS

MANUEL PRAXEDES - 55 anos

DOUTOR PEREIRA - 25 anos

BACHAREL MARTINS - 28 anos

GREGÓRIO, doente

MARIA PRAXEDES - 58 anos

DOUTORA LUÍSA PRAXEDES - 24 anos

BACHARELA CARLOTA DE AGUIAR - 23 anos

EULÁLIA, criada - 50 anos

DIRETORA DO GRÊMIO FEMINIL SACERDOTISAS DE EUTERPE

PRIMEIRA DOENTE

SEGUNDA DOENTE

TERCEIRA DOENTE

Sócias do Grêmio, banda de música, povo, etc.

Rio de Janeiro - Atualidade.

1887

ATO PRIMEIRO

Uma sala elegantemente mobiliada.

CENA I

MANUEL PRAXEDES, EULÁLIA, MARIA PRAXEDES e DOUTORA PRAXEDES

MANUEL PRAXEDES (*Entrando pela porta da direita de calça e colete pretos, gravata branca, em mangas de camisa e segurando a casaca*) - Eulália! Eulália!

MARIA (*Falando dentro*) - Oh! Eulália?

EULÁLIA (*Entrando apressada*) - O que é, meu amo? Esta casa hoje está impossível, não sei para onde me virar.

MANUEL - Onde meteste a minha escova de roupa? Que horas são? Onde está a senhora? O carro já veio?

LUÍSA (*Falando dentro*) - Eulália!

EULÁLIA - Lá está a outra a chamar-me! Jesus, fico doida!

MANUEL - O que direi eu então? O dia da formatura de minha filha.

MARIA (*Dentro*) - Eulália!

MANUEL (*Segurando a mão de Eulália que quer sair*) - A Luísa, lembras-te? Aquela criança que ainda ontem saltava no meu colo em fraldinhas de camisa, com as bochechas rosadas!

EULÁLIA - Pois não me hei de lembrar, meu amo! Parece-me que estou a vê-la a dizer adeus à gente com os dedinhos miúdos, assim (*Imita*) Ai! que gracinha!

MANUEL - Pois bem. (*Caindo num choro convulso*) - Aquela criancinha, Eulália, é hoje a Doutora Luísa Praxedes, formada em ciências médicas e cirúrgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (*Mudando de tom*) Vai buscar a escova.

MARIA (*Entrando de vestido decotado e flores na cabeça, a Eulália*) - Pois eu estou lá dentro a chamar-te há mais de meia hora...

EULÁLIA - O culpado foi meu amo.

MARIA - Vai ver o que quer a Luisinha. (*Eulália sai*)

CENA II

OS MESMOS, *menos EULÁLIA*

MANUEL - Luisinha! Luisinha!... A senhora é incorrigível.

MARIA - Como acha então o senhor que devo tratar a minha filha?

MANUEL - A Doutora Luísa Praxedes. A doutora, sim, senhora! A mim parece-me também um sonho; mas é o título a que ela tem direito, que foi ganho à custa do seu trabalho e que é uma honra para a família e para a sociedade.

MARIA - Havemos de ver em que dá tudo isto.

MANUEL - Há de dar em alguma coisa que a senhora com as suas vistas curtas não pode enxergar. (*Vestindo a casaca*) Onde diabo está a manga desta casaca?

MARIA - Tens adiantado muito com as tuas vistas largas.

MANUEL (*Sem conseguir vestir a casaca*) - Maldita manga...

MARIA - Em todas as empresas em que te meteste tens dado com os burros nágua. Logo que nos casamos montaste uma grande fábrica de papel.

MANUEL - E não era uma boa idéia?

MARIA - Segundo os teus cálculos; mas o papel que fizeste foi tão ordinário que nem para embrulho o quiseram.

MANUEL - Fui infeliz, fui. Mas quem é que não erra? Afianço-te porém, que se eu conseguisse fazer ali alguma coisa, estava hoje com um fortunaão.

MARIA - Tão grande como o que ganhaste com a exploração de mariscos, na linha de bondes para o Morro do Nheco, na iluminação de Valença à luz elétrica.

MANUEL - Isto prova, senhora, que sou um homem do progresso, que amo a minha pátria, que quero vê-la prosperar, engrandecer. *(Sem encontrar a manga)* Que diabo, não me dirás onde é que se meteu esta manga? *(Maria ajuda-o a vestir a casaca)* E a prova do meu patriotismo está nesta menina, laureada hoje com um título.

MARIA - Bem contra a minha vontade.

MANUEL - Bem contra a sua vontade, compreende-se; porque a senhora foi criada em uma casinha de rótula e janela na rua do Aljube...

MARIA - Onde recebi a educação a mais brilhante que se poderia ter naquele tempo. O que Luisinha, ou antes, o que a Doutora Luísa Praxedes sabe de francês, de inglês, de desenho e sobretudo de música, deve-o a esta sua criada. Parece-me que não te casaste com uma analfabeta!

MANUEL - Sim, mas tudo quanto sabes foi aprendido no tempo das bananas a três por dois, do toque do Aragão, das vilegiaturas em Mataporcos, das toalhas de crivo, do junco do pedestre... Tempos em que o Rio de Janeiro era iluminado a azeite de peixe.

MARIA - Mas em que as mulheres não se lembravam de ser doutoras e limitavam-se ao nobre e verdadeiro papel de mães de família.

MANUEL - Já tardava que não viesses com o chavão... a mãe de família. É sempre a figura de retórica já muito cheia de bolor com que o carrancismo pretende esmagar no nascedouro as aspirações grandiosas da emancipação do sexo feminino.

MARIA - É por estas e outras que tudo chegou ao estado de desorganização em que vivemos.

MANUEL - Isto que a senhora chama desorganização...

MARIA - É a ordem, talvez?

MANUEL - Não é a ordem ainda, mas é a evolução da qual muito naturalmente ela há de surgir. O papel da mulher de hoje não é o da de ontem. Aquelas criaturas que viviam em casa trancadas a sete chaves, pálidas, anêmicas, de perna inchada, feitorando as costuras das negrinhas, começam por honra nossa, a ser substituídas pela verdadeira companheira do homem, colaborando com ele no progresso da grande civilização moderna. Nós, os homens, temos a política, a espada, as letras, as artes, as ciências, a indústria... Por que razão seres organizados como nós, mais inteligentes até do que nós, haviam de se mover eternamente no acanhado círculo de ferro do dedal e da agulha?

MARIA - Porque basta-nos o amor.

MANUEL - Mas a prova, senhora, de que o amor está no programa de vida da mulher moderna, é o casamento de nossa filha, hoje, no dia de seu grau, com o Doutor Pereira, seu colega de banco na Academia.

MARIA - E entra, por acaso, o amor na união de Luísa com este homem?

MANUEL - Certamente.

MARIA - Olha, Praxedes, podes gastar toda a tua retórica, mas nunca me convencerás de que o Doutor Pereira e Luísa se amem! Acompanho-os há 6 anos nas aulas, no anfiteatro, nos hospitais, nos exames.

MANUEL - E que tem isto?

MARIA - Nunca nos lábios daquelas duas criaturas ouvi a palavra amor. Sempre entre eles, como que a separá-los, a medicina, a cirurgia, a terapêutica, o diagnóstico, a hematose, a diátese, a idiosincrasia, a cefalalgia, os emolientes, os tônicos, a patologia e toda esta série de nomes arrevesados que me ficaram no ouvido à força de ouvi-los repetir constantemente. Esse sentimento que faz de dois corações um só!...

MANUEL - Aí vem a pieguice.

MARIA - Sim, esta pieguice sublime nunca poderia nascer e desenvolver-se naquele meio infecto de moléstias hediondas ou diante do sangue coagulado de órgãos putrefatos expostos em indecente nudez.

MANUEL - Bravo! No fim de contas, parece-me que em vez de uma, tenho duas doutoras em casa. Falta-te só o grau.

MARIA - O que me falta sei eu, é a energia bastante para não ter consentido que as coisas chegassem a este ponto. *(Vai a sair)*

MANUEL - Mas, vem cá Maria Praxedes, pensas tu, porventura, que os casamentos hoje fazem-se como foi feito o nosso?

MARIA - Os casamentos, em todos os tempos, são feitos do mesmo modo.

MANUEL - O namoro de passar pela porta, piscar o olho; levar com a janela na cara, a loja do barbeiro da esquina como centro de operações, o bilhete cheirando a almíscar, os olhos requebrados, o descante de violão: meu bem, meu amor, minhas candongas.. tudo isso acabou... O que há presentemente...

MARIA - É o pedido entre o diagnóstico de um catarro crônico e a aplicação de um vesicatório ou de uma cataplasma de linhaça... Já sei, já sei.

MANUEL - O que há presentemente é o casamento-contrato, isto é, o casamento propriamente dito como ele deve ser. O móvel de dois seres que se ligam é a conveniência.

MARIA - Então confessas com todo o cinismo que o casamento de Luísa...

MANUEL - Confesso...

MARIA - Mas onde está a fortuna do Doutor Pereira? Os pais são pobres... Forma-se hoje.

MANUEL - E a senhora sem querer compreender nada, a confundir tudo! O casamento de conveniência, sob o ponto de vista da evolução atual.

MARIA - Já tardava a evolução...

MANUEL - Quer ou não quer ouvir-me?

MARIA - Fale.

MANUEL - O casamento de conveniência, sob o ponto de vista da evolução atual, não é o casamento de dinheiro. O homem sem ofício nem benefício que se liga a uma mulher de fortuna para viver à custa do que ela tem, deveria ser expulso da comunhão civilizada. O verdadeiro casamento de conveniência que é a aspiração da Idéia Nova e de que a minha filha vai ser o exemplo edificante, consiste na união de dois seres, tendo cada um o mesmo modo de vida, a mesma profissão. O marido trabalha, a mulher trabalha.

MARIA - É uma sociedade comercial.

MANUEL - Sim, mas vê o alcance enorme desta sociedade. Não é só a formação do pecúlio do casal, mas muito principalmente o desenvolvimento das classes, a seleção delas. O marido médico, a mulher médica... todos os filhos médicos. .. O marido advogado, a mulher advogada...

MARIA - Toda a prole bacharela em direito.

MANUEL - Justamente. O pintor ligar-se-á à pintora e desta união sairá uma família de pintores. Não vês o que a imprensa costuma dizer quando trata de um sujeito que faz alguma obra de arte importante? - "É um artista de raça!" Pois bem, esta frase vai deixar de ser doravante uma figura de retórica. Vamos ter médicos de raça, advogados de raça, a sociedade enfim toda de raça, desenvolvida e aperfeiçoada nos diversos ramos da sua vasta atividade. Compreendeste agora o alcance filosófico, político, moral e social deste casamento? Eis porque estou aqui radiante de alegria, cheio de emoções, quase doído.

MARIA - Podes tirar o "quase".

CENA III

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA - A menina já está prontinha, meus amos.

MANUEL - A menina, não, Eulália.

EULÁLIA - Desculpe-me, meu amo, a Senhora Doutora Luísa Praxedes já pôs aquela vestimenta. Como é que se chama aquilo?

MANUEL - Beca.

EULÁLIA - Está muito engraçada! Ai! que reinação! Eu sempre punha-lhe uma anquinha ou um *puff*: para armar mais a saia.

MANUEL - Ela está contente, Eulália?

EULÁLIA - Muitíssimo, meu amo. Assim que eu lhe vesti a tal *seca*...

MANUEL - Não é *seca*, é beca.

EULÁLIA - Como é mesmo?

MANUEL - Beca.

EULÁLIA - Olhem só o diabo do nome, beca! Pois assim que lhe vesti aquilo começou a passear de um lado para outro, no quarto... Assim, olhe... (*Imita*) muito séria. Parecia, mal comparando, o taverneiro ali da esquina, quando põe a casaca e a comenda.

MARIA - Está bem, está bem. Em vez de estar aí contando histórias é melhor que vá tratar do arranjo da casa.

EULÁLIA - Do arranjo da casa! Ora esta. Pois quem é que tem tratado disso até agora senão eu?

MARIA - Não responda, Eulália, vá.

EULÁLIA - Hei de responder, sim senhora. Estou aqui desde que cheguei da terra, há 25 anos e creio que a patroa não pode ter razão de queixa de mim.

MARIA - Certamente.

EULÁLIA - Enquanto a senhora andava o dia inteiro no meio da rua acompanhando a menina por toda a parte, eu ficava aqui a pé firme, como um cão de fila guardando-lhe a casa e a bolsa. A bolsa, sim senhora, porque se não fosse a Eulália dos Prazeres da Conceição de Maria, filha da Engrácia da Porcalhota e do Manuel Tibúrcio, que Deus haja, a senhora era depenada por toda essa súcia de criados que entravam numa semana com as mãos abanando e saíam na outra levando tudo quanto pilhavam.

MANUEL - Tens razão, Eulália.

EULÁLIA - Que tenho razão, sei eu! Meu amo, não sabe da missa nem a metade.

MANUEL - Vai buscar a escova.

EULÁLIA - Olhe, quer ver como eu puxava pela *fisiolostría* da inteligência como diz o Antônio da venda, para não ser embaçada pelos tais criaditos?

MARIA - É a história do açúcar? Já a conheço de cor e salteada.

MANUEL - Vai buscar a escova.

EULÁLIA - E não era bem lembrada? Eles roubavam o açúcar, o que fazia eu?... Apanhava uma mosca, (*Fazendo menção de quem apanha uma mosca*) abria o açucareiro, zás... (*Menção de atirar*) e tampava-o com todo o cuidado. De vez em quando ia verificar se a mosca ainda lá estava... Não é bem lembrado, meu amo? Aprendi isto na casa de um visconde no Porto.

MANUEL - Está bem, vai buscar a escova.

EULÁLIA - Na manteiga também não me passavam a perna. Fazia-lhe em cima com a faca uma porção de rabiscos. *(Batem à porta)*

MANUEL - Estão batendo. Vai ver quem é. *(Eulália sai. Para Maria)* Eu vou lá dentro escovar-me. Esta maldita rapariga quando começa a falar... *(Sai)*

CENA IV

EULÁLIA, MARIA e o DOUTOR PEREIRA

EULÁLIA *(Rindo)* - Ah! Ah! Ah!

MARIA - O que é isto, Eulália, estás doida?

EULÁLIA - Ah! Ah! Ah!

MARIA - Quem está aí?

EULÁLIA - O Senhor Doutor Pereira de saias. Ah! Ah! Ah!... Minha ama não imagina como está engraçado! Olhe, aí está ele. *(O Doutor Pereira entra)* Ah! Ah! Ah!...

MARIA - Eulália, passa para dentro.

DR. PEREIRA *(A Eulália)* - Não me conhecias?

EULÁLIA - Pois eu podia imaginar que era o noivo da menina! Ah! que reinação! Ah! Ah! Ah!

MARIA *(Empurrando Eulália para dentro)* - Está bem, vai para dentro. *(Eulália sai)*

CENA V

MARIA, DOUTOR PEREIRA e LUÍSA

DR. PEREIRA *(Com alguns folhetos)* - O Doutor Martins ainda não veio?

MARIA - Ainda não.

DR. PEREIRA - A cerimônia do grau está marcada para o meio-dia...

MARIA - Devem ser 9 horas apenas. Aí vem Luísa.

DR. PEREIRA (*A Luísa que entra e apertando-lhe a mão*) - Colega!

LUÍSA (*Apertando a mão a Pereira*) - Colega!

MARIA (*À parte; imitando-os*) - Colega! Colega!... E ali estão dois noivos!

LUÍSA - Que folhetos são esses?

DR. PEREIRA - São exemplares da minha tese que pretendo distribuir por alguns amigos que vão assistir ao grau.

LUÍSA - Ah! é verdade! Sabe que esta noite fui chamada para ver um doente de febre amarela.

DR. PEREIRA - Caso grave?

LUÍSA - Gravíssimo. Termômetro a 41 graus, ansiedade epigástrica e todo o aparato para romperem-se as hemorragias; compreende o colega a dificuldade de uma terapêutica apropriada para debelar-se o mal cuja patogenia é ainda desconhecida.

DR. PEREIRA - Patogenia desconhecida! Pois a colega não tem notícia do *cryptococcus xantogenicus*...

LUÍSA - O *cryptococcus*... o *cryptococcus*...

MARIA (*À parte*) - Parece incrível! Isto contado ninguém acredita.

DR. PEREIRA - O *cryptococcus* sim; revelado pelo microscópico nos luminosos trabalhos do Doutor Freire. Não sei como se possa ignorar os efeitos da vacinação pela cultura atenuada.

LUÍSA - Mas quem lhe disse que eu ignoro?

DR. PEREIRA - Pelo menos a colega...

LUÍSA - O que eu sustento, com os conhecimentos profundos que tenho da matéria é que esta teoria microbiana, tratando-se de febre amarela, pode ser quando muito uma aspiração do futuro.

DR. PEREIRA - Uma aspiração do futuro, quando o presente nos está demonstrando todos os dias a verdade!

LUÍSA - Ora! colega!... Leia os trabalhos de Stenberg, de Gibier e convença-se de que na clínica mais vale a sintomatologia do que teorias abstratas.

DR. PEREIRA - Abstratas, não; tenha paciência.

LUÍSA - Abstratas sim; porque não receberam a sanção das autoridades da nossa ciência.

DR. PEREIRA - Mas foram aplaudidas pela Sociedade Dosimétrica de Paris.

LUÍSA - Não foram tal.

DR. PEREIRA - Foram, sim, senhora.

LUÍSA - Não foram.

DR. PEREIRA - Foram.

MARIA (*Colocando-se entre eles*) - Não acham que este *cryptococcus xantogenicus*, na sua qualidade de micróbio, pode infeccionar dois corações que daqui a pouco terão de se unir à face da igreja e que aí deverão aparecer sem rancores, sem azedumes, ungidos de mística poesia?

LUÍSA - Aí vem mamãe com a sua poesia.

DR. PEREIRA - Os nossos corações, Senhora Dona Maria Praxedes, não têm rancores nem azedumes. Estamos apenas discutindo um ponto de ciência.

MARIA (*Para os dois*) - Então amam-se deveras?

OS DOIS - Certamente.

MARIA - É um amor singular.

LUÍSA - Não é como o de Julieta e Romeu, com balcão, escada de corda, cantos de cotovia.

DR. PEREIRA - Está visto!

MARIA - Pois olhem, meus filhos, eu tinha até aqui a ingenuidade de acreditar que aos 20 anos o coração é como o cálice perfumado de um lírio...

LUÍSA - O coração, mamãe, é um músculo oco que tem as suas funções próprias como o baço, o fígado, os rins e outras vísceras do organismo.

CENA VI

OS MESMOS, BACHAREL MARTINS e CARLOTA

MARTINS (*Cumprimentando a todos*) - Cheguei talvez um pouco tarde?

DR. PEREIRA - O meu amigo chega sempre em tempo.

MARTINS - Não de permitir-me que lhes apresente a Senhora Dona Carlota de Aguiar, estudante do 5º ano da Faculdade de Direito de São Paulo e futura bacharela em Direito.

CARLOTA (*Apertando a mão de Dona Maria e do Doutor Pereira*) - Apresento à ilustre doutora a curvatura de meus respeitos. (*Apertam-se as mãos*)

LUÍSA - Já a conhecia muito de nome como um dos mais brilhantes talentos da moderna geração.

CARLOTA - E o que direi eu da mulher duas vezes ilustre pela inteligência e pela coragem titânica com que acaba de abater a muralha ciclópica dos preconceitos tacanhos? Vossa Excelência é o alfa desta conquista sociológica que veio desfraldar aos ventos sul-americanos a bandeira imaculada da nossa redenção.

MARTINS (*Para Maria Praxedes*) - Fala admiravelmente bem.

MARIA - É uma canária!

MARTINS - Que talento!

MARIA - Está-se vendo que é de força!

LUÍSA - Entretanto o passo que acabo de dar tem sido por tal forma comentado pela opinião...

CARLOTA - Não creia, minha senhora! Vossa Excelência está subpedânea no conceito público.

DR. PEREIRA - Eu assim o entendo.

CARLOTA - A minha situação é que se vai tornando um amálgama acéfalo, incongruente e esfacelado de lutas de direito, com pequenos interesses masculinos.

LUÍSA - Como assim?

CARLOTA - Ainda não recebi a investidura do meu grau, ainda não tive a posse do *tibi quo que* e já o magnânimo Instituto dos Advogados levanta a questão de nós mulheres podermos exercer a advocacia e os demais cargos inerentes ao bacharelado em Direito.

LUÍSA - Parece incrível!

CARLOTA - Não se admire, doutora, não se admire. Já em Nicéia reuniu-se um concílio para decidir se a mulher devia ou não fazer parte do gênero humano. Tentaram expelir-nos do posto que ocupamos na escala zoológica e pretendem agora com miseráveis subterfúgios de retórica e uma lógica anacrônica tirar-nos o talher a que temos direito na opípara mesa do banquete social.

LUÍSA - Como eles receiam a nossa concorrência.

CARLOTA - Em todos os pontos da atividade humana, ilustre doutora! Mas havemos de conquistar-lhes paulatinamente o másculo reduto.

CENA VII

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

MANUEL (*Entrando e vendo Luísa de beca*) - Luísa! De beca!... Minha filha! (*Vai desmaiar*)

LUÍSA (*Indo agarrá-lo*) - Papai, o que tem?!

MARIA (*Segurando-o*) - Manuel Praxedes! Manuel Praxedes!

CARLOTA - Que lividez marmórea!

MARIA (*Gritando*) - Eulália! Eulália!

LUÍSA - E melhor deitá-lo, deitá-lo já em decúbito dorsal.

CENA VIII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando*) - Ai! o meu rico amo! O que é que ele tem, senhora?

MARIA - Traz lá de dentro qualquer coisa... água, vinagre...

EULÁLIA - Vou correndo. (*Sai*)

MARIA - O que é isto, minha filha, um ataque?

LUÍSA - Não, minha mãe, uma simples lipotimia.

DR. PEREIRA (*Tomando o pulso e examinando as pupilas de Manuel*) - Perdão, parece-me coisa mais grave. Vejo todos os sintomas de uma síncope cardíaca.

LUÍSA - Não se diagnostica por suposições. A patologia do coração, colega, é uma coisa hoje conhecida!

MARIA - Mas pelo amor de Deus, minha filha, deixa-te de discussões e trata de salvar teu pai. Manuel Praxedes! Manuel Praxedes!

CENA IX

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Trazendo um vidro de galheteiro e uma monngue*) - Cá está o vinagre e a água. (*Maria põe o vidro de vinagre no nariz de Manuel*) O verdadeiro, minha ama, é atirar-lhe com o moringue de água à cara... Olhe que a água é um santo remédio para estas maleitas. Conheci uma senhora lá no Porto que teve um desses tremeliques e note-se que não era coisa cá de pouco mais ou menos, porque a mulher tinha cada olho esbugalhado deste tamanho e berrava que parecia mal comparando, um boi, com perdão dos senhores que me ouvem.

MANUEL (*Abrindo os olhos*) - Onde estou? O que foi isto? (*Abraçando Luísa*) Luísa, minha filha, esta emoção me mata. (*Maria dá o vidro a Eulália*)

EULÁLIA (*Cheirando o vidro*) - Ai! que reinação! Ah! Ah! Ah!

MARIA - O que é isto, Eulália?

EULÁLIA - Em vez de vinagre, senhora, trouxe azeite... Ah! Ah! Ah! (*Sai correndo*)

CENA X

OS MESMOS *menos* EULÁLIA

LUÍSA (*Apresentando Carlota*) - A Senhora Dona Carlota de Aguiar, estudante do 5º ano da Faculdade de Direito de São Paulo.

MANUEL - A futura bacharela em Direito de que os jornais se têm ocupado! Oh! quanto folgo em conhecê-la. (*Ouve-se o som da música e foguetes*)

CENA XI

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA - Patrão!... Patrão!... Ai está à porta um bonde embandeirado, com música e uma porção de gente que grita: - Viva a Doutora Luísa Praxedes! Viva a Doutora Luísa Praxedes!...

MANUEL - Uma manifestação!... Ainda esta emoção!... Meu coração!... Que aflição!...

EULÁLIA - Vou buscar azeite, minha ama?

MARIA (A Manuel) - Outro desmaio?

CENA XII

OS MESMOS e a DIRETORA do GRÊMIO FEMININO SACERDOTISAS DE EUTERPE

DIRETORA (Entrando acompanhada pela banda de música de raparigas em cujo estandarte se vê a seguinte inscrição: G. M. Sacerdotisas de Euterpe)- A gratidão, senhora, é a moeda dos pobres. A sociedade musical Grémio Sacerdotisas de Euterpe deixaria de cumprir com o mais sagrado dos deveres, se não viesse hoje, no dia em que se realizam os vossos sonhos dourados, dar-vos um público testemunho do quanto vos deve pelos serviços que generosamente tendes prestado a cada uma de nós, (Praxedes limpa as lágrimas) na epidemia que desgraçadamente está assolando esta cidade. (Entregando a Luísa um rolo de papel) Aceitai, portanto, ilustre doutora, como homenagem ao vosso brilhante talento (*Praxedes soluça*) e às qualidades morais que vos ornaram, o diploma de sócia benemérita da nossa modesta associação. (*Manuel soluça*) Viva a Doutora Luísa Praxedes!

TODOS - Viva! (*Toca a música*)

LUÍSA - Não tenho, infelizmente, recursos oratórios para responder à manifestação com que acabo de ser surpreendida e que assaz me penhora. Peço à Senhora Doutora Carlota de Aguiar que com o seu verbo eloquente seja a intérprete dos meus sentimentos.

DR. PEREIRA e MARTINS - Muito bem!

CARLOTA - Minhas senhoras! (*Conserta a garganta*) Flutua-me no cérebro um ponto de interrogação: estará a mulher destinada nos últimos estertores do

século que finda a devassar os arcanos de todas as atividades que lhe têm sido roubadas pelo monopólio sacrílego das aspirações e vaidades masculinas? Aquela que neste momento tão indignamente represento...

TODOS - Não apoiado.

CARLOTA - Vós, as congregadas da harmonia, e eu, a mais humilde paladina desta conquista santa de direitos, poderemos responder à fatídica interrogação? Sim! A mulher caminha, a mulher conquista, a mulher vencerá. Um viva pois, à Doutora Luísa Praxedes que simboliza a consubstanciação da vitória brilhante do...

TODOS (*Menos Luísa e Maria*) - Viva. (*Música*)

MANUEL (*A todos*) - Vindo assistir ao grau de minha filha, eu vos convido também, meus senhores e minhas senhoras, para que abrilhanteis com a vossa presença a cerimônia do casamento que terá lugar logo depois daquele ato na Igreja de São José.

A DIRETORA - Viva a Doutora Luísa Praxedes!

TODOS (*Menos Luísa*) - Viva!

(*Toca a música e desfilam todos saindo pelo fundo*)

(*CAI O PANO*)

ATO SEGUNDO

Gabinete da Doutora Luísa. À direita, estantes de livros. À esquerda, um sofá tendo ao lado uma cadeira de operações; sobre a estante diversos vidros com fetos e preparações anatômicas conservadas em álcool. Ao fundo uma mesa com tinteiro e penas, jornais e revistas espalhados e uma vitrine dentro da qual figura um esqueleto articulado. Sobre as paredes quadros com retratos de médicos e seções do corpo humano. Em cima da vitrine um quadro com o seguinte letreiro: - "Consultas pagas à vista." Ao lado do sofá o telefone.

CENA I

EULÁLIA

(*Só, falando ao telefone*) - Allon!.. . Allon!... Quem fala? Quem fala?... Ah! É para o Doutor Pereira, ou para a Doutora Pereira? Não entendo... Fale mais alto.

Doutor ou doutora? (*Deixando o telefone*) Isto é uma maçada! Todos os dias há uma briga de mil diabos nesta casa por causa dos malditos doentes.

CENA II

A MESMA e MARIA PRAXEDES

MARIA (*Entrando*) Sim, senhora! É o que se chama o cúmulo da tagarelice. Não tens com quem falar, falas sozinha.

EULÁLIA - Deixe-me, pelo amor de Deus! Olhe que se não fosse o amor que tenho à menina, já tinha voltado para a casa da patroa.

MARIA - Continuam as brigas?...

EULÁLIA - Ora! Ora! Ainda ontem houve aqui um bate-boca tremendo.

MARIA - E sempre por causa dos chamados?

EULÁLIA - Está visto, não brigam por outra coisa. E nestas brigas sai cada nome, patroa...

MARIA - Meu Deus! Chegam então a descompor-se?

EULÁLIA - Eu não sei se aquilo é descompostura. Olhe, os nomes que eu ouço, se não são desaforos de arrancar couro e cabelo, já muito bons para que digamos não são.

MARIA - O que é que eles dizem?

EULÁLIA - E *symfostria* pra lá, *milogia* pra cá, *raboses*, *coloses*, *futrica*. A menina muito vermelha a dar com os braços, o patrão de olhos esbugalhados a gesticular.

MARIA - Ah! São discussões científicas!

EULÁLIA - Pois olhe, senhora, eu sou solteira, em tão boa hora o diga e o diabo seja surdo, mas, se fosse casada, e meu marido me atirasse à cara todas aquelas *raboses*, *coloses* e *mitogias*, e me chamasse *futrica*, sabe o que fazia a Eulália dos Prazeres da Conceição de Maria, filha da Engrácia da Porcalhota e do Manuel Tibúrcio, que Deus haja?...

MARIA - Não fazias nada, tagarela.

EULÁLIA - Arrumava a trouxa e ia procurar a minha vida.

MARIA - Mas fora destas discussões eles não conversam?

EULÁLIA - A que horas? A menina, de manhã muito cedo, vai ver doentes, o patrão mal acorda, veste-se a toda a pressa e toca pra mesma lida.

MARIA - Sim, mas quando estão em casa... à hora do almoço e do jantar...

EULÁLIA - Quando estão em casa, se não estão brigando, a menina lê ou escreve, o patrão escreve ou lê. À mesa do almoço ou do jantar, cada um tem o seu livro. Comem de cabeça baixa. Não olham um para o outro!

MARIA - Luísa ainda toca e canta?

EULÁLIA - Qual, senhora, no outro dia fui abrir o piano para limpá-lo, estavam as teclas cheinhas de bolor. *(Eulália tira o chapéu de Maria Praxedes)*

MARIA - Luísa há de vir jantar.

EULÁLIA - Certamente. E a senhora passa o dia conosco?

MARIA - Olha, Eulália, o meu desejo é que não abandones nunca Luísa.

EULÁLIA - Fique descansada, patroa. *(Tocam o telefone)* É verdade, com o diacho da conversa esqueci de dar a resposta ao homem. *(Batendo no telefone e falando)* Allon! Quem fala? É o Senhor Salazar da Rua do Hospício? Sim. Mas é para o Doutor Pereira, ou para a Doutora Pereira? *(Fica algum tempo a ouvir, falando para Maria)* Tenha paciência, patroa. Ponha o ouvido aqui e veja se distingue, doutor ou doutora?

MARIA *(Falando ao telefone)* - É Doutor Pereira ou Doutora Pereira? *(Deixa o telefone)* Ouvi bem claro: doutora.

EULÁLIA - Ainda bem. Então é para a menina?

MARIA - Sim.

EULÁLIA - Vou ver lá dentro o que está fazendo a cozinheira. Nunca vi peste maior! *(Maria senta-se à mesa e lê jornais)*

CENA III

MARIA PRAXEDES e LUÍSA

LUÍSA *(Entrando)* - Bom dia, minha mãe!

MARIA - Há uma semana que não me apareces, Luísa, vim ver-te.

LUÍSA - Não tenho um minuto de que possa dispor!

MARIA - Quando se quer, minha filha...

LUÍSA - É que a mamãe não imagina, nem pode imaginar O que é a vida da médica. Estou visitando doentes desde as 6 horas da manhã. *(Puxando a lista)* E veja a via-sacra que tenho de percorrer ainda hoje.

MARIA - És na verdade muito feliz na tua clínica!

LUÍSA - Estou formada há um ano e quatro meses, posso dizer com orgulho que neste curto espaço de tempo tenho feito mais que todos os meus colegas juntos.

MARIA - Pena é, entretanto...

LUÍSA - Já sei a que vai se referir. Às lutas que se dão aqui nesta casa entre mim e meu marido. O que quer a senhora? Tenho eu porventura a culpa de que ele procure por todos os meios prejudicar os meus interesses, tomando doentes que são meus, exclusivamente meus?

MARIA - Mas minha filha, há porventura, meu e teu num casal que se estima?

LUÍSA - Há, sim senhora; quando esse meu e teu representa o esforço de cada um. Eu não sou uma mulher vulgar que veio colocar-se pelo fato do casamento sob a proteção de um homem. A minha posição no casal é igual, perfeitamente igual à de meu marido sob o ponto de vista do trabalho. Mas acima desse ponto de vista há ainda outra coisa que a senhora não quer compreender. Sabe qual é?

MARIA - Ignoro, minha filha!

LUÍSA - É a minha personalidade científica, a minha autonomia médica que meu marido tem tentado ofuscar; mas que eu hei de obrigá-lo a reconhecer, custe o que custar. Custe o que custar, ouviu minha mãe?

MARIA *(À parte)* - Meu Deus! *(Alto)* Mas vocês então não se amam?

LUÍSA - Amamo-nos, minha mãe, amamo-nos. É preciso porém que cada um se conserve no seu posto; que as nossas posições se definam; ou por outra, é preciso que meu marido se convença de que eu posso ganhar perfeitamente a minha vida sozinha e de que ele não é mais inteligente do que eu! *(Pondo a mão na cabeça e sentindo como que uma vertigem)*

MARIA - O que tens?

LUÍSA - Nada.

MARIA (*Apalpando-lhe o pulso*) - Mas estás em suores frios.

LUÍSA - Estou-me sentindo um pouco enjoada... Mas já passou! Já passou!

MARIA - É fraqueza talvez, minha filha. Saíste de manhã tão cedo, sem comer nada.

LUÍSA - Tomei ovos quentes e uma xícara de café.

MARIA - Não é bastante. Vou ver se há lá dentro alguma coisa. (*Vai a sair*)

LUÍSA - Não é preciso. Diga a Eulália que mande entrar os doentes lá embaixo. (*Maria sai. Luísa tirando uma lista do bolso e um lápis*) Rua das Marrecas, já fui; Praça do Rocio Pequeno, Largo do Machado... (*Senta-se à mesa, abre um livro e escreve assentamentos*)

CENA IV

LUÍSA e o PRIMEIRO DOENTE

PRIMEIRO DOENTE (*Entrando com uma criança ao colo embrulhada em um cobertor*) - Bom dia, Senhora Doutora.

LUÍSA - Bom dia. Então como passou a pequena de ontem para cá?

PRIMEIRO DOENTE - Ah! Senhora Doutora, não passou bem, não.

LUÍSA - Vamos ver isto, vamos ver isto! (*Levanta-se e examina a criança*) Ah! está muito melhor. (*Apalpando-lhe o pulso*) Já não tem febre. O que você deve fazer é mudar-se quanto antes do cortiço onde mora. Aquilo é um lugar terrível.

PRIMEIRO DOENTE - Já hoje estive à procura de casa, doutora.

LUÍSA - Continue com as pílulas que receitei.

PRIMEIRO DOENTE - O que é que ela pode comer, Senhora Doutora?

LUÍSA - Tem fastio?

PRIMEIRO DOENTE - Muito.

LUÍSA - Pode comer tudo, somente é bom não abusar de apimentados e salgados. *(Primeiro doente vai a sair)* Espere. *(Escrevendo)* Para abrir o apetite tome em cada refeição meio cálice deste vinho que aí vai. *(Entrega-lhe a receita)* Mande fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

PRIMEIRO DOENTE - Sim, senhora. Então passe bem. *(Sai)*

CENA V

A MESMA e SEGUNDA DOENTE

SEGUNDA DOENTE *(Entra muito bem vestida)* - Doutora!...

LUÍSA *(Levantando-se)* - Oh! como está, minha senhora?

SEGUNDA DOENTE - Muito melhor!

LUÍSA - Bem, isto é o que se quer. Vamos ver a garganta. *(Segura um pequeno objeto de metal que deve estar em cima da mesa e abaixando com ele a língua da segunda doente, examinando a garganta)* Aspire... *(A segunda doente aspira)* Não está de todo boa.

SEGUNDA DOENTE - É negócio grave, doutora? Será preciso fazer operação?

LUÍSA *(Sentando-se à mesa e escrevendo)* - Não, não, é uma coisa insignificante, um pequeno prolapso da úvula. *(Entregando-lhe a receita)* Tome uma colher de sopa deste remédio três vezes por dia, uma logo de manhã, assim que acordar, outra ao meio-dia e outra à noite, antes de se deitar. Mande fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

SEGUNDA DOENTE - Adeus, doutora...

LUÍSA - Adeus!

CENA VI

A MESMA e TERCEIRA DOENTE

TERCEIRA DOENTE - Ai! Ai! Ai! Estou que não posso.

LUÍSA - Descanse, descanse um pouco.

TERCEIRA DOENTE - Custa-me tanto subir esta escada.

LUÍSA - Então? Deu-se mal com aquele remédio que lhe receitei?

TERCEIRA DOENTE - Passei um pouco melhor, doutora. Ao menos, consegui dormir duas horas e deitada.

LUÍSA - Eu bem lhe disse. *(Examinando as pupilas)* Não vai mal, não. *(Pondo-lhe as mãos no pescoço)* Um bocado melhor.

TERCEIRA DOENTE - Eu estou sofrendo do coração, não é, doutora? Fale com franqueza.

LUÍSA - Qual coração! Esqueça-se disto.

TERCEIRA DOENTE E estas palpitações que sinto, esta zuada constantemente nos ouvidos?

LUÍSA - O que a senhora tem é uma simples anemia que se pode facilmente debelar. *(Senta-se e escreve)*

TERCEIRA DOENTE - O médico dizia a mesma coisa ao meu defunto e um belo dia quando ele acordou, coitadinho, estava morto.

LUÍSA *(Entregando-lhe uma receita)* - Tome um cálice de duas em duas horas por espaço de 3 dias, descanse dois dias e depois venha cá! Mande fazer isto na botica do Nogueira no Largo da Lapa.

TERCEIRA DOENTE - Deus Nosso Senhor lhe ajude, Doutora. *(Sai andando devagar)*

CENA VII

LUÍSA e EULÁLIA

(Ao sair a terceira doente, Luísa toca o tímpano que está em cima da mesa)

EULÁLIA *(Entrando)* - A senhora quer alguma coisa?

LUÍSA - Diz ao Antônio que vá chamar-me um tálburi.

EULÁLIA - Vai sair?

LUÍSA - Vou.

EULÁLIA *(Vai saindo e volta)* Ah! é verdade. Recebi pelo telefone um chamado para a senhora.

LUÍSA - De quem?

EULÁLIA - Do Senhor Salazar, da Rua do Hospício.

LUÍSA - É uma casa onde meu marido está tratando. Ouviste bem: é para mim ou para ele?

EULÁLIA - Para a Doutora Luísa Pereira, ouvi bem claro. E a mãe da menina que estava aqui ouviu também: Doutora Luísa Pereira. Mas isto é fácil de verificar, senhora, temos ali o telefone... sim, porque eu não quero que venha o patrão depois cá dizer-me como aconteceu outro dia...

LUÍSA - Está bom, vai chamar o tilburi.

EULÁLIA - Não senhora, é que as injustiças doem muito e não há neste mundo nada mais triste que pagar o justo pelo pecador...

LUÍSA - Sim, sim... Mas vai chamar o tilburi.

EULÁLIA - Eu nunca fui apanhada em mentiras. Graças a Deus tenho a minha consciência muito pura e a filha de Manuel Tibúrcio, que Deus haja, não é pra ai qualquer mulher à toa de cuja palavra se possa duvidar.

LUÍSA - Se não queres ir dar o recado, vou eu.

EULÁLIA - Vou, sim senhora, mas...

LUÍSA - Está bom, está bom! (*Empurrando-a para dentro*)

CENA VIII

LUÍSA e GREGÓRIO

GREGÓRIO (*Entrando com ar meio apalermado*) - Não é aqui que mora uma doutora que tem anunciado nos jornais?

LUÍSA - Sim, senhor!

GREGÓRIO - Ainda que mal *pregunte*, é Vossa Senhoria?

LUÍSA - Uma sua criada.

GREGÓRIO - *Uê, gentes!* Tinham-me dito lá na roça que era uma *muié véia* e feia. Ora esta! (*Pausa*) Trata mesmo de moléstias de homens?

LUÍSA - Por que não?

GREGÓRIO - *Descurpe, mas eu pensava...*

LUÍSA - A consulta é para o senhor ou para alguém de sua família?

GREGÓRIO - E para mim mesmo, *sinhá dona...*

LUÍSA - Conte-me lá o que sofre. (*Manda-o sentar e senta-se a seu lado*)

GREGÓRIO - Em *premero* que tudo tenho muita *farta* de ar e muitas sufocações. Porém o que mais *meavexa* é uma dor forte aqui mesmo na boca do *estambago*. (*Aponta para o lugar*)

LUÍSA - Mas esta dispnéia e esta dor...

GREGÓRIO - Na *espinhela* não tenho nada, não, *sinhá dona*.

LUÍSA - Não, não é isto. Pergunto-lhe se esta falta de ar costuma vir antes ou depois das refeições.

GREGÓRIO - De *premero* vinham antes... mas agora vêm *ao depois...* Já *consurtei* a *halipatia*, *homopatia*, *adosometria*, tudo, tudo. Afinal disseram-me lá na roça: - Você já foi ao Nascimento? Já foi ao caboclo da Praia Grande? Pra que não vai *vê* a Doutora? *Tarvez* ela te dê *vorta*. E aqui estou *nas mão* da *sinhá dona*.

LUÍSA - Tire o paletó. (*Gregório tira o paletó, Luísa vai buscar uma toalha, coloca-a nas costas de Gregório e ausculta-o*)

LUÍSA - Conte, um, dois, três...

GREGÓRIO - Um... dois... três...

LUÍSA - Vá contando.

GREGÓRIO - Quatro... 5... 6... 7... 8... 9...10... 11...

LUÍSA - Respire. (*Gregório toma aspiração*) - Respire mais forte. (*Gregório respira mais forte*) Mais forte ainda. (*Gregório fica de boca aberta tomando uma longa respiração. Luísa passou a auscultá-lo pela frente colocando a cabeça no peito.*)

GREGÓRIO - Que banha cheirosa tem *sinhá dona* na cabeça!

LUÍSA (*Levantando-se*) - Deite-se ali naquele sofá. (*Gregório deita-se de lado*) Não, de barriga pra o ar. (*Gregório deita-se de barriga para cima*) Desabotoe-se.

GREGÓRIO (*Espantado*) - Desabotoar-me?

LUÍSA - Sim, desabotoe o colete! (*Gregório desabotoa o colete*) Encolha as pernas. (*Gregório encolhe as pernas. Luísa apalpa-lhe o fígado*)

GREGÓRIO (*Saltando do sofá*) - Ah! Ah! Ah!... Não faça isso, *sinhá dona*, que eu sinto *coscas como quê...*

LUÍSA - Deite-se, desse modo não posso examiná-lo. (*Gregório deita-se de pernas encolhidas. Luísa apalpa-lhe o fígado*) Dói aqui?

GREGÓRIO - Ah! Ah! Ah! Que *coscas!*

LUÍSA (*Sentando-se à mesa*) - Pode vestir-se! (*Escreve a receita e entrega a Gregório*) Tome as pílulas duas vezes por dia; uma ao deitar e outra logo pela manhã. O emplastro é para colocar sobre o fígado. Mande fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

GREGÓRIO - A *sinhá dona* *qué* que eu pague já ou *despois*?

LUÍSA - Depois.

GREGÓRIO - *Antão* quando é que devo *vortá*?

LUÍSA - Para a semana. (*Gregório vai saindo e encontra-se à porta com Pereira*)

CENA IX

LUÍSA, GREGÓRIO e o DOUTOR PEREIRA

GREGÓRIO (*Ao Doutor Pereira que entra*) - Deus lhe sarve.

DR. PEREIRA - Adeus.

GREGÓRIO - Passe bem, *sinhá dona*. (*Sai*)

CENA X

LUÍSA e o DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Vendo Gregório sair. A Luísa*) - Moléstias de senhoras e crianças. Creio que é isto que está lá embaixo à porta em um grande letreiro!

LUÍSA - O que está lá embaixo é: Doutora Luísa Pereira, médica. Especialidade: - moléstias de senhoras e crianças.

DR. PEREIRA - Ou isto.

LUÍSA - Ou isto, não. São coisas muito diferentes.

DR. PEREIRA - De modo que a senhora...

LUÍSA - Clínico em todos os ramos de medicina; ocupando-me com especialidade de moléstias de crianças e de pessoas do meu sexo.

DR. PEREIRA - O contrato então que fizemos logo que nos casamos...

LUÍSA - Esse contrato perdeu a razão de ser desde o dia em que o senhor se encarregou de dois partos e de um caso de coqueluche, que por direito me pertenciam.

DR. PEREIRA - Minha senhora, chegamos a um estado em que a nossa vida juntos vai-se tornar impossível. Ou eu hei de abdicar à minha autonomia profissional, ou, o que é mais triste ainda, à minha posição de chefe na família, ou a senhora conserve-se no lugar que lhe compete.

LUÍSA - A sua autonomia de profissional é igual à minha. Na família que constituímos não há chefes e o lugar que me compete é o que estou ocupando.

CENA XI

OS MESMOS e MARIA PRAXEDES

MARIA (*Entrando com uma xícara de caldo*) - Toma este caldo, minha filha.

DR. PEREIRA - Então a senhora quer positivamente a luta?

LUÍSA - Estou preparada, não me arreceio dela.

MARIA - Meus filhos, pelo amor de Deus, por tudo quanto pode haver de mais sagrado neste mundo...

DR. PEREIRA (*A Maria*) - Ah! minha senhora, estou cheio até aqui. (*Indica a garganta*) Acha que posso, que devo continuar nesta posição humilhante?

MARIA - Toma o caldo, minha filha.

LUÍSA - Não quero, minha mãe. (*Maria põe a xícara em cima da mesa*)

DR. PEREIRA - Perdi o meu nome como um galé. Deixei de ser o Doutor Pereira para ser o marido da Doutora Luísa Praxedes.

LUÍSA - Logo que nos casamos, passei a assinar-me Doutora Luísa Pereira. Tomei, por deferência, o seu nome de família do qual aliás, seja dito de passagem, não precisava. Com o seu nome tenho-me anunciado, com este tenho receitado. Se o público continua a conhecer-me pelo apelido antigo, é porque ainda estão bem vivos na sua memória os sucessos que alcancei na Academia e vai acompanhando *pari-passu* a marcha progressiva da minha carreira científica! Tenho eu porventura culpa disso?

DR. PEREIRA - Os sucessos da Academia!... A marcha progressiva da sua carreira científica! A sua pomadaé que a senhora deve dizer!

LUÍSA - Pomadas são os agradecimentos de doentes, feitos nos jornais e à custa do médico que os tratou. São as estatísticas publicadas mensalmente nas folhas públicas com exagero escandaloso de cifra e mencionando pomposos nomes, para embair o público, as mais singulares operações.

DR. PEREIRA - Não me provoque, senhora, peço-lhe pelo amor de Deus que não me provoque...

MARIA (*Entre os dois*) - Acalmem-se, meus filhos.

CENA XII

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando e ouvindo a discussão*) - Então o que é isto? estão brigando? Discussões científicas!... Bravo! muito bem.

LUÍSA - Pomada! O senhor era o menos competente para atirar-me ao rosto semelhante nome. A minha clínica...

DR. PEREIRA - A sua clínica desaparecerá, minha senhora, no dia em que as mulheres formarem-se às dúzias e aos centos.

PRAXEDES - E este dia não está longe. Em todo caso, cabe à minha doutora a glória...

MARIA (*Baixo a Praxedes*) - Pois em vez de acalmar, estás a fomentar discussões!

PRAXEDES - Deixa, mulher, isto é muito bonito!

LUÍSA - No dia em que as mulheres formarem-se aos centos, a medicina terá tocado o zênite da sua glória; porque só assim entrarão nela as aptidões científicas que até aqui os senhores, egoisticamente, nos têm negado, e os sentimentos de caridade que são o mais belo apanágio do nosso sexo.

PRAXEDES - Muito bem!

DR. PEREIRA - Sinto não ter vontade de rir; porque o que acaba de dizer só pode ser respondido com uma gargalhada, Senhora Doutora Luísa Praxedes... Note que eu digo Doutora Luísa Praxedes, e não Doutora Luísa Pereira.

LUÍSA - O grau que recebi foi de Doutor e não de Doutora! A Faculdade de Medicina não conhece Doutoras. Uma vez que toca neste ponto, fique sabendo que vou mandar tirar a placa que está lá embaixo, e declarar pelos jornais que doravante assinar-me-ei Doutor Luísa Praxedes porque foi este o nome com que me formei.

PRAXEDES (*Para Maria*) - Sim, senhora! Lá isto é verdade!

DR. PEREIRA - Pois bem, Senhora Doutora ou Doutor Luísa Praxedes, como queira, eu não estou disposto a representar por mais tempo o papel ridículo de marido de parteira, de professora pública ou de cantora lírica. Sou cabeça do casal. Tenho a minha posição definida em Direito perante a família e perante a sociedade. Ou a senhora muda de rumo ou...

LUÍSA - Acabe o dilema.

DR. PEREIRA - Ou eu dou-lhe uma lição que lhe há de ser fatal. (*Sai*)

CENA XIII

LUÍSA, MANUEL e MARIA PRAXEDES

LUÍSA - Lição fatal! Que lição fatal poderá ele dar-me?

MARIA - Minha filha, são tão feias essas brigas constantes entre seres que se devem estimar... adorar...

PRAXEDES - Sim, podem discutir... acho isso até muito bonito. Da discussão é que nasce a luz. Mas... *est de modus in rebus...*

LUÍSA - Desejava talvez que eu fosse uma mulher estúpida, ou vulgar, para que não ficassem na penumbra as prerrogativas da sua individualidade? Mas não, eu tenho uma missão a cumprir. Hei de cumpri-la. (*Sentindo como que uma vertigem*)

MARIA - Outra vertigem, minha filha! Estás tão pálida!

LUÍSA - Não é nada.

PRAXEDES - Luísa! Luísa!

LUÍSA - Já passou! (*Eulália entra e dirige-se a Luísa*)

CENA XIV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Para Luísa*) - Oh! senhora, o tilburi está aí na porta a roer há mais de um quarto de hora.

LUÍSA - É verdade, já nem me lembrava... Estou tão fatigada.

MARIA - Toma ao menos o caldo que ali está.

EULÁLIA - Este deve estar frio. Se a menina quiser, eu vou buscar outro. Olhe que está muito bom; a cozinheira tem o defeito de ser muito faladora e roubar um pouco nas compras, mas lá no que diz respeito a tempero de panela, justiça lhe seja feita, não há nada que se lhe dizer, e olhe, patroa, que eu não preciso estar-lhe em cima a repetir-lhe que faça isto, ou faça aquilo.

LUÍSA (*Tomando o chapéu*) - Está bem, está bem! Já sei! (*Despedindo-se*) Até já, minha mãe. (*Abraça-a*) Adeus, meu pai! (*Sai*)

EULÁLIA - Coitadinha! Anda numa lida! (*Sai*)

CENA XV

MANUEL e MARIA PRAXEDES

MARIA - Já viste a tua obra. Estás satisfeito?

PRAXEDES - Satisfeitíssimo. O que querias tu? Que um casal de doutores andasse a brigar por causa de arrufos ou questiúnculas de governo de casa?

MARIA - Os arrufos e questiúnculas do governo doméstico, meu caro marido, sempre existiram no nosso lar, mas nunca nos levaram, felizmente, ao excesso das cenas a que acabamos de assistir.

PRAXEDES - São discussões científicas, minha mulher, muito naturais. Antigamente brigava-se por ciúmes e faziam-se as pazes depois do clássico faniquito. Há ainda hoje quem faça disto, bem sei. Mas o nosso genro e Luísa não estão nas mesmas condições.

MARIA - Genro? Genro no nome, porque eu pelo menos, ate aqui, sogra não tenho sido.

PRAXEDES - Não tens sido sogra?... Ora esta!

MARIA - Nas rixas que se dão constantemente nesta casa já viste envolvido o meu nome? Sou para o Doutor Pereira uma criatura completamente indiferente. Dos seus lábios ainda não partiu contra mim a mais pequena censura, ou uma palavra sequer que deixasse transparecer embora sutilmente o veneno do epigrama.

PRAXEDES - E queixaste por isso? Queria que ele te chamasse como costumam chamar as sogras: - víbora, jararaca, cascavel...

MARIA - Queria ser uma sogra em regra, porque só assim teria a certeza de que minha filha era verdadeiramente feliz...

PRAXEDES - Mas tu não vês, Maria Praxedes, que este casamento é uma coisa completamente nova? É a primeira experiência que se faz. As peças do maquinismo ainda não estão bem assentadas, não podem por conseguinte trabalhar com a regularidade de um maquinismo já experimentado. Espera um pouco, deixa a coisa entrar em seus eixos e verás que nisto que tu condenas atualmente está a família do futuro, a sociedade do futuro, a felicidade do futuro...

MARIA - Havemos de ver este futuro.

CENA XVI

OS MESMOS e CARLOTA DE AGUIAR

CARLOTA (*Entrando*) - Entrei subrepticamente sem me fazer anunciar.

PRAXEDES - Ora, seja bem vinda, Doutora!

CARLOTA (*Inclinando-se diante de Maria*) - Minha senhora, a curvatura de meus respeitos.

PRAXEDES - Sinceros parabéns pelos triunfos alcançados anteontem no júri. Li em todos os jornais a notícia da sua brilhante defesa.

CARLOTA - Foi um debate homérico; com réplica e tréplica, em que derroquei à luz da aurora bruxoleante do Direito moderno, os castelos carcomidos da vetusta legislação, crivados de teorias incongruentes e obsoletas.

PRAXEDES - E tratava-se de um caso completamente novo.

CARLOTA - A esposa que surpreende o marido com a amante e que resolve a situação trucidando os dois. Mas deixemos o júri, a minha defesa, os meus triunfos. O que me traz aqui é um motivo de ordem grandíloqua, elevada e arquicivilizadora. Senhor Manuel Praxedes, apresento-me candidato à Deputação Geral, pelo Município Neutro.

PRAXEDES - Bravo! Bravo! Muito bem!

MARIA - Pois as senhoras querem também ser deputadas?

PRAXEDES - Por que não? Nos Estados Unidos, as mulheres são caixeiras, empregadas nos telégrafos, nas estradas de ferro, nos correios... são até capitães de navios.

CARLOTA - Até bombeiras. Amanhã sairá em todas as folhas a minha circular. Nesta peça estereotipo o programa das reformas sociológicas femininas de que pretendo dotar o meu país. Vai ver, fica a mulher equiparada ao homem em tudo por tudo. É uma revolução.

PRAXEDES - Creio bem!

CARLOTA - O Brasil está atrasadíssimo na ciência do Direito. Basta considerar que esta ciência não corresponde às aspirações grandíloquas condóricas se é que posso exprimir-me assim...

PRAXEDES - Perfeitamente.

CARLOTA - Do nosso progresso material. O telefone invade tudo, o telefone leva o pensamento às mais longínquas distâncias e entretanto ainda não temos o Direito Telegramático, a Jurisprudência Telefonética.

PRAXEDES - O telefone podia ter acabado com as precatórias...

CARLOTA - Justo. Entrou perfeitamente no âmago do meu pensamento.

PRAXEDES - Quando houvesse necessidade de deprecar de um juízo para outro, para uma avaliação por exemplo...

CARLOTA - O juiz *a quo* ia ao telefone, o *ad quem* ouvia...

PRAXEDES - Procedia à avaliação...

CARLOTA - E gritava pelo telefone: está cumprida a diligência. Quanta economia de tempo...

PRAXEDES - E de papel!...

CARLOTA - Apoiado! (*Tirando do bolso cartões e entregando a Praxedes*) Aqui tem para distribuir pelos seus amigos. (*O mesmo a Maria*) Peço-lhe, minha senhora, que advogue também a minha causa; vai nela hasteada a flâmula da emancipação feminina, que hei de defender até a morte com o gládio incandescente do meu humilde verbo!

PRAXEDES (*Lendo os cartões*) - "Para Deputado Geral pelo Primeiro Distrito da Corte: Bacharela Carlota Sinfrônia de Aguiar, advogada. - Telefone 2028." (*A Carlota*) Muito bem!

CENA XVII

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

CARLOTA (*Ao Doutor Pereira, que entra*) - Venho fazer-lhe uma visita e um pedido.

DR. PEREIRA (*Apertando-lhe a mão*) - Doutora. Estou às suas ordens!

CARLOTA (*Entregando os cartões a Pereira*) - Leia! DR. PEREIRA (*Lendo*) - Já o sabia. E a propósito, incomodou-me bastante o artigo que li ontem no *Correio do Norte* a respeito da sua candidatura.

CARLOTA - Uma publicação *a pedido*.

DR. PEREIRA - Sim. Que miserável!

CARLOTA - O meu amigo compreende que se eu fosse dar importância a todos esses cães que ladram nas vielas taludas do jornalismo insalubre.

DR. PEREIRA - Faz muito bem. Há coisas que não devem ser respondidas.

CENA XVIII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Para Maria*) - A senhora vá comer alguma coisinha, que o jantar hoje há de ser um pouco tarde. Venha também, patrão.

PRAXEDES (*Para Carlota*) - Quando quiser aparecer por aquela nossa casa...

CARLOTA - Vou vê-lo breve. (*Aperta a mão de Manuel Praxedes, que sai*)

MARIA (*Apertando a mão de Carlota*) - Doutora... (*Sai*)

CENA XIX

EULÁLIA, CARLOTA e DOUTOR PEREIRA

CARLOTA (*Ao Doutor Pereira*) - Esta sua criada pode também prestar-me serviços! Como se chama?

DR. PEREIRA - Eulália...

CARLOTA (*A Eulália, que espana os trastes*) - Vem cá, Eulália!

FULA LIA - Minha senhora!...

CARLOTA - Eu sou a Bacharela Carlota de Aguiar.

EULÁLIA - Vosmecê é quem diz.

CARLOTA - Como? Vosmecê é quem diz? Duvidas?

EULÁLIA - Não duvido, não senhora; mas lá na minha terra costuma-se dizer quando um homem fala muito: é um bacharel. Ora, se um bacharel é assim, faço idéia o que não há de ser uma bacharela!

CARLOTA - Tens graça. Toma estes cartões! (*Dá-lhos*)

EULÁLIA - Para que é isto?

CARLOTA - A qualquer lugar onde fores, deixa dois pelo menos.

EULÁLIA - Não há dúvida; daqui a pouco vou à venda da esquina, posso deixá-los lá todos. *(Continua a espanar)*

CARLOTA *(Ao Doutor Pereira)* - A sua senhora, não está?

DR. PEREIRA - Saiu. Há de vir logo.

CARLOTA - Vou então fazer uma visita ao meu colega ali defronte que pode dar-me grande parte da votação da Candelária e voltarei depois... Adeus! *(Sai)*

CENA XX

DOUTOR PEREIRA e EULÁLIA

DR. PEREIRA - Vem cá, Eulália. *(Tira do bolso uma seringa)*

EULÁLIA - O patrão deseja alguma coisa?

DR. PEREIRA *(Mostrando a seringa)* - Sabes o que é isto?

EULÁLIA - Sei, sim senhor; é uma seringa.

EULÁLIA - Sim, senhor.

DR. PEREIRA - Mas o que tu não sabes é o que está dentro dela.

EULÁLIA - Aí dentro não vejo nada.

DR. PEREIRA - Pois olhe, aqui dentro está o micróbio da febre amarela.

EULÁLIA - Cruz!!... Credo, meu amo!... *Abrenúncio!* Arrede-se para lá. Mas o que vem a ser isto de *sicróbio*?

DR. PEREIRA - É um bichinho.

EULÁLIA - Então a febre amarela é um bicho? Ora esta!

DR. PEREIRA - O que tu não sabes ainda é que metendo-se este bichinho no corpo de uma pessoa fica ela livre de ter o mal.

EULÁLIA - Pois então a febre é um bicho; mete-se o bicho no corpo da gente e a gente não tem febre? Tenha paciência, patrão, eu não engulo esta.

DR. PEREIRA - É muito simples.

EULÁLIA - E como se apanha o bichinho?²

DR. PEREIRA - Com um instrumento que nós temos, chamado chupete esterilizado.

EULÁLIA - Chupete *esterilizado*, sim, senhor. (*Prestando muita atenção*)

DR. PEREIRA - Tira-se uma gota de sangue de um doente de febre amarela quase a expirar. Esta gota é deitada em caldo apropriado. Ai o bichinho prolifera!

EULÁLIA - O que vem a ser prolifera, patrão?

DR. PEREIRA - Procria, desenvolve-se.

EULÁLIA - Dentro do caldo! Tudo aquilo? (*Faz um gesto com as mãos como indicando formigação*) Jesus! que porcaria!

DR. PEREIRA - Depois mete-se uma porção daquele caldo dentro desta seringa e injeta-se em um porquinho da índia ou em um coelho.

EULÁLIA - Ai! O pobre bichinho, coitado, morre logo!

DR. PEREIRA - Não; daí a alguns dias.

EULÁLIA - E depois?

DR. PEREIRA - Depois tira-se uma gota de sangue deste porquinho da índia e põe-se em um caldo idêntico. Deste caldo injeta-se ainda outros porquinhos que vão morrendo até que injetado num, ele tenha apenas a febre com caráter benigno. Com o caldo deste então é que se vacina o homem.

EULÁLIA - Quanto caldo e quanta porcaria, meu amo. Já sei que hoje não janto com o diabo da conversa. Se já estou aqui engulhando...

DR. PEREIRA - Eulália, a epidemia está grassando com muita intensidade, tu és estrangeira, além disto forte e robusta. Estás sujeita de um momento para outro a ter a febre.

EULÁLIA - O que é que o patrão quer?

DR. PEREIRA - Vacinar-te.

EULÁLIA - O quê? Meter essa seringa no meu corpo? Com caldo de febre amarela? Em mim o senhor não mete isto, não, mas é o mesmo. Chegue-se para lá, patrão.

DR. PEREIRA - Mas isto não dói, é uma coisa à toa. Não vês; é uma pequena seringa de Pravat.

EULÁLIA - É seringa *depravada* ainda de mais a mais.

DR. PEREIRA - Dá cá o braço, deixa-te de histórias.

EULÁLIA (*Gritando*) - Socorro! Socorro! Aqui del Rei!

CENA XXI

OS MESMOS, MANOEL, MARIA e LUÍSA

LUÍSA (*Entrando*) - O que é isto?

PRAXEDES - O que foi?

MARIA - Eulália?

EULÁLIA (*Para Luísa*) - Oh! senhora, tire aquela seringa *depravada* da mão do patrão, ou arrumo a minha trouxa e vou-me embora.

DR. PEREIRA - Está bem; não te zangues.

LUÍSA (*Ao Doutor Pereira*) - Acho pouco curial que o senhor queira estender até as flâmulas desta casa a aplicação das suas teorias microbianas quando sabe que as não aceito. (*Pereira ri furioso*) Venho de casa de um doente seu.

DR. PEREIRA - Está gracejando.

LUÍSA - De um doente seu. E vim correndo dar-lhe esta notícia, para dizer-lhe que, declarando-me ele que não depositava confiança no tratamento, discordei do seu diagnóstico e receitei.

DR. PEREIRA - E quem é esse doente?

LUÍSA - O filho do Salazar, da Rua do Hospício.

EULÁLIA - O chamado foi para a senhora! Eu ouvi no telefone. (*Voltando-se para Maria*) E a patroa também ouviu!..

MARIA - Eu ouvi bem claro; Doutora Luísa Pereira.

DR. PEREIRA (*Com raiva concentrada*) - Minha senhora! Eu disse-lhe que havia de dar-lhe uma lição. O que a senhora acaba de praticar é...

LUÍSA - Diga.

DR. PEREIRA - Não digo. Tenho ainda a generosidade de guardar para com o respeito que se deve ao seu sexo, atenções que a senhora não teve para com a profissão que exerce. Depois do ato que acaba de praticar é impossível a nossa vida juntos. Vou deixar esta casa.

LUÍSA - Uma separação! Aceito-a! Mas quero que ela seja completa.

MARIA - Meus filhos!

LUÍSA - Vou mandar chamar meu advogado. *(Sai) (Maria encosta-se à mesa)*

CENA XXII

OS MESMOS, CARLOTA, *menos* LUÍSA

DR. PEREIRA *(A Carlota, que entra)* - Doutora, preciso dos seus conselhos profissionais.

CARLOTA - É uma prova de confiança que me eleva ao *empyreo* do desvanecimento. Estou às suas ordens...

DR. PEREIRA - Espero-a, aqui, amanhã, às duas horas da tarde.

CARLOTA - Cá estarei. *(Doutor Pereira aperta-lhe a mão. Carlota sai pela esquerda, Pereira pela direita)*

CENA XXIII

EULÁLIA, MARIA e MANUEL PRAXEDES

EULÁLIA *(Chorando em altos gritos)* - Ah! meu Deus! que desgraça! E tudo por causa daquela seringaça da febre amarela! Pelo amor de Deus, senhores, me desculpem, que eu não sou culpada!

PRAXEDES *(Pensando)* - Se eles ao menos tivessem um filho...

EULÁLIA *(Ainda chorando)* - Qual filhos, patrão! Se eles não têm tempo para isso... Se nunca pensaram nisso! *(Sai a chorar pela esquerda)*

(CAI O PANO)

ATO TERCEIRO

CENA I

LUÍSA e EULÁLIA

EULÁLIA (*A Luísa*) - Deste modo a menina está se matando. Não dormiu à noite, não comeu nada... Olhe que não vale a pena. A vida é tão curta que, quando a gente menos espera, está a viajar deitada, sem chapéu e de barriga pra o ar. Venha comer alguma coisita, sim?

LUÍSA - Não quero nada.

EULÁLIA - Olhe, vou preparar-lhe uma gemada, ou então um mingau de tapioca daqueles que eu costumava fazer quando a menina era pequena, lembra-se?

LUÍSA - Já te disse, não quero nada.

EULÁLIA - A senhora está zangada comigo?

LUÍSA - Não estou.

EULÁLIA - Aquela maldita seringa *depravada* é que foi a causa de tudo. (*Batem*)

LUÍSA - Vai ver quem é. (*Eulália vai mas volta logo*)

EULÁLIA - O Senhor Doutor Martins.

LUÍSA - Manda-o entrar.

EULÁLIA - Então a menina não quer tomar nada?

LUÍSA - Já te disse que não. Deixa-nos sós. (*Eulália introduz Martins e sai*)

CENA II

LUÍSA e MARTINS

MARTINS (*Apertando a mão de Luísa*) - Minha senhora!

LUÍSA (*Indicando-lhe uma cadeira*) - Doutor, tenha a bondade de se sentar.

MARTINS - Recebi ontem a sua carta.

LUÍSA - Abusando das nossas antigas relações de família, relações que muito prezo e venero, tomei a liberdade de pedir-lhe que viesse a esta sua casa para tratar de negócio que me diz respeito.

MARTINS - Estou às suas ordens, minha senhora! Questões relativas talvez à profissão que tão brilhantemente está desempenhando. Algum executivo por honorários médicos...

LUÍSA - Oh! por isto não valia a pena incomodá-lo.

MARTINS - Como não valia a pena? Invocando há pouco as nossas relações, creia que eu sentir-me-ia profundamente magoado se a senhora precisando de serviços da profissão que exerço, ainda os mais insignificantes, fosse bater à porta de outro advogado. Trata-se então de negócio grave?

LUÍSA - Trata-se do meu divórcio.

MARTINS - Do seu divórcio?

LUÍSA - Sim.

MARTINS - Vamos lá, minha senhora, está gracejando!

LUÍSA - A minha existência e a de meu marido tornaram-se incompatíveis. Vivermos juntos por mais tempo sob o mesmo teto, fora prolongar uma situação humilhante para a qual me não sinto com forças e que terminaria pelo aniquilamento completo da minha individualidade, é impossível.

MARTINS - Seja-me lícito dar-lhe um conselho, minha senhora; não como advogado, mas como amigo dedicado da casa.

LUÍSA - Se vem falar-me em reconciliação, doutor, digo-lhe que entre nós dois, ela é um impossível. Conhece-me há muitos anos. Sabe que sou uma mulher superior a caprichos e a paixões e que não daria semelhante passo se não tivesse calculado bem uma a uma todas as conseqüências.

MARTINS - É então do Doutor Martins advogado, e não do amigo, que precisa?

LUÍSA - Preciso de ambos, porém, mais do advogado que do amigo. Uma simples separação amigável não me convém. Amanhã reunir-se-ão os parentes, os íntimos, os oficiosos que costumam aparecer em tais ocasiões e viria depois a comédia da reconciliação! Não. Para que a nossa situação se defina por uma vez, é preciso que ela seja pleiteada, embora com escândalo, nos tribunais.

MARTINS - Bem. A sua resolução pois, é...

LUÍSA - Inabalável.

MARTINS - Tenha a bondade então, minha senhora, de expor os fatos em que se baseia para dar este passo.

LUÍSA - Baseio-me apenas em um; mas este por si só é bastante para justificar o meu procedimento.

MARTINS - Qual é?

LUÍSA - A minha autonomia médica.

MARTINS - As causas do divórcio pelo nosso Direito, minha senhora, resumem-se em duas: adultério e sevícias.

LUÍSA - Então fora deste antediluviano adultério e destas sevícias que deveriam antes fazer parte do Código Criminal, não existe para a mulher nas minhas condições outro recurso de desagravo de direitos?

MARTINS - O legislador não conhecia Doutoradas, minha senhora. Imaginava que as mulheres fossem sempre as mesmas em todos os tempos e lugares.

LUÍSA - Sou casada com um homem que exerce profissão igual à minha. Ele auferir os lucros do meu trabalho, alegando, como o Leão da fábula, a posição de chefe. Não satisfeito com isto, procura por meio de subterfúgios e trucas ignóbeis afastar-me do plano em que me coloquei pela capacidade de profissional. Pois bem: hei de cruzar os braços, sofrer resignada todas as humilhações, só porque não posso alegar contra este homem procedimentos brutais para com minha pessoa e ele não pode lançar-me em rosto a infâmia de haver manchado o leito conjugal? Que lei é esta, Doutor? A que vêm este adultério e estas sevícias para o caso em que eu me acho?

MARTINS - O caso em que Vossa Excelência se acha, minha senhora, é todo excepcional. O Direito não podia prever estas lutas de interesses e autonomias científicas nas sociedades conjugais. O amor foi sempre a base da família.

LUÍSA - O amor, sempre esse eterno amor a humilhar a mulher, a transformá-la em máquina de procriação.

MARTINS - Ah! minha senhora, por mais que inovem, por maiores larguezas que dêem às aspirações do eterno feminino, ele há de girar fatalmente em torno do círculo do amor, porque não tem outro caminho a percorrer.

LUÍSA - Somos então as condenadas de Dante?! Fora desta órbita de ferro traçada por estúpidas convenções sociais - *Lasciate ogni speranza...*

MARTINS - Depende do ponto de vista, minha senhora!... O que Vossa Excelência chama Inferno, eu chamo Paraíso.

LUÍSA - Enfim, senhor, nesse Direito que o senhor estuda não há um remédio para o meu mal? Combatem-se as moléstias as mais violentas, o escapelo da cirurgia decepando partes gangrenadas do corpo humano, faz surgir das podridões dessa gangrena a vida, que é tudo quanto pode haver de mais precioso. Lutamos braço a braço contra a morte à cabeceira do doente e vencemos. E o senhor não tem na sua ciência um bálsamo, um alívio sequer para os meus sofrimentos. *(Caindo num choro convulso nos braços de Martins)* Ah! Doutor, Doutor!... Não pode avaliar que dor pungente é a humilhação.

CENA III

OS MESMOS e MARIA PRAXEDES

MARTINS - Acalme-se, minha senhora, acalme-se!

MARIA *(Entrando de chapéu)* - Luísa! Luísa!...

LUÍSA - Bom dia, minha mãe! *(Maria abraça-a)*

MARIA - Estás tão fraca, tão abatida! Por que não vais descansar?

LUÍSA - Não tenho nada.

CENA IV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA *(Entrando)* - Lá está no consultório um doente à espera da senhora!... Eu quis dizer-lhe que a menina não estava em casa, mas se não quer ir vê-lo olhe que ainda está em tempo. Graças a Deus até hoje ainda ninguém me pilhou em mentira; mas sendo preciso, prega-se uma e até duas. Lá por isso não seja a dúvida. Olhe, vou dizer-lhe que a patroa não está. Está dito?

LUÍSA - Não, vou vê-lo.

MARTINS *(A Luísa, que se despede dele)* Calma e resignação.

LUÍSA - E o único remédio que me dá? Bem. Verei o partido que cumpre tomar. *(Sai)*

EULÁLIA - Ai! meu Deus! que desgraça. *(Sai)*

CENA V

MARIA PRAXEDES e DOUTOR MARTINS

MARIA - Acabo de certificar-me pelas suas últimas palavras, Doutor, que procedeu como um verdadeiro amigo! Nem era de esperar outra coisa de sua inteligência e sobretudo do caráter nobre e elevado.

MARTINS - O fato que me foi comunicado, minha senhora, encheu-me das mais tristes apreensões.

MARIA - Não há então possibilidade de uma reconciliação, Doutor?

MARTINS - Se as rixas fossem da natureza daquelas que se dão naturalmente entre marido e mulher; se se tratasse de um desses temporais originados pelo ciúme e que se desfazem aos primeiros beijos em aguaceiros de lágrimas, compreendo que a felicidade pudesse raiar hoje mesmo debaixo deste teto, mas o que foi exposto por sua filha...

MARIA - São rixas ocasionadas por choques de vaidade e interesses, bem o sei, Doutor!

MARTINS - E nestas rixas, minha senhora, não encontrei a mulher. Vi apenas uma criatura híbrida, que não é por certo a companheira do homem.

MARIA - Tem razão, Doutor!

MARTINS - E no entanto, eu, que assim penso e que assim falo, amo nas mesmas condições.

MARIA - A Bacharela Carlota de Aguiar! Já o tinha desconfiado!

MARTINS - Aquele demoninho pernóstico com os seus ares enfatuados de homem, mas em que a mulher transparece cheia de encantos, tem-me transtornado por tal forma a cabeça que, confesso, ainda mesmo vendo as barbas do vizinho a arder, não me sinto com forças de pôr as minhas de molho.

MARIA - Está então como vulgarmente se diz, chumbado?

MARTINS - Chumbadíssimo. Amarrou-me para sempre, não há dúvida, aconteça o que acontecer.

CENA VI

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando*) - Venho do seu escritório. Então, está resolvida a situação da minha doutora?

MARTINS - Uma situação daquelas não se resolve assim.

PRAXEDES - Aquilo não é nada, absolutamente nada! Minha mulher faz de qualquer coisa um bicho de sete cabeças e vê tudo neste mundo pelo lado pior.

MARIA - O divórcio! A desgraça de uma mulher. Não é nada?

PRAXEDES - Qual divórcio! Qual desgraça de uma filha! O que houve, Doutor, foi uma briga mais forte, mas uma briga muito natural. O rapaz, novo, formado há pouco tempo, a rapariga formada no mesmo dia... Ambos inteligentes, muito estudiosos e com o sangue na guelra. Um não quer ficar por baixo, a outra quer ficar por cima. Dizem-se muitas coisas reciprocamente. Engalfinham-se com todos aqueles termos técnicos; mas passada a trovoada voltam de novo à vida calma e serena do lar... como se nada tivesse acontecido.

MARTINS - O Senhor Manuel Praxedes é otimista!

PRAXEDES - Vejo as coisas como são.

MARIA - Como são? Como um verdadeiro doente; é o que tu deves dizer.

PRAXEDES - Ah! Ah! Ah! Pois minha mulher não está a fazer trocadilhos, Doutor?... Tem graça... Tem graça... Ora, pois, estamos todos alegres; isto é o que eu quero!

MARIA - Alegres?!...

PRAXEDES - Alegres, sim! Deixa o divórcio! (*A Martins*) Sabe, Doutor, que tenho uma idéia, um ideão?

MARTINS - Não é para admirar, com o seu gênio empreendedor!...

PRAXEDES - Chi!... Que empresa! que empresa, Doutor!

MARIA - Há de ser igual à da fábrica de papel.

PRAXEDES - Já tardava. A senhora em vez de me admirar...

MARTINS - O que vem a ser então?

PRAXEDES - Imagine lá o que é.

MARTINS - Não sei.

PRAXEDES - Uma companhia galinocultora. *(Abrindo um rolo de papel que traz na mão e mostrando a Martins)* Aqui estão os modelos dos fornos. Segundo os cálculos feitos, com meia dúzia de capões apenas, um galo vigilante e dois procriadores, estou habilitado a inundar de galinhas os mercados de toda a América!

MARIA - E da Europa.

PRAXEDES - E não diga a senhora brincando; porque se até aqui temos importado ovos de Portugal, doravante, com a minha empresa, tomaremos a desforra exportando para lá galinhas. O lucro é certíssimo! Olhe, vou explicarlhe. *(Tirando do bolso um papel)*

MARTINS *(Tirando o relógio)* - Esperam-me no escritório...

PRAXEDES - Vai para baixo ou para cima?

MARTINS - Para baixo.

PRAXEDES - Acompanho-o.

MARTINS - Enganei-me, vou para cima!

PRAXEDES - Acompanho-o também. E indiferente. Em caminho mostrar-lhe-ei que isto é negócio que não falha. Está tudo calculado, muito bem calculado.

MARIA *(A Praxedes)* - Pois então abandonas tua filha no estado em que ela está?

PRAXEDES - Que estado? Pois eu já te disse que isto não é nada. Eu volto logo. Adeus. *(Despedem-se os dois de Maria e saem)*

CENA VII

MARIA e EULÁLIA

EULÁLIA - A senhora ainda de chapéu! *(Tira-lho)* A menina lá está a dar consultas, coitadinha! Olhe que é forte! Benza-a Deus! *(Tocam a campainha)* Estão batendo.

EULÁLIA - Há de ser algum doente. Vou dizer-lhe que a menina não está em casa. Isto assim não pode continuar. A coitadita passou a noite no sofá do consultório a dar de vez em quando suspiros, muito ansiada... *(Tocam)* Espere lá, não tenha pressa. Olhe, senhora, eu não devo meter-me nestas coisas, porque quem se mete nos negócios alheios sai sempre mal. O defunto meu pai, que Deus haja, costumava dizer: cada um deve tratar da sua vida, que já não faz tão pouco. Mas, se numa comparação, eu fosse casada com um homem que me estimasse como o patrão estima a patroa, não estava cá a brigar todos os dias por causa desta cambada de doentes. *(Tocam)* Espere lá, tem muita pressa? A senhora não acha que...

MARIA - Vai ver quem bate! *(Tocam)*

EULÁLIA - Lá vou, lá vou!... *(Sai)*

MARIA *(Suspirando)* - Ai! Ai! *(Segura o chapéu que Eulália pôs sobre a mesa e sai)*

CENA VIII

EULÁLIA e CARLOTA

EULÁLIA - A Senhora Bacharela tenha a bondade de assentar-se. Vou chamar meu amo. *(Sai. Carlota que deve vir elegantemente vestida mira-se no espelho, endireita a rosa que traz no peito do casaco. Luísa entra, fica à porta a observá-la, por algum tempo. Carlota vendo-a pelo espelho volta-se para falar-lhe)*

CENA IX

CARLOTA e LUÍSA

CARLOTA - Apresento à ilustre Doutora a curvatura dos meus sinceros respeitos.

LUÍSA *(Secamente)* - Bom dia, minha senhora!

CARLOTA - Recebi ontem uma intimação do meu amigo Doutor Pereira.

LUÍSA - O seu amigo já vem.

CARLOTA - Creio que se trata de negócio pertencente à minha profissão.

LUÍSA - Ou outro qualquer, a senhora deve sabê-lo melhor do que eu!

CENA X

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*A Carlota*) - Doutora. Esperava-a ansiosamente. (*Cumprimentando secamente Luísa*)

CARLOTA - Se fui serôdia, ou para servir-me da linguagem vulgar, se não cheguei à hora estipulada, peço-lhe mil desculpas.

DR. PEREIRA (*Para Luísa que não deixou de olhar Carlota*) - Preciso conferenciar nesta sala com a minha advogada. (*Luísa sai olhando sempre Carlota e esconde-se atrás da cortina da porta do fundo à esquerda, conservando-se ali durante o diálogo*)

CENA XI

DOUTOR PEREIRA e CARLOTA

DR. PEREIRA - Sentemo-nos.

CARLOTA - Trata-se...

DR. PEREIRA - Do meu divórcio.

CARLOTA - Um divórcio!!

DR. PEREIRA - Em duas palavras, resumo-lhe a situação! Sou médico da ponta dos pés até a raiz dos cabelos: minha mulher é médica da raiz dos cabelos até a ponta dos pés. Viver, para mim, é clinicar, clinicar, para ela, é viver. Não podemos clinicar juntos, o que quer dizer que juntos não podemos viver. Diga-me agora o que a sua ciência do Direito pensa a respeito.

CARLOTA - *Difficilem rem postulasti*. O nosso Direito, eivado de arcaísmos, não cogitou propriamente da hipótese.

DR. PEREIRA - Se não cogitou, estamos aqui a perder tempo.

CARLOTA - Perdão; eu disse não cogitou propriamente; mas a toda a lei se interpreta...

DR. PEREIRA - Se torce, é o que quer dizer.

CARLOTA - *Scire leges non est verba carum tenere sed vim ac potestatem.* Para prosseguir na concatenação lógica das linhas de clinicar, originavam-se rixas ou doestos domésticos?

DR. PEREIRA - Constantes. E é por causa deles...

CARLOTA - Bem. Nestas rixas trocaram-se talvez verbos incandescentes que escoriavam pelo menos a epiderme do amor próprio de cada um.

DR. PEREIRA - O amor próprio e os interesses.

CARLOTA - O legislador assinalou apenas duas causas para o divórcio: adultério e sevícias. Há ainda uma causa que os canonistas chamam *impedimentos derimentes*, mas... está fora da questão.

DR. PEREIRA - Não posso alegar a primeira.

CARLOTA - Mas havemos de ganhar a demanda pela segunda. Pela segunda, sim, porque constituindo injúrias esses verbos incandescentes das rixas, o que são essas injúrias senão verdadeiras sevícias morais?... O seu caso é o que os canonistas cognominam no idioma vernáculo - incompatibilidade de caracteres.

DR. PEREIRA - Aconselha-me então...

CARLOTA - Que proponha a ação. E havemos de ganhá-la.

DR. PEREIRA - Bem. (*Levanta-se*)

CARLOTA - Que sucesso piramidal! Vai ver como vou aureolar de glória o meu nome. Hei de mostrar a esses miseráveis apedeutas o que há debaixo desta arcada craniana. (*Bate na testa*)

DR. PEREIRA - Decidido porém o divórcio, ficarei numa posição anômala.

CARLOTA - Anômala?

DR. PEREIRA - Quero dizer que não serei nem solteiro, nem casado, nem viúvo!

CARLOTA - Pode casar perfeitamente.

DR. PEREIRA - E a indissolubilidade do contrato?

CARLOTA (*Com indiferença*) - Desaparecerá... com uma simples mudança de religião.

DR. PEREIRA - Ah! (*Fica pensativo*)

CARLOTA - E uma vez desembaraçado, o meu amigo escolherá para esposa não outra médica; mas sim uma engenheira... uma advogada... *(Luísa tem um ímpeto de indignação, quer entrar em cena mas, arrepende-se, e esconde-se de novo)*

DR. PEREIRA - Então, Doutora, posso dar uma lição em minha mulher?

CARLOTA - Pode.

DR. PEREIRA - A que horas está amanhã no seu escritório?

CARLOTA - Amanhã é... Logo escrever-lhe-ei mandando dizer-lhe qual o dia e a hora em que deve procurar-me. *(Apertando-lhe a mão)* Adeus! *(Pereira aperta-lhe a mão e ela sai)*

CENA XII

DOCTOR PEREIRA e LUÍSA

LUÍSA *(Sofrendo a raiva)* - Esteve com a sua advogada?

DR. PEREIRA - Sim, senhora.

LUÍSA - Uma advogada é sempre preferível a um advogado.

DR. PEREIRA - As mulheres são mais inteligentes que os homens.

LUÍSA - Obrigada... pela parte que me toca!

DR. PEREIRA - Não há de quê!

LUÍSA - Sobretudo quando a advogada vem à casa do constituinte toda coquete, de rosa ao peito.

DR. PEREIRA - Isto então é ouro sobre azul.

LUÍSA - E que sem o menor pudor ou respeito para com o decoro do seu sexo, aconselha ao cliente que mude de religião. *(Pereira olha para ela admirado)* Ouvei tudo daquela porta. E só Deus sabe o esforço que fiz, a luta que travei comigo para não esbofetear essa mulher e pô-la fora desta casa que ainda é minha.

DR. PEREIRA - A senhora esquece-se de que na posição em que nos achamos...

LUÍSA - Ah! ela queria vê-lo livre e desembaraçado... Para isto bastavam duas coisas apenas, duas coisas insignificantes, na opinião daquela miserável, torcer a lei e renegar as crenças!

DR. PEREIRA - A minha resolução está tomada, minha senhora, não posso nem devo ouvi-la neste terreno. *(Sai)*

CENA XIII

LUÍSA, EULÁLIA e MARIA

(Luísa acompanha-o quase rompendo; detém-se e desce, caindo na cadeira à esquerda do sofá)

EULÁLIA - Um chamado para a senhora! Creio que é negócio urgente! O homem está lá embaixo. É um sujeito gordo, coitado! Muito esbaforido, quase que nem pode falar.

MARIA *(Entrando e vendo Luísa a soluçar)* - Minha filha! *(Abraçando-se ambas)*

LUÍSA - Ah! minha mãe! minha mãe! Sou uma desgraçada!

EULÁLIA - O que é isto, a menina está a chorar?

LUÍSA - Passa-se dentro de mim qualquer coisa de estranho, de anormal, que eu não sei explicar!

EULÁLIA - Isto é flato, senhora: vou lá dentro, enquanto o diabo esfrega um olho, fazer-lhe um chazito de capim limão. Esfregue-lhe os pulsos, patroa, esfregue-lhe os pulsos enquanto eu vou preparar-lhe o chá! Ai! Ai! Meu Deus, que desgraça! O que há de acontecer mais nesta casa. *(Sai)*

CENA XIV

MARIA e LUÍSA

LUÍSA *(Agitada)* - Meu marido tem uma advogada.

MARIA - A Carlota de Aguiar?

LUÍSA - Uma miserável, uma infame, uma mulher sem pudor.

MARIA *(Alegre)* - Bravo, minha filha!...

LUÍSA - Que lhe aconselha que se divorcie, que mude de religião, que se lhe ofereça até para substituir-me. Ouvi tudo daquela porta, minha mãe... Não sei como não morri. A minha cabeça estala! (*Senta-se à esquerda*)

CENA XV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando com o chá*) - Aqui está o chazito. Tome, patroa, enquanto está quente.

MARIA - Leva isto para dentro!

EULÁLIA - Tome o chá que é muito bom.

MARIA - Leva, já te disse... (*Eulália sai*)

CENA XVI

LUÍSA e MARIA PRAXEDES

LUÍSA - Eu imaginava que não pudesse haver neste mundo sofrimento mais terrível que a humilhação. Todos os golpes, porém, que me feriram a vaidade, são mil vezes mais ligeiros do que este que me fere diretamente aqui. (*Aponta o coração*) É o coração da mulher, minha mãe.

MARIA - Não é um músculo oco, como dizias, Luísa?!

LUÍSA - Não: há dentro dele sentimentos que eu fingia ignorar. Eu enlouqueço! Ai! minha cabeça! minha cabeça!

CENA XVII

AS MESMAS, DOUTOR PEREIRA e depois EULÁLIA

DR. PEREIRA (*De chapéu na mão para Luísa*) - Disse-me há pouco, minha senhora, que esta casa ainda era sua... Fique em paz nos seus domínios. Eu me retiro.

LUÍSA (*Tomando-lhe a frente*) - Há então outra mulher que pretende substituir-me?

EULÁLIA (*Entrando*) - Oh! patroa, que resposta devo dar ao homem que está lá todo esbaforido? Além deste chegaram mais dois com chamados urgentes.

LUÍSA (*Agitada*) - Manda-os embora, todos, entendes? Vai lá embaixo, arranca da porta da rua a placa que anuncia o meu nome. Já não sou a Doutora Luísa Pereira. Sou uma miserável mulher que não tem a dignidade precisa para repelir um homem que a repudia. Vai. (*Eulália sai*)

CENA XVIII

OS MESMOS, *menos* EULÁLIA e PRAXEDES

PRAXEDES (*Com uma carta*) - Deram-me esta carta da Doutora Carlota de Aguiar para entregar-lhe.

LUÍSA - Esta carta pertence-me. (*Arranca-lhe a carta e lê*) Espero-o amanhã no meu escritório à uma hora da tarde. Estarei só. (*Atirando a carta ao chão; a Pereira*) Saia, senhor... saia! (*Desata em pranto convulso e tem um ataque*)

DR. PEREIRA - Luísa! (*Segura-a e leva-a para o sofá*)

MARIA - Eulália! Eulália! (*A Manuel*) Vai ver qualquer coisa lá dentro depressa!

DR. PEREIRA - Não lhe dêem nada. Ela está no seu estado interessante. (*Ajoelha-se e beija-lhe a mão*)Luísa!

MARIA (*A Praxedes*) - Ouviste? Ah! Praxedes! que alegria! Estamos salvos! (*Segura-lhe o rosto e dá-lhe uma porção de beijos*)

CENA XIX

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando com a placa onde se lê o seguinte letreiro. Doutora Luísa Pereira, médica. Especialidade: Moléstias de senhoras e crianças*) - Aqui está a placa! (*Vendo Maria beijar o marido, puxa o avental e tapa a cara*) Oh! patroa!... Cruz! Credo!.

(*CAI O PANO*)

ATO QUARTO

Sala regularmente mobiliada. Ao lado um berço.

CENA I

LUÍSA e EULÁLIA

LUÍSA (*Ninando ao colo uma criança, cantarolando*) - Tu, tu, ru, tu, tu, ru!.

EULÁLIA - Deixe-me carregá-lo um pouquinho, a senhora deve estar cansada!

LUÍSA - Não sei o que ele tem hoje, está tão impertinente!

EULÁLIA (*Tirando a criança do colo de Luísa e carregando-a*) - Não é nada, patroa!.. . (*Olhando-a*) Como é bonitinho! Olhe, isto daqui para cima é a mãe, sem tirar nem pôr. (*Mostrando o nariz e a testa*) Daqui para baixo, é o pai, escarradinho, (*Mostrando a boca e o queixo*) e as mãozinhas então, Jesus! Nunca vi nada tão parecido.

LUÍSA - De quem são as mãos?...

EULÁLIA - Do avô, patroa. Até tem as unhas fêmeas como as dele.

LUÍSA - Neste andar acabarás por achá-lo parecido até com o meu defunto bisavô que nunca viste. (*Segurando no queixo da criança e fazendo-lhe festas*) Estão caçoando com você, não é, meu negrinho?

EULÁLIA - Olhe lá como ele ri!... Ai que gracinha!

CENA II

AS MESMAS e MARIA

MARIA - Dá cá, dá cá este ladrãozinho, que ainda não segurei nele hoje! (*Tira-o do colo de Eulália e carrega-o*)

LUÍSA Não o acha um pouco abatido, minha mãe?

MARIA - Qual, menina! Está tão coradinho!

EULÁLIA - A patroa permite que eu meta o meu bedelho onde não sou chamada?

LUÍSA - O que é?

EULÁLIA - Eu acho que dão banhos demais nesta criança!

MARIA - Querias então que ele não se lavasse?

EULÁLIA - Não, ora, mas é que esses banhos de corpo esfregado, zás, zás, que te zás, com uma esponja tiram muito a sustância duma pobre criatura. O que convém é um banho de sopapos.

LUÍSA - Mas que história é essa de banhos de sopapos?

EULÁLIA - Pois a patroa não sabe? Deita-se o pequenino dentro da bacia e a gente de longe, com a mão aberta, vai-lhe jogando água em cima. (*Imitando o barulho dágua*) Xoque! Xoque! Xoque!

LUÍSA - Tens cada lembrança.

EULÁLIA - Eu cá nunca tomei banhos senão de sopapos e olhe a senhora que tenho-me dado muito bem com eles!

CENA III

OS MESMOS e PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando e querendo tirar a criança*) - Vem para o colo de vovô, meu bem!

MARIA - Deixa-o aqui. Ele está tão bem!

PRAXEDES - Mas há dois dias que não lhe faço uma festinha.

MARIA (*Falando com a criança*) - Com quem você quer ir? Com o vovô ou com a vovó?

EULÁLIA - Está rindo outra vez! Olhe que gracinha!

PRAXEDES - Se está rindo é por que quer vir comigo. (*Tira-o e carrega-o*)

MARIA - És muito desajeitado! Não é assim que se carrega uma criança!

PRAXEDES - Então como é?! Quem é que carregava aquela quando era pequenina? (*Indica Luísa*)

EULÁLIA - Lá isso é verdade, senhora! O patrão sempre teve muito jeito para ninar a menina. Todas as vezes que a carregava ao colo ela principiava a berrar que era um Deus nos acuda!

PRAXEDES - O que é isto lá?

EULÁLIA - A verdade manda Deus que se diga, patrão. De uma feita ainda me lembro que até lhe arranhou o nariz!

PRAXEDES - Não é tal, tu é que foste sempre muito bruta!

LUÍSA - Oh! papai, cuidado que está quase a cair. Não o segure assim.

CENA IV

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Entrando*) - Venha cá, seu Luizinho... (*Tira a criança dos braços de Praxedes*) Ainda não tomou hoje a bênção a seu papai. Como passou?

PRAXEDES - Não se pode estar aqui dois minutos com o menino.

MARIA - É verdade! Vem um puxa, vem outro pega, vem outra segura.

EULÁLIA - É a alegria desta casa, patroa!

DR. PEREIRA - O pior, é que ele já começa a ficar manhoso.

MARIA - Coitadinho.

DR. PEREIRA - E quem lhe está pondo as manhas é a senhora! (*A Maria*) A senhora, sim! Por que é que ele quando está chorando no berço, cala a boca apenas o carregam ao colo? Por que é que quando está no colo chora e sossega logo que a pessoa que o está ninando começa a passear?

MARIA - Ora, isto é próprio de toda a criança!

DR. PEREIRA - Não é tal. E porque a senhora habituou-o a dormir no colo e passeando.

MARIA - São os avós que perdem sempre os netos.

LUÍSA - Neste ponto, minha mãe, o Pereira tem razão!

DR. PEREIRA - Hoje foi isto; amanhã há de ser outra coisa.

LUÍSA (*Tomando a criança do colo de Pereira*) - Deixa-me levá-lo para o berço!

MARIA (*Apontando para Luísa*) - Aquela que ali está foi educada por mim!

DR. PEREIRA - Aquela não era neta, era filha. É muito diferente.

MARIA - Quer dizer que agora sou sogra!

DR. PEREIRA - Não se zangue comigo, minha mamãezinha, mas creia que daria o mais solene cavaco se a senhora, carinhosa e desarrazoada, como são em geral todas as avós, começasse desde já a contrariar o programa da educação que imaginei para o meu rapaz.

PRAXEDES - Então tem um programa já feito?

DR. PEREIRA - Por que não?

PRAXEDES - Bravo! Bravo!... Muito bem! Eu também assim o entendo. De pequenino é que se torce o pepino. Olhe, se eu não me metesse, é verdade que já foi um pouco tarde, na educação de Luísa...

MARIA - Cala a boca, cala a boca, que é melhor!

EULÁLIA (*Ao lado de Luísa, junto ao berço*) - Não acha que a cabecinha dele está um pouco alta? coitadito, é capaz de ficar com o pescoço torto. (*Endireita o travesseiro*)

DR. PEREIRA - Enfim o meu programa é fazer deste rapaz um verdadeiro homem.

PRAXEDES - Foi o que eu fiz com a Luísa.

MARIA - Lá isso é verdade. Felizmente porém, a Divina Providência meteu-se no meio e ela hoje é uma mulher.

DR. PEREIRA - Veja se tenho ou não razão. A senhora começa a habituá-lo agora a dormir no calor do colo, mais tarde quando ele quiser saltar, pular, desenvolver-se, cumprir enfim as justas reclamações da natureza, há de dizer: - menino, fica quieto, menino, passa para aqui, há de amarrá-lo ao pé da mesa, prendê-lo na sala de costura. E não satisfeita com isto, incutir-lhe-á o medo do papão do quarto escuro, do pobre cego, do saci, do zumbi!... A criança educada nesta escola, onde, infelizmente, aliás, se tem formadomuita gente, acabará por tomar-se um verdadeiro poltrão. Não quero isto. Meu filho há de ser um homem; mas um homem no rigor da palavra, preparado para as lutas físicas e morais da vida.

PRAXEDES - Sim, senhor!

EULÁLIA - Parece-me que ele quer mamar, senhora.

LUÍSA (*Tirando-o do berço*) - Vamos dar um passeio. (*Vai saindo com Eulália*)

DR. PEREIRA - Até logo.

LUÍSA - Vais sair já?

DR. PEREIRA - Tenho dois doentes na vizinhança!

LUÍSA (*Falando para o menino*) - Dá um beijinho em papai!

DR. PEREIRA (*Beijando-o*) - Adeus seu Luís, veja lá como se porta.

LUÍSA (*Falando pelo menino*) - Deixe estar, papai, que eu hei de portar-me muito bem. Eu já sou um homem de juízo. (*Pereira sai*)

EULÁLIA (*Acompanhando Luísa, que vai a sair*) - Olhe como ele abre a boca! Está-se espreguiçando, coitadinho. (*Saem*)

CENA V

MARIA e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES - Deves estar contente. Já és sogra!

MARIA - Contentíssima!

PRAXEDES - Mas vamos a saber de uma coisa, e isto para mim é o mais importante: Luísa deixou definitivamente a clínica?

MARIA - Ainda o duvidas?

PRAXEDES - Pois então por um mero capricho, por uma fantasia, por uma caraminhola que se encaixou na cabeça, ela atira sem mais nem menos pela janela fora o seu futuro?

MARIA - Que futuro?

PRAXEDES - Ora que futuro! O futuro dela. Está visto que não há de ser o teu nem o meu.

MARIA - Mas o futuro dela é o presente que estamos vendo.

PRAXEDES - Carregar o filho e dar-lhe de mamar?...

MARIA - Sim.

PRAXEDES - Mas, para amamentar uma criança não era preciso cursar seis anos uma Academia. Se eu a tivesse destinado para isso, tinha dado outra orientação à sua vida.

MARIA - Que queres? As leis da natureza são mais fortes que a vontade dos reformadores.

PRAXEDES - Não! Isto não pode continuar assim. A menina tinha uma carreira brilhante diante de si. O seu nome principiava a ser conhecido, a clínica aumentava de dia para dia, e com ela o interesse do casal...

MARIA - O que pretendes fazer?

PRAXEDES - O que pretendo fazer?

MARIA - Sim.

PRAXEDES - Vou ter uma conferência com Luísa.

MARIA - Para quê?

PRAXEDES - Para dizer-lhe que não seja tola, que mande recolocar a placa na porta da rua e continue a clinicar, porque este é o seu meio de vida.

MARIA - E quem dá de mamar ao filho, ao teu neto, pelo qual és um verdadeiro babão?

PRAXEDES - Ora, mulher, pois faltam por aí amas-de-leite para o netinho?

MARIA - E achas isso natural? Olha, meu amigo, se a galinocultura, com todos os seus galos vigilantes e procriadores não é bastante para satisfazer a tua atividade, trata de arranjar outra empresa. Há tanta coisa por aí. Um elevador para o Pão de Açúcar por exemplo, um túnel submarino para a Praia Grande, um restaurante no Bico do Papagaio, uma nova fábrica de papel, se quiseres... Mas pelo amor de Deus, deixa em paz a vida de Luísa.

PRAXEDES - Paz! Paz! A vida é a luta, senhora. E o que a senhora chama de paz, não é paz!

MARIA. - O que é então?

PRAXEDES - É pasmaceira. Não posso nem devo consentir que a Doutora Luísa Pereira, ou antes, que a Doutora Luísa Praxedes, como é conhecida, sacrifique a posição brilhante que já tinha conquistado.

MARIA - Aos deveres... de mãe!

PRAXEDES - Ai vem a senhora com a cantilena de todos os dias; os deveres de mãe... Pois ela não pode ser mãe e médica ao mesmo tempo? Não quer chamar uma ama, quer dar de mamar ao pequeno. .. Pois que dê a de mamar e clinique... uma coisa não impede a outra...

MARIA - Com esta lógica prática...

PRAXEDES - E além disso sendo a especialidade dela moléstias de crianças, nada mais natural do que ser chamada para a clínica daquelas enfermidades a médica que tem filhos. Pelo menos está mais experimentada.

MARIA - Queres então fazer reviver nesta casa as lutas de outrora! Há um ano, pouco mais ou menos, quando me disseste: - se eles tivessem um filho, não entrava em tua mente o sonho de felicidade que presenciamos? O que sonhavas então?

PRAXEDES - Não sonhava coisa alguma; não tenho por hábito sonhar. Desejei-lhe um filho, porque sempre ouvi dizer que os filhos apertam mais os laços conjugais. Mas o que eu nunca podia prever, é que ele desse este resultado. Isto não está direito.

CENA VI

OS MESMOS e LUÍSA (*Carregando o filho*)

PRAXEDES - Não largas esse menino?

LUÍSA - Estou muito aflita, papai. Coitadinho! Esteve lá dentro a chorar, tão inquieto. Veja se ele tem febre!

PRAXEDES - A mim é que tu o perguntas?

LUÍSA - Veja, mamãe: a Eulália disse-me que o pulso estava regular.

PRAXEDES - Pois também foste consultar a Eulália! Ora, louvado seja Deus!!!

CENA VII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando com um pires na mão*) - Cá está, patroa, cá está. Isto não é nada: o que o pequeno tem é uma dor de barriga.

MARIA - O que é que trazes aí no pires?

EULÁLIA - Algodão queimado com óleo de amêndoas doces, senhora! É um santo remédio. Chimpa-se isto no umbigo da criança e não há dor de barriga que lhe resista.

LUÍSA - Vamos, Eulália, vamos!

EULÁLIA - O melhor é levá-lo para o berço! (*Luísa leva a criança para o berço*)

MARIA (*Baixo a Praxedes*) - Vai ali junto àquele berço e se és capaz convence a tua doutora de todas essas belas teorias que pregaste há pouco. Anda, vai, meu reformador!

PRAXEDES - Parece incrível!

LUÍSA - Dir-se-ia que está mais aliviadinho.

EULÁLIA (*Aplicando o curativo*) Ora, ora! Daqui a pouco está a dormir que é um gosto. É santo remédio, senhora! Quisera de contos de réis às vezes que fomentei o umbigo da menina com isto. Uma ocasião ainda me lembro.

LUÍSA - Não faças barulho, ele está dormindo!

PRAXEDES (*Consigo*) - Contado não se acredita!

LUÍSA - Psiu! Papai! Pode acordá-lo... (*A Maria, dirigindo-se para a esquerda*) Não faça barulho, mamãe! (*Maria sai nas pontas dos pés pela esquerda. Praxedes senta-se pensativo. Eulália e Luísa embalam o berço*)

CENA VIII

LUÍSA, EULÁLIA, PRAXEDES e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA - Acabo de estar neste instante com o Doutor Martins.

PRAXEDES - Ia com a senhora, a Carlota de Aguiar?

DR. PEREIRA - Com a senhora e uma ama toda cheia de fitas e carregando o primeiro bebê.

LUÍSA - Já tem um filho a Carlota?

DR. PEREIRA - Ora que admiração! Estão casados há um ano e tanto.

LUÍSA - E rapaz, ou menina?

DR. PEREIRA - Uma menina e muito bonitinha. Quando me lembro que tiveste ciúmes... *(Luísa baixa a cabeça)* Confessa, vamos lá, que foste uma grande tolinha.

LUÍSA - Ainda está muito pedante?

DR. PEREIRA - A mesma coisa.

PRAXEDES - Era uma rapariga inteligente.

DR. PEREIRA - Viva...

PRAXEDES - E creio que abandonou o foro, porque há muito tempo não lhe tenho visto o nome nos jornais.

DR. PEREIRA - Vive para a sua Luisinha. Ah! a pequena chama-se Luísa, é tua xará.

LUÍSA - E o nosso, Luís.

DR. PEREIRA - É verdade, que coincidência!

PRAXEDES *(Pensando)* - Então abandonou tudo?

DR. PEREIRA - Tudo. O marido foi nomeado Presidente para o Amazonas.

PRAXEDES - O Doutor Martins mandou-me participação de casamento. Eu e minha mulher não o fomos visitar... Também depois das cenas que se deram...

DR. PEREIRA - Comuniquei que estávamos morando juntos. Mostrou grande desejo de ver-nos. "Por que não vai até lá em casa" disse-lhe eu. "Ora, não sei!" balbuciou. Afinal, disse-lhe a mulher: "Vamos, mas há de ser hoje, porque partimos amanhã." Daqui a pouco, portanto, devem estar aí. Fiz bem ou mal?

LUÍSA - Fizeste bem.

DR. PEREIRA - És um anjo! *(Tocam a campainha fora. A Eulália)* Vê quem toca.

LUÍSA *(Mostrando o pequeno a Pereira)* - Olha como está gordinho... Vou pôr-lhe ao pescoço duas figas.

DR. PEREIRA (*Rindo*) - Para livrá-lo do mau olhado?! Pois acreditas também nisso?!

LUÍSA - Não sei!

DR. PEREIRA (*Rindo*) - Aposto que acreditas!

LUÍSA - Acredito. (*Esconde o rosto no peito de Pereira*)

DR. PEREIRA - Tolinha. (*Saem os dois*)

CENA IX

MANUEL e EULÁLIA

Manuel fica pensativo por instantes; depois levanta-se, vai ao berço e embala a criança.

EULÁLIA (*Entrando*) - Um chamado para a patroa.

PRAXEDES (*Levantando-se*) - Para Luísa?

EULÁLIA - Sim, senhor...

PRAXEDES - Vai já avisá-la.

EULÁLIA - Avisá-la? Nessa não caio eu!

PRAXEDES - Vai avisá-la, já te disse.

EULÁLIA - Quem eu vou chamar é o patrão, esse sim.

PRAXEDES - Mas o doente é para ela ou para ele?

EULÁLIA - Agora não há aqui mais para ela, nem para ele! E admira-me bastante que o patrão morando nesta casa ainda não saiba que a menina abandonou de uma vez todos os doentes.

PRAXEDES - De uma vez não. Ficou assentado, logo que ela se sentiu no seu estado interessante, que deixaria a clínica por algum tempo.

EULÁLIA - Pois deixou para sempre, senhor! O único doente que ela tem agora é estezinho. (*Aponta para o berço*) E creia que este dá-lhe mais que fazer que todos os outros juntos.

CENA X

OS MESMOS e LUÍSA

PRAXEDES - Se o chamado é para Luísa, não tens o direito de pregar uma mentira.

EULÁLIA - Mas eu não minto, senhor, nunca menti. Menos essa!

LUÍSA (*Que tem entrado e está junto ao berço*) - O que é isto, Eulália?

EULÁLIA - E o senhor que está aqui a dizer que eu minto. A senhora algum dia apanhou-me em mentira?

LUÍSA - Mas o que foi?

PRAXEDES - Nada mais, nada menos, que um chamado para ti.

LUÍSA - Para mim?

EULÁLIA - Sim, senhora!

LUÍSA - Então vai já avisar meu marido!

EULÁLIA - Era o que eu ia fazer. Mas o patrão pôs-se aqui com uma lenga-lenga muito grande, e sem mais nem menos, zás! chimpa-me na bochecha: - Você é uma mentirosa! Ora, senhora, isto dói, é preciso confessar que dói muito, sim, porque, no fim de contas por mais baixa que seja uma pobre criatura de Deus...

LUÍSA - Está bem, vai chamar meu marido.

EULÁLIA - Se eu já tivesse sido apanhada em mentira.

LUÍSA - Tens razão.

EULÁLIA - Eu sou uma mulher honrada.

LUÍSA - Sim, sim.

EULÁLIA - Fique a patroa sabendo que no Porto rejeitei propostas muito vantajosas e não era cá meia dúzia de melquatrefes. Eram viscondes e barões, sujeitos apatacados. Se quisesse escorregar, senhora, podia estar hoje muito bem!

LUÍSA - Já sei, já sei, Eulália.

EULÁLIA - As injustiças doem.

LUÍSA - Sim, sim, sim; mas vai chamar teu amo! (*Eulália sai resmungando*)

CENA XI

LUÍSA e MANUEL PRAXEDES

LUÍSA - Coitada! É uma boa alma! E ultimamente tem sido tão carinhosa para meu filho!

PRAXEDES - Ora! Até dá-lhe remédios!

LUÍSA - É verdade!

PRAXEDES - O que me admira é que os aceites.

LUÍSA - E por que não?

PRAXEDES - Não valia a pena surrar durante 6 anos os bancos de uma Academia e encetar brilhantemente a clínica, afrontando estúpidos preconceitos sociais para chegar a este triste resultado!

LUÍSA - Triste resultado?

PRAXEDES - Sim. Queres nada de mais triste, para uma mulher em tuas condições! que papel representas hoje?

LUÍSA - O único, meu pai, que pode e deve representar uma mulher.

PRAXEDES - Então o juramento que prestaste no dia do teu grau de socorrer todos aqueles que te viessem bater à porta.

LUÍSA - Meu pai: dizem que o cérebro da mulher é fraco. Pois bem, por um sentimento de vaidade, que dizem também ser inato em nosso sexo, eu enchi esse cérebro de tudo quanto a ciência pode ter de mais grandioso e mais útil. Percorri com coragem inaudita toda a escala do saber humano na minha especialidade. Calquei ódios e vaidades dos colegas, ergui a cabeça, sem corar, acima desses preconceitos sociais de que falou há pouco e que eu também considerava estúpidos! Venci. Entrei na sociedade triunfante com o meu título. O prestígio que se formou em tomo do meu nome fez-me esquecer de que era uma mulher... A glória atordoava-me... Dentro de mim sentia, porém, qualquer coisa de vago, de estranho, que não sabia explicar! Eu que muitas vezes no anfiteatro havia apalpado o coração humano, que o tinha dissecado fibra por

fibra, que pretendia conhecer-lhe a fundo a fisiologia! Desconhecia entretanto, o sentimento mais sublime que enche todo esse órgão. Tudo quanto aprendi nos livros, tudo quanto a ciência podia dar-me de conforto, não vale o poema sublime do amor que se encerra neste pequeno berço!

PRAXEDES - Então esta criança...

LUÍSA - É bastante, meu pai, para encher toda a minha alma.

PRAXEDES - Mas minha filha, já não te falo em glórias, no prestígio do teu nome, nos compromissos que tomaste para com a sociedade, olha um pouco para os teus interesses, que não podes desprezar, por amor mesmo deste que aqui está (*Aponta o berço*) e diz-me com toda a franqueza: é justo que abandones por um falso ponto de vista, a missão sublime que tinhas no teu casal, cooperando honestamente para a formação e o aumento do pecúlio dele?

LUÍSA - O pecúlio do casal, pelas leis naturais, meu pai, compete ao marido.

PRAXEDES - Então abandonas todos os teus direitos, todas as tuas obrigações, todos os teus deveres?

LUÍSA - Tudo; exceto a felicidade de criar e educar meu filho.

CENA XII

OS MESMOS *e* o DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Dirigindo-se ao berço*) - Este maganão ainda está dormindo?

LUÍSA - Ainda. Não o acordes. Recebeste um chamado?

DR. PEREIRA - Já vou. E para o Luís Maria, o dispéptico mais maçante que tenho na minha clínica!

CENA XIII

OS MESMOS *e* EULÁLIA

EULÁLIA - Oh! patroa, sabe quem está aí? Aposto que não adivinha.

LUÍSA - Quem é?

DR. PEREIRA - É o Martins com a mulher.

EULÁLIA - É verdade. A senhora não imagina como está engraçada a ama da menina. Tem uma touca deste tamanho, (*Indica*) com duas fitas enormes que arrastam até o chão. Mando-os entrar para aqui mesmo?

DR. PEREIRA - Sim. (*Eulália sai*)

LUÍSA (*Para Pereira*) - Aposto em como a filhinha dele não é mais bonita que o nosso Luís.

DR. PEREIRA - Vaidosa!

CENA XIV

OS MESMOS, MARTINS, CARLOTA e a ama. (*Com uma criança*)

MARTINS (*Apertando a mão de Pereira*) - Já vês que cumpri-mos a nossa palavra!

DR. PEREIRA - E que eu os recebo como amigos antigos, sem a menor cerimônia nesta sala onde Luísa passa os dias a namorar o seu bebê.

CARLOTA - Quero vê-lo! Quero vê-lo! (*Luísa leva-a ao berço*)

LUÍSA - Está acordado, felizmente. (*Tira-o do berço e entrega-o a Carlota*)

CARLOTA (*Com a criança ao colo*) - E um querubim rafaelesco! Como está gordo e anafado! Dir-se-ia uma rósea aurora de maio!

DR. PEREIRA - Gosta muito de crianças?

CARLOTA - Adoro-as! (*Mostra a Martins*) Olha, meu Lacinho.

PRAXEDES - Seu Lacinho?

MARTINS - E o poético diminutivo por que sou hoje conhecido em casa.

LUÍSA - Deixe-me ver agora a sua. Já sei que é uma menina.

CARLOTA - É verdade.

LUÍSA (*Tirando a criança do colo da ama*) - Oh! É muito bonitinha!

MARTINS - Sai ao pai!

CARLOTA - Tem paciência, meu Lacinho, mas todos dizem que ela é sem tirar nem pôr a minha efígie.

LUÍSA (*Mostrando a Pereira*) - Olha!

DR. PEREIRA - É muito galante!...

LUÍSA (*A Carlota*) - E a senhora que a está amamentando?

CARLOTA - Sim, e a senhora também cria o seu?

LUÍSA - Também!

CARLOTA - Coitadinha! A minha veio chorando tanto no bonde. Creio que tem fome. Se me permitisse...

LUÍSA - Que lhe dê de mamar? Pois não! Vou fazer o mesmo ao meu. (*Trocam as crianças: Luísa senta-se de um lado e dá de mamar ao filho; Carlota faz o mesmo do outro lado*)

PRAXEDES (*A Carlota*) - Então o foro, a candidatura, a Deputação Geral pela corte, os projetos grandiosos da reforma da nossa legislação...

CARLOTA - Chi!... Está toda molhada! (*Para a ama*) Vê aí um cueiro. (*A ama tira um cueiro que deve trazer dentro de uma cesta e entrega-o a Carlota que vai pô-lo na criança, entregando o molhado à ama*)

MARTINS (*A Praxedes*) - Quer resposta mais eloqüente? O senhor pergunta-lhe pelos sonhos de ontem, ela responde-lhe com o cueiro da sua Luisinha.

PRAXEDES - Afinal tudo isto acabou em cueiros!

CENA XV

OS MESMOS, MARIA e EULÁLIA

MARIA - Bravo! Bravo! As duas doutoras amamentando os filhinhos! (*Para Carlota que quer levantar-se para falar-lhe*) Não se incomode. (*A Martins*) Dê-me um abraço. (*Martins abraça-a*) É, na realidade, feliz!

EULÁLIA (*Entrando*) - Ele não quer mamar, senhora! Eu o carrego! (*Toma do colo de Luísa a criança*)

MARIA (*A Praxedes*) - Olha, meu amigo, em que deu o teu programa filosófico, político, moral e social, a tua evolução do futuro.

PRAXEDES - Sim, mas não perdi de todo o meu latim. *(Tomando a criança e mostrando-a a todos)* Aqui está um médico de raça! *(Dá-lhe muitos beijos)*

EULÁLIA - De raça! Ai que reinação! Ah! Ah! Ah!

(CAI O PANO)

CAIU O MINISTÉRIO!

COMÉDIA ORIGINAL DE COSTUMES EM TRÊS ATOS

PERSONAGENS

Um vendedor de bilhetes de loteria

Primeiro vendedor de jornais

Segundo idem

Terceiro idem

Quarto idem

DR. RAUL MONTEIRO

ERNESTO

GOULARTE

PEREIRA

DESEMBARGADOR ANASTÁCIO FLORINDO FRANCISCO COELHO

BARBARA COELHO, sua mulher

MARIQUINHAS, sua filha

FELICIANINHA

FILOMENA

BEATRIZ

FILIFE FLECHA

MR. JAMES

CONSELHEIRO FELÍCIO DE BRITO, presidente do Conselho

MINISTRO DA GUERRA

MINISTRO DO IMPÉRIO

MINISTRO DE ESTRANGEIROS

MINISTRO DA JUSTIÇA

DR. MONTEIRINHO, *ministro da marinha*

SENADOR FELIZARDO

PEREIRA

INÁCIO

ARRUDA

RIBEIRO

AZAMBUJA

ATO PRIMEIRO

O teatro representa parte da rua do Ouvidor. Ao fundo a redação do Globo, a casa imediata, a confeitaria do Castelões e o armarinho vizinho. O interior destes estabelecimentos deve ser visto pelos espectadores. Ao subir o pano a escada que comunica o pavimento inferior do escritório do Globo com o superior

deve estar ocupada por muitos meninos, vendedores de gazetas; algumas pessoas bem vestidas conversam junto ao balcão. Em casa do Castelões muita gente conversa e come. No armarinho grupos de moças, encostadas ao balcão, conversam e escolhem fazendas. Grande movimento na rua.

CENA I

Um vendedor de bilhetes de loteria, 1º, 2º, 3º e 4º VENDEDORES DE JORNAIS, DOUTOR RAUL MONTEIRO e ERNESTO

VENDEDOR DE BILHETES - Quem quer os duzentos contos? Os duzentos contos do Ipiranga!

1º VENDEDOR DE JORNAIS - *A Gazeta da Tarde*, trazendo a queda do ministério, a lista da loteria, também trazendo a crônica parlamentar.

2º VENDEDOR - *A Gazeta de Notícias*. Traz a carta do Doutor Seabra.

3º VENDEDOR - *A Gazetinha*.

4º- VENDEDOR - *A Espada de Dâmocles*, trazendo o grande escândalo da Câmara dos Deputados, a história do ministério, o movimento do porto, e também trazendo o assassinato da rua do Senado.

3º VENDEDOR - *A Gazetinha* e o *Cruzeiro*.

RAUL MONTEIRO (*Que deve estar parado à porta do Globo a ler os telegramas; voltando-se e vendo Ernesto, que sai do Castelões*) - Oh! Ernesto, como vais?

ERNESTO - Bem. E tu?

RAUL - Então? Nada ainda?

ERNESTO - Ouvi dizer agora mesmo no Bernardo que foi chamado para organizar o ministério o Faria Soares.

RAUL - Ora! Ora! O Soares partiu ontem com a família para Teresópolis.

ERNESTO - É verdade; porém disseram-me que ontem mesmo recebeu o telegrama e que desce hoje. Aí vem o Goularte.

RAUL - Homem, o Goularte deve estar bem informado.

CENA II

OS MESMOS e GOULARTE

RAUL - Oh! Goularte, quem foi o chamado?

GOULARTE - O Silveira d'Assunção.

RAUL - O que estás dizendo?

GOULARTE - A pura verdade.

ERNESTO - Com os diabos! Por esta não esperava eu. Estou aqui, estou demitido.

RAUL - Mas isto é de fonte pura?

GOULARTE - E até já está organizado o ministério.

RAUL - Quem ficou na Fazenda?

GOULARTE - O Rocha.

RAUL - E na Justiça?

GOULARTE - O Brandão. Para a Guerra entrou o Felício; para a Agricultura o Barão de Botafogo.

ERNESTO - O Barão de Botafogo?

GOULARTE - Sim, pois não o conheces! É o Ladislau Medeiros.

ERNESTO - Ah! já sei.

GOULARTE - Para Estrangeiros o Visconde de Pedregulho; para a pasta do Império o Serzedelo.

RAUL - Misericórdia!

GOULARTE - E para a Marinha o Lucas Viriato.

RAUL - Lucas Viriato?! Quem é?

ERNESTO - Não o conheço.

GOULARTE - Eu também nunca o vi mais gordo, mas dizem que é um sujeito muito inteligente.

CENA III

OS MESMOS e COMENDADOR PEREIRA

PEREIRA - Bom dia, meu senhores. *(Aperta-lhes as mãos)*

RAUL - Ora viva, Senhor Comendador.

PEREIRA - Então, já sabem?

RAUL - Acabamos de saber agora mesmo. O presidente do Conselho é o Silveira d'Assunção.

PEREIRA - Não há tal, foi chamado, é verdade, mas não aceitou.

GOULARTE - Mas, Senhor Comendador, eu sei...

PEREIRA - Também eu sei que o homem esteve cinco horas em São Cristóvão, e que de lá saiu à meia-noite, sem se haver decidido coisa alguma.

RAUL *(Vendo Anastácio entrar pela direita)* - Ora aí está quem nos vai dar notícias frescas.

ERNESTO - Quem é?

RAUL - O Conselheiro Anastácio, que ali vem. *(Seguem para a direita, e formam um grupo)*

GOULARTE - Chama-o.

CENA IV

OS MESMOS, ANASTÁCIO e vendedores

VENDEDOR DE BILHETES *(Que juntamente com os outros tem passado pela rua, vendendo ao povo os objetos que apregoam durante as cenas anteriores)* - Quem quer os duzentos contos do Ipiranga!

1º VENDEDOR - A *Gazeta da Tarde*, a 40 réis.

2º VENDEDOR - A *Gazeta de Notícias*.

3º VENDEDOR - A *Gazetinha*. Traz a queda do ministério. *(Saem os vendedores)*

RAUL - Senhor Conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?

ANASTÁCIO - Pois ainda não sabem?

GOULARTE - São tantas as versões,..

ANASTÁCIO - Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. *(Tira um papelinho do bolso; todos preparam-se para ouvi-lo com atenção)* Presidente do Conselho, Visconde da Pedra Funda; ministro do Império, André Gonzaga.

GOULARTE - Bem bom, bem bom.

ANASTÁCIO - Da Marinha, Bento Antônio de Campos.

RAUL - Não conheço.

ERNESTO - Nem eu.

GOULARTE - Nem eu.

PEREIRA - Nem eu.

ANASTÁCIO - Eu também não sei quem seja. Ouvi dizer que é um sujeito dos sertões de Minas.

RAUL - E por conseguinte muito entendido em coisas de mar.

ANASTÁCIO - Ministro da Fazenda, o Barão do Bico do Papagaio.

RAUL - Para a Fazenda?!

ANASTÁCIO - Sim, senhor.

RAUL - Porém este homem nunca deu provas de si. É pouco conhecido... Nas circunstâncias em que se acha o país.

GOULARTE Não diga isto, e aquele à parte que ele deu ao Ramiro... Lembra-se, Senhor Conselheiro?

ANASTÁCIO - Não.

GOULARTE - Um à parte dado na questão do Xingu.

RAUL - Era melhor que o tivessem deixado à parte. Vamos adiante.

ANASTÁCIO - Ministro da Guerra, Antônio Horta.

ERNESTO - Magnífico!

RAUL - Qual magnífico.

ANASTÁCIO - Da Agricultura, João Cesário, e fica na pasta dos Estrangeiros o presidente do Conselho.

RAUL - Lá estão pondo um telegrama na porta do *Globo*. Vamos ver o que é. (*Dirigem-se à porta do Globo, ao redor da qual reúnem-se todos que estão em cena, e depois retiram-se. Ernesto entra no Globo*)

CENA V

DONA BÁRBARA COELHO e MARIQUINHAS

DONA BÁRBARA (*Entrando com Mariquinhas pela esquerda*) - Que maçada. Se eu soubesse que esta maldita rua estava hoje neste estado, não tinha saído de casa.

MARIQUINHAS - Pois olhe, mamãe; é assim que eu gosto da rua do Ouvidor.

DONA BÁRBARA - Tomara eu já que se organize o ministério, só para assim ver se teu pai sossega. Encasquetou-se-lhe na cabeça que há de ser por força ministro.

MARIQUINHAS - E por que não, mamãe? Os outros são melhores do que ele?!

DONA BÁRBARA - E vive há três dias encerrado em casa, como um verdadeiro maluco. Por mais que lhe diga - seu Chico, vá para a Câmara, contente-se em ser deputado, que não é pouco, e o homem a dar-lhe. Já quando caiu o outro ministério foi a mesma coisa. Passa o dia inteiro a passear de um lado para o outro; assim que ouve o ruído de um carro, ou o tropel de cavalos corre para a janela, espreita pelas frestas da veneziana, e começa a dizer-me todo trêmulo: - E agora, é agora, Barbinha, mandaram-me chamar. De cinco em cinco minutos pergunta ao criado: - Não há alguma carta para mim? Que aflição de homem, Santo Deus! Aquilo já é moléstia! Parece que se ele não sair ministro desta vez, arrebenta!

MARIQUINHAS - Faz papai muito bem. Se eu fosse homem também havia de querer governar.

DONA BÁRBARA - Pois eu se fosse homem acabava com câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos e reformava este país.

CENA VI

AS MESMAS e FELICIANINHA

MARIQUINHAS - Gentes, Dona Felicianinha por aqui!

FELICIANINHA (*Com embrulhos*) - É verdade. Como está, Dona Bárbara? (*Aperta a mão de Bárbara e de Mariquinhas e beijam-se*)

MARIQUINHAS - Como vai a Bibi? A Fifina está boa? Há muito tempo que não vejo a Cocota.

FELICIANINHA - Todos bons. Eu é que não tenho andado muito boa. Só a necessidade me faria sair hoje de casa.

DONA BÁRBARA - É o mesmo que me acontece.

FELICIANINHA - Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha...

MARIQUINHAS - Nós também estivemos no Godinho. Não viu a Filomena Brito com a filha?

FELICIANINHA - Vi, por sinal que tanto uma como a outra estavam caídas que era um Deus nos acuda.

DONA BÁRBARA - Andam constantemente assim. E a sirigaita da filha a estropiar palavras em francês, inglês, alemão e italiano, para mostrar aos circunstantes que já esteve na Europa.

FELICIANINHA - Eu acho uma coisa tão ridícula! E o que quer dizer vestir-se a mãe igual à filha!

DONA BÁRBARA - E moda cá da na terra. Andam as velhas por aí todas pintadas, frisadas, esticadas e arrebicadas, à espera dos rapazes pelas portas dos armarinhos e das confeitarias. Cruz, credo, Santa Bárbara! Só se benzendo a gente com a mão canhota. Olhe, lá em Minas nunca vi disto e estou com cinqüenta anos!

CENA VII

DONA BÁRBARA, MARIQUINHAS, FELICIANINHA, FILOMENA e BEATRIZ

MARIQUINHAS - Lá vem a Filomena com a filha.

DONA BÁRBARA - Olhem só que sirigaitas!

FILOMENA (*Saindo com Beatriz do armarinho do fundo*) - Como está, Dona Bárbara? (*Cumprimentam-se todas, beijando-se*)

DONA BÁRBARA - Como está, minha amiga?

MARIQUINHAS (*Para Beatriz*) - Sempre bonita e interessante.

DONA BÁRBARA (*Para Filomena*) - E a senhora cada vez mais moça.

FILOMENA - São os seus olhos.

FELICIANINHA (*Para Beatriz*) - Como tem passado?

BEATRIZ - Assim, assim. *Çá vá doucement*, ou como dizem os alemães: *so, so*.

DONA BÁRBARA (*Baixo a Mariquinhas*) - Começa ela com a algaravia.

BEATRIZ - Não tive o prazer de vê-la no último baile do Cassino. Esteve *ravissant, esplendide*. O *high-lifed* Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possui de mais *recherché*. O salão iluminado *a giorno*, e a *last fashion* exibia os seus mais belos esplendores. *Prachtvoll, ausgezeichnet*, como dizem os alemães.

DONA BARBÁRA (*Baixo a Mariquinhas*) - Olha só para aquilo. *Ausgetz...* Parece que tem um pedaço de cará fervendo na boca.

FILOMENA - A Beatriz causou sensação. Não leram a descrição da sua *toilette*?

DONA BÁRBARA - Ouvi dizer alguma coisa a respeito.

FILOMENA - Pois saiu em todos os jornais, no *Globo*, na *Gazetinha*, na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Notícias...*

BEATRIZ - O corpinho estava *come ci, come cá*. A saia é que estava *ravissant!* Era toda *bouilloné*, com *fitasveill'or* e inteiramente curta.

FELICIANINHA - Vestido curto para baile?

BEATRIZ - É a última moda.

MARIQUINHAS - Onde mandou fazê-lo?

FILOMENA - Veio da Europa.

BEATRIZ - E foi feito pelo Worth.

DONA BÁRBARA (*Baixo a Mariquinhas*) - Com toda a certeza foi feito em casa, com aviamentos comprados em algum armarinho muito cangueiro.

FILOMENA - Mas não vale a pena mandar vir vestidos da Europa. Chegam por um dinheirão, e aqui não apreciam essas coisas.

BEATRIZ - O que aqui apreciam é muita fita, muitas cores espantadas... enfim, *tout ce qu'il y a de camelote*.

FELICIANINHA - Não é tanto assim.

BEATRIZ - Agora mesmo acabamos de encontrar com as filhas do Trancoso, vestidas de um modo...

FILOMENA - É verdade, vinham muito ridículas.

BEATRIZ - Escorridas, coitadas, que pareciam um chapéu de sol fechado. *Sapristi!*

FILOMENA - E onde é que foi a mulher do Seabra buscar aquele vestido branco todo cheio de fofinhos e crespinhos!

BEATRIZ - Parecia que estava vestida de tripas. *C'est incroyable*.

DONA BÁRBARA - Deixe estar que na Europa também se há de ver muita coisa ridícula. Não é só aqui que...

BEATRIZ - Disto lá nunca vi; pelo menos em Paris.

DONA BÁRBARA (*Á parte*) - Desfrutável! (*Para Mariquinhas, alto*) Menina, vamos embora, que já é tarde.

MARIQUINHAS - Adeus, Dona Beatriz.

BEATRIZ - *Addio. (Beijam-se todas reciprocamente)*

FILOMENA (*Para Dona Bárbara*) - Apareça; sabe que sou, fui e serei sempre sua amiga.

DONA BÁRBARA - Da mesma forma. E se assim não fosse também dizia-lhe logo; eu cá sou muito franca.

FILOMENA - É por isso é que a estimo e considero. (*Saem Dona Bárbara, Mariquinhas e Felicianinha*)

CENA VIII

BEATRIZ e FILOMENA

BEATRIZ (*Vendo Mariquinhas*) - Olhe só como vai aquele chapéu especado no alto da cabeça.

FILOMENA - E a mãe cada vez se veste pior. Não parece que já tem vindo ao Rio. Viste o Doutor Raul?

BEATRIZ - Não senhora.

FILOMENA - É singular! Por que desapareceu ele lá de casa?

BEATRIZ - Não sei! Alguma intriga talvez. Sou tão infeliz...

FILOMENA - Pois olha, aquele era um excelente partido. Moço, talentoso.

BEATRIZ - *Tout a fait chique.*

FILOMENA - E *tout a fait*, (*Faz sinal de dinheiro*) que é o principal.

BEATRIZ - Se papai fosse chamado agora para o ministério...

CENA IX

AS MESMAS, RAUL e GOULARTE

RAUL (*Entrando do fundo com Goularte e vendo Beatriz e Filomena*) - Oh! diabo! lá está a mulher do Conselheiro Brito com a filha... Se me descobrem estou perdido.

GOULARTE - Por quê?

RAUL - Por quê? Porque a filha namora-me, desgraçado, julga-me muito rico, e noutro dia no Cassino, caindo eu na asneira de dizer-lhe que era bela, encantadora, essas banalidades, tu sabes, que costumamos dizer às moças nos

bailes, o diabinho da rapariga fez-se vermelha, abaixou os olhos, e disse-me: - Senhor Doutor Raul, por que não me pede a papai?

GOULARTE - Pois pede-lhe.

RAUL - Nessa não caio eu! É pobre como Jó, e mulher sem isto (*Sinal de dinheiro*) está se ninando. Vamos embora. (*Saem*)

CENA X

FILOMENA, BEATRIZ, MISTER JAMES e PEREIRA

FILOMENA - E Mister James? Não me disseste que ele também?...

BEATRIZ - Faz-me a corte, é verdade; porém aquilo é pássaro bisnau, e não cai assim no laço com duas razões.

FILOMENA - Dizem que é o inglês mais rico do Rio de Janeiro.

BEATRIZ - Isto sei eu.

MR. JAMES (*Saindo do Castelões com Pereira e vendo as duas*) - *How? Mim não pôde fica aqui; vai embora depressa, Senhor Comendador.*

PEREIRA - Por quê?

MR. JAMES - *Semana passada, mim estar na baile de Cassino, diz aquele menina, que ele estar bonita; menina estar estúpida, e diz a mim - How? Por que você não mi pede a papai?*

PEREIRA - Bravo! E por que não ~e casa com ela?

MR. JAMES - *Oh! no; mim não estar vem a Brasil pra casa. Mim vem aqui pra faz negócios. Menina não tem dinheiro, casamento estar mau negócios. No, no, no quer. Eu vai embora. (Sai para um lado, e Pereira para outro)*

FILOMENA (*Tirando uma carteirinha do bolso*) - Vejamos o que há ainda a fazer.

BEATRIZ - Vamos à *Notre-Dame* ver os colarinhos e ao *Boulevard* do Manuel Ribeiro.

FILOMENA - É verdade; vamos Já. (*Saem*)

CENA XI

ERNESTO e FILIPE FLECHA

FILIPE (*Saindo do armarinho com uma caixa de papelão debaixo do braço, a Ernesto, que sai do Globo*) - Senhor Ernesto, vê aquela mulher?

ERNESTO - Qual delas? Uma é a senhora do Conselheiro Brito, a outra é a filha.

FILIPE - Aquela mulher é a minha desgraça.

ERNESTO - Quem?... A filha?

FILIPE - Ela sim! Por causa dela já não durmo, já não como, já não bebo. Vi-a pela primeira vez, há uma semana, no *Castelões*. Comia uma empada! Com que graça ela segurava a apetitosa iguaria entre o fura-bolo e o mata-piolho, assim, olhe. (*Imita*) Vê-la e perder a cabeça foi obra de um momento.

ERNESTO - Mas, desventurado, não sabes?...

FILIPE - Já sei o que vai dizer-me. Que sou um simples caixeiro de armarinho e que não posso aspirar à mão daquele anjo. Mas dentro do peito deste caixeiro pulsa um coração de poeta. Não pode imaginar as torturas por que tenho passado desde o instante em que a vi... Vi-a pela primeira vez no *Castelões*...

ERNESTO - Comia uma empada. Já me disseste.

FILIPE - Mas o que ainda não lhe disse é que por causa dela tenho chuchado as maiores descomposturas dos patrões, e que em um belo dia ficarei na rua a tocar leques com bandurras. A sua imagem não me sai um só instante da cabeça. Estou no armarinho; se me encomendam linha dou marcas de lamparinas; se gritam retrós preto trago sabonetes; a um velho que me pediu ontem suspensórios meti-lhe nas mãos uma bisnaga! O homem gritou, o patrão chamou-me de burro, os fregueses tomaram pagode comigo. Estou desmoralizado.

ERNESTO - Está bom, já sei.

FILIPE - Não pode saber, seu Ernesto.

ERNESTO - Olha, se o patrão te vê de lá a conversar aqui, estás arranjado.

FILIPE - Noutro dia à noite, quando os outros caixeiros dormiam, eu levantei-me, acendi a vela, e escrevi este soneto. (*Tira um papel do bolso e lê*) Ouça só o princípio:

Quando te vejo radiante e bela,
Por entre rendas, filós e escumilha
Meu coração ardente se humilha,
E minha alma murmura é ela!

ERNESTO - Magnífico! Está muito bom.

FILIPE - Mandei-o para a *Gazetinha*. Pois querem saber o que fizeram? (*Tirando a Gazetinha do bolso e mostrando*) Leia. É aqui na correspondência.

ERNESTO (*Lendo*) - "Sr. P. F."

FILIPE - Filipe Flecha, sou eu.

ERNESTO (*Lendo*) - "Os seus versos cheiram a metro e a balcão; o poeta não passa talvez de um caixeiro de armarinho." (*Rindo*) É boa! É boa!

FILIPE - O maldito filó e a escumilha comprometeram-me. Não leio mais este papelucho. (*Sobe*) Lá está ela parada à porta do Farani.

CENA XII

OS MESMOS, 1º VENDEDOR, 2º VENDEDOR, 3º IDEM, 4º IDEM (*Saindo do Globo*)

1º VENDEDOR - O *Globo* da tarde a 40 réis.

2º VENDEDOR - O *Globo*, trazendo o ministério e a lista da loteria.

3º VENDEDOR - O *Globo*.

4º VENDEDOR - O *Globo* a 40 réis.

ERNESTO - Vejamos se já há alguma coisa de novo. (*Compra. Para Filipe*) Não queres saber quem foi chamado para o ministério?

FILIPE - Que me importa o ministério? O meu ministério é ela! Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*. Ela comia...

ERNESTO - Uma empada, com os diabos, já sei; não me amoles. (*Sai*)

CENA XIII

FILIPE e VENDEDOR DE BILHETES

VENDEDOR DE BILHETES - A sorte grande do Ipiranga!... Quem quer os duzentos contos!

FILIPE - Oh! Como te amo!

VENDEDOR (*Para Filipe*) - Não quer os duzentos contos?

FILIPE - Deixa-me.

VENDEDOR - Fique com este número que é o último.

FILIPE - Não quero..

VENDEDOR - Eu tenho um palpite de que o senhor apanha a taluda.

FILIPE - Homem, vá-se embora.

VENDEDOR - Veja só o número.

FILIPE (*À parte*) - Quem sabe se não está aqui a minha felicidade?!

VENDEDOR - Então, não se tenta?

FILIPE (*Á parte, tirando dinheiro do bolso*) - Lá se vão os últimos vinte e cinco mil réis, que me restam do ordenado deste mês. (*Alto*) Tome. Não quero ver o número. (*Sai o vendedor*) Lá seguiu ela para a rua dos Ourives. (*Sai correndo*)

CENA XIV

MISTER JAMES e RAUL

RAUL (*Saindo da direita e lendo o Globo*) - "À hora em que entrou a nossa folha para o prelo, ainda não se sabia..." (*Continua a ler baixo*)

MR. JAMES (*Que vem lendo também o Globo, entrando por outro lado*) - "Os últimos telegramas da Europa anunciam. (*Continua a ler baixo, encontrando-se com Raul*)

RAUL - Oh! Mister James! Como está?

MR. JAMES - *How, Senhor Raul, como tem passada?*

RAUL - Então sabe já alguma coisa acerca do ministério?

MR. JAMES - *Não estar já bem informada. É difícil este crise. Neste país tem duas cousas que não estar bom; é criadas e ministéria. Criadas não quer pára em casa, e ministéria dura três, quatro meses, bumba! Vai em terra. Brasileira não pode suporta governo muito tempa. Quando ministra começa a faz alguma cousa, tudo grita - No presta, homem estar estúpida, homem estar tratanta...*

RAUL - Infelizmente é a pura verdade.

MR. JAMES - *Quando outra sobe diz mesma cousa, muda presidenta de província, subdelegada, inspetor de quartirão, e país, em vez de anda, estar sempre parada.*

RAUL - A verdade nua e crua.

MR. JAMES - *Você escusa, se mim diz isto. Tudo quanto faz neste terra não é pra inglês ver?*

RAUL - Assim dizem.

MR. JAMES - *Pois então mim estar inglês, mim estar na direita de faz crítica do Brasil.*

RAUL - A maldita política é que tem sido sempre a nossa desgraça.

MR. JAMES - *Oh! Yes. Vem liberal, faz couse boe, vem conservador desmanche couse boe de liberal.*

RAUL - E vice-versa.

MR. JAMES - *Oh! Yes.*

RAUL - E os republicanos?

MR. JAMES - *How! Não fala em republicanas. Estar gente toda very good. Mas mim não gosta de republicana que faz barulha no meio da rua; governo dá emprega e republicana cala sua boca.*

RAUL - Mas no número destes que calam a boca com empregos não se compreendem os republicanos evolucionistas; aqueles que, como eu, querem o ideal dos governos sem sangue derramado, sem comoções sociais...

MR. JAMES - *Oh! Republicana evolucionista estar a primeira de todos republicanas. Espera de braço cruzado que república aparece; e enquanto república não aparece, republicana estar ministra, deputada, senador,*

conselheira, tuda. Republicana evolucionista estar partida que tem por partida tira partida de todas as partidas.

RAUL - Não é nos partidos que está o nosso mal.

MR. JAMES - *Sua mal de voucês está no língua. Brasileira fala muito, faz discursa very beautiful, mas país não anda pra adiante com discursa.*

RAUL - Tem razão.

MR. JAMES - *País precisa de braças, de comércia, de indústria, de estradas de ferro...*

RAUL - É verdade, e a sua estrada para o Corcovado?

MR. JAMES - *Mim estar em ajuste com companhia. Mas quando pretende compra estrada e que tem promessa de governa pra privilégia, maldita governa cai, e mim deixa de ganha muita dinheira.*

RAUL - Mas pode obter o privilégio com esta gente.

MR. JAMES - *Oh! Yes! Para alcança privilégia em que ganha dinheira mim faz tudo, tudo.*

RAUL - Se eu pudesse alcançar também...

MR. JAMES - *Uma privilégia?*

RAUL - Não; contento-me com um emprego.

RAUL - Mas esta notícia é verdadeira?

ERNESTO - *Está à porta de todos os jornais. Na Gazetinha, na Gazeta de Notícias..*

GOULARTE - *Na Gazeta da Tarde, no Cruzeiro... no Jornal do Commercio...*

RAUL - *Lá estão pregando um papel no Globo (Reúnem-se todos junto ao Globo, menos Raul, Filipe e Mister James, que ficam no proscênio)*

RAUL (*À parte*) - *Beatriz julga-me rico, ofereço-lhe a mão, que aliás ela já pediu, e apanho um emprego.*

MR. JAMES (*À parte*) - *Filha de presidenta de conselha estar apaixonada por mim; mim com certeza apanha privilégia.*

FILIPE (*À parte*) - Eu amo-a, adoro-a cada vez mais. Ah! que se eu apanho a sorte grande!!

RAUL - Está chovendo. (*Abre o chapéu-de-chuva*)

MR. JAMES - É verdade. (*Abre o guarda-chuva. Todos abrem guarda-chuvas, menos Filipe*)

FILIPE (*À parte*) - Lá vem ela!

RAUL (*À parte*) - Ela!

MR. JAMES (*Vendo Beatriz*) - *How!* (*Ao entrar em cena Beatriz, acompanhada de Filomena, Raul dá-lhe o braço e cobre-a com o chapéu, James dá o braço a Filomena e cobre-a*)

RAUL - Dou-lhe os meus sinceros parabéns.

MR. JAMES - *Minhas felicitações.*

FILOMENA - Obrigada.

FILIPE (*Tomando os embrulhos de Filomena e Beatriz*) - Façam o favor, minhas senhoras!

BEATRIZ - Não se incomode.

FILIPE (*À parte*) - Que mão, Santo Deus! Estou aqui, estou-lhe em casa.

(Fim do primeiro ato)

ATO SEGUNDO

Sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo e laterais.

CENA I

ERNESTO e FILIPE

ERNESTO (*Entrando, a Filipe, que deve estar tomando notas em uma pequena carteira*) - Filipe?! Por aqui?!

FILIPE - E então?

ERNESTO - És também pretendente?

FILIFE - Não; sou repórter.

ERNESTO - Repórter?

FILIFE - É verdade. O amor ou é a minha perdição ou há de ser talvez a causa da minha felicidade. Venho aqui todos os dias, extasio-me diante daquelas formas divinas... Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*, ela...

ERNESTO - Comia uma empada.

FILIFE - Ah! Já lhe disse?

ERNESTO - Milhares de vezes; já sei esta história de cor e salteado. Mas como diabo te fizeste repórter?

FILIFE - Desde o dia em que tive a felicidade de encontrar essa mulher na estrada sinuosa, espinhosa, lacrimosa da existência, tornei-me completamente outro homem. A atmosfera do armarinho pesava-me, o balcão acachapava-me, o metro desmoralizava-me, e a idéia de ter um patrão encafifava-me... Eu sentia dentro de mim um não sei quê que me dizia: - Filipe Flecha, tu não nasceste para vender agulhas, alfazema e lamparinas marca de pau, ergue a cabeça...

ERNESTO - E ergueste-a.

FILIFE - Não, abaixei-a para evitar um cascudo que o patrão pretendia dar-me em um belo dia em que estava a olhar para a rua, em vez de servir as freguesas, e não voltei mais à loja. Achando-me só, sem em prego, disse com os meus botões: - é preciso que eu faça alguma coisa. Escrever para o público, ver o meu nome em letra redonda, o senhor sabe, foi sempre a minha cachaça. Fiz-me repórter, nas horas vagas escrevo versos, e daqui para jornalista é um pulo.

ERNESTO - És mais feliz do que eu.

FILIFE - Por quê?

ERNESTO - Porque não pretendes sentar-te a uma grande mesa que há neste país, chamada do orçamento, e onde, com bem raras exceções, todos têm o seu talher. Nesta mesa uns banqueteam-se, outros comem, outros apenas lambiscam. E é para lambiscar um bocadinho, que venho procurar o ministro.

FILIFE - Ele não deve tardar.

ERNESTO - Fui classificado em primeiro lugar no último concurso da secretaria.

FILIFE - Então está com certeza nomeado.

ERNESTO - Se a isso não se opuser um senhor de barão e cutelo, chamado empenho, que tudo ata e desata nesta terra, e a quem até os mais poderosos curvam a cabeça.

FILIFE - Aí vem o ministro.

CENA II

OS MESMOS, CONSELHEIRO FELÍCIO DE BRITO

ERNESTO (*Cumprimentando*) - Às ordens de Sua Excelência.

FILIFE (*Cumprimentando*) - Excelentíssimo.

BRITO - O que desejam?

ERNESTO - Vinha trazer esta carta para Sua Excelência e implorar-lhe a sua valiosa proteção.

BRITO (*Depois de ler a carta*) - Sim, senhor. Diga ao Senhor Senador que hei de fazer todo o possível por servi-lo. Vá descansado.

ERNESTO - Eu tenho a observar a Sua Excelência...

BRITO - Já sei, já sei.

ERNESTO - Que fui classificado em primeiro lugar.

BRITO - Já sei, já sei. Vá. (*Ernesto cumprimenta e sai. A Filipe, que deve estar a fazer muitos cumprimentos*)O que quer? Ah! É o senhor?

FILIFE - Humilíssimo servo de Sua Excelência. Desejava saber se já há alguma coisa de definitivo.

BRITO - Pode dizer na sua folha que hoje mesmo deve ficar preenchida a pasta da Marinha; que o governo tem lutado com dificuldades... Não, não diga isto.

FILIFE - E essas dificuldades devem ter sido bem grandes; porque há quinze dias que o ministério está organizado, e ainda não se pôde achar um ministro para a Marinha.

BRITO - O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-ei então tudo o que houver ocorrido.

FILIPPE (*À parte*) - Onde estará ela?

BRITO - Vá, vá, venha logo.

FILIPPE (*À parte*) - Se eu pudesse vê-la. (*Alto*) Excelentíssimo. (*Cumprimenta e sai*)

CENA III

BRITO, FILOMENA e BEATRIZ

BRITO (*Toca a campainha; aparece um criado*) - Não deixe ninguém entrar nesta sala. (*O criado inclina-se*)

FILOMENA (*Que entra com Beatriz, pela esquerda*) - E as minhas visitas?

BEATRIZ - E as minhas, papai? *Voyons. Ça ne se fait pas.*

BRITO - Porém, minha querida Beatriz, espero aqui os meus colegas, temos que tratar de negócios do Estado, que são negócios muito sério.

BEATRIZ - *Ça ne fait rien.*

FILOMENA - Ao menos dê ordem para que deixem entrar Mr. James.

BEATRIZ - E o Senhor Raul também.

BRITO - Valha-me Deus! Vocês alcançam de mim tudo ó que querem. (*Para o criado*) Quando o Senhor James e o Senhor Raul chegarem, manda-os entrar. (*O criado cumprimenta e sai*) Estão satisfeitas?

BEATRIZ - *I love you*, meu querido papai.

FILOMENA (*Reparando a sala*) - E então? A sala já não parece a mesma!

BEATRIZ - E as cortinas estão *assorti* com a mobília, Mas este tapete é um escarro.

FILOMENA - É verdade. Felício, precisamos comprar um tapete. Vi ontem um muito bonito no *Costrejean*.

BRITO - Não compro mais coisa alguma, minha senhora. A senhora pensa porventura que eu aceitei esta prebenda para ainda em cima arruinar-me?

FILOMENA - Quando se está em certa posição, não se deve fazer figura ridícula.

BEATRIZ - *Noblesse oblige*, papai.

FILOMENA - Não sei o que quer dizer ser ministro e andar de bonde como os outros, ter uma casa modestamente mobiliada, como os outros, não receber, não dar bailes, não dar jantares, como os outros, vestir-se como os outros...

BEATRIZ - É verdade. *C'est ridicule*.

BRITO - Mas, minhas filhas, não há ninguém por aí que não saiba que tenho poucos recursos, que vivo apenas dos meus ordenados. A vida de um homem de Estado é devassada e esmerilhada por todos, desde os mais ínfimos até os mais elevados representantes da escala social. O que dirão se me virem amanhã ostentando um luxo incompatível com os meus haveres?

FILOMENA - Se a gente for dar satisfações a tudo o que dizem...

BRITO - E olha que aqui não se cochila para dizer que um ministro é ladrão. O que mais querem vocês de mim? Já obrigaram-me a alugar esta casa em Botafogo.

FILOMENA - Devíamos ficar morando em Catumbi?

BRITO - E o que tem Catumbi?

BEATRIZ - Ora papai.

BRITO - Sim, o que tem?

BEATRIZ - Não é um bairro como *il faut*.

BRITO - Obrigaram-me a assinar o Teatro Lírico e... camarote.

FILOMENA - Está visto. Havia de ser interessante ver a família do presidente do Conselho sentada nas cadeiras...

BEATRIZ - Como qualquer Sinhá Ritinha da Prainha ou da Gamboa... *Dieu m'en garde!* Eu preferiria lá não ir.

BRITO - Obrigaram-me mais a ter criados estrangeiros de casaca e gravata branca, quando eu podia perfeitamente arranjar a festa com o Paulo, o Zebedeu e a Maria Angélica.

BEATRIZ - Pois não, são frescos, sobretudo o Zebedeu. No outro dia, à mesa de jantar, mamãe disse-lhe: - Vá buscar lá dentro uma garrafa de vinho do Porto, mas tome cuidado, não a sacuda. Quando chegou com a garrafa, mamãe

perguntou-lhe: - Sacudiu? - Não senhora, diz ele, mas vou sacudir agora. E começa, zás, zás, zás. (*Faz menção de quem sacode*) *Quelle imbecile*. Aquilo é que os alemães chamam - *ein Schafskopf!*

BRITO - Até a minha roupa vocês querem reformar.

FILOMENA - Com franqueza, Felício, a tua sobrecasaca já estava muito sebosa!

BEATRIZ - Papai quer fazer a mesma figura que faz o ministro do Império?

BRITO - É um homem muito inteligente. Tem um grande tino administrativo.

BEATRIZ - Tem, sim, senhor; mas era melhor que ele tivesse um paletó na razão direta da inteligência. E depois, como come, Santo Deus! Segura na faca assim, olhe, (*Mostra*) e mete-a na boca até o cabo, toda atulhada de comida. *Choking*.

BRITO - Em compensação o ministro de Estrangeiros.

BEATRIZ - É o melhorzinho deles. Mas não sabe línguas.

BRITO - Estás enganada, fala muito bem francês.

BEATRIZ - Muito bem, muito bem, lá para que digamos não senhor. Diz *monsîu*, *negligè*, *bordó*, e outras que tais.

BRITO - Enfim há quinze dias apenas que subi ao poder e já estou cheio de dívidas!

FILOMENA - Não é tanto assim.

BRITO - Só ao compadre Bastos devo dez contos de réis.

FILOMENA - E se não fosse ele, estaríamos representando um papel bem triste.

BEATRIZ - Não poderíamos receber às quintas-feiras o *high life* do Rio de Janeiro.

BRITO - Sim, esse *high life* que aqui vem dançar o *cotillon*, ouvir boa música, saborear-me os vinhos; e que abandonar-me-á com a mesma facilidade com que hoje me adula, no dia em que eu não puder mais dispor dos empregos públicos.

BEATRIZ - Papai não tem razão.

BRITO - Pois bem, minha filha, quer tenha ou não razão, só te peço uma coisa, e faço igual pedido à tua mãe. Não exijam de mim impossíveis. Vocês sabem que

nada lhes posso negar. *(Tirando o relógio e vendo as horas)* Os meus companheiros não tardam. Vou ao meu gabinete; já volto.

CENA IV

FILOMENA, BEATRIZ e MISTER JAMES

BEATRIZ *(Sentando-se e lendo um livro, que deve trazer na mão)* - É muito bem escrito este romance de Manzoni.

FILOMENA - Um tapete novo aqui deve fazer um vistão. Não achas?

MR. JAMES *(Com um rolo debaixo do braço)* - *Mim pode entra?*

FILOMENA - Oh! Mr. James!

MR. JAMES - *Como está, senhorra? (Para Beatriz) Vosmecê vai bem?*

FILOMENA - Pensei que não viesse.

MR. JAMES - *Oh! mim dá palavra que vem; mim não falta sua palavra.*

BEATRIZ - Assim deve ser.

FILOMENA - Trouxe os seus papéis?

MR. JAMES - *Oh! Yes.*

BEATRIZ - O seu projeto é a *great attraction* do dia.

MR. JAMES - *Projeto estar muita grandiosa. (Desenrola o papel e mostra) Carros sai daqui de Cosme Velha, e sobe Corcovada em vinte minutos.*

BEATRIZ - E estes cachorros que estão aqui pintados?

MR. JAMES - *Senhorras não entende deste cousa: mim fala com pai de vosmecê, explica o que é todos esses cachorras.*

FILOMENA - Tudo quanto temos de bom devemos aos senhores estrangeiros.

BEATRIZ - *C'est vrai.* Os brasileiros, com raras exceções, não se ocupam destas coisas.

MR. JAMES - *Brasileira estar muito inteligente; mas estar também muito preguiça. Passa vida no rua do Ouvidor a fala de política, pensa só de política de*

manhã até a noite. Brasileira quer estar deputada, juiz de paz, vereador... Vereador ganha dinheiro?

FILOMENA - Não, senhor; é um cargo gratuito.

MR. JAMES - *Então mim não sabe como tudo quer ser vereador. Senhorra já fala com sua marida a respeito de minha projeta?*

FILOMENA - Não, senhor, mas hei de falar-lhe.

MR. JAMES - *Sua marida estar engenheira ou agricultor?*

BEATRIZ - Papai é doutor em Direito.

MR. JAMES - *É ministra de Império?*

BEATRIZ - Também doutor em Direito.

MR. JAMES - *Ministra d'Estrangeiras?*

FILOMENA - Doutor em Direito.

MR. JAMES - *How! Toda ministéria estar doutor em direita?*

BEATRIZ - Sim, senhor.

MR. JAMES - *Na escola de doutor em direita estuda marinha, aprende planta batatas e café, e sabe todas essas cousas de guerra?*

FILOMENA - Não, senhor.

BEATRIZ - Estudam-se leis.

MR. JAMES - *No Brasil estar tudo doutor em direita. País no indireita assim. Mim não sabe se estar incomodando senhora. (Sentam-se)*

BEATRIZ - Oh! o senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer.

MR. JAMES - *Pois mim tem também muito prazer em conversa com vosmecê; (Para Beatriz) pois eu gosta muito de brasileiras.*

BEATRIZ - Mas as inglesas são *very beautiful*. Eu vi em Londres, no *Hyde-Park*, verdadeiras formosuras.

MR. JAMES - *Oh! yes. Inglesas estar muito bonitas, mas brasileira tem mais... tem mais... Como chama este palavra... Eu tem no ponta da língua... Brasileira tem mais pasquim.*

FILOMENA - Pasquim?!

MR. JAMES - *No, no, como chama este graça de brasileira?*

BEATRIZ - Ah! quindins.

MR. JAMES - *Oh! yes, very well. Quindins.*

FILOMENA - Muito bem, Mr. James. Falta agora que o senhor confirme o que acaba de dizer casando-se com uma brasileira.

MR. JAMES - *Mim no pode casa, por ora, porque só tem cinqüenta mil libras sterlinas; mas se mim arranja este privilégia, dá palavra que fica em Brasil e casa com brasileira.*

FILOMENA - Pelo que vejo já está enfeitado pelos quindins de alguma?

MR. JAMES - *Não duvida, senhora, e crê que feitiça não estar muito longe daqui. (Olha significativamente para Beatriz)*

BEATRIZ - (*À parte*) - Isto já eu sabia.

FILOMENA (*À parte*) - É a sorte grande!

CENA V

OS MESMOS e BRITO

BRITO (*Vendo o relógio*) Ainda nada. Oh! Mister James. Como está?

MR. JAMES - *Criada de Sua Excelência. (Conversa com Beatriz)*

FILOMENA (*Levando Brito para um lado*) - Este inglês possui uma fortuna de mais de quinhentos contos, parece gostar de Beatriz... Se nós soubermos levá-lo, poderemos fazer a felicidade da menina.

BRITO - E o que queres que faça?

FILOMENA - Que lhe concedas o privilégio que ele pede.

BRITO - Mas, senhora, estas questões não dependem só de mim. Eu não quero comprometer-me.

FILOMENA - Então para que te serve ser presidente do Conselho?

BRITO - Mas eu não posso nem devo dispor das coisas do Estado para arranjos de família. A senhora já me endividou e quer agora desacreditar-me.

FILOMENA - Pois isto há de se fazer. Mr. James, meu marido quer conversar com o senhor a respeito do seu negócio.

BRITO - Estarei às suas ordens, Senhor James; porém um pouco mais tarde. Espero os meus colegas.

Ma. JAMES - *A que horas mim pode procura Sua Excelência?*

BRITO - Às duas horas.

MR. JAMES - Até logo. *(Cumprimenta e sai)*

CENA VI

OS MESMOS, *menos* MISTER JAMES

BRITO - A senhora ainda há de comprometer-me. *(Sai)*

FILOMENA - Dizem todos que é um projeto grandioso.

BEATRIZ - Vou acabar a leitura deste romance.

FILOMENA - Eu vou dar as ordens para a partida desta noite.

CENA VII

DONA BÁRBARA, CRIADO e o DESEMBARGADOR FRANCISCO COELHO

CRIADO - Sua Excelência não está em casa.

COELHO - Quero falar com as senhoras. Aqui tem o meu cartão. *(Criado cumprimenta e sai)*

DONA BÁRBARA - Está em casa com toda a certeza; mas negou-se.

COELHO - Isto sei eu; e por isso é que entrei.

DONA BÁRBARA - Eu não devia vir. Estas sirigaitas aborrecem-me extraordinariamente.

COELHO - Mas, minha filha, tu pensas que em política a gente sobe unicamente por seus belos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as ocasiões, quando serei ministro?

DONA BÁRBARA - E para que você quer ser ministro, seu Chico?

COELHO - Ora, tens às vezes certas perguntas? Para quê? Para governar, para fazer o que os outros fazem.

DONA BÁRBARA - Você não tem sabido governar a fazenda, e quer governar o Estado!

COELHO - A senhora não entende destas coisas.

DONA BÁRBARA - Ora, diga cá! Suponha que você é nomeado ministro.

COELHO - Sim, senhora.

DONA BÁRBARA - Perde a cadeira na Câmara. Tem de sujeitar-se a uma nova eleição.

COELHO - E o que tem isto?

DONA BÁRBARA - O que tem?! É que se você cair nesta asneira, seu Chico, toma uma derrota, tão certo como eu chamar-me Bárbara Benvinda da Purificação Coelho.

COELHO - Eu, ministro, derrotado?

DONA BÁRBARA - E por que não? Você é melhor do que os outros?

CENA VIII

OS MESMOS, RAUL, BEATRIZ e FILOMENA

RAUL - Senhor Desembargador.

COELHO - Senhor doutor.

RAUL - Minha senhora.

FILOMENA - Fiz-lhe esperar muito?

BEATRIZ (*Para Raul*) - Não sabia que estava também aqui.

COELHO - O conselheiro não está em casa?

FILOMENA - Está no seu gabinete.

DONA BÁRBARA (*Baixo*) - O que te dizia eu?

FILOMENA - Quer falar-lhe?

COELHO - Se fosse possível.

FILOMENA - Entre.

COELHO - Com licença. (*Sai*)

CENA IX

RAUL, BEATRIZ, DONA BÁRBARA e FILOMENA

DONA BÁRBARA - Como vão os seus pequenos?

FILOMENA - O Chiquinho vai bem; a Rosinha é que tem passado mal.

BEATRIZ (*A Raul*) - Por que não tem aparecido?

RAUL - Sabe que o meu desejo era viver sempre a seu lado.

BEATRIZ - Está nas suas mãos.

RAUL - Se fosse possível...

DONA BÁRBARA - Quem sabe se ela não sofre de vermes?

FILOMENA - O próprio médico não sabe o que é. Sente umas coisas que sobem e descem; às vezes fica meia apatetada.

DONA BÁRBARA - Querem ver que é mau olhado!

FILOMENA - Ora, a senhora acredita nessas coisas?!

DONA BÁRBARA - É porque a senhora ainda não viu o que eu presenciei com estes que a terra há de comer.

FILOMENA - Ah! ah! ah! O senhor crê em mau olhado, Senhor Raul?

RAUL - Não, minha senhora; apenas no bom olhado de uns olhos feiticeiros. (*Olha para Beatriz significativamente*)

DONA BÁRBARA - Pois eu vi lá em Minas uma criatura, que estava bem atacada. E em dez minutos ficou boa.

FILOMENA - Com a homeopatia?

DONA BÁRBARA - Com uma oração.

FILOMENA - Ah! E como é esta oração?!

DONA BÁRBARA - A mulher chamava-se Francisca. Molharam um ramo de arruda em água benta e rezaram-lhe o seguinte: "Francisca, se tens mau olhado, ou olhos atravessados, eu te benzo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Deus te olhe e Deus te desolhe, e Deus te tire essa mau olhado, que entre a carne e os ossos, tens criado; que saia do tutano e vá para os ossos, que saia dos ossos e vá para a carne, que saia da carne e vá para a pele, E que daí saia, e vá para o Rio Jordão, onde não faça mal a nenhum cristão." É infalível. Experimente.

BEATRIZ (*Baixo a Raul*) - *Quelle bêtise.*

RAUL - Não acredita na influência dos olhos?

BEATRIZ - Sim; mas não creio na eficácia daquelas orações.

RAUL - E sabe ler neles?

BEATRIZ - *Quelque chose.*

RAUL - O que lhe dizem os meus?

BEATRIZ - Que o senhor é um grande bandoleiro.

RAUL - Não, não é isto o que eles dizem.

BEATRIZ - O que dizem então? *Voyons.*

RAUL - Que aqui dentro há um coração que pulsa pela senhora e só para a senhora.

BEATRIZ - *Non lo credo.*

RAUL - Dona Beatriz, se estivesse em condições de fazê-la feliz, hoje mesmo dirigia-me a seu pai, e pedia-lhe o que mais ambiciono neste mundo - a sua mão.

BEATRIZ - E o que lhe falta para tornar-me feliz?

RAUL - Uma posição social.

BEATRIZ - O senhor não é bacharel em Direito?

RAUL - É verdade.

BEATRIZ - *Alors...*

RAUL - Porém, se o ser bacharel em Direito fosse um emprego, haveria muito pouca gente desempregada no Brasil. Seu pai está hoje no governo, poderia lançar as suas vistas sobre mim. Como seríamos felizes um ao lado do outro.

BEATRIZ - Eu vou falar com mamãe. Comunicar-lhe-ei as suas intenções a meu respeito, e dar-lhe-ei a resposta.

RAUL - Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.

BEATRIZ - Sim. (*À parte*) E eu que o julgava desinteressado. Oh! *les hommes! les hommes!*

FILOMENA - Por que não veio à nossa última partida, Senhor Raul?

BEATRIZ (*Para Raul*) - Dançamos um *cotillon* que durou quase duas horas.

RAUL - Quem marcava?

BEATRIZ - O ministro da Bélgica. Oh! *que j'aime le cotillon*

DONA BÁRBARA - O que vem a ser isto de *cotiáo*?

BEATRIZ - Uma dança arrebatadora.

CENA X

OS MESMOS e COELHO

COELHO (*Zangado*) - Vamos embora.

FILOMENA - Já?!

DONA BÁRBARA (*Baixo a Coelho*) - Então; o que arranjaste?

COELHO (*Baixo*) - O que arranjei?! Nada; mas ele arranjou uma oposição de arrancar couro e cabelo. Hei de mostrar-lhe o que valho. Estão aqui estão na rua.

DONA BÁRBARA (*Baixo*) - Bem feito.

COELHO (*Baixo*) - Vamos embora.

FILOMENA (*Para Coelho e Bárbara, que se despedem*) - Espero que apareçam mais vezes.

COELHO - Obrigado, minha senhora. (*Saem*)

RAUL - Há de permitir-me também...

FILOMENA - Então até a noite.

RAUL - Até a noite. (*Sai*)

CENA XI

FILOMENA e BEATRIZ

BEATRIZ - O Senhor Raul acaba agora mesmo de pedir-me a mão.

FILOMENA - Agora mesmo?

BEATRIZ - Mas sob uma condição.

FILOMENA - Qual é?

BEATRIZ - De arranjar-lhe com papai um emprego. Veja só a senhora o que são os homens de hoje!

FILOMENA - E que lhe respondeste?

BEATRIZ - Que havia de falar com vosmecê e que dar-lhe-ia depois a resposta.

FILOMENA - Muito bem. Não lhe digas nada, por ora, enquanto não se decidir o negócio do inglês. Tenho mais fé em Mr. James. Aquilo é que se pode chamar um bom partido.

BEATRIZ - E ele quererá casar comigo?

FILOMENA - Ora, não quer ele outra coisa.

CENA XII

CRIADO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPÉRIO,
MINISTRO DE ESTRANGEIROS, FILOMENA e BEATRIZ

CRIADO (*Na porta*) - Sua Excelência o Senhor Ministro da Guerra.

MINISTRO DA GUERRA - Minhas senhoras. (*Cumprimenta Beatriz*)

FILOMENA (*Para o criado*) - Vá chamar seu amo. (*O criado sai pela porta da esquerda*)

BEATRIZ - Como está sua senhora?

MINISTRO DA GUERRA - Bem, obrigado, minha senhora.

FILOMENA (*Despedindo-se*) - Com licença. (*Sai com Beatriz*)

CENA XIII

OS MESMOS e BRITO, *menos* FILOMENA e BEATRIZ

BRITO - Meu caro conselheiro. Os outros colegas ainda não vieram?

MINISTRO DA GUERRA - Aí está o ministro da Justiça.

MINISTRO DA JUSTIÇA - Conselheiro...

MINISTRO DA GUERRA - E do Império. (*Entra o ministro do Império*)

MINISTRO DA JUSTIÇA - O nosso colega de Estrangeiros aí vem.

BRITO - Ei-lo. (*Entra o ministro de Estrangeiros*) Meus senhores, precisamos conjurar seriamente as dificuldades que nos cercam.

MINISTRO DA GUERRA - Apoiado.

BRITO - Há quinze dias apenas que subimos ao poder, e já se notam muitos claros nas fileiras da maioria.

MINISTRO DA JUSTIÇA - A oposição se engrossa a olhos vistos.

BRITO - Agora mesmo acaba de sair daqui o Desembargador Coelho. É mais um descontente que passa para o outro lado.

MINISTRO DA JUSTIÇA - O Coelho? Ainda ontem, pode-se dizer, aspirava a ser o líder da maioria.

BRITO - É verdade! Porém suspira por uma pasta, e nas circunstâncias atuais não é possível.

CENA XIV

O CRIADO, BRITO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPÉRIO, MINISTRO DE ESTRANGEIROS, CONSELHEIRO FELIZARDO e DOUTOR MONTEIRINHO

CRIADO (*À parte*) - O Senhor Conselheiro Felizardo.

BRITO - Oh! Senhor Conselheiro. (*Cumprimentam-se todos*) Esperava ansiosamente por Vossa Excelência.

FELIZARDO - Estou às ordens de Vossa Excelência.

BRITO - O seu nome, o prestígio de que goza, a sua dedicação às idéias dominantes, são títulos que muito o habilitam.

FELIZARDO - Bondade de meus correligionários.

MINISTRO DO IMPÉRIO - Pura justiça.

BRITO - Precisamos do apoio de Vossa Excelência, como do ar que respiramos. A pasta da Marinha ainda está vaga.

FELIZARDO - Já estou velho...

BRITO - Não nos animamos a oferecê-la. Longe de nós semelhante pensamento! O lugar de Vossa Excelência é na presidência do Conselho.

FELIZARDO - Se Vossas Excelências permitem, dou um homem por mim.

MINISTRO DO IMPÉRIO - Basta ser de sua confiança...

BRITO - Para ser recebido de braços abertos.

FELIZARDO (*Apresentando o Doutor Monteirinho*) - Aqui está o homem, o Doutor Monteiro, meu sobrinho, filho de minha irmã Maria José; e que acaba de chegar da Europa, razão pela qual ainda não tomou assento na Câmara.

BRITO (*Admirado*) - Senhor Doutor, folgo muito de conhecê-lo. (*Baixo a Felizardo*) Acho-o, porém, tão mocinho.

FELIZARDO - Formou-se o ano passado em São Paulo. (*Baixo*) Que inteligência, meu amigo!

DR. MONTEIRINHO - Saí apenas dos bancos da academia, é verdade, meus senhores; mas tenho procurado estudar com afinco todas as grandes questões sociais que se agitam atualmente. A minha pena já é conhecida no jornalismo diário e nas revistas científicas. Na polêmica, nas questões literárias, nos debates políticos, nas diversas manifestações, enfim, da atividade intelectual, tenho feito o possível por criar um nome.

FELIZARDO (*Baixo*) - É muito hábil.

BRITO (*Baixo*) - É verdade.

FELIZARDO (*Baixo*) - É um canário.

DR. MONTEIRINHO - Se não fossem as influências mesológicas assaz acanhadas, em que vivem nesta terra as inteligências que procuram abrir a corola aos raios ardentes da luz, eu já teria talvez aparecido, a despeito dos meus verdes anos.

BRITO (*Baixo a Felizardo*) - Que idade tem?

FELIZARDO - Que idade tens, Cazuza?

DR. MONTEIRINHO - Vinte e dois anos.

MINISTRO DA JUSTIÇA - O Senhor Doutor Monteiro não é...

FELIZARDO - Chame-o Doutor Monteirinho. É o nome por que ele é conhecido.

MINISTRO DA JUSTIÇA - O Doutor Monteirinho não é o autor da célebre poesia *O grito da escravidão*, que veio publicada no *Correio Paulistano*?

DR. MONTEIRINHO - E que foi transcrita em todos os jornais do Império. Um seu criado. Já cultivei a poesia em tempos que lá vão. Hoje, em vez de tanger a lira clorótica do romantismo ou de dedilhar as cordas, afinadas ao sabor moderno, dos poetas realistas, leio Spencer, Schopenhauer, Bückner, Littré, todos esses grandes vultos, que constituem o apostolado das sociedades modernas.

FELIZARDO (*Baixo, a Brito*) - Este rapaz vai fazer um figurão no ministério.

BRITO - Creio. Terá, porém, ele a experiência dos negócios públicos?

FELIZARDO - Não lhe dê cuidado. Fica sob as minhas vistas: eu saberei guiá-lo.

DR. MONTEIRINHO - A grande naturalização é uma das questões atuais mais importantes para o Brasil.

BRITO - Podemos contar, portanto, com o apoio decidido de Vossa Excelência.

FELIZARDO - Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério...

BRITO - Lá isso é verdade.

FELIZARDO - Imagine agora... (*Olhando para Monteirinho*) O meu Cazuzinha!

DR. MONTEIRINHO - E a questão das terras? Já leram a *Questão Irlandesa*, de Henry George? É um livro admiravelmente escrito. Um livro do futuro!

BRITO - Senhor Doutor Monteirinho, temos a honra de considerar Vossa Excelência no número dos nossos colegas.

DR. MONTEIRINHO - Oh! Senhor Conselheiro.

FELIZARDO - Cazuzza, faz por seguir o caminho de teu tio. Vou correndo para a casa. Que alegria vai ter a Maria José. (*Sai*)

CENA XV

OS MESMOS e JAMES, *menos* FELIZARDO

BRITO - Vamos para o gabinete.

MR. JAMES (*Aparecendo na porta*) - *Duas horas em ponta.*

BRITO (*À parte*) - Que maçada. Não me lembrava mais dele. (*James entra. Alto*) Meus senhores, apresento-lhes Mr. James, que requer um privilégio que parece ser de grande utilidade.

DR. MONTEIRINHO - Vejamos.

MR. JAMES (*Desenrolando o papel e mostrando*) - *Aqui tem, senhoras.*

DR. MONTEIRINHO - O que vem a ser isto?

BRITO - Uma estrada especial para o Corcovado.

MR. JAMES - *Maquinisma estar muito simples. Em vez de duas trilhas, ou de três trilhas, como tem sistema adotada, mim coloca uma só trilha larga, de meu invenção.*

DR. MONTEIRINHO - É bitola estreita?

MR. JAMES - Oh! estreitíssima! É bitola zero.

DR. MONTEIRINHO - E como se sustém o carro?

MR. JAMES - Perfeitamente bem.

DR. MONTEIRINHO - O sistema parece ser fácilimo.

MR. JAMES - *E estar muito econômica, senhorr.*

MINISTRO DA JUSTIÇA - Mas não vejo máquina, vejo apenas cachorros. O que quer dizer isto?

MR. JAMES - *Ai é que está tuda.*

BRITO - Não compreendo. Tenha a bondade de explicar-me.

MR. JAMES - *Idéia estar aqui completamente nova. Mim quer adota sistema cinófero. Quer dizer que trem sobe puxada por cachorras.*

DR. MONTEIRINHO - Não era precisa a explicação. Nós todos sabemos que cinófero vem do grego *cynos*, que quer dizer cão, e *feren*, que significa puxar, etc.

MR. JAMES - *Muito bem, senhorr.*

DR. MONTEIRINHO - Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxam.

MR. JAMES - *Cachorra propriamente no puxa. Roda é oca. Cachorra fica dentro de roda. Ora, cachorra dentro de roda, no pode estar parada. Roda ganha impulsa, quanto mais cachorra mexe, mais o roda caminha!*

DR. MONTEIRINHO - E de quantos cachorros precisa o senhor para o tráfego dos trens diários do Cosme Velho ao Corcovado?

MR. JAMES - *Mim precisa de força de cinqüenta cachorras por trem; mas deve muda cachorra em todas as viagens.*

MINISTRO DA JUSTIÇA - Santo Deus! É preciso uma cachorrada enorme.

MR. JAMES - *Mas eu aproveita todas as cachorras daqui e faz vir ainda muitas cachorras de Inglaterra.*

BRITO - Mas se estes animais forem atacados de hidrofobia não há perigo para os passageiros?

DR. MONTEIRINHO - Eu entendo que não se pode conceder este privilégio, sem se ouvir primeiro a junta de higiene.

MR. JAMES - *Oh! senhorr, não tem a menor periga. Se cachorra estar danada, estar ainda melhor, porque faz mais esforça e trem tem mais velocidade.*

BRITO - Em resumo, qual é a sua pretensão?

MR. JAMES - *Mim quer privilégia para introduzir minha sistema em Brasil, e estabelecer primeira linha em Corcovada, com todas as favores de lei de Brasil para empresa de caminha de ferro.*

BRITO - Mas o cachorro não está ainda classificado como motor na nossa legislação de caminhos de ferro.

DR. MONTEIRINHO - Neste caso deve levar-se a questão ao poder legislativo.

BRITO - Está bem: nós vamos ver e resolveremos como for de justiça.

MR. JAMES - *Em quanto tempa decide este negócia?*

DR. MONTEIRINHO - Vamos resolver.

MINISTRO no IMPÉRIO - Tenha paciência, espere.

BRITO - Às suas ordens. *(Despede-se, os outros despedem-se de James e saem pela esquerda)*

CENA XVI

JAMES, só

MR. JAMES - *Tem paciência, espera! Sistema de brasileira. Time is money. Eu fala com mulher, e arranja tuda. (Sai)*

CENA XVII

BEATRIZ *e depois* FILIPE

BEATRIZ - Vejamos se aqui posso concluir sossegada a leitura deste romance. *(Lê)*

FILIPE - Ela?! Oh! Eu atiro-me e confesso tudo. Ora adeus! *(Tropeça em uma cadeira)*

BEATRIZ *(Revolvendo-se)* - Quem é?

FILIPE - Filipe Flecha, um criado de Vossa Excelência. Sou repórter.

BEATRIZ - Papai está agora em conselho com os outros ministros.

FILIPE - Como é bela! *(Beatriz continua a ler)*

BEATRIZ *(À parte)* - Este estafermo pretenderá ficar aqui. Que *bruta faccia*.

FILIPE - Eu atiro-me-lhe aos pés. Coragem! *(Encaminha-se para Beatriz)*

BEATRIZ - Quer alguma coisa?

FILIPE *(Tirando uma carteira)* - O senhor seu pai onde nasceu, minha senhora?

BEATRIZ - No Pará.

FILIPE *(Escrevendo na carteira)* - Onde formou-se?

BEATRIZ - Em Pernambuco.

FILIPE *(Escrevendo)* - Que empregos tem exercido? Que condecorações tem?

BEATRIZ - Mas para que o senhor quer saber tudo isto? *Oh! qu'il est drole!*

FILIPE - É que quando ele morrer a notícia para o jornal já está pronta. *(À parte)* Oh! que diabo de asneira!

BEATRIZ - O senhor está doido?

FILIPE *(Ajoelhando-se)* - Sim, doido, minha senhora, doido varrido. Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*. A senhora comia uma empada.. *(Beatriz procura tocar a campainha)* O que vai fazer?

BEATRIZ - Chamar alguém para pô-lo daqui para fora.

FILIFE - Pelo amor de Deus, não faça escândalo. *(Levantando-se)* Eu vou, eu vou, mas creia que ninguém no mundo a idolatra como eu! *(Sai olhando amorosamente para Beatriz)*

BEATRIZ - Pobre louco! Mas este ao menos não me falou em emprego nem em privilégio! *(Senta-se e continua a leitura)*

(CAI O PANO)

ATO TERCEIRO

Sala de espera em casa do Conselheiro Brito

CENA I

BRITO e FILOMENA

FILOMENA - Podias ter decidido o negócio perfeitamente sem levá-lo às Câmaras.

BRITO - Como?

FILOMENA - Como? Colocassem-me na Presidência do Conselho, que eu te mostraria.

BRITO - Mas, Filomena, tu não sabes que se tratava de uma espécie completamente nova, que o governo...

FILOMENA - Tanto melhor! Se a espécie era completamente nova, o governo devia resolver por si e não abrir o mal precedente de consultar a Câmara.

BRITO - Olha, queres saber de uma coisa? Eu merecia que me vestissem uma camisola de força, por me haver metido em semelhante entrosga.

FILOMENA - Ora, qual entrosga! O negócio era muito simples. Tratava-se de uma estrada para o Corcovado...

BRITO - Mas de uma estrada especial, com carros movidos por cachorros...

FILOMENA - E o que tem os cachorros?

BRITO - É que levantou-se a dúvida se o cachorro podia ser considerado motor, se a estrada estava nas condições da lei.

FILOMENA - Pois eu presidente do Conselho cortava a dúvida, dizendo: - o cachorro é motor, e concedia o privilégio.

BRITO - Tu não entendes destas coisas.

FILOMENA - E o que se lucrou em consultar a Câmara? Em assanhar a oposição, e formar no seio do parlamento dois partidos, o dos cachorros e o dos que se batem, como leões, contra os cachorros.

BRITO - E que partidos!

FILOMENA - E lá se vai o privilégio, falto à palavra que dei ao inglês, e o casamento da menina, víspera!

BRITO - Mas o que queres que faça?

FILOMENA - Que envides todos os esforços para que o projeto passe! Hoje é a última discussão...

BRITO - E o último dia talvez do ministério.

FILOMENA - Quais são os deputados que votam contra?

BRITO - Uma infinidade.

FILOMENA - O Elói é cachorro?

BRITO - Sim, senhora.

FILOMENA - O Azambuja?

BRITO - Cachorro.

FILOMENA - O Pereira da Rocha?

BRITO - Este é de fila.

FILOMENA - O Vicente Coelho?

BRITO - Era cachorro; mas passou anteontem para o outro lado.

FILOMENA - E o Barbosa?

BRITO - Está assim, assim. Talvez passe hoje para cachorro.

FILOMENA - Ah! Que se as mulheres tivessem direitos políticos e pudessem representar o país...

BRITO - O que fazias?

FILOMENA - O privilégio havia de passar, custasse o que custasse. Eu é que devia estar no teu lugar, e tu no meu. És um mingau, não nasceste para a luta.

BRITO - Mas com a breca! Queres que faça questão de gabinete?

FILOMENA - Quero que faças tudo, contanto que o privilégio seja concedido.

BRITO (*Resoluto*) - Pois bem; farei questão de gabinete, e assim fico livre mais depressa desta maldita túnica de Nessus.

CENA II

OS MESMOS *e o* DOUTOR MONTEIRINHO

DR. MONTEIRINHO (*Cumprimentando Filomena*) - Minha senhora. (*Para Brito*) Vamos para a Câmara, conselheiro. É hoje a grande batalha.

BRITO - Estou às suas ordens.

DR. MONTEIRINHO - Havemos de vencer, custe o que custar.

FILOMENA - Doutor Monteiro, empregue todo o fogo de sua palavra.

DR. MONTEIRINHO - Fique descansada, minha senhora. Levo o meu discurso na ponta da língua. Hei de tratar a parte técnica, sobretudo, com o maior cuidado. Na discussão deste projeto ou conquisto os foros de estadista, ou caio para nunca mais erguer a frente.

FILOMENA - Bravo! Bravo!

BRITO - Vamos, conselheiro, são horas.

FILOMENA (*Para Brito*) - Vai. Que Deus te inspire. (*Saem Monteiro e Brito*)

CENA III

FILOMENA *e* BEATRIZ

FILOMENA - Que boa madrugada! Onze horas!

BEATRIZ (*Beijando Filomena*) - Não posso acordar-me cedo, por mais esforços que faça. Vosmecê não sai hoje?

FILOMENA - Não. Estou muito nervosa.

BEATRIZ - É mais uma razão para sair.

FILOMENA - Se cai o projeto e com ele o ministério...

BEATRIZ - Estamos arranjadas.

FILOMENA - Lá se vai o inglês.

BEATRIZ - E o Sr. Raul também. (*À parte*) Se ao menos aquele pobre doido que ofereceu-me o coração... (*Alto*) Ora, será o que Deus quiser. (*Mirando-se ao espelho, canta*)

La donna é mobile
Qual piuma al vento.
Muta d'accento
E di pensiero.

O pacote francês deve chegar hoje?

FILOMENA - Creio que sim.

BEATRIZ - Estou ansiosa por ver os vestidos de verão que encomendamos.

CENA IV

BEATRIZ, FILOMENA e CRIADO

CRIADO (*Com uma gaiola com papagaio*) - Veio da parte do Senhor Tinoco, com esta carta. (*Entrega a carta a Filomena*)

FILOMENA (*Depois de ler a carta*) - Estes pretendentes entendem que devem encher-me a casa de bichos. Leva para dentro. (*O criado sai*)

BEATRIZ - E coisa célebre, pelos presentes pode-se conhecer a que província ou a que lugar pertencem os pretendentes. Os do Ceará mandam corruptions; os do Pará redes, paus de guaraná e macacos de cheiro; os de Pernambuco, caju secos e abacaxis; os de São Paulo, formigas vestidas, figos em calda.

FILOMENA - E arapongas. Se o pretendente é do Maranhão, a mulher do ministro não passa sem lenço de labirinto.

BEATRIZ - E se é da Bahia, lá vêm as quartinhas, o azeite de cheiro e os sagüis.

FILOMENA - Os do Rio Grande do Sul exprimem a gratidão com línguas salgadas e origones.

BEATRIZ - E os de Minas com queijos e rolos de fumo. Mas, coitados! Muito sofrem! Só a lida em que eles vivem - Venha hoje, venha amanhã, espere um pouco, agora não é possível!

FILOMENA - É para admirar que a esta hora já não esteja a sala cheia deles.

BEATRIZ - É verdade.

CENA V

FILOMENA, BEATRIZ e DONA BÁRBARA

DONA BÁRBARA - Desculpe-me se fui entrando sem anúncio prévio.

FILOMENA - A Senhora Dona Bárbara é sempre recebida com prazer a qualquer hora.

DONA BÁRBARA - E é por saber disto que vim vê-la, apesar do que se tem passado.

FILOMENA - Creio que entre nós nada se tem passado que possa porventura interromper, sequer de leve, as nossas relações amistosas.

DONA BÁRBARA - Quero dizer do que se tem passado entre os nossos maridos.

FILOMENA - Também não sei o que possa ter havido entre eles. Pertencem ao mesmo credo político, ainda ontem para bem dizer, eram amigos...

DONA BÁRBARA (*À parte*) - Se não digo na bochecha desta emproada tudo quanto sinto, estouro. (*Alto*) Eram amigos, é verdade, porém... meu marido tem razões especiais... Ele está na Câmara cumprindo o seu dever.

FILOMENA - Faz muito bem.

DONA BÁRBARA - Não é hoje que se discute um célebre privilégio de uma estrada para o Corcovado?

FILOMENA - Creio que sim.

DONA BÁRBARA - Não sabia; passando por acaso pela rua do Ouvidor...

BEATRIZ - Como é fingida esta *vecchia strega!*

DONA BÁRBARA - Ouvi os garotos apregoarem a *Gazeta da Tarde*, traz a notícia da grande patota dos cachorros! E por entre os grupos dos indivíduos que conversavam no ponto dos bondes, pude distinguir estas frases, cujo sentido não compreendi bem: arranjos de família, ministro patoteiro, casamento da filha com o inglês...

FILOMENA - É verdade, minha senhora; mas o que não sabe é que por entre aqueles grupos estava a mulher despeitada de um ministro gorado e que era esta a que mais gritava.

DONA BÁRBARA - Um ministro gorado?!

BEATRIZ - Sim. *Un ministre manqué.*

DONA BÁRBARA (*Para Beatriz*) - Minha senhora, tenha a bondade de falar em português, se quer que a entenda.

FILOMENA - Eu falarei português claro. O ministro gorado é...

BEATRIZ - Seu marido... *voila tout.*

FILOMENA - E a mulher despeitada...

DONA BÁRBARA - Sou eu?!

BEATRIZ - *Sans doute.*

DONA BÁRBARA (*À parte*) - Eu arrebento. (*Alto*) Pois já que as senhoras são tão positivas dir-lhes-ei que meu marido nunca teve a idéia de fazer parte de semelhante ministério. Ele é um homem de muito bom senso e sobretudo de muita probidade.

FILOMENA - Observo à senhora que estou em minha casa.

BEATRIZ (*À parte*) - *C'est incroyable! Dreadful.*

DONA BÁRBARA - Foi a senhora a primeira que esqueceu esta circunstância.

FILOMENA - Não me obrigue...

DONA BÁRBARA - Eu retiro-me para nunca mais pôr os pés aqui.

FILOMENA - Estimo muito.

DONA BÁRBARA - E fique sabendo que o Chico...

FILOMENA (*Com dignidade*) - Minha senhora. (*Cumprimenta e sai*)

BEATRIZ - *Au revoir.* (*Sai*)

DONA BÁRBARA - Emproada, sirigaita, patoteira! Hei de tomar uma desforra. (*Sai zangada*)

CENA VI

PEREIRA, INÁCIO, ARRUDA, RIBEIRO, AZAMBUJA, *mais pessoas e o CRIADO*

CRIADO - Sua Excelência não está. Os senhores que quiserem esperar podem ficar nesta sala.

PEREIRA - O homem está em casa.

INÁCIO - Eu cá hei de falar-lhe hoje, por força, haja o que houver.

ARRUDA - E eu também. Só se ele não passar por aqui.

RIBEIRO - O que é bem possível, porque a casa tem saída para outra rua.

AZAMBUJA - Há quatro meses que ando neste inferno.

RIBEIRO - Console-se comigo, que ando pretendendo um lugar há cinco anos, e ainda não mo deram.

ARRUDA - Há cinco anos?!

RIBEIRO - Sim, senhor.

AZAMBUJA - E tem esperanças de obtê-lo?

RIBEIRO - Olé! Já atravessei seis ministérios. Venho aqui duas vezes por dia.

INÁCIO - E eu que vim dos confins do Amazonas; e aqui estou há seis meses a fazer despesas, hospedado na casa do Eiras, com uma numerosa família, composta de mulher, seis filhos, duas cunhadas, três escravas, quatorze canastras, um papagaio e um corrupção!

CENA VIII

OS MESMOS e ERNESTO

ERNESTO - Meus senhores.

PEREIRA - Oh! Senhor Ernesto.

ERNESTO - Como está, Senhor Pereira?

PEREIRA - O seu negócio? Ainda nada?

ERNESTO - Qual! Trago agora aqui uma carta... Vamos ver se com esta arranjo o que quero. É de um deputado mineiro governista.

PEREIRA - É bom empenho?

ERNESTO - Quem me arranjou foi um negociante da rua dos Beneditinos, em cuja casa acha-se hospedado o tal deputado.

RIBEIRO - Meu amigo, vá à fonte limpa, procure um deputado da oposição e digo-lhe desde já que está servido.

ERNESTO - Muito se sofre!

AZAMBUJA - É verdade.

CENA VIII

OS MESMOS e FILIPE

FILIPE - Adeus, Senhor Ernesto.

ERNESTO - Adeus, Filipe.

FILIPE - Ainda perde seu tempo em vir por aqui?

ERNESTO - Por quê?

FILIPE - Porque o ministério está morto!

PEREIRA - Caiu?!

FILIPE - A esta hora já deve ter caído. A rua do Ouvidor está assim. *(Fechando a mão)* Não se pode entrar na Câmara. Há gente nas galerias como terra.

ERNESTO - O partido dos cachorros está bravo?

FILIFE - Os cachorros?! Estão danados! A tal estrada não passa, não, mas é o mesmo. O Doutor Monteirinho levantou-se para falar...

ERNESTO - Ah! Ele falou hoje?

FILIFE - Qual! Não pôde dizer uma palavra. Rompeu uma vaia das galerias, mas uma vaia de tal ordem, que foi preciso entrar a força armada na Câmara.

PEREIRA - Lá se vai o meu lugar da Alfândega.

AZAMBUJA - E o meu.

RIBEIRO - E o meu.

FILIFE (*Levando Ernesto para um lado*) Ainda não a vi hoje.

ERNESTO - Mas é verdade tudo isto?

FILIFE - Como é bela!

ERNESTO - Com os diabos! que transtorno!

FILIFE - Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões...*

ERNESTO - Comia uma empada, comia uma empada...

FILIFE - É isso mesmo.

ERNESTO - Irra! Não me amoles.

PEREIRA (*Para Ernesto*) - O senhor quer saber onde está a minha esperança?

ERNESTO - Onde?

PEREIRA (*Tirando um bilhete de loteria do bolso*) - Aqui neste bilhete do Ipiranga.

FILIFE - Eu também tenho um. (*Vendo na carteira*) Querem ver que o perdi! Não, cá está. A esta hora já deve ter andado a roda. Com a breca, nem me lembrava! (*Olhando para dentro*) Se pudesse ao menos ver-lhe a pontinha do nariz.

PEREIRA - Vou ver o que tirei. (*Sai*)

FILIFE - E eu também. Mas qual! Sou de um caiporismo horrendo. Adeus, Senhor Ernesto. (*Olhando para todos os lados*) Onde estará ela?! (*Sai*)

CENA IX

OS MESMOS, *menos* PEREIRA e FILIPE e DOUTOR RAUL

ERNESTO - Esta notícia veio transtornar-me os planos.

AZAMBUJA - Talvez seja mentira.

ERNESTO - As más novas são sempre verdadeiras.

RAUL - Ora, vivam, meus senhores!

ERNESTO - Doutor Raul, o que há acerca do ministério?

RAUL - Dizem que está em crise.

ERNESTO - Mas há esperanças?

RAUL - Hum!... Não sei. Vejo as coisas muito embrulhadas.

CENA X

OS MESMOS e MISTER JAMES

RAUL - Oh! Mr. James! Fazia-o pela Câmara.

MR. JAMES - *Mim só sai de casa hoje pra vem aqui...*

RAUL - Os negócios estão feios.

MR. JAMES - *Oh! Yes, muito feias.*

RIBEIRO (*A Ernesto*) - Este é o tal inglês da patota de que os jornais falam hoje?

ERNESTO - É o bicho.

MR. JAMES - *Você quer sabe de uma cousa. Mim estar muito stupíde.*

RAUL - Por quê?

MR. JAMES - *Eu já deve saber que este ministéria não pode dura muite tempo, e mim cai na asneira de faz negócia com ele.*

RAUL - Mas em que se fundava para saber disto?

MR. JAMES - *Ora escuta vosmincê, presidenta de Conselho onde estar nascida?*

RAUL - No Pará.

MR. JAMES - *Ministra de Império?*

RAUL - Em São Paulo.

MR. JAMES - *Ministra de Justiça?*

RAUL - Creio que é de Piauí.

MR. JAMES - *No senhor; de Paraíba.*

RAUL - Ou isso.

MR. JAMES - *Ministra de Marinha estar de Alagoas, ministra de Estrangeiros...*

RAUL - Este é do Paraná.

MR. JAMES - *Yes. Ministra de Guerra estar de Maranhão, de Fazenda, Rio de Janeiro.*

RAUL - Mas o que tem isto?

MR. JAMES - *Não tem uma só ministra de Bahia. E ministéria sem baiana - estar defunta logo, senhor.*

RAUL - Tem razão.

MR. JAMES - *Baiana estar gente muito poderosa. Não se pode esquece dela.*

RAUL - O ministério estava fraco, lá isso é verdade.

MR. JAMES - *E tem inda mais; Ministra da Marinha...*

RAUL - O Doutor Monteirinho?

MR. JAMES - *Yes. Ministra da Marinha estar muito pequenina.*

RAUL - Muito moço é que o senhor quer dizer?

MR. JAMES - *All right. No pode ser estadista e governa pais logo que sai de escola. É preciso aprende primeiro, aprende muito, senhor. Todo mundo estar caçoanda, e chama ministra de Cazuzinhe. O senhor sabe dizer o que é Cazuzinhe?*

RAUL - É um nome de família.

MR. JAMES - *How? Mas família fica em casa, e no tem nada com ministéria. Vosmecês aqui têm costume de chama homem de estado de Juquinha, Lulu, Fernandinha. Governa estar muito sem-cerimônia.*

CENA XI

OS MESMOS, BEATRIZ e FILOMENA

MR. JAMES - *Como está, senhorra?*

RAUL - Minhas senhoras.

FILOMENA - Veio da Câmara?

MR. JAMES - *No senhorra.*

FILOMENA - Pois não foi lá? No dia em que se deve decidir o seu negócio...

BEATRIZ (*A Raul*) - Mamãe ainda não teve tempo de falar com papai acerca da sua pretensão.

MR. JAMES - *Meu negócia estar perdida.*

FILOMENA - Tenho fé que não.

MR. JAMES - *Oh! Yes.*

CENA XII

OS MESMOS e FELIZARDO

FELIZARDO (*Entrando apressado*) - Caiu o ministério!

FILOMENA - Caiu! Ai! Falta-me a luz! (*Cai desmaiada em uma cadeira*)

BEATRIZ (*Correndo*) - Mamãe.

RAUL - Dona Filomena!

MR. JAMES (*Para todos*) - *Ó no incomoda! Vai passa já.*

ERNESTO - Ora sebo! (*Sai*)

INÁCIO - Ora bolas. *(Sai)*

ARRUDA - Ora pílulas. *(Sai)*

RIBEIRO - Ora, com os diabos. *(Sai)*

AZAMBUJA - Ora... *(Sai)*

MR. JAMES *(Vendo Filomena levantar-se) - Estar pronta, já passou.*

FELIZARDO - E o pobre do Cazuzinha que tinha tanta coisa que fazer! Também lhes digo, que se ele consegue falar, a despeito das vaias da galeria, o ministério tinha vida por cinco anos, pelo menos.

RAUL - Deveras?

FELIZARDO - É um rapaz muito hábil. O senhor não imagina que discurso tinha ele preparado. Ontem recitou-mo todo. Sabia-o na ponta da língua.

RAUL - Foi uma pena! *(À parte)* E lá se foi o meu emprego, que é o que mais sinto.

FELIZARDO - Como não vai ficar a Maria José quando souber da notícia!

RAUL *(A Beatriz)* - Minha senhora; creio estar desligado dos compromissos que contraí para com Vossa Excelência.

BEATRIZ - Eu já o sabia; não era preciso mo dizer. O que o senhor doutor queria era uma posição social e não a minha mão!

RAUL *(À parte)* - Façamos cara de não ter compreendido.

CENA XIII

FELIZARDO, RAUL, BEATRIZ, FILOMENA, MISTER JAMES, BRITO e DOUTOR MONTEIRINHO

BRITO *(Abraçando Filomena)* - Minha Filomena, tenho necessidade de abraçar-te. Vem cá, Beatriz, abraça-me também. *(Beatriz abraça)* Foram vocês que me perderam; mas como isto é bom.

MR. JAMES - *Mim sente muito derrota de Vossa Excelência; agradece tudo que faz pela minha privilégia e pede desde já a Vossa Excelência um apresentação para nova ministéria que tem de subir.*

FELIZARDO (*Que deve estar abraçado com Monteirinho*) -Ah! Cazuza! Não há gosto perfeito neste mundo!

DR. MONTEIRINHO - E mamãe, que não teve a ventura de me ver de fardão!

FELIZARDO - Mas há de tê-la muito breve; eu te prometo.

CENA XIV

OS MESMOS e CRIADO

CRIADO - Trouxeram estes jornais e esta carta. (*Sai*)

BRITO - O que será? (*Vendo o sobrescrito da carta, para Filomena*) É para ti.

FILOMENA (*Abrindo a carta e lendo*) - "Minha senhora, tenho a honra de enviar a Vossa Excelência o último número da *Espada de Dâmocles*, que acaba de sair agora mesmo e de chamar a atenção de Vossa Excelência para a notícia, publicada sob o título *À última hora*. Sua veneradora e criada, Bárbara Coelho."(*Fecha a carta*) Que infame!

BRITO - Lê. (*Filomena quer rasgar o jornal*) Lê, eu terei a coragem de ouvir.

FILOMENA (*Lendo*) - "Caiu finalmente o ministério das patotas. Parabéns aos nossos concidadãos, estamos livres do homem que mais tem sugado os cofres públicos em proveito dos seus afilhados."

BRITO - Saio do ministério mais pobre do que entrei, porque estou crivado de dívidas, e com a pecha de ladrão!

FILOMENA - E o que pretendes fazer?

BRITO - Nada neste país, infelizmente, esta é a sorte de quase todos que descem do poder.

CENA XV

FILOMENA, RAUL, DOUTOR MONTEIRINHO, BEATRIZ, MISTER JAMES, FELIZARDO, BRITO e FILIPE

MR. JAMES (*A Filipe que entra às carreiras, ofegante, e cai-lhe desmaiado nos braços*) - *How! Tudo estar desmaia nesta casa!*

FILOMENA - Vão ver depressa vinagre. (*Raul corre para dentro*)

BEATRIZ - Como ele está pálido! Vou buscar água de Colônia. *(Corre para dentro)*

MR. JAMES - *Oh! nó, nó, é melhor traz cognac.*

DR. MONTEIRINHO - Vou buscá-lo. *(Sai correndo)*

BRITO *(Batendo-lhe nas mãos)* - Senhor, senhor! É o pobre do repórter!

BEATRIZ - Aqui está. *(Põe água de Colônia no lenço e chega-lhe ao nariz. Filipe abre os olhos) Ça y est! Il est gueri!*

FILIFE - Onde estou? Ah! *(Saí dos braços de Mister James)*

DR. MONTEIRINHO - Cá está o conhaque. Já não é preciso?

BRITO - O que tem?

FILIFE *(Não podendo falar)* - Comprei este bilhete. *(Mostra-o, tirando-o do bolso)* Vou ver a lista...

MR. JAMES - *Branca.*

FILIFE - E tirei duzentos contos!

FILOMENA - Duzentos contos!

BEATRIZ - *Ah! Bah!*

FILIFE *(Ajoelhando-se aos pés de Beatriz)* - Minha senhora, eu adoro-a, idolatro-a. Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*, a senhora comia uma empada. Quer aceitar a minha mão?

BEATRIZ - *De tout mon coeur.*

MR. JAMES - *All right! Boa negócia.*

(CAI O PANO)

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

COMÉDIA EM TRÊS ATOS

PERSONAGENS

MAJOR LIMOEIRO

TENENTE-CORONEL CHICO BENTO, do Pau Grande

HENRIQUE, bacharel em Direito

DOMINGOS, escravo de Limoeiro

GREGÓRIO, professor público da freguesia do Barro Vermelho

CUSTÓDIO RODRIGO, juiz de paz da mesma freguesia

FLÁVIO MARINHO, inspetor de quarteirão,

PASCOAL BASILICATA, italiano

RASTEIRA-CERTA, capanga de eleições

ARRANCA-QUEIXO, idem

PÉ-DE-FERRO, idem, idem

1º VOTANTE

2º VOTANTE

DONA PERPÉTUA, mulher de Chico Bento

ROSINHA, sua filha

Escravos e escravas da Fazenda do Riacho Fundo, votantes, capangas, povo, etc., etc.

A ação passa-se no interior da Província do Rio de Janeiro.

ATO PRIMEIRO

O teatro representa o terreiro da Fazenda do Riacho Fundo. A esquerda, vê-se a varanda da casa com janelas e portas, que dão para a cena: à direita, árvores; ao fundo, morros com plantações de café.

CENA I

MAJOR LIMOEIRO e DOMINGOS (*Ao subir o pano, estão em cena escravos e escravas da fazenda, com foices e enxadas*)

CORO Oh!

Que dia de pagode
Na fazenda de *sinhô!*
Sinhozinho chega hoje
Com a carta de *doutô!*
Nas senzalas satisfeitos,
Aguardente beberemos,
E, à noite, no terreiro
O batuque dançaremos.

DOMINGOS

Com crioulas e mulatas,
No feroz sapateado,
Hei de em casa de meu branco,
Trazer tudo num cortado.

Ninguém bula c'o Domingos,
Que não é de brincadeira;
Quando solta uma umbigada,
Quando puxa uma fieira.

CORO - Oh! que dia de pagode, etc., etc.

(Dançam todos)

LIMOEIRO *(Que durante a cena esfrega as mãos satisfeito, na varanda)* -
Esquenta, rapaziada! Vá o pagode arriba! Não quero ninguém aqui na
pasmaceira! *(Descendo à cena; a Domingos)* Logo que *sinhozinho* apontar no
capão do meio ataquem a foguetaria.

DOMINGOS - Sim, *sinhô*. Está tudo na *orde*.

LIMOEIRO - Onde colocaste a girândola?

DOMINGOS - Na encruzilhada, sim *sinhô*, do lado da tranqueira. Chii!!! Vosmecê
não imagina como está tudo bonito! Tem arco de bambu; coqueiro da banda
daqui; coqueiro da banda dali. Caminho está todo capinado e folha de canela é
mato!

LIMOEIRO - És um Tebas.

DOMINGOS - Um escravo de meu *sinhô*.

LIMOEIRO - E então, essa gente do Pau Grande vem ou não vem?

DOMINGOS - Falei ontem com o seu *tenente-coroné*, sim sinhô, dei o recado de meu sinhô, e ele disse-me que havia de vir com sinhá Dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha.

LIMOEIRO - Já deviam estar cá. O rapaz não tarda. Retirem-se a seus postos. Hoje e amanhã não se pega na enxada. Brinquem, durmam, dancem, façam o que quiserem. Mas fiquem sabendo, desde já, que o que tomar carraspana leva uma tunda mestra.

DOMINGOS - Viva sinhô moço Henrique!

Os NEGROS - Viva!

LIMOEIRO - Dobrem a língua; digam: viva sinhô moço doutor!

Os NEGROS - Viva sinhô moço doutô! (*Saem com Domingos*)

CENA II

LIMOEIRO, *só*.

Até que enfim! Ai vem o rapaz formado, com uma brilhante carreira na frente, e pronto para dar sota e basto (se não for tolo) nesta freguesia, onde a maior capacidade, depois de tenente-coronel Chico Bento com seus latinórios, é este seu criado, que mal sabe ler e escrever, mas que tem ronha como trinta. O rapaz, se quiser ser alguma coisa, há de aprender na minha escola.

CENA III

OS MESMOS, DOMINGOS, O TENENTE-CORONEL CHICO BENTO, DONA PERPÉTUA, ROSINHA, UMA CRIADA, *com um crioulinho ao colo*; e UM PAJEM *fardado com uma caixa de folha debaixo do braço*.

DOMINGOS (*Correndo com um foguete e um tição de fogo na mão*) - Pararam cinco burros na porteira do curral! É a gente do Pau Grande!

LIMOEIRO - Veio a família toda. Manda que entrem para cá. (*Domingos sai*)

CHICO BENTO (*Entrando com Dona Perpétua, Rosinha, a crioula e o pajem*) - Ora viva o nosso Major Sebastião! (*Apertando-lhe a mão*) *Salutis pluribus interesse te valerius*.

LIMOEIRO - Valério, não senhor, Sebastião Limoeiro, um seu criado. Como vai esta Sé velha? (*Cumprimenta a Rosinha e a Perpétua*)

CHICO BENTO - O rapaz já veio?

PERPÉTUA - Estou ansiosa por vê-lo. (*Para Rosinha*) Endireita este corpo, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada!

ROSINHA - Mamãe já principia? Se eu soubesse não tinha vindo, está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só catucando.

PERPÉTUA - Vejam só como está este chapéu! (*Admirada*) O que é que tu tens nesta barriga?

ROSINHA (*Com arrebatamento*) - Ué! Eu sei lá! Foi aquela coisa, que meu padrinho trouxe da cidade.

PERPÉTUA (*Admirada*) - As anquinhas! Ora vocês estão vendo? senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina.

LIMOEIRO - Essa é boa! Sem cerimônia, Dona Perpétua! Entre por aí afora. (*Perpétua, Rosinha, a criada e o pajem entram para casa*)

CENA IV

LIMOEIRO e CHICO BENTO

CHICO BENTO - Finalmente o pequeno tomou juízo! Agora o que é preciso é muito tino e prudência nos negócios da freguesia. *Libertis decuplis et anima nostri in duvido essis*. Isto vai mal, meu major... As eleições estão a bater à porta...

LIMOEIRO - E não temos ainda um candidato.

CHICO BENTO - Lá quanto a isto, é o que não falta.

LIMOEIRO - Dizem por aí que o governo já designou o bicho.

CHICO BENTO - Há de ser quem quiser este seu criado Matias.

LIMOEIRO - Apoiado, meu tenente-coronel.

CHICO BENTO - Pensam, porventura, que hei de consentir que os liberais assaltem a urna a baionetas, como fizeram, há quatro anos, na freguesia do Rabicho?! Hão de se agüentar no balanço!

LIMOEIRO - Perdão, meu tenente-coronel, foram os conservadores que, desrespeitando o voto livre e as garantias constitucionais...

CHICO BENTO - Foram os liberais que, violando o princípio das liberdades públicas...

LIMOEIRO - Discutamos no terreno dos princípios.

CHICO BENTO - É para aí que o desafio. Veja o que fez o Barnabé Antunes em sessenta e cinco.

LIMOEIRO Sim. O que foi que ele fez?

CHICO BENTO - Nada mais, nada menos que mandar processar o Antônio Caipora, influência legítima, só para arredá-lo da eleição.

LIMOEIRO - Ora! Ora!

CHICO BENTO - Toda a freguesia sabe do fato.

LIMOEIRO - E o que era o Barnabé Antunes? Conservador.

CHICO BENTO - Está enganado. O Barnabé Antunes era liberal.

LIMOEIRO - Enganado está o tenente-coronel. O Barnabé Antunes era liberal em sessenta e dois, virou casaca em sessenta e três, e foi juiz de paz com o Partido Conservador.

CHICO BENTO - Desta maneira não se pode discutir.

LIMOEIRO - E o que me diz do Ambrósio da Silveira? Era porventura alguma coisa?

CHICO BENTO - Foi liberal.

LIMOEIRO - Nunca! *(Ouve-se o ruído de uma girândola)* Chegou o rapaz!

CENA V

OS MESMOS, PERPÉTUA, ROSINHA e depois DOMINGOS, HENRIQUE e os negros.

PERPÉTUA *(Descendo da varanda com Rosinha)* - Que foguetada é esta, major? Parece que vem a casa abaixo!

LIMOEIRO *(Com alegria)* - É o meu Henrique, é o meu doutor!

NEGROS (*Dentro*) - Viva sinhô moço doutô!

LIMOEIRO - Viva!

PERPÉTUA (*A Rosinha*) - Endireita este pescoço, menina!

ROSINHA - Oh! Homem! Que maçada! O pescoço é meu, posso fazer dele o que quiser.

CHICO BENTO (*Indo ao fundo*) - Aí vem ele! (*Diversas pessoas correm à varanda da casa e aí se pastam*)

CORO (*Dentro*)

- Dos nossos braços valentes
Unidos em doce amor,
Façamos forte cadeira
P'ra conduzir o doutor.

(*Entram Domingos e os negros, carregando Henrique*)

CORO

- Os seus escravos, meu branco
Que vos amam com ardor
Aqui trazem satisfeitos
Da casa o doce penhor.

HENRIQUE (*Saltando ao chão, e abraçando Limoeiro*) - Meu tio!

LIMOEIRO - Meu filho... Sim, por que tu és meu filho, o filho das minhas entranhas.

CHICO BENTO (*Levando o lenço aos olhos*) - Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente. *Beatus ventris qui te portavis!*

LIMOEIRO (*Reparando em Henrique*) - Mas que diabo é isto! Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz?

HENRIQUE - Não atribua a minha magreza ao estudo; mas sim às saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que me são tão caros.

ROSINHA (*Vendo o estojo do diploma, que Henrique deve trazer a tiracolo*) - Uê, mamãe! Que canudo tamanho é aquele que ele tem?

PERPÉTUA - Que te importas tu com o canudo?

LIMOEIRO - Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau Grande. Aposto que já te não lembras do Coronel Chico Bento?

HENRIQUE - Muito, muito. Passei dias agradabilíssimos em sua fazenda. Como vai a sua senhora? A sua menina já deve estar moça!

CHICO BENTO - Olha, aqui está uma e lá está outra. *Ambos orentis etatis arcados dos ambos.*

HENRIQUE (*A Perpétua*) - Minha senhora... (*Apertando-lhe a mão - a Chico Bento*) Ainda está bem sacudida!

CHICO BENTO - E eu que o diga.

PERPÉTUA (*A Rosinha*) - Que moço amável!

ROSINHA (*A Perpétua*) - Pois eu não acho, enquanto não souber o que é que ele tem dentro daquele canudo.

HENRIQUE (*Para Limoeiro*) - E quem é esta interessante mocinha?

LIMOEIRO - Pois não conheces? Ora não conhecerás tu outra coisa! (*Rosinha esconde-se atrás de Perpétua*)

PERPÉTUA - É minha filha. (*Para Rosinha baixo*) Passa para a frente, menina. Que modos são estes?!

HENRIQUE (*Procurando vê-la*) - É um rosto encantador.

CHICO BENTO - Dizem todos que é o retrato do pai.

PERPÉTUA (*Baixo a Rosinha*) - Passa para a frente, menina!

ROSINHA - Não quero, está.

LIMOEIRO (*A Domingos*) - Logo que escurecer, venham colocar as lanternas na varanda, acendam as fogueiras, e batuquem à grande.

DOMINGOS - Sim, sinhô.

CORO

- Vamos, vamos, sem demora,
As lanternas preparar;
Pois está chegada a hora
Do batuque começar.

Oh que dia de pagode
Na fazenda de sinhô!
Sinhozinho já chegou
Com a carta de *doutô!*

LIMOEIRO (*Aos negros, que saem com Domingos*) - Vão, rapazes. (*Para Henrique*) O que é que trazes nesta folha?

HENRIQUE - A minha carta de bacharel, (*Tira dos ombros e dá-lha*) a qual dedico-lhe, em prova dos muitos sacrifícios que tem feito pela minha felicidade.

LIMOEIRO - Obrigado, meu filho. (*Abre a caixa, tira a carta e examina-a*)

PERPÉTUA - Agora já sabe o que é?

ROSINHA - Nunca vi carta daquele tamanho! Olhe, mamãe, tem uma fita e uma coisa dependurada até embaixo!

LIMOEIRO (*Esfregando a carta entre os dedos*) - Isto não é papel.

CHICO BENTO - É pergaminho.

PERPÉTUA (*Também examinando a carta*) - O que é pergaminho?

CHICO BENTO - É um papel feito de couro.

ROSINHA (*Para Perpétua*) - Mas não é couro de burro, mamãe?

LIMOEIRO - Quem há de dizer que é com este couro, que se têm formado os homens mais importantes deste país! (*Entrega a carta a Henrique*) Minhas senhoras, tomem conta da casa; vão lá para dentro e dirijam aquilo como se estivessem em sua fazenda. (*Para Henrique*) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem, apesar de que vieste montado no Diamante, que é o primeiro burro destas dez léguas em redor. Vai mudar de roupa.

HENRIQUE (*A Chico Bento*) - Se me dá licença...

CHICO BENTO - Essa é boa! (*Saem Henrique, Perpétua e Rosinha*)

CENA VI

LIMOEIRO e CHICO BENTO

LIMOEIRO - Então o que diz do nosso doutor?

CHICO BENTO - Não é de todo desajeitado.

LIMOEIRO - Desajeitado! É um rapaz de muito talento!

CHICO BENTO - E diga-me cá uma coisa: a respeito de política, quais são as idéias dele?

LIMOEIRO - Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

CHICO BENTO - *Omnibus tulit puntos, quis miscuit util et dolcet.*

LIMOEIRO (*Gritando*) - Olá de dentro? Tragam duas cadeiras. O negócio é importante, devemos discutir com toda a calma.

CHICO BENTO - Estou às suas ordens. (*Entra um negro e põe as duas cadeiras em cena*) - Tem a palavra o suplicante. (*Sentam-se*)

LIMOEIRO - Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. É preciso arrumar o rapaz; e não há negócio, neste país, como a política. Pela política cheguei a major e comendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspetor da instrução pública cá da freguesia.

CHICO BENTO - Pela política, não, porque estava o partido contrário no poder; foi pelos meus merecimentos.

LIMOEIRO - Seja como for, fato é que, apesar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influência do lugar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

CHICO BENTO - Oxalá que eu tivesse só a metade do que possui o major.

LIMOEIRO - Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influência. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por aí.

CHICO BENTO - Quer então que...

LIMOEIRO - Que o tome sob a sua proteção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas próximas eleições.

CHICO BENTO - *Essis modus in rebus.*

LIMOEIRO - Deixêmo-nos de latinórios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possível.

CHICO BENTO (*Com alegria concentrada*) - Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negócio lhe apraz...

LIMOEIRO - É um negócio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em água de barrela. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

CHICO BENTO - Já atinei! Já atinei! Quando o Partido Conservador estiver no poder...

LIMOEIRO - Temos o governo em casa. E quando o Partido Liberal subir...

CHICO BENTO - Não nos saiu o governo de casa.

LIMOEIRO (*Batendo na coxa de Chico Bento*) - Maganão.

CHICO BENTO (*Batendo-lhe no ombro*) - Vivório! E se se formar um terceiro partido?... Sim, porque devemos prevenir todas as hipóteses...

LIMOEIRO - Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

CHICO BENTO - Nunca. Sempre protestei contra aquele estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi feito comendador naquela ocasião.

LIMOEIRO - É verdade, não o nego; mudei de idéias por altas conveniências sociais. Olhe, meu amigo, se o virar casaca fosse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os inúmeros criminosos que por aí andam.

CHICO BENTO - Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO - E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atrás..

CHICO BENTO - Então casamos os pequenos...

LIMOEIRO - Casam-se os nossos interesses...

CHICO BENTO - *Et coetera* e tal...

LIMOEIRO - Pontinhos... (*Vendo Henrique*) Aí vem o rapaz, deixe-me só com ele.

CHICO BENTO - *Fiam voluntatis tue.* Vou mudar estas botas.. (Sai)

CENA VII

LIMOEIRO e HENRIQUE

HENRIQUE - Como se está bem aqui! Disse um escritor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cérebro. Que amargo epigrama contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui poeta.

LIMOEIRO - Toma tenência, rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te ocupes com alguma coisa séria.

HENRIQUE - Veja, meu tio, como está aquele horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e púrpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flores, convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.

LIMOEIRO - Está bom, está bom. Esquece estes sonhos de amor, que, no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito tempo para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

HENRIQUE - Estou às suas ordens.

LIMOEIRO - Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE - Tenho muitas diante de mim... a magistratura...

LIMOEIRO - Podes limpar as mãos à parede.

HENRIQUE - A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...

LIMOEIRO - E esqueceste a principal, aquela que pode elevar-te às mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE - O jornalismo?

LIMOEIRO - A política, rapaz, a política! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um ano de prática; para seres juiz de direito, tens de fazer um quadriênio; andarás a correr montes e vales por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por aí, e sempre com a sela na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a política. Para deputado não é preciso ter prática de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador,

para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quase teu pai, para o Brasil inteiro, em suma.

HENRIQUE - Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO - Não é preciso coisa alguma. Desejo somente que me digas quais são as tuas opiniões políticas.

HENRIQUE - Foi coisa em que nunca pensei.

LIMOEIRO - Pois olha, és mais político do que eu pensava. É preciso, porém, que adotes um partido, seja ele qual for. Escolhe.

HENRIQUE - Neste caso serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO - E por que não serás conservador?

HENRIQUE - Não se me dá de sê-lo, se for de seu agrado.

LIMOEIRO - Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

HENRIQUE - Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO - Indignidade é ser uma coisa só!

CENA VIII

OS MESMOS e CHICO BENTO

CHICO BENTO (*Entrando alegre*) - Já dei parte à menina, e à senhora; está tudo arranjado! E o que diz o nosso doutor?

LIMOEIRO - Ah! Ele está por tudo quanto eu quiser.

CHICO BENTO - Então, deixe-me abraçá-lo já como meu filho.

HENRIQUE - Como seu filho?! Que diabo de trapalhada é esta?

CHICO BENTO (*A Limoeiro*) - Pois ainda não lhe disseste?

LIMOEIRO - Ainda não; mas é o mesmo. (*Para Henrique*) Meu Henrique, prepara-te para tomar estado.

HENRIQUE - Mas isto assim, à queima-roupa?

LIMOEIRO - É desta maneira que eu gosto de arranjar as coisas, zás-trás, nó cego.

CENA IX

CHICO BENTO, LIMOEIRO, HENRIQUE, ROSINHA e PERPÉTUA

LIMOEIRO (*Trazendo Rosinha pela mão*) - Aqui está a tua noiva.

ROSINHA (*Puxando a mão com força*) - Eu não gosto destas brincadeiras comigo.

PERPÉTUA - Menina, tenha modos.

ROSINHA (*A Perpétua*) - Eu já disse que não quero; e quando eu digo que não quero, é porque não quero mesmo. É à-toa, escusa de estar nhen-nhen-nhen em cima da gente.

HENRIQUE (*Á parte*) - Mas que papel represento eu?

LIMOEIRO (*Baixo a Perpétua*) - O verdadeiro é deixá-los sós. Tenente-coronel, enquanto não chegam os convidados para a festa, vamos dar um passeio pelo laranjal. Ande, venha, Dona Perpétua.

ROSINHA (*Baixo; a Perpétua*) - Eu não fico aqui sozinha com este homem.

PERPÉTUA - Espera, menina, eu já venho.

ROSINHA (*Baixo*) - Não quero.

PERPÉTUA (*Baixo*) - Vejam só que tola! Conversa com o moço, que tu hás de gostar dele.

ROSINHA - Que me importa lá com o moço! Eu não como em casa dele.

PERPÉTUA (*Baixo*) - Pois bem; fique aí e não me conte mais histórias.

ROSINHA - Eu fico, mas não falo com ele. Ele pode dizer o que quiser, que entra por aqui e sai por ali.

LIMOEIRO - Vamos, Dona Perpétua, antes que chegue a hora de jantar.

CENA X

HENRIQUE e ROSINHA

HENRIQUE (*À parte*) - Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha?

ROSINHA (*À parte*) - Se tu esperas que te puxe pela língua, estás mal enganado.

HENRIQUE (*À parte*) - Vou perguntar-lhe que horas são.

ROSINHA (*À parte*) - Estou quase perguntando-lhe que coisa é aquela que ele tem dependurada na carta.

HENRIQUE (*À parte*) - Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados...

ROSINHA (*À parte*) - Uê! Como ele olha para a gente!

HENRIQUE (*À parte*) - Cintura fina e delgada, cabelos castanhos... Decididamente não é nenhuma asneira.

ROSINHA (*À parte*) - Agora lá para que digamos, ele não é muito feio. Moreninho, cabelos encaracolados...

HENRIQUE (*À parte*) - Eu vou dirigir-lhe a palavra.

ROSINHA (*À parte*) - Se ele falar, eu respondo.

HENRIQUE (*À Rosinha*) - Ó sinhá! (*Rosinha finge que não ouve*) Sciu! Ó sinhá? (*Henrique segura-lhe na cintura*)

ROSINHA (*Esquivando-se*) - Não me catuque, que eu vou contar a mamãe.

HENRIQUE - Não fuja, não quero fazer-lhe mal. Olhe, sinhá, olhe para mim.

ROSINHA (*Com mau modo*) - Eu não me chamo sinhá.

HENRIQUE - Não se zangue.

ROSINHA - O senhor sabe muito bem meu nome.

HENRIQUE - Dona Rosinha?

ROSINHA - O que quer?

HENRIQUE (*Aproximando-se*) - Quero dizer-lhe que...

ROSINHA (*Afastando-se*) - Chegue-se para lá; fale de longe que eu não sou surda.

HENRIQUE (*À parte*) - E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (*Alto*) Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores que a cercam.

ROSINHA - O senhor está caçoando com a gente.

HENRIQUE - Estou-lhe abrindo o meu coração. Há algumas horas apenas que a conheço e confesso que sinto-me cativo de tanta singeleza.

ROSINHA - Ó gente! Então hoje é a primeira vez que o senhor me vê?

HENRIQUE - Creio que sim.

ROSINHA - Então o senhor come muito queijo! Pois não se lembra que já estive no Pau Grande caçando pombas? Eu até tenho ainda uma boneca que o senhor me deu.

HENRIQUE - E, desde essa época, tem me conservado sempre em sua lembrança?

ROSINHA (*Vexada*) - Não sei...

HENRIQUE - Então por que censura-me por não havê-la reconhecido? É porque seus lábios não ousam dizer o que o coração sente.

ROSINHA - Nem tudo o que se sente, a gente diz.

HENRIQUE - Dona Rosinha, parece-me que meu tio não é tão tirano como eu pensava, por haver ajustado este casamento, sem consultar a nossa vontade. A sua candura inspira-me, e creio que serei muito feliz, aliando o meu futuro ao seu. Quer casar comigo?

ROSINHA - Não sei...

HENRIQUE (*Segurando-lhe na mão*) - Responda.

ROSINHA - Aí vem papai. (*Sem poder tirar a mão da de Henrique*)

CENA XI

OS MESMOS, CHICO BENTO, PERPÉTUA e LIMOEIRO

CHICO BENTO (*Vendo Henrique segurando na mão de Rosinha*) - Venham, venham depressa, que o negócio está concluído! *Iam proximus ardet.*

ROSINHA (*Assustada*) - Eu não lhe disse?!

LIMOEIRO - Não vai mal, senhor doutor!

HENRIQUE - Sou da escola de meu tio! záz-trás, nó cego.

PERPÉTUA (*Baixo a Rosinha*) - Eu não te disse que o moço era bom?

CHICO BENTO - Agora só falta o - *finis coronnat opus* - ou o - *lte consummatum est*. (*Ouve-se música dentro*)

CENA XII

ROSINHA, HENRIQUE, PERPÉTUA, LIMOEIRO, CHICO BENTO, GREGÓRIO, CUSTÓDIO e FLÁVIO MARINHO.

(*Gregório, Custódio e Flávio Marinho entram seguidos de uma banda de música precedida de um estandarte em que se lê: "Philarmonica Recreio do Pau Grande"*)

ROSINHA - Chii! mamãe, temos música!

GREGÓRIO - Viva o doutor, que acaba de chegar.

CUSTÓDIO e FLÁVIO MARINHO - Viva!

GREGÓRIO - Saúde, paz e tranqüilidade, eis o que desejo ao transpor os umbrais da residência do muito alto e nobre Senhor Major Limoeiro.

LIMOEIRO - Ora viva o Senhor Gregório. (*Para Henrique*) Aqui te apresento o Senhor Gregório Simplício Anacoreta dos Goitacazes, distinto professor público da freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho.

HENRIQUE - Tenho muita honra em conhecer o digno preceptor da nossa mocidade.

LIMOEIRO (*Baixo a Henrique*) - Olha que é afilhado do vigário, e o primeiro eleitor cá da freguesia.

HENRIQUE - A fama de sua inteligência e de sua ilustração é apregoada por todos.

LIMOEIRO (*À parte*) - Bravo! O rapaz tem dedo para o negócio. (*Alto*) Este é o Senhor Custódio Rodrigo Netuno, do Mar de Hespanha, primeiro juiz de paz mais votado e digno membro do nosso eleitorado.

HENRIQUE - Já o conhecia de tradição pelos serviços prestados à causa pública...

LIMOEIRO (*Baixo a Henrique*) - À guerra do Paraguai...

HENRIQUE - À guerra do Paraguai...

LIMOEIRO (*Baixo a Henrique*) - E à epidemia das bexigas.

HENRIQUE - E à epidemia das bexigas.

CUSTÓDIO - Favores dos meus concidadãos.

LIMOEIRO - Aquele é o Senhor Flávio Marinho, do Rio das Mortes, inspetor de quartirão, boticário, procurador da Capela das Mercês e arrematante das rendas municipais.

HENRIQUE - Saúdo o distinto financeiro.

LIMOEIRO (*Baixo a Henrique*) - E muito digno representante do partido da ordem.

HENRIQUE - E muito digno representante do partido da ordem.

FLÁVIO - Vossa Excelência confunde-me.

GREGÓRIO (*Consertando a garganta*) - Senhor Major Limoeiro. Os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem ao soberano anfitrião, que acaba de chegar das montanhas da Paulicéia, coroados com os louros virentes da sabedoria, incumbiram-me, a mim, humilde professor público desta freguesia, de saudar tão grande dia, saudando ao mesmo tempo o ditoso tio, que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o Senhor Doutor Henrique. (*Toca a música*) Agora não de permitir que recite uma colcheia de minha lavra. (*Tira um papel do bolso e lê*)

MOTE

Alegrou-se a mocidade
Com a chegada do doutor

GLOSA

Ser escravo jamais há-de
O Império brasileiro!
Com o filho do Limoeiro

Alegrou-se a mocidade;
Seu nome à posteridade
Há de chegar sem temor

Cheio de glória e louvor,
Pois nada o Riacho Fundo
Cheio de gozo profundo
Com a chegada do doutor.

TODOS (*Menos Henrique*) - Viva!

GREGÓRIO - Viva o muito honesto e popular Major Limoeiro

T9Do5 (*Menos Limoeiro e Henrique*) - Viva!

GREGÓRIO - Viva o Senhor Tenente-Coronel Chico Bento do Pau Grande.

TODOS - (*Menos Chico Bento*) - Viva.

LIMOEIRO - Meus senhores, o jantar nos espera. À mesa.

Vamos, vamos, meus senhores
Para a sala de jantar,
Entre flores e iguarias
Este dia festejar.

CORO

Entre flores e iguarias
Beberemos com ardor
À ventura do major
E à saúde do doutor.

(Entram todos para casa ao som da música)

(CAI O PANO)

ATO SEGUNDO

O teatro representa a Praça da Freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho: ao fundo, a matriz; à direita e à esquerda, casas com portas para a cena. Ao subir o pano, acham-se diversas pessoas na praça: grupos à porta da igreja e ao lado das casas.

CENA I

CORO DE CAPANGAS

Que o voto é livre
Ninguém duvida!
Por nossos amos
Demos a vida.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

Sejamos fortes
Em cabalar,
Que bom dinheiro
Vamos ganhar.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

(Dispersam-se, entrando uns nas casas, outros na igreja)

CENA II

HENRIQUE, LIMOEIRO e depois DOMINGOS

LIMOEIRO - Parece-me que o negócio vai correndo às mil maravilhas.

HENRIQUE - Fie-se nessa. Não viu o sarilho que andou lá por dentro ainda há pouco?

LIMOEIRO - E o sujeito votou ou não votou?

HENRIQUE - Votou; mas eu não queria estar-lhe na pele.

LIMOEIRO - Onde está o Domingos?

HENRIQUE - Na igreja.

LIMOEIRO - Vai também para lá, chama-me o Domingos, e dá estas listas (*Dando-lhas*) ao Flávio Marinho, para entregar ao João Correa. Não abandones a urna. Olha, coloca-te ao lado do Rasteira-Certa e do Arranca-Queixo, logo que houver rolo. (*Henrique sai*) É preciso muito tino e sangue frio.

DOMINGOS (*Saindo da igreja*) - Pronto, meu sinhô.

LIMOEIRO (*Tirando a lista dos votantes e lendo*) - Antônio José da Purificação, Anastácio Antônio da Silva, Felipe dos Reis, José... José Antônio... Cá está. Manoel Maneco Manduba de Mandiroba. (*Para Domingos*) Tome sentido neste nome. Quando gritarem por ele, vosmecê apresente-se e entregue esta lista. (*Dá-lhe a lista*) Entendeu?

DOMINGOS - Sim, sinhô.

LIMOEIRO - Repita. Como é seu nome, agora?

DOMINGOS - E Domingos, sim, sinhô.

LIMOEIRO - Ó cabeça de burro, pois eu não acabo de dizer que você é Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS - Ah! Agora já sei, sim sinhô. Eu me chamo seu Mané Maneco.

LIMOEIRO - Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, se vai dizer, como o negro do Ribeiro: aqui está *biete que siô moço seu Zé Ribeiro mandou pra sinhô*.

DOMINGOS - Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não *tem* votado tantas vezes?

CENA III

OS MESMOS, CHICO BENTO, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLÁVIO MARINHO, 1º VOTANTE, *acompanhados de povo, saindo da igreja aos empurrões.*

POVO - É fósforo! É fósforo!

CHICO BENTO - É o próprio e idêntico!

HENRIQUE - É muito conhecido na freguesia!

POVO - É fósforo! É fósforo!

GREGÓRIO - À ordem, senhores!

OS MESMOS, FLÁVIO, 2º VOTANTE

CENA IV

OS MESMOS, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA e ARRANCA-QUEIXO

PÉ-DE-FERRO (*A Henrique*) - Pode falar grosso, senhor doutor, que o Pé-de-Ferro cá está com o Arranca-Queixo.

ARRANCA-QUEIXO - O cidadão prestante há de votar.

POVO - É fósforo! É fósforo! Não vota!

RASTEIRA-CERTA - Não é fósforo! É o próprio e idêntico; *véve* e *reséde* neste município.

LIMOEIRO (*Baixo a Domingos*) - Toma estas listas. (*Dá-lhas*) Aproveita o barulho, e ataca tudo na urna.

HENRIQUE - Respeitem as garantias constitucionais!

LIMOEIRO - Ordem, senhores! Eu conheço o homem, deixem-no votar. Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública!

PÉ-DE-FERRO - Apoiado!

1º VOTANTE - Vamos para dentro. (*Retiram-se todos, menos Limoeiro e Chico Bento*)

CENA V

LIMOEIRO e CHICO BENTO

CHICO BENTO - Major, o negócio está muito feio!

LIMOEIRO - Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado que afinal dá tudo certo.

CHICO BENTO - É verdade. Uma vez que o rapaz saia...

LIMOEIRO - Estamos nós dentro.

CENA VI

FLÁVIO (*Gritando da igreja*) - Jerônimo Tabu da Silva.

2º VOTANTE (*Saindo da esquerda*) - Pronto!

CHICO BENTO - Tome lá. (*Entrega-lhe uma lista*)

2º VOTANTE - Olhe, compadre, só para lhe servir. É triste ser pobre. Muito custa a ganhar a vida com honra! Com esta fazem quatro vezes que voto hoje. (*Entra para a igreja*)

CHICO BENTO (*Vendo a lista*) - Este já se pode riscar.

LIMOEIRO - E pode riscar também o Tenente Felício.

CHICO BENTO - Um dos esteios do partido da ordem!

LIMOEIRO - É verdade; não vota hoje, não, mas é o mesmo; mandei processá-lo, como vagabundo, por andar parado na rua de noite fora de horas.

CHICO BENTO - Pois fê-la bonita! Perdemos com ele toda a votação da gente da Samambaia e da Grota Funda.

LIMOEIRO - Grande prejuízo! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do Partido Liberal, sem contar com o recheio que mandei o Domingos meter na urna.

CHICO BENTO - Major, você é de todos os diabos.

CENA VII

CHICO BENTO, LIMOEIRO e DOMINGOS

DOMINGOS (*Saindo da igreja*) - Está tudo dentro, sim senhô.

LIMOEIRO - Fica aí que não tarda a chegar a tua vez de votar.

CHICO BENTO - Pois o major manda o escravo votar?

LIMOEIRO - Essa é boa! E por que não? E se o rapaz for eleito, ele já sabe, dou-lhe a carta de liberdade.

CHICO BENTO - Deus queira! Deus queira!

CENA VIII

LIMOEIRO, CHICO BENTO, DOMINGOS e FLÁVIO

FLÁVIO (*À porta da igreja*) - Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS - Pronto!

LIMOEIRO (*Baixo a Domingos*) - Anda, não te esqueças do nome. (*Domingos entra na igreja*)

CHICO BENTO - Vejamos a trovoadá!

CENA IX

OS MESMOS, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLÁVIO, 1º VOTANTE, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, ARRANCA-QUEIXO (*Acompanhados pelo povo, no meio de grande desordem*)

POVO - Fora o negro! É fósforo! (*Assobiam*)

1º VOTANTE - Eu bem o conheço. E o escravo do major.

POVO - Salta, tição!

LIMOEIRO - Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão livre e independente votar!

1º VOTANTE - É um desaforo! Homessa!!

POVO - É fósforo! É fósforo!

CUSTÓDIO - Atenção, senhores!

1º VOTANTE - Não queremos palanfrórios!

HENRIQUE - Deixem falar o orador.

CUSTÓDIO - Em nome da paz da freguesia, em nome de meus concidadãos, em nome da nossa honra, em nome da tranqüilidade pública, devemos respeitar o direito do cidadão.

HENRIQUE - Apoiado.

1º VOTANTE - Não apoiado.

ARRANCA-QUEIXO - O homem há de votar; não turrem. E quem *decéde* aqui está! (*Mostra o cacete*)

CUSTÓDIO - Eu asseguro-lhes que o suplicante é o mesmo Manoel Maneco Manduba de Mandiroba.

POVO - Não é! Não é!

ARRANCA-QUEIXO - Haja rolo!

PÉ-DE-FERRO - Haja!

(Trava-se um conflito de pedradas e cacetadas; intervém a guarda e retiram-se todos em debandada, entrando alguns na igreja e outros nas casas laterais. Chico Bento entra em uma das casas. Henrique, Domingos e Limoeiro entram na igreja)

CENA X

PERPÉTUA e ROSINHA

(Que entram em cena, na ocasião em que se dispersa o povo)

PERPÉTUA - Onde estará o meu homem, meu Senhor Bom Jesus?

ROSINHA - Eu não disse a mamãe que não viesse se meter neste angu?

PERPÉTUA - Deram-me um murro na cacunda, que quase deitei a alma pela boca fora!

ROSINHA - E eu, por um triz que não levei uma pedrada na barriga. Passou ventando, vum! que nem uma bala.

PERPÉTUA - Onde está aquele homem, meu Deus? Fico com o coração do tamanho de uma pulga, todas as vezes que ele se mete em eleições!

ROSINHA - Estou aqui que nem posso.

PERPÉTUA - Parece-me que o vejo a cada momento entrar pela casa adentro com as ventas esmurradas, ou com alguma faca nas tripas.

ROSINHA - E eu que sonhei, esta noite, que tinham descadeirado seu Henrique, na igreja, com uma carga de chumbo grosso que lhe arrumaram?

CENA XI

AS MESMAS, HENRIQUE e depois LIMOEIRO e CHICO BENTO

HENRIQUE (*Saindo da igreja*) - Oh! minhas senhoras, o que vieram cá fazer?

CHICO BENTO (*Espiando da porta*) - Está tudo acabado?

PERPÉTUA - Chico, não estás ferido?

CHICO BENTO - Retire-se, senhora, que isto daqui a pouco está um dilúvio de sangue.

LIMOEIRO (*Saindo da igreja*) - Eu não disse que o Domingos havia de votar? Lá está a cédula na urna, batidinha da silva! (*Para Rosinha e Perpétua*) Também vieram cabalar?! Bravo! Gosto disto!

CHICO BENTO - Major, eu juro-lhe pelas cinzas de minha mulher... não, quero dizer...

PERPÉTUA - O que é isso lá?

CHICO BENTO - *Erraris humanus és*. Quero dizer, Perpétua, que juro, por tudo quanto há de mais caro neste mundo, que não me apanham noutra.

PERPÉTUA - Oxalá que fiques curado.

LIMOEIRO - Se lhe parece, abandone-me e deixe-me aqui às moscas. Como já lhe dei a minha palavra e já está servido.

CHICO BENTO - Abandoná-lo?... Lá isso não, porém...

LIMOEIRO - Porém o quê? tenente-coronel, o lugar do soldado é no fogo!

PERPÉTUA - No fogo?! Temos conversado. Chico, lembra-te que tens mulher e filha!

LIMOEIRO - Dona Perpétua, não me esfrie o homem! Tenente-coronel, estamos perdidos e precisamos fabricar votantes, seja como for. (*Pensando*) Espere, o Domingos votou uma vez só...

CHICO BENTO - Major, você ainda perde aquele negro, e olhe que ele é peçazinha que vale bem seus dois contos de réis.

LIMOEIRO (*Que continua a pensar*) - Ah! Achei! (*Para Henrique*) Ó rapaz, pois tu por aqui ainda, quando devias estar lá dentro a tomar conta da urna?!

HENRIQUE - Estou ao lado da urna dos meus afetos.

LIMOEIRO - Deixa esta, que está segura, e vai tomar conta da outra, que está em perigo. Anda, vai. (*Para Rosinha e Perpétua*) Minhas senhoras, entrem para esta casa e não tenham receio.

PERPÉTUA (*Entrando com Rosinha*) - Chico, toma cuidado, não facilites.

LIMOEIRO (*A Henrique que se dirige para a igreja*) - Manda-me cá o Domingos. (*Henrique entra na igreja*)

CENA XII

CHICO BENTO, LIMOEIRO e DOMINGOS

CHICO BENTO - Major, quer aceitar um conselho? *Res tua agitur.*

LIMOEIRO - O que é, tenente-coronel?

CHICO BENTO - A capangada está bravia; mande o Domingos para a fazenda e vamos nos arranjar com os votantes que temos. Olhe que naquela refrega o João Correa ficou sem uma orelha, o Flávio perdeu dois dentes da frente, eu levei um cascudo e o major viu-se em papos de aranha.

LIMOEIRO - Mas ainda não desanimei.

DOMINGOS (*Saindo da igreja*) - Estou aqui, sim sinhô.

LIMOEIRO - Estás machucado?

DOMINGOS - Não, sinhô. Levou só porretada na cabeça; pau quebrou mas cabeça não.

CHICO BENTO - *Irribus!*

LIMOEIRO - Prepare-se, que tem de votar mais uma vez.

DOMINGOS - Domingos está pronto para votar quantas vezes sinhô quiser.

CHICO BENTO - Isto não é negro; é um precipício!

LIMOEIRO - Entre ali naquela casa, *(Indica a casa da esquerda)* peça uma casaca a seu Zé Franco, calce umas botas, diga a seu Teles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

DOMINGOS - Sim, sinhô.

LIMOEIRO - Amarre um lenço ao pescoço e depois venha falar comigo. *(Domingos sai)*

CENA XIII

CHICO BENTO, LIMOEIRO e depois PASCOAL BASILICATA

CHICO BENTO - Major... Major!

LIMOEIRO - O seu comrade não pode votar ainda uma vez?

CHICO BENTO - Olhe que ele já votou quatro vezes!

LIMOEIRO - E o que tem isto? Quando a lei decretou que houvesse três chamadas, foi para que o cidadão votasse pelo menos três vezes. Vejamos a lista dos votantes. *(Limoeiro e Chico Bento consultam, lendo a lista)*

PASCOAL *(Entrando com uma tábua ao ombro, na qual se vêem bonecos, cachorros, vasos, papagaios e santos de gesso)*

*Io sono mascati,
Comprate senhori
Uceli, macachi
E miei vasi de fiori.*

*Com quello que ganho
Non ganho niente,
Perche non guadagno,
Ne cento per cento.*

Io sono mascati, etc., etc.

Non volete comprare qualche cosa? Abbiamo caválli, cani, gati, ogni santi del Paradizo, vasi di fiori. Vê-lo dono per pouco danaro.

LIMOEIRO *(Para Chico)* - Oh! Que idéia luminosa! Que famoso achado! Tenente-coronel, este italiano é um diamante que nos caiu do céu.

CHICO BENTO - Major, eu tremo de adivinhar o que lhe passa pela cabeça.

LIMOEIRO (*A Pascoal*) - *Ó monsiú!*

PASCOAL - *Cosa vuole?*

LIMOEIRO - Como se chama você?

PASCOAL - *Pascoale Basilicata, humilíssimo servitore di lei.*

LIMOEIRO - Pois, senhor *monsiú* Basilicata, você está disposto a mudar de nome por uns cinco minutos?

PASCOAL - *Cambiare il mio nome?*

LIMOEIRO (*A Chico Bento*) - *Cambiare*, não sei o que é. (*A Pascoal*) Não se trata de câmbio, de trocar dinheiro.

CHICO BENTO - Trata-se de trocar de nome, *monsiú*.

PASCOAL - *Ma, perchê trocare il mio nome?*

LIMOEIRO - *Usted não quer guadarhar la plata?*

PASCOAL - *Si, si, já. Ma chi me dona danaro?*

CHICO BENTO - Aqui este *monsú*.

PASCOAL - *Está bene; cosa devo fare?*

LIMOEIRO - *Usted larga el taboleiro aqui com tutas las bugigangas*, está entendendo? Toma isto (*Mostra a lista*) e, quando o chamarem ali, da porta da igreja, entra e mete este papel *nel buraco del caixone*, que está em cima *della* mesa. Ponha sentido no seu nome.

PASCOAL - *Si sinhore.*

LIMOEIRO - O seu nome é Albino Catalão Carapuça dos Enjeitados. Repita.

PASCOAL - *Alano, Catabine, Caranjolle do Singipuça.*

LIMOEIRO - Não, não é isto. Albino Catalão Carapuça dos Enjeitados.

PASCOAL - *Babibo...*

CHICO BENTO - Não é Babibo; é Albino.

PASCOAL - Albino.

LIMOEIRO - Catalão.

PASCOAL - *Tacalão.*

LIMOEIRO (*A Chico Bento*) - O diabo do carcamano tem cabeça de barro, como a dos cachorros que vende.

CHICO BENTO - O essencial é que ele acuda à chamada.

PASCOAL - *Sicuro, sinhore; ma quanto guadanho?*

LIMOEIRO - *Guadanha vinte mil réis.*

PASCOAL - *O sinhore poteva dare um pouco piu.*

LIMOEIRO - Não tem que piar; com vinte mil réis está muito bem pago.

PASCOAL - *Vá bene, sinhore.*

CENA XIV

OS MESMOS e DOMINGOS

DOMINGOS (*De casaca, completamente transformado*) - Domingos está pronto, sim sinhô.

LIMOEIRO - E então, tenente-coronel, veja só como está o negrinho!

CHICO BENTO (*Vendo Domingos com os braços semiabertos*) - Parece que ele quer voar.

DOMINGOS - É casaca, que está muito *pretada* debaixo do braço, sim sinhô.

LIMOEIRO (*A Domingos*) - Você há de votar mais tarde; por ora o que tem que fazer é acompanhar *estemonsiú* até a igreja. Não me saia de lá enquanto ele não tiver votado.

DOMINGOS - Sim sinhô. (*Para Pascoal*) Vamos, *monsiú*. (*Entram os dois na igreja*)

CENA XV

LIMOEIRO e CHICO BENTO

CHICO BENTO - Está me parecendo que o tal carcamano não dá conta da empreitada.

LIMOEIRO - Olé se dá! Aquilo é pássaro bisnau!

CHICO BENTO - Será bom mandar dizer à capangada que esteja alerta.

LIMOEIRO - Não se incomode; ela está bem industriada. Mas tem-se trabalhado bonito, hem, tenente-coronel?!

CHICO BENTO - Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho. Só o defunto Matias sacristão votou seis vezes.

LIMOEIRO - Isto lá pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco, batidinhas, dadas por mim. Se ele ainda fosse vivo... Coitado, Deus ponha a sua alma em bom lugar!

CHICO BENTO - Pobre Matias! *Paillidus mortis equis expulsat pedibus tabernas...*

LIMOEIRO - Foi mesmo a taverna, que o levou. Mas deixemos coisas tristes e pensemos nos que estão vivos.

CENA XVI

OS MESMOS e HENRIQUE

HENRIQUE (*Saindo apressado da igreja*) - Meu tio? Meu tio?

CHICO BENTO - O que é? Alguma novidade?!

HENRIQUE - Estamos perdidos!

LIMOEIRO - Perdidos?!

HENRIQUE - Irremediavelmente perdidos!

LIMOEIRO - Mas o que há? Explica-te, rapaz!

HENRIQUE - Nada mais, nada menos, que uma conspiração dos descontentes, para roubar a urna e levar tudo a ferro e fogo.

LIMOEIRO - Quem te disse isto?

HENRIQUE - O João Correa.

LIMOEIRO - E como foi que ele soube?

HENRIQUE - Apanhando na sacristia este bilhete, que caiu do bolso de um votante.

CHICO BENTO - Deixe-me ver. *(Lendo)* Estamos traídos! O chefe do nosso partido está ligado com um membro do partido contrário. Às duas horas em ponto estejam todos no coro, prontos para o que der e vier. É preciso a todo o custo quebrar a urna e mandar ao diabo esta eleição. Os escravos da fazenda de Dona Miquelina estão a postos.

LIMOEIRO - Mas a quem foi dirigido este bilhete?

HENRIQUE - Não se sabe.

CHICO BENTO - Que horas são, major?

HENRIQUE - Uma hora e três quartos.

CHICO BENTO - É tempo de salvar a mulher e a menina que ali estão. *(Vai a sair)*

LIMOEIRO - Não senhor, espere. Agora é que mais precisamos da sua presença.

CENA XVII

LIMOEIRO, CHICO BENTO, HENRIQUE, POVO, 1º VOTANTE, ARRANCA-QUEIXO, 3º VOTANTE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, PASCOAL, ROSINHA e PERPÉTUA

POVO *(Saindo da igreja)* - É um desaforo! É um desaforo!

CUSTÓDIO - Deixem o cidadão votar!

CHICO BENTO Estamos perdidos!

POVO - Fora! Fora! Fora!

1º VOTANTE - É estrangeiro!

ARRANCA-QUEIXO - É cidadão brasileiro *tão bão como tão bão*.

PASCOAL - *Si sinhori, sono brasileiro*.

POVO - Morra o engraxate! Morra!

LIMOEIRO (*Gritando*) - Ordem, senhores! Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão votar!

1º VOTANTE - Não pode votar! É estrangeiro!

LIMOEIRO - É nosso compatriota. Foi um dos bravos da Campanha do Rosas, e lá perdeu a língua.

POVO - Haja! Haja! (*Trava-se uma luta de cacetadas; alguns seguram nos bonecos e cachorros de gesso e atiram às caras uns dos outros*)

CHICO BENTO (*Batendo com força na casa onde estão Rosinha e Perpétua*) - Abra esta porta, senhora!

PERPÉTUA e ROSINHA (*De dentro*) - Misericórdia!

CHICO BENTO - Abram, pelo amor de Deus!

PERPÉTUA e ROSINHA (*De dentro*) - Aqui d'el-rei!

LIMOEIRO - Ordem! Ordem! Paz! (*O barulho serena*)

PASCOAL (*Com a cara ensangüentada*) - Vado a queixar-me a il mio consule.

1º VOTANTE - Vamos para dentro, que este já não vota (*Entram todos na igreja, menos Pascoal*)

CENA XVIII

CHICO BENTO, HENRIQUE, LIMOEIRO, DOMINGOS e PASCOAL

PASCOAL - *E miei figurini sono tutti quebrati. Bisonha pagare tutto.*

LIMOEIRO - Sim, *monsiú*, deixa estar; tudo se arranja em paz.

DOMINGOS (*Saindo da igreja apressado*) - Meu sinhô? Meu sinhô? O negócio não está bom, não. Povo no coro da igreja está assim. (*Batendo na mão, fechada em forma de óculo*) Tudo com pedras e porrete.

LIMOEIRO (*Para Henrique*) - Vai para a igreja. (*Henrique entra na igreja*)

CHICO BENTO - Não se afoite, doutor.

LIMOEIRO (*A Domingos*) - Leva este homem para a botica, e manda-o depois para a fazenda.

DOMINGOS - *Ande, monsiú, venha lavar o nariz. (Domingos sai com Pascoal)*

CHICO BENTO (*Batendo na porta da casa*) - Saia, senhora, aproveite a estiada.

CENA XIX

CHICO BENTO, LIMOEIRO, ROSINHA e PERPÉTUA, (*Saindo de casa*)

PERPÉTUA - Já não sinto as pernas.

ROSINHA (*Saindo*) - Tenho ferretoadas por todo o corpo. Parece que me sentaram em cima de um formigueiro.

LIMOEIRO - Formigas temos que ver agora.

CENA XX

OS MESMOS, POVO, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLÁVIO MARINHO, 1º, 2º e 3º VOTANTES, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, ARRANCA-QUEIXO, *seis soldados.*

POVO (*Dentro*) - Quebra! Quebra! (*Ouvem-se tiros dentro da igreja*)

PERPÉTUA - Misericórdia!

ROSINHA - Me segurem, que se não eu caio com um ataque! (*Sai a urna, carregada pelo povo. Entram todos em grande desordem*)

1º VOTANTE - Vamos fazer a eleição em casa do 2º juiz de paz.

3º VOTANTE - Apoiado!

POVO - Vamos! Vamos!

HENRIQUE - Protesto, meus senhores. Deixem-me falar, em nome da lei e das garantias do cidadão, contra este ato iníquo, praticado contra a liberdade do voto.

1º VOTANTE - Fora o doutorzinho!

LIMOEIRO - Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública!

3º VOTANTE - A eleição está viciada!

1º VOTANTE - Levemos a urna para a casa do 2º juiz de paz.

ARRANCA-QUEIXO, PÉ-DE-FERRO e RASTEIRA-CERTA - Não vai! Não vai!

PERPÉTUA - Ai! Ai! Ai! (*Cai nos braços de Chico Bento*)

CHICO BENTO - Ainda mais esta.

ROSINHA - Ui! Ui! Ui! (*Cai nos braços de Henrique*)

LIMOEIRO - Não derramemos o sangue de irmãos. Faremos outra eleição aqui, e o governo decidirá quem tem razão.

1º VOTANTE - Havemos de ver.

CORO

- Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz,
Que presida esta eleição.

LIMOEIRO

- Ameaças não me assustam,
Que eu não conto com bravatas;
Façam lá o que quiserem,
Que eu sou forte em duplicatas.

CORO

- Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz
Que presida esta eleição.

(*CAI O PANO*)

ATO TERCEIRO

A mesma cena do primeiro ato. À esquerda uma mesinha com duas cadeiras e duas xícaras de café.

CENA I

ROSINHA e PERPÉTUA

ROSINHA (*Zangada*) - Eu já não posso aturar este inferno!

PERPÉTUA - Estás doida, menina?

ROSINHA - Ora mamãe fala porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça torta. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; agora porque está muito estufado... Hoje diz que falo assim... amanhã diz que falo assado... Eu não entendo.

PERPÉTUA - Mas não vês, toleirona, que tudo o que te digo é para teu bem; que o Senhor Henrique...

ROSINHA - Aí vem a massada do Senhor Henrique. Já tardava! Desde que amanhece até que anoitece não se fala em outra coisa. E só seu Henrique! Almoça-se com seu Henrique, janta-se com seu Henrique, ceia-se com seu Henrique... Não sei o que se há de fazer mais com seu Henrique!

PERPÉTUA - Uma menina, que está para tomar estado, minha filha, deve agradar seu noivo.

ROSINHA - Não temos agradados, nem meios agradados. Ele gostou de mim, eu gostei dele, está acabado. Nós vamos casar mesmo.

PERPÉTUA - Não duvido; mas, mesmo depois de casada, terás ainda a obrigação de não aborrecer teu marido.

ROSINHA - Se era preciso tanta história, por que é que não me avisaram logo? Eu dizia que - não -, e estava tudo acabado..

PERPÉTUA - Mas tu não gostas tanto dele?

ROSINHA - Gosto; porém não é para estarem a todo o momento em cima da gente... endireita esta fita... levanta a cabeça... abaixa o vestido, não pises como periquito, não rias tão alto... Que inferno!

PERPÉTUA - Tolinha! Não sabes que a mulher de um doutor, que acaba de ser eleito deputado provincial, e que muito breve será ministro, deve ser uma moça bem educada, bem arranjinha...

ROSINHA - Aí temos outra! Pois a mulher de um deputado ou ministro não é o mesmo que as outras?

PERPÉTUA - É verdade; porém é uma senhora que tem o dever de ser amável, de dar reuniões em sua casa, de lisonjear uns e outros, e de se apresentar sempre bem.

ROSINHA - Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me.

PERPÉTUA - Está bem.

CENA II

AS MESMAS e LIMOEIRO

LIMOEIRO - Ora vivam. O doutor ainda não chegou?

ROSINHA (*Contrariada*) - Ainda não.

LIMOEIRO - Olhem só como ela disse aquele - ainda não.

ROSINHA - Uê! Clientes!

LIMOEIRO - Está se lendo mesmo naquela carinha rubicunda: - Tomara já que chegue o dia! Tomara já que chegue o dia!

PERPÉTUA - É natural. Quando se ama...

LIMOEIRO - E creia, Dona Perpétua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida.

PERPÉTUA - E se assim não pensasse, não consentiria em tal união.

LIMOEIRO - Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro anos, futuro representante da nação aos vinte e cinco, futuro ministro aos vinte e seis, futuro chefe de partido aos trinta e futuro senador do império aos quarenta! Quando penso no futuro mais que perfeito que lhe está reservado, quase que enlouqueço de prazer! Olhe, se eu fosse pai, e tivesse seis filhas, dava-lhas todas.

ROSINHA - Credo!

LIMOEIRO (*Tirando um jornal do bolso*) - Vejam O que diz este jornal. (*Lendo*) "Parabéns aos nossos comprovincianos. Acaba de ser eleito deputado provincial pelo 3º distrito o Senhor Doutor Henrique da Costa

Limoeiro, uma das mais esplêndidas esperanças da sua terra natal. A atitude nobre, sustentada por sua excelência, nas últimas eleições, defendendo o voto livre e as garantias constitucionais contra os botes da anarquia, foi felizmente recompensada pelos dignos eleitores, que souberam colocar-se na altura de tão nobre missão." Hein? O que dizem a isto?

ROSINHA - É por isso que ele está tão cheio de vento.

LIMOEIRO - Como cheio de vento?

ROSINHA - Porque há dois dias que não nos aparece lá em casa.

LIMOEIRO - Pois se o rapaz nem tempo tem para se coçar! Estes dias têm sido poucos para escrever cartas de agradecimento aos eleitores e aos amigos. O tenente-coronel ainda não veio?

PERPÉTUA - Está lá dentro. Menina, vai chamá-lo. *(Rosinha sai)*

CENA III

CHICO BENTO, DONA PERPÉTUA e LIMOEIRO

LIMOEIRO - Dona Perpétua, foi um verdadeiro triunfo!

PERPÉTUA - Mas um triunfo que nos ia custando bem caro.

LIMOEIRO - Não se apanham trutas a bragas enxutas.

CHICO BENTO - *Se valis bene, ego quid vaus.* Como vai esta bizzarria?

LIMOEIRO - Como vê: alegre e satisfeito. Temos que tratar de negócios de alta monta.

CHICO BENTO - Senhora Dona Perpétua, *oculos ruorum.*

PERPÉTUA - Tu nunca tiveste segredos para comigo.

LIMOEIRO - A seu tempo sabê-lo-á, minha senhora. *(Perpétua sai)*

CENA IV

LIMOEIRO e CHICO BENTO

LIMOEIRO - Tenente-coronel, as coisas têm marchado de modo tal que, quando penso nas dificuldades com que lutamos e nos resultados que obtivemos, digo a mim mesmo: "Seu major, você é um homem da pele dos diabos."

CHICO BENTO - Pois olhe, eu vi o negócio quase perdido.

LIMOEIRO - Fez-se a duplicata, foi aprovada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes...

CHICO BENTO - Pena foi que não votasse o carcamano.

LIMOEIRO - Mas há de votar na próxima eleição. Instalei-o aqui e já está principiando a tomar língua. O nosso doutor obteve carga cerrada, foi o primeiro deputado da combinação, e talvez seja o presidente da salinha. Que carreira de rapaz, meu Deus!

CHICO BENTO - E quanto à deputação geral?

LIMOEIRO - Foi justamente para tratar deste negócio que vim procurar o meu amigo.

CHICO BENTO - O major manda e não pede.

LIMOEIRO - É preciso que combinemos a maneira de arredar qualquer dificuldade. Além do interesse que temos, lá diz o ditado que duas cabeças valem mais do que uma.

CHICO BENTO - *Todis capitis, todis sentencie.*

LIMOEIRO - Portanto, é preciso que o tenente-coronel por sua parte escreva aos seus amigos, que eu cá pela minha tratarei de fazer o mesmo. E creia que não tenho cochilado. Veja isto. (*Mostra o jornal*)

CHICO BENTO (*Lendo*) - Bravo.

LIMOEIRO - Pois olhe, foi feito cá pelo degas e corrigido pelo Custódio, o nosso professor público. Se aquele diabo compreendesse tudo o que lê, ninguém podia com ele.

CHICO BENTO - *Legeris et non intelligeris est negligeris.* Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque também mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na *Voz da Verdade* de que sou humilde assinante. Eis o rascunho.

LIMOEIRO - Leia lá isso, tenente-coronel.

CHICO BENTO - *Tu Marcellus eris!*

LIMOEIRO - Marcelo, não. É Henrique.

CHICO BENTO - Não, isto é cá o latinório. (*Lendo*) "Já não pertence à classe dos homens vulgares o Doutor Henrique da Costa Limoeiro! Sua família..."

LIMOEIRO - Homem, isto está com ares de discurso de defunto.

CHICO BENTO - Pois olhe, foi escrito por um homem bem vivo e esperto; pelo nosso vigário! Ouça o resto. (*Lendo*) "Sua família, transbordando de alegria, por vê-lo no número dos eleitos da província, agradece a todos aqueles que o acompanharam em tão justa quão nobre pretensão. Fazemos votos para que tão pesado encargo lhe seja leve." Hein? Que tal?

LIMOEIRO - O meu está muito melhor. Mas, deixemos o que está feito, e tratemos do que há a fazer. O rapaz é candidato à representação nacional. Segundo o trato que fizemos, ele tem de ser recomendado por ambos os partidos. O tenente-coronel apresenta-o pelo lado conservador...

CHICO BENTO - E o major recomenda-o pelo lado liberal.

LIMOEIRO - Justamente.

CHICO BENTO - Mas, pensando bem, o meu amigo não julga que isto poderá comprometer o nosso candidato? Eu achava melhor que ele aceitasse, por ora, um partido - o que está no poder, por exemplo, e que mais tarde, conforme o jeito que as coisas tomassem, ou ficasse naquele, ou fosse para o outro que tivesse probabilidade de subir.

LIMOEIRO - Tá, tá, tá.

CHICO BENTO - Na sua circular ele tem que apresentar um programa. Neste programa há de definir as suas idéias...

LIMOEIRO - E o que tem as idéias com o programa, e o programa com as idéias? Não misture alhos com bugalhos, tenente-coronel, e parta deste princípio: o programa é um amontoado de palavras mais ou menos bem combinadas, que têm sempre por fim ocultar aquilo que se pretende fazer.

CHICO BENTO - Porém cada partido tem a sua bandeira...

LIMOEIRO - Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tenente-coronel, qual é a bandeira do seu?

CHICO BENTO - A bandeira do meu é... Sim... Quero dizer...

LIMOEIRO - Ora eis aí! Está o tenente-coronel com um nó na garganta. Meu amigo, eu não conheço dois entes que mais se assemelhem que um liberal e um conservador. São ambos filhos da mesma mãe, a Senhora Dona Conveniência, que tudo governa neste mundo. O que não pensar assim deixe a política, vá ser sapateiro.

CHICO BENTO - O major fala como um pregador ex-cathedra!

LIMOEIRO - O rapaz portanto, não se apresentando nem por um lado, nem por outro, fica no meio. Do meio olha para a direita e para a esquerda, sonda as conveniências, e no primeiro partido que subir encaixa-se muito sorrateiramente, até que, caindo este, ele possa escorregar para o outro que for ao poder.

CHICO BENTO - Sim, senhor.

LIMOEIRO - Vai ver como as coisas se arranjam. *(Assobiando)* Domingos? *(Entra Domingos)* Depressa papel, pena e tinta. *(Domingos sai)* Sente-se o tenente-coronel ali naquela mesa, e vá escrevendo o que eu for lhe ditando.

CHICO BENTO *(Sentando-se à mesa)* - Pronto. *(Domingos entra e põe o papel, o tinteiro e a pena em cima da mesa e tira as xícaras)*

LIMOEIRO - Ilustríssimo Senhor - Esta tem por fim recomendar-lhe muito especialmente o Doutor Henrique da Costa Limoeiro. Vírgula... Que pretende uma cadeira no seio da representação nacional. Ponto.

CHICO BENTO - Agora é preciso enumerar as virtudes do doutor, suas aptidões, seu talento brilhante...

LIMOEIRO - Deixe o negócio por minha conta... *(Continuando com ênfase)* Sim!... Não... quero dizer...

CHICO BENTO - Em que ficamos? Sim ou não?

LIMOEIRO - Risque este *sim*.

CHICO BENTO - E deixo o *não*?

LIMOEIRO - Não; risque ambos.

CHICO BENTO - Mas eu ainda não escrevi *ambos!*

LIMOEIRO - Ora... Risque tudo.

CHICO BENTO - Desde o princípio?

CHICO BENTO - Não; *o sim* - e *o não*.

CHICO BENTO - Ah! Já sei.

LIMOEIRO (*Continuando com ênfase*) - O Doutor Henrique da Costa Limoeiro é uma destas estrelas luminosas que raiaram... que raiaram... (*Mudando de tom*) Espere lá, deixe-me ver uma frase, dessas de estrondo. Ah! (*Com ênfase*) Que raiaram no horizonte do Brasil para mudar a face dos nossos acontecimentos políticos. (*Mudando de tom*) Bravo, seu Limoeiro. Já escreveu?

CHICO BENTO - Ticos.

LIMOEIRO - Ticos?!

CHICO BENTO - Sim, políticos.

LIMOEIRO (*Com ênfase*) - Destinado a representar um papel brilhante entre os seus concidadãos, o Doutor Henrique Limoeiro promete... (*Mudando de tom*) Vejamos agora o que ele há de prometer.

CHICO BENTO - *Ó cópos hic labor esdis.*

LIMOEIRO - É preciso que ele prometa o que se pode prometer, sem comprometer-se. Vamos lá. (*Com ênfase*) O Doutor Limoeiro promete...

CHICO BENTO - Já está escrito.

LIMOEIRO (*Com ênfase*) - Retalhar a província...

CHICO BENTO - Menos essa!

LIMOEIRO (*Com ênfase*) - Com uma grande rede de estradas de ferro, vírgula. Bondes... Bibliotecas.

CHICO BENTO - Retalhar a província com bibliotecas?

LIMOEIRO - Não; não é isso. (*Com ênfase*) - Bondes e estradas vicinais. (*Mudando de tom*) Aí pode pôr um ponto de admiração. (*Com ênfase*) Proteger a lavoura...

CHICO BENTO - E o elemento servil? Aí é que eu quero ver-lhe a habilidade.

LIMOEIRO - Não, não se fala nisto. Deus nos livre. *(Continuando)* - Proteger a lavoura...

CHICO BENTO - Já está escrito.

LIMOEIRO - Animar as indústrias, o comércio...

CHICO BENTO - Comércio tem vírgula ou dois pontos?

LIMOEIRO - Arrume-lhe ponto e vírgula. *(Continuando)* Acoroçar as artes e as letras.

CHICO BENTO - *A c o c ó , r o r ó ri...* Bonito, escrevi caroço.

LIMOEIRO - E a instrução pública, criando escolas noturnas de duas em duas léguas. *(Mudando de tom)* Isto deve ser grifado.

CHICO BENTO - Isto deve ser grifado.

LIMOEIRO - Não, não é isto; não escreva, grife.

CHICO BENTO - Grife.

LIMOEIRO - Grifo é isto. *(Pega da pena e risca o papel)*

CHICO BENTO - Então, por que não disse logo - risque por baixo?

LIMOEIRO - Onde é que tínhamos ficado?

CHICO BENTO - Criando escolas noturnas de duas em duas léguas. *(Em outro tom)* Mas para que tanta escola, se não temos gente?

LIMOEIRO - É para acompanhar a moda. *(Com ênfase)* As suas idéias políticas visam tão somente o progresso do Brasil, escudado na ordem e liberdade bem entendida. *(Mudando de tom)* Vê isto? Progresso, ordem, liberdade... liberdade, ordem, progresso. Ai está o programa perfeitamente definido. Agora termine dizendo: o Doutor Limoeiro é deputado provincial pelo 3^o distrito; espero que o amigo recomende-o a todos os seus amigos e mande-me as suas ordens. Sou etc., etc. E passe-me para cá, para mandar tirar umas cópias.

CHICO BENTO - Que efeito isto não vai produzir entre os conservadores!

LIMOEIRO - Muito maior efeito ainda produzirá no ânimo dos liberais!

CHICO BENTO - Aqui tem. (*Dá a Limoeiro*)

LIMOEIRO - Agora é não perder tempo.

CENA V

OS MESMOS e HENRIQUE

HENRIQUE (*Zangado, com um jornal na mão*) - Bom dia, meu tio. Como tem passado, senhor tenente-coronel?

LIMOEIRO - O que tens? Estás com a cara tão enfarruscada.

HENRIQUE - Veja isto. (*Mostra o jornal a Chico Bento*)

CHICO BENTO (*À parte*) - O meu artigo.

HENRIQUE - Eu só desejava saber qual foi o burro que escreveu esta série de sandices.

LIMOEIRO (*Vendo o jornal*) - Foi o tenente-coronel.

CHICO BENTO - Está enganado; não fui eu, foi o vigário.

HENRIQUE - Pois hei de dar-lhe os meus sinceros agradecimentos.

LIMOEIRO - Asneira no caso; vais açular o homem contra ti, e perderás toda a votação do colégio.

HENRIQUE - E que me importa a mim a votação do colégio?

LIMOEIRO - Verdade é que serás bem recomendado pelos outros...

HENRIQUE - Maldita seja a hora em que se lembraram de meter-me em semelhante comédia.

LIMOEIRO - Ó rapaz, tu perdeste o juízo?

HENRIQUE - Acabo de sair dos bancos da academia, do meio de uma mocidade leal e generosa, cheio de crenças, sonhando a felicidade de minha pátria, e eis que de chofre matam-me as ilusões, atirando-me no meio da mais horrível das realidades deste país - uma eleição, com todo o seu cortejo de infâmias e misérias.

LIMOEIRO - E ainda em cima te revoltas, tu, que começaste por onde os outros acabam!

HENRIQUE - Não comecei, meu tio, acabei; porque o quadro que se desenrolou ante os meus olhos foi de tal natureza, que sufocou-me no peito as aspirações de moço e patriota.

LIMOEIRO - E então, tenente-coronel, o que diz a isto?

CHICO BENTO - Estou abismado.

HENRIQUE - Se queriam fazer de mim um político, por que desiludiram-me tão cedo? Por que não deram-me gota a gota o veneno?

LIMOEIRO - Então, não pretendes ir à assembléia?

HENRIQUE - Não, senhor.

LIMOEIRO - Mas, rapaz, como combinar esta série de disparates que estás dizendo agora, com o que fizeste nas eleições?!

HENRIQUE - Não me recorde esta página negra; foi uma loucura; passou.

LIMOEIRO - Então?

CHICO BENTO - Pois o senhor não tem a ambição de representar o seu país?

HENRIQUE - E o senhor chama isto representar o país? O que é que eu represento? Quais são as minhas idéias? A que partido estou filiado? Que solução posso dar a todos os grandes problemas sociais que se agitam presentemente?

LIMOEIRO - Porém...

HENRIQUE - Formado apenas há dois meses, sem experiência da vida, sem a mais pequena noção dos negócios públicos, o que vou fazer na Câmara? O papel triste e ridículo de um filhote, apresentado por um tio liberal e um futuro sogro conservador. Que manancial fecundo para os folhetins dos jornais de oposição!

LIMOEIRO - E os outros não começam por filhotes?

CENA VI

LIMOEIRO, CHICO BENTO, HENRIQUE e ROSINHA

ROSINHA - Bom dia, Senhor Henrique. Por onde tem andado? Há dois dias que não o vejo.

HENRIQUE - Não me crimine.

LIMOEIRO (*A Henrique*) - Ainda não foste falar com Dona Perpétua. Vai cumprimentá-la, anda.

ROSINHA - Eu vou chamá-la.

HENRIQUE - Com licença. (*Sai*)

LIMOEIRO (*Baixo a Chico Bento*) - Vá também, tenente-coronel; deixe-me só com sua filha. (*Chico Bento sai*)

CENA VII

LIMOEIRO e ROSINHA

LIMOEIRO - Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular.

ROSINHA - O que quer?

LIMOEIRO - Promete-me que é capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

ROSINHA - Uê chentes! Se eu não sei o que é como posso prometer?

LIMOEIRO - Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pai, de mim, de todos nós, enfim.

ROSINHA - Sendo assim, prometo.

LIMOEIRO - Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira que tão brilhantemente começa agora.

ROSINHA - Por quê?

LIMOEIRO - Eu lá sei! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que este mundo deve ser governado a seu jeito. Compete agora à menina, que soube prendê-lo pelos dotes do coração, dissuadi-lo destas tolices e mostrar-lhe o bom caminho.

ROSINHA - Se estiver nas minhas mãos...

LIMOEIRO - Está, está. E a menina tem também o maior interesse nisto. Irá para a corte, terá ricos vestidos, bonitas jóias, aparecerá nos grandes bailes, freqüentará todos os teatros, divertir-se-á, enfim, como uma verdadeira princesa.

ROSINHA - Ora! Eu ouço dizer que lá na Corte há tanta impostúria...

LIMOEIRO - Isto dizem, da boca para fora, aqueles que lá vão sem dinheiro e que não podem gozar de todos os encantos de uma grande capital.

ROSINHA - Mas lá há mesmo muitos bailes?

LIMOEIRO - A menina faz lá idéia! São cinco e seis por dia!

ROSINHA - Muitos teatros?

LIMOEIRO - Não tem conta.

ROSINHA - Há cavalinhos também?

LIMOEIRO - Há tudo, tudo; não falta nada, além disso, andará de carruagem, puxada por lindos cavalos...

ROSINHA - Chii!!! Deve ser muito bom! Se a gente no carro-de-boi vai tão a seu gosto, quanto mais numa carruagem!

LIMOEIRO - E que carruagem! Toda envernizada, com quatro rodas, estofada de seda.

ROSINHA - Que belo!

LIMOEIRO - E a rua do Ouvidor?

ROSINHA - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo caído.

LIMOEIRO - É um céu aberto! De noite, então, nem falemos. É clara como o dia e tem mais gente que o arraial no dia da festa de Santo Antônio. A menina só de braço com seu marido, para baixo e para cima, a comprar uma jóia aqui, ali um vestido, acolá um chapéu, e todos a perguntarem: quem é aquela moça? Que peixão! Pois não conheces? É a mulher do Deputado Limoeiro. Há nada que pague isto?

ROSINHA - Eu quero ir para a Corte, eu quero ir para a Corte! Nunca ninguém falou-me deste modo.

LIMOEIRO - É porque nunca dissera-lhe a verdade.

ROSINHA - Vou já falar com Henrique, e não sossego enquanto ele não prometer-me que há de ir para o Rio de Janeiro.

LIMOEIRO - Como deputado, está visto.

ROSINHA - Aí vem ele.

LIMOEIRO - Aperte-o. *(Sai)*

CENA VIII

ROSINHA e HENRIQUE

HENRIQUE - Esperava-a lá dentro; não sei por que não veio ver-me.

ROSINHA - Conversava com seu tio.

HENRIQUE - E o que lhe disse ele?

ROSINHA - Falava do senhor, como sempre.

HENRIQUE - Por que tratas-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?

ROSINHA - É porque a gente tem vergonha.

HENRIQUE - Se tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta singeleza!

ROSINHA - É que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação...

HENRIQUE - E que importa a educação, quando Deus mimoseou-te com todos os predicados de um anjo!

ROSINHA - Ora está; eu sinto o mesmo que o senhor sente; mas infelizmente não posso dizer tanta coisa bonita.

HENRIQUE - Mas tu falas com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões.

ROSINHA - O senhor ama-me muito?

HENRIQUE - Ainda o duvidas?

ROSINHA - É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

HENRIQUE - O que pedirás tu que eu não deva fazer?

ROSINHA - Veja bem; promete?

HENRIQUE - Prometo e até juro.

ROSINHA - Eu queria ir para a Corte.

HENRIQUE - E que dúvida há nisto? Pensas porventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? Passaremos aqui a nossa lua-de-mel; partiremos depois para o Rio de Janeiro, e mais tarde iremos ver o velho mundo, que é o objeto constante dos meus sonhos.

ROSINHA - Há, porém, uma condição em tudo isso.

HENRIQUE - Qual é?

ROSINHA - É que desejo ir como a mulher do Senhor Deputado Limoeiro.

HENRIQUE - Por que me falas de política. quando falo-te de amor?

ROSINHA - Porque a política dar-te-á a posição, e eu quero ver-te um grande homem.

HENRIQUE - Compreendo. Meu tio, depois de haver tentado plantar em meu peito a ambição, procura agora arraigar no teu a vaidade! Se o não estimasse como um verdadeiro pai, e se não visse que tudo quanto ele tem feito é com as melhores intenções, diria que a serpente procura Eva para tentar Adão.

CENA IX

OS MESMOS e LIMOEIRO, *que deve estar ouvindo ao fundo.*

ROSINHA - Lembre-se, porém, que prometeu...

HENRIQUE - E a minha palavra não volta atrás. Partirei como deputado, e envidarei todos os esforços para bem cumprir os meus deveres.

LIMOEIRO (*Ao fundo*) - Bravo!

HENRIQUE - Levo, porém, desde já a convicção de que a descrença, mais tarde ou mais cedo, far-me-á tragar a taça dos dissabores. E então para onde apelar?

ROSINHA - Para este coração que te adora.

HENRIQUE (*Abraçando-a*) - Rosinha, és um anjo!

LIMOEIRO - Vitória! Vitória!

CENA XI

CHICO BENTO, PERPÉTUA, LIMOEIRO, HENRIQUE e ROSINHA

CHICO BENTO - Que alegria é esta, major?!

LIMOEIRO - Veja aquele quadro; o rapaz está ali, está deputado.

CHICO BENTO - Peço a palavra, pela ordem.

HENRIQUE (*Rindo*) - Tem a palavra o Tenente-Coronel Chico Bento.

CHICO BENTO - Senhor presidente, pedi a palavra para dizer...

LIMOEIRO - Apoiado! (*Ouve-se dentro o som de uma banda de música*)

PERPÉTUA - Que música é esta?

LIMOEIRO - Uma manifestação ao nosso deputado.

CENA XI

OS MESMOS, CUSTÓDIO, FLÁVIO MARINHO, ARRANCA-QUEIXO, RASTEIRA-CERTA, PASCOAL BASILICATA, 1º VOTANTE, 2º VOTANTE e mais pessoas do povo, precedidas de uma banda de música e foguetes

CUSTÓDIO - Viva o Doutor Limoeiro!

TODOS - Viva!

FLÁVIO - Viva o legítimo deputado!

TODOS - Viva!

CUSTÓDIO - Meus senhores, este dia assinala uma época gloriosa nos fastos...

FLÁVIO (*Baixo, lendo um papel, por detrás de Custódio*) - Nos fastos da nossa história.

CUSTÓDIO - Nos fastos da nossa história. Sois vós o nosso legítimo representante, a nossa glória, o nosso porvir. Avante, cidadão prestimoso...

FLÁVIO (*Baixo*) - Não; não é isto. Ah! é, é.

CUSTÓDIO - E que as bênçãos da pátria caiam sobre vós. Viva o Doutor Limoeiro!

TODOS - Viva!

CENA XII

OS MESMOS e DOMINGOS

DOMINGOS - Meu sinhô; se vosmecê nos dá licença, *nós vem* saudar também sinhozinho com a nossa festa.

LIMOEIRO - Chegaste a propósito. (*Com ar solene*) - Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

DOMINGOS (*Ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro*) - Meu senhor!

LIMOEIRO - Levanta-te. (*Levanta-o e dá-lhe um abraço*) - Venha agora a festa. (*Entram os negros e negras e dançam o batuque*)

FIM

AMOR COM AMOR SE PAGA

COMÉDIA EM UM ATO

PERSONAGENS / ATORES

MIGUEL CARNEIRO 25 anos / Senhor Ferreira
ADELAIDE CARNEIRO, *sua mulher* 22 anos / Dona Júlia
EDUARDO COUTINHO 30 anos / Senhor Galvão
EMÍLIA COUTINHO, *sua mulher* / 20 anos / Dona Ana Costa
VICENTE 24 anos / Senhor Vasques

A ação passa-se na cidade do Rio de Janeiro.

Época - Atualidade

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo, à direita e à esquerda. No centro uma mesa coberta por um pano em cima da qual há um violão.

CENA I

VICENTE e EDUARDO COUTINHO

EDUARDO - Arranjaste tudo quanto te encomendei?

VICENTE (*Limpando os trastes*) - Tudo, Nhonhô. Vosmecê já sabe para quanto presta este mulatinho. Cá ao degas não é preciso repetir as coisas. Se vosmecê bem o disse, melhor o fiz. Olhe:

uma empada, dois pratos de croquetes, uma galinha de molho

pardo...

EDUARDO - Podes limpar a mão à parede com o tal molho pardo Alugo este aposento para receber uma mulher que é a encarnação da elegância e do chique. Encomendo-te uma ceia esquisita e procuras matar a poesia de uma segunda entrevista amorosa, apresentado-nos à mesa um prato, que traz em seu seio os germens de uma indigestão. Tens às vezes certas lembranças... Decididamente acabo por te dar baixa deste serviço. Aposto que esqueceste o vaso de flores.

VICENTE - O vaso de flores?

EDUARDO - Está visto, és um estonteado.

VICENTE - Dou as mãos à palmatória, Nhonhô; mas em compensação preparei uma surpresa, que há de pôr a mocinha

(Imitando) assim... de beijo caído.

EDUARDO - Faço idéia.

VICENTE - Nhonhô não sabe o que é. São dois guardanapos, dobrados em forma de coração: num enterrei uma faca, no outro espetei um garfo, e arranjei uns floreados da silva... está mesmo coisa papafina.

São dois lindos corações,
Que à mocinha hão de encantar.
Cá o degas, meu Nhonhô,
Sabe as coisas preparar.

Quando a moça vir aquilo
Sentirá tal emoção,
Que, ao pegar no guardanapo,
Dar-lhe-á o coração.

EDUARDO - Capadócio!

VICENTE - Aquilo dispensa uma declaração; poupa palavras e vale por trinta vasos de flores.

EDUARDO - Está bom; não há tempo a perder. *(Vendo as horas)* É quase meia-noite e ela está à minha espera. O segredo é a alma do negócio: se deres com a língua nos dentes... Até já. *(Sai)*

CENA II

VICENTE, só.

Pois não! Era preciso que eu fosse um pedaço de asno para andar por aí contando o que ouço e o que vejo. Cá o degas não mete mão em cumbuca ~. Tenho casa e comida *gratis pro Deo*, passo aqui os dias em santo ócio a cantar modinhas, com as algibeiras sempre recheadas, e pouco se me dá de saber que interesse tem este sujeito em ocultar-me a sua morada e muito menos de indagar o nome da tal sirigaita, que entra por aqui, toda embuçada e

estremecendo ao mais pequeno ruído. O que lucraria eu, se começasse a papaguear? Era posto no olho da rua, perdia a *manjuba* e recrutamento *me fecit*. O filho de Inocência Floresbela do Amparo não vai para o Paraguai não, mas é o mesmo. Tenho muito amor a este pêlo e não caio de cavalo magro.

Por amor de contar novidades
Não arrisco este pêlo tão caro,
Em cumbuca não mete os gadanhos
O finório Vicente do Amparo.

(Ouve-se fora grande algazarra e gritos de pega ladrão!)

O que é isto?

CENA III

O MESMO e MIGUEL CARNEIRO *(Que entra correndo, em mangas de camisa, muito cansado; atira Vicente ao chão)*

VICENTE - Ó senhor!

MIGUEL - Cala-te, pelo amor de Deus.

VICENTE - Quem é o senhor?

MIGUEL - Ponho às tuas ordens a minha bolsa, dou-te tudo o que me pedires sob condição de me esconderes aqui até amanhã. Eu ficarei em qualquer parte; na cozinha, dentro de um armário, na clarabóia, debaixo de um cesto; mas salva-me por tudo quanto tens de mais caro nesta vida.

VICENTE - Mas como é que o senhor entra, sem mais nem menos, a esta hora, pelo asilo do cidadão, e nestes trajés?!

MIGUEL - Se tu soubesses o que me aconteceu, desgraçado, terias dó de mim.

VICENTE - Percebo. *(Gira com os dedos da mão direita ao redor do dedo grande)*

MIGUEL - Não me julgues pelo que acabas de ouvir. "Pega ladrão" é uma fórmula de que o povo se serve para alcançar o infeliz que a polícia persegue. Eu sou uma vítima do amor. Imagina uma cena de Julieta e Romeu, sem balcão nem escada de corda. Eu e ela! Por cima de nossas cabeças o céu crivado de estrelas e por teatro da nossa felicidade um modesto quintal. À hora indicada abro a porta com esta chave *(Mostrando-a)*, coso-me ao muro como uma lagartixa e espero, mal podendo conter a respiração, que aparecesse o anjo dos

meus sonhos. Um cachorrinho felpudo, ou antes a imagem do diabo, aparece na porta da cozinha, e seus latidos foram bastantes para acordar um galo e com ele toda a pacífica população, que dormia empoleirada no galinheiro. O ruído que fizeram os gansos do Capitólio na cidadela de Roma, pondo em alarma as forças de Manlio, não pode ser equiparado à algazarra infernal que houve naquela casa. O grito de "pega ladrão" veio coroar a obra. Esgueiro-me pela rua, e começo a correr como um veado, perseguido por dois urbanos, em cujas mãos deixei o paletó e por uma súcia de vagabundos, que afinavam o maldito "pega" em todos os tons. Foi esta a única porta aberta que encontrei. Salva-me, salva-me por tudo quanto tens de mais caro sobre a terra.

VICENTE - Mas o senhor não pode ficar aqui: meu amo não tarda, e ele recomendou-me... Oh diabo, lá ia dando com a língua nos dentes.

MIGUEL - Desalmado, queres me expor ao ridículo da sociedade? Não sabes que tenho um emprego público, que sou o juiz de paz mais votado da freguesia, que tenho mulher e filhos e que, se caio nas garras da polícia, depois de amanhã aparecerá o meu nome nos jornais como o de um larápio?

VICENTE - Mas, senhor...

MIGUEL - Queres reduzir-me à triste posição de filho do Celeste Império, atacando a horas mortas os galinheiros estranhos?

VICENTE - E por que foi se meter o senhor em camisas de onze varas? É boa!

MIGUEL - Tu não sabes o que é o amor. Sentir no peito as pulsações de um Coração, que se expande em suaves harmonias, ouvir de uns lábios purpurinos palavras de consolo, como notas místicas de um coro de anjos, apertar a mão cetinosa, que se nos confia a medo, sobraçar a cintura que foge... Olha... Como te chamas?

VICENTE - Vicente Maria do Amparo, um seu criado.

MIGUEL - Nunca amaste, Vicente?

VICENTE - Que o diga o meu violão. Nós cá não amamos como os senhores, que dizem às moças *umas bobages* e *umas tolices* que ninguém entende. Passa-se, pisca-se o olho... Assim, olhe. (*Arremedando*) De noite reúne-se a troça debaixo da janela da crioula, e o violão começa a gemer.

MIGUEL - Mas que diabo lucras tu com isto?

VICENTE - Não exponho o pêlo a uma sova de pau como lhe ia acontecendo, e a gente se *adverte*.

MIGUEL - És engraçado.

VICENTE - Deita-se o cigarro atrás da orelha, afina-se o violão, e a gente canta assim (*Segurando o violão e cantando*):

Trovador, o que tens, o que sofres,
Por que choras com tanta aflição...

Olhe só este transporte (*Ferindo o violão*); isto chama-se tom de pestana.

O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não.

O essencial é que se floreie bem nos bordões e que este pedaço de pau (*Mostrando o violão*) não trasteje na prima. Eu cá sou músico de orelha, mas...

MIGUEL - E é por isso que flagelas as orelhas de tuas amadas.

VICENTE - Oh! mas conheço isto a palmos. (Indicando o violão) Lá vai o resto.

Se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isto não chores.

MIGUEL - Está bom, basta.

VICENTE - Cantei esta modinha pela primeira vez debaixo da janela do meu primeiro amor. Era uma crioula linda como os amores; chamava-se... chamava-se... (Procurando recordar-se) Como se chamava ela, Vicente?

MIGUEL - Pois bem; tu já amaste muito, e podes avaliar os apuros em que me vejo.

VICENTE - Chamava-se... Que maldita memória!

MIGUEL - Eu tenho os pés em cima de uma cratera.

VICENTE - Repita, repita esta palavra estrangeira, que o senhor acaba de dizer.

MIGUEL - Cratera!

VICENTE (Batendo na testa) - É isso mesmo! Maria Joaquina chamava-se a crioula. (Ouve-se o rodar de um carro) E meu amo, saia, senhor; não me comprometa.

MIGUEL - Nestes trajes? Mas por onde?

VICENTE - Saia por aqui. (Indicando a porta da esquerda) Por aí não.

MIGUEL - Que noite, meu Deus!

VICENTE - Esconda-se, esconda-se, senhor; não há tempo a perder. Eles sobem já a escada. (Miguel vai sair por uma das portas da direita, que deve estar fechada, esbarra-se nela e esconde-se embaixo da mesa)

CENA IV

OS MESMOS, EDUARDO COUTINHO e ADELAIDE CARNEIRO

EDUARDO - Apoie-se no meu braço. Não tenha o mais pequeno receio. Estamos sós. (*Para Vicente*) Passa para dentro. (*Vicente sai*) Ninguém testemunhará as nossas confidências e aqui, entre as quatro paredes deste aposento, longe dos falsos ouropéis do mundo que se agita lá fora, escreveremos a página mais feliz da nossa vida.

MIGUEL (*À parte*) - Uma entrevista!

ADELAIDE - Sinto faltarem-se-me as forças, mas como são gratas estas emoções!

MIGUEL (*À parte*) - Eu conheço esta voz.

ADELAIDE - Afigura-se-me Parisina, indo ao encontro do desditoso amante nessa hora em que o rouxinol, oculto na espessa ramagem, modula as mais sentidas endeixas. Lembra-se desta situação? É logo no primeiro canto do poema. Oh! mas este amor criminoso não há de levar-me ao sepulcro. Eu terei a força necessária para arrancá-lo do peito.

MIGUEL (*À parte*) - Esta voz é de minha mulher!

EDUARDO - Oh! não fales na fria lousa que deve encerrar os restos preciosos de tua beleza, diante da vida que nos sorri.

Ah! não fales em sepulcro
Quando a esp'rança nos sorri.

MIGUEL (*À parte*)

Ah! patife de uma figa,
Quanta gana tenho em ti.

ADELAIDE

O amor é sentimento
Que a mulher prende e seduz,
Somos qual a mariposa
Que queima as asas na luz.

EDUARDO

Se o amor é sentimento
Que a mulher prende e seduz,
Voemos juntos, voemos
Em torno da mesma luz.

MIGUEL

Ó que lábia de patife,
Que finório sedutor!
Muito caro hás de pagar-me
As venturas deste amor.

ADELAIDE - É justamente como disse Byron: - Na vida homem o amor é um episódio; para a mulher é a existência inteira.

MIGUEL (*À parte*) - Cita Byron! É minha mulher. Estava escrito que aquele livro perigoso me havia de ser fatal.

EDUARDO - E no entretanto, por que te mostras tão esquiva para comigo, fazendo surgir sempre entre nossos corações, que palpitam cheios de vida e de esperança, a imagem severa de teu marido?

MIGUEL (*À parte*) - Que patife!

ADELAIDE - É porque amo muito meu marido. Quando vi pela primeira vez aquela fronte pálida, aqueles olhos lânguidos e rasgados, exclamei: - Ali está uma alma de poeta! E em minha mente, incendiada pela flama da mais radiante poesia, desenhou-se em toda a majestade o tipo de D. Juan, acordando à luz amortecida das estrelas do céu da Grécia, no regaço perfumado da divina Haidéia.

EDUARDO - Eu serei o teu D. Juan; deixa-me repousar também a fronte em teu regaço.

MIGUEL (*À parte*) - Que noite, meu Deus!

ADELAIDE - Meu marido também me dizia o mesmo nos dias felizes da lua de mel. Um mês depois de ter-me levado ao altar, ria-se quando eu lhe falava da nossa felicidade, virava-me as costas, quando lhe exprobase o seu comportamento, e o ósculo marital que me dava ao entrar em casa, era dizer-me que o feijão estava muito caro.

MIGUEL (*À parte*) - E é por causa da carestia do feijão que esta mulher, mesmo nas minhas bochechas... Vou fazer uma estralada.

EDUARDO - Deixa-me abraçar esta cintura delicada. (*Faz menção de abraçá-la*)

ADELAIDE - Não me toque, senhor. Eu já lhe disse que amo muito meu marido, apesar da indiferença com que sou tratada. Há neste peito, porém, muita sede de poesia e o senhor não é para mim neste momento mais que o ideal de um belo romance, que acabo de ler.

MIGUEL (*À parte*) - É o *Rafael* de Lamartine. E fui eu quem o comprou! Eu acabo por atacar fogo em todas as livrarias.

EDUARDO - Mas isto não pode ser. É a segunda entrevista que a senhora me concede e eu tenho direitos.

MIGUEL (*À parte*) - Direitos tenho eu de te meter o cacete.

ADELAIDE - Direitos tão-somente à minha estima e amizade. Se aqui vim, é porque amo o imprevisto e o mistério e estas cenas romanescas falam-me às fibras mais recônditas da alma. Eu queria sentir as emoções de uma entrevista e nada mais.

MIGUEL (*À parte*) - Que ouço!

EDUARDO - Então a senhora ama deveras seu marido?

ADELAIDE - Amo-o com estremezimento.

EDUARDO - Pois bem; eu o amo igualmente com idolatria. Amemo-lo nós dois.

Eu o amo, tu o amas,
Ele ama, nós amamos,
E amando gozaremos
A ventura que sonhamos.

Conjugando o doce verbo
Sentimos igual paixão

Nesse amor de parceria
Cada qual tem seu quinhão.

MIGUEL (*À parte*) - É demais. Vou arrebentar a cara deste patife.

CENA V

EDUARDO, MIGUEL, ADELAIDE e VICENTE

VICENTE - A ceia está na mesa.

EDUARDO - Passemos à sala imediata. Lá ergueremos um brinde a esse amor casto e puro, que eu e a senhora consagramos a seu marido.

MIGUEL (*À parte*) - E eu hei de dar os *urras!* Tratante. (*Saem todos menos Miguel*)

CENA VI

MIGUEL, *só*.

(*Saindo debaixo da mesa*) - E esta! Escapo de Cila e venho cair em Caribides. Mas agora, não há mais considerações que me obriguem a guardar conveniências. Este tratante há de pagar-me. Minha mulher julga-me no clube, jogando o voltarete, e enquanto eu namoro a mulher do próximo, ela procura idéias fora de casa. É bem feito, seu Miguel Carneiro. Mas, em suma, quem é este homem que eu não conheço? Eu tenho o direito de saber o seu nome; porque no fim de contas minha mulher tem por ele uma paixão... platônica. Oh! este platonismo alivia-me de um peso... É demais! Quero saber tudo. (*Avança para a porta e é detido por Vicente*)

CENA VII

O MESMO e VICENTE

VICENTE - O senhor ainda está aqui!!

MIGUEL - Quem é esse homem que daqui saiu?

VICENTE - Vá-se embora, senhor; não me faça perder a paciência. Suma-se, suma-se.

MIGUEL - Eu quero saber o nome desse homem, e daqui não sairei, enquanto não arrancar do seu poder aquela mulher.

VICENTE - Mau, mau, o senhor está me fazendo perder as estribeiras. Não me obrigue a lançar mão *dagrafia*. (*Faz partes de capoeira*)

MIGUEL - Estou disposto a arrostar um escândalo.

VICENTE - Olhe que eu lhe mostro para quanto presta este mulatinho. Se duvida muito, passo-lhe as *boças* enquanto o diabo esfrega um olho. Vá-se embora, moço, vá-se embora. Que moço de maçada!

CENA VIII

OS MESMOS e EMÍLIA COUTINHO

EMÍLIA (*Entrando às pressas*) - Felizmente encontro-o são e salvo!

MIGUEL - Senhora! O que veio aqui fazer?!

VICENTE (*À parte*) - Por esta casa anda hoje o diabo.

EMÍLIA - Que susto, meu Deus! Repare como estou tremendo. Quando o vi perseguido pela polícia, como um ladrão, não pude conter-me: saí também para a rua, afrontando as conseqüências deste passo irrefletido e, depois de muito indagar, soube que tinha entrado aqui. Estou comprometida até a raiz dos cabelos, apesar da inocência dos nossos amores e agora não sei como sair deste apuro.

MIGUEL - Fuja quanto antes, minha senhora; a sua presença nesta casa é a minha perdição.

VICENTE (*À parte*) - Isto acaba numa grande água suja. Eu vou para dentro e cá não venho mais, haja o que houver. (*Sai*)

EMÍLIA - Meu marido já está talvez em casa. Que fizeste Emília!

MIGUEL - Que noite, que noite, meu Deus!

EMÍLIA (*Chorando*) - O senhor foi o culpado.

MIGUEL - Não grite, senhora.

EMÍLIA (*Chorando*) - Eu amava muito meu marido. Por que veio desinquietar-me? Estou perdida por causa de um namoro de passatempo e amanhã serei apontada por toda a cidade como uma réproba.

MIGUEL - Não grite, senhora, que eles estão ali.

EMÍLIA - Não poder aparecer mais diante de meus filhos. Que fizeste, Emília?

MIGUEL - Mas com os diabos, quem lhe mandou vir aqui a estas horas? Queixesse de sua leviandade. Aí vêm eles: esconda-se. (*Depois de correrem atrapalhados pela cena, escondem-se afinal os dois ao lado da mesa*)

CENA IX

EMÍLIA, MIGUEL, EDUARDO e VICENTE

EDUARDO (*A Vicente*) - Vai depressa buscar um carro.

EMÍLIA (*À parte*) - É a voz de meu marido; segure-me que estou desmaiando. (*Cai nos braços de Miguel*)

MIGUEL (*À parte*) - Seu marido!

VICENTE - Ó Nhonhô, aquela mocinha parece-me meia gira. Eu creio que ela sofre do fígado. (*Apontando para a cabeça; sai*)

EDUARDO - Decididamente não é uma mulher; é um romance vivo. Sou para ela D. Juan, Gilbert, Dartagnan, tudo que tem saído da cabeça dos poetas, menos o que sou. Já não posso aturá-la.

MIGUEL (*À parte*) - Que noite, meu Deus!

EDUARDO - Enquanto ela lê versos, reclinada nos coxins do divã, vou respirar um pouco de ar à janela. (*Sai*)

CENA X

EMÍLIA e MIGUEL

MIGUEL - Ó senhora, olhe que a ocasião não é própria para faniquitos. Acabe com isto.

EMÍLIA - Ele já partiu?

MIGUEL - Ele quem?

EMÍLIA - Meu marido; eu ouvi a sua voz. Estou comprometida para sempre, e no entanto o senhor bem sabe que ainda não me esqueci dos meus deveres.

MIGUEL - Infelizmente sei; mas descanse que a senhora está salva e eu também.

EMÍLIA - Salva?! O senhor não o conhece; é ciumento como um Otelo e será capaz de estrangular-me aqui mesmo com este pano de mesa.

MIGUEL - Eu aposto a minha cabeça como ele não lhe dirá a mais pequena palavra. Escute; eu vou ajoelhar-me a seus pés, segurar-lhe na cetinosa mão. *(Ajoelha-se e segura-lhe na mão)* E a senhora gritará, fingindo que forceja por sair dos meus braços.

EMÍLIA - Deixe-me, senhor; deixe-me, ele pode chegar e a minha vida corre perigo.

MIGUEL - Bravo, bravo, muito bem; é isto mesmo o que eu quero.

EMÍLIA - Não abuse da minha situação e considere que sou uma mãe de família.

MIGUEL - Eu te amo, te idolatro, és a estrela polar do meu firmamento. Ande, grite mais.

EMÍLIA - Senhor.

CENA XI

OS MESMOS e ADELAIDE

ADELAIDE *(À parte)* - O que vejo? De joelhos aos pés de outra mulher, e já em mangas de camisa! *(Alto)* Senhor, o seu comportamento é inqualificável! *(Emília grita. Miguel levanta-se e volta-se)* Meu marido! *(Desmaia)*

EMÍLIA - Não me explicará o que significa tudo isto, senhor? MIGUEL - Oculte-se aqui; não devemos perder um só minuto.

Vai saber em breve a decifração de tudo. *(Leva-a para uma das portas da direita e fecha a porta; para Adelaide)* Levante-se, minha senhora, os desmaios estão já muito explorados pelos romances modernos.

ADELAIDE *(Ajoelhando-se)* - Perdão, Miguel.

MIGUEL - Esta posição é ridícula demais para uma heroína.

ADELAIDE (*Erguendo-se com altivez*) - Tens razão; eu não sou tão criminosa como te parece, e assiste-me, por conseguinte, O direito de perguntar-te o que fazias nesta sala com aquela mulher.

MIGUEL - E o mesmo direito que me assiste. O que veio a senhora fazer nesta casa?

ADELAIDE - Miguel, eu te juro pela minha vida que estou inocente.

MIGUEL - Quem é esse homem que aqui mora?

CENA XII

EDUARDO, MIGUEL e ADELAIDE

EDUARDO - Que *faz* o senhor aqui?

MIGUEL - Não tenho que dar-lhe satisfações.

EDUARDO (*Para Adelaide*) - Quem é este homem?

ADELAIDE (*À parte*) - Estou perdida.

MIGUEL (*Sentando-se no sofá*) - Minha senhora, tenha a bondade de dizer aqui ao senhor quem eu sou. (*Pausa*) Já que é tão curioso, vou satisfazê-lo. Chamo-me Miguel Carneiro, e apesar de estar intimamente convencido de que o senhor não passa de um ideal para esta mulher romanesca, da qual sou marido, eu ainda assim o desafiaria para um duelo, como fazem os homens de brio, se não aprovesse à fatalidade trazer-me a esta casa, como que expressamente para dizer-lhe - que nada devemos um ao outro.

EDUARDO - Senhor Miguel Carneiro, creia que...

MIGUEL - Sei tudo. O senhor amou minha mulher.

EDUARDO - Mas...

MIGUEL - Puro platonismo; estou disto intimamente convencido. Ora, na minha qualidade de marido, devo ser grato aos obséquios que fazem à minha mulher.

ADELAIDE (*À parte*) - O que quererá ele fazer, meu Deus!

MIGUEL - Eu gosto de pagar os benefícios à boca do cofre.

ADELAIDE (*Ajoelhando-se entre os dois*) - Se sinistras são as tuas intenções, oh! Miguel, antes de consumá-las, terás de passar por cima do meu cadáver.

MIGUEL - Tranqüilize-se, senhora; eu não lhe darei o gosto de mais uma emoção romanesca. (*Adelaide levanta-se; para Eduardo*) Devo-lhe em matéria de amor uma reparação; vou satisfazer-lhe já a minha dívida. (*Indo à porta onde se acha Emília*) Pode sair, minha senhora. (*Emília sai*)

CENA XIII

OS MESMOS e EMÍLIA

EDUARDO - EMÍLIA!!!

EMÍLIA - Não me condenes. Sobre tua cabeça pesa um crime talvez, eu apenas cometi uma leviandade.

MIGUEL - Fique descansada; sobre nossas cabeças não pesa absolutamente coisa alguma. Pode abraçar sua mulher, eu abraçarei a minha.

EDUARDO - E por que artes veio o senhor ter a esta casa?

MIGUEL - Enquanto o senhor fazia a corte à minha metade, eu constipava-me no seu galinheiro à espera da sua. Mas já lhe disse que pode ficar tranqüilo; o divino Platão velava por nós. Sua mulher explicar-lhe-á o que aqui me trouxe.

EDUARDO (*Abraçando Emília*) - Emília!

ADELAIDE (*Abraçando Miguel*) - Miguel!

MIGUEL (*Para Eduardo*) - Amor com amor se paga. Já vê que nada devemos um ao outro; dou-lhe o troco na mesma moeda.

CENA XIV

EDUARDO, ADELAIDE, EMÍLIA, MIGUEL e VICENTE

VICENTE - O carro está aí. (*À parte*) Olé!

MIGUEL - Há de permitir-me que o aproveite. Não posso ir a pé para a casa nestes trajes.

EDUARDO - Com muito prazer.

MIGUEL (*Despedindo-se*) - É verdade, a sua graça?

EDUARDO - Eduardo Coutinho, seu humilde criado.

MIGUEL - Pois, Senhor Eduardo, lá estou às suas ordens. Creio que já sabe onde moro.

EDUARDO - Da mesma forma. Para que não tenha mais o incômodo de entrar pelo quintal, a porta da minha casa dá para a Rua da Ajuda.

VICENTE (*À parte*) - Os diabos me carreguem, se compreendo esta embrulhada.

TODOS (*Menos Vicente*)

Ó Platão, bendito sejas,
Foste o nosso protetor;
Viva a bela teoria
Do teu casto e puro amor.

É sublime, edificante,
A lição que tu nos dás,
Onde plantas teu domínio,
Reina a ordem, impera a paz.

(*CAI O PANO*)

O DEFEITO DE FAMÍLIA

COMÉDIA EM UM ATO

Representada na Fênix Dramática em 25 de setembro de 1870.

PERSONAGENS / ATORES

MATIAS NOVAIS, capitão de cavalaria, 50 anos / Senhor Vasques

GERTRUDES NOVAIS, 40 ANOS / Dona Joaquina

JOSEFINA NOVAIS, 18 anos / Dona Apolônia

RUPRECHT, criado alemão, 50 anos / Senhor Areas

ARTUR DE MIRANDA, 25 anos / Senhor Galvão

ANDRÉ BARATA, 30 anos / Senhor Ferreira

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala regularmente mobiliada

CENA I

À ação passa-se no Rio de Janeiro.

Época - Atualidade.

GERTRUDES e JOSEFINA

GERTRUDES (*Examinando a sala*) - Como está esta sala! um brinco! Não há nada como o serviço de um criado estrangeiro.

JOSEFINA (*Sentada ao lado da mesa, lendo o Jornal das Famílias*) - Na realidade, papai não podia acertar melhor.

GERTRUDES - E que moralidade, minha filha! Ontem ficou mais vermelho do que fogo de forja, porque entrando casualmente em nosso quarto... Não me lembrava que és uma criança e que não podes saber essas coisas.

JOSEFINA (*Com curiosidade*) - O que foi, mamãe?

GERTRUDES - Uma indiscrição de teu pai. O que estás vendo aí?

JOSEFINA - O último figurino do *Jornal das Famílias*. Não acha que este molde de corpinho ia-me às mil maravilhas? (*Mostrando o jornal*)

GERTRUDES - Vaidosa!

JOSEFINA - O Senhor Artur diz-me constantemente que quem não se enfeita, a si se enjeita. É preciso, portanto, que eu faça de minha parte todo o possível por agradá-lo.

GERTRUDES - Minha filha, uma menina não deve cativar aquele a quem ama por essas fofas exterioridades que morrem com a lua de mel, mas sim pelos dotes do coração e do espírito.

JOSEFINA (*Levanta-se*) - O que vosmecê acaba de dizer é muito bonito, mas infelizmente na nossa família há exemplos do contrário. O noivo de Joaninha desmanchou o casamento porque, estando uma vez a conversar com ela, surpreendeu-lhe por baixo do vestido a ponta de um chinelo-de-tapete.

GERTRUDES - Ora, de quem vens me falar! Um desgraçado, sem eira nem beira, que ia fazer a sua infelicidade! Ela deve levantar as mãos para o céu, e agradecer à Providência o favor que lhe concedeu.

JOSEFINA - E a pobre Ritinha? Enxoval pronto, o padre já falado, vem uma camada de bexigas bravas, transforma-lhe o rosto e o noivo desaparece de casa do dia para a noite.

GERTRUDES - Mas o Senhor Artur nunca seria capaz... JOSEFINA - Não é bom confiar nos homens. (*Canta*)

Infeliz da mulher que acredita
Na constância do sexo barbado,
Quando menos o espera é traída
Por um fútil pretexto estudado.

Há um meio, entretanto, infalível,
De curvá-lo ante o nosso poder,
É primar a mulher pelo agrado.
Quem agrada há de sempre vencer.

GERTRUDES (*Canta*)

Esse noivo que a sorte te deu
É dos homens, por certo, exceção;
Não o hás de prender com tolices.
Mas com os dotes do teu coração.

JOSEFINA - Felizmente quando ele chegar há de encontrar-me de ponto em branco. Ah! mas quando penso naquilo...

GERTRUDES - Aí vem a tua idéia fixa.

JOSEFINA - E não quer que isto preocupe-me o pensamento?

GERTRUDES - Eu quando me casei, minha filha, estava nas mesmas circunstâncias e teu pai nunca deu pela coisa.

JOSEFINA - Mas os homens de hoje são tão espertos...

GERTRUDES - Ora, depois de casado, que remédio terá ele senão calar-se.

JOSEFINA - E se ele quiser divorciar-se?

GERTRUDES - Pois isto é lá motivo para divórcio!

JOSEFINA - E verdade que Dona Margaridinha, que é uma moça do tom, disse-me outro dia que não o era.

GERTRUDES - Há uma coisa, porém, de que não te posso absolver.

JOSEFINA - Qual é?

GERTRUDES - Por que recebes aqui às escondidas o tal sujeito?

JOSEFINA - É porque...

CENA II

AS MESMAS e MATIAS

MATIAS (*Entrando pela esquerda, em trajes caseiros*) - Às que horas acostumam chegar os trem da serra?

GERTRUDES (*Pausadamente*) - O trem da serra costuma chegar às seis horas.

MATIAS - A senhora diz isto assim com um *tão* de mestre de escola! *Dará-se caso que eu tenha dito alguma asneira?! Já estou muito velho para arreceber lições.*

GERTRUDES - Mas é que tu me envergonhas, Matias, todas as vezes que abres a boca em público. Por que não te hás de corrigir deste mau hábito?

MATIAS - O que envergonha o homem, senhora, são as más *ações*; e graças a Deus, até hoje, ainda não *partiquei* um *auto*, de que me arrependesse. (*Para Josefina*) Bravo! meu anjinho, estás que é um céu aberto! *Fizestes* muito bem, o Senhor Artur não tarda e daqui a um mês estarás ligada àquele excelente moço pelos laços da Santa Madre Igreja. (*Para Gertrudes*) Onde está o *alamão*?

GERTRUDES - O *alemão* está lá dentro arranjando o quarto, onde deve ficar o Senhor Artur.

MATIAS (*Gritando para dentro*) - *Rupretes? Xubregas?* Que diabo! Como é que se *pornuncia* o nome daquele *desarmado*?

GERTRUDES (*Rindo-se*) - Pois se tu não podes com a tua língua, como queres pronunciar a dos outros? (*Josefina senta-se ao lado da mesa e lê o Jornal das Famílias*)

MATIAS - É pena que o ladrão tenha um nome tão arrevesado; *tirantes* disso é um criado como não há igual. Sério, de uma moralidade exemplar, cumpridor de seus deveres, e sobretudo. fiel como um cachorro. Se eu pudesse enchia esta casa de *alamões*. Tive uma ótima idéia de mandá-lo vir de Petrópolis. (*Canta*)

De ter *alamões* em casa,
Ninguém deve se queixar;
Pois é gente papafina,
Para uma casa guardar.

Quem quiser ter o sossego
E a paz no coração,
Lá da terra das bengalas
Mande vir um *alamão*.

Que ventura, que prazer!
Nada tenho a desejar;
Estou servido de criado,
E a filha vou casar.

E vivam os *alamões*! (*Gritando para dentro*)

Xubregas? Rupretes? Ó Monsiú?

CENA III

GERTRUDES, MATIAS e RUPRECHT JOSEFINA,

RUPRECHT - *Mem Herr? O zenhor jamou-me?*

MATIAS - Sim, chamei-te. Irra! tens um nome que não me passa da garganta. *Pornuncia* lá isso, mas com toda a vagareza.

RUPRECHT - Ruprecht Somernachtstraumenberg, *uma zeu griado. (Gertrudes vê o jornal com Josefina)*

MATIAS - Safa! Para *pornunciar* isto, só pondo uma batata quente na boca! Já *arranjastes* o quarto?

RUPRECHT - *Ya woh!*

MATIAS - Mau, que você está degenerando; pois agora é que vai, quando eu lhe ordenei desde manhã que arrumasse aquilo?

RUPRECHT - Mas eu *xá* arrumei!

MATIAS - Então como é que me vem dizer "já vou?!"

GERTRUDES (*Rindo*) - Este criado acaba por te tornar maluco.

MATIAS - Ora, *vejemos* se fizeste tudo quanto te encomendei.

RUPRECHT Esta tudo *brombto*. Muito *ponito* tudo! A *gama* muito macia.

MATIAS - O que compraste para o almoço amanhã?

RUPRECHT - *Rindfleisch*.

MATIAS - Para que *fostes* comprar rim?

RUPRECHT - *Non, non* é rim... é este *gouza*, eu *non zabe* como *se jama auf portuguische*.

MATIAS - Que diacho é isto, então?

RUPRECHT - *Rindfleisch*.... esse *picho* que tem *gapeça crande*... *poi, poi*.

MATIAS - Ah! vaca, .vaca.

RUPRECHT - *Faca, non, pai, pai*.

MATIAS - O que mais?

RUPRECHT - *Gomprei* mais uma *bosta de beixe*.

MATIAS - Uma ova de peixe, queres dizer.

RUPRECHT - *Nem; um bedação de beixe.*

GERTRUDES - Estás aí a usurpar as minhas atribuições. Sempre impliquei com homem que se mete com o governo da casa. Manda o criado embora; quando te sentares logo à mesa saberás o que há para comer.

MATIAS - Tens razão; com uma mulher da tua *orde* e um criado destes pode-se passar a vida de *braçosencruzados*.

J9SEFINA. - É muito bonito este romance do Macedo.

MATIAS (*Vendo as horas.*) - O trem já *devem* ter chegado. Vão *passarem* uma vista d'olhos pelo quarto para que nada *faltem* ao filho do compadre. Eu vou fazer a barba. (*Sai pela esquerda, Josefina e Gertrudes também saem*)

CENA IV

RUPRECHT, só..

Hum! Este *gaza non* está *pom, non*. Menina tem *gabeça* virada e velho *zoldado non zabe* de *batifaria*. que *fai* por aqui. Eu não quer *canha* dinheiro assim. (*Canta*)

Isto assim não está *ponito*.
Eu não *bosso* aqui *fifer*.
Vai me embora *b'ra Bedrobolis*.
Cerfexa e *queixo facer*.

O *zoldado* não está mau,
Mas menina está *xirando*
Com *garinha* de inocente,
Bobre noifo anda enganando.

CENA V

O MESMO e ARTUR

ARTUR (*Entrando pelo fundo, com uma mala*) - Deus esteja nesta casa.

RUPRECHT - A quem *brocura*?

ARTUR - Onde está o Senhor Matias?

RUPRECHT - Está *facenda a parpa*. Quem é o *zenhor*?

ARTUR - Vá dizer-lhe que está aqui o filho do seu compadre..

RUPRECHT - Ah! é o *zenhor Ardur de Miranta*?

ARTUR - Em carne e osso.

RUPRECHT - O *namorato* da menina?

ARTUR - Então, avia-te.

RUPRECHT (*À parte*) - *Coitado! (Sai pela esquerda)*

CENA VI

ARTUR e depois MATIAS

ARTUR - Quem será este *palerma*? (*Coloca a mala e o chapéu em cima da mesa e senta-se*) Eis-me, enfim, em vésperas de tomar estado. Quem diria?!

MATIAS (*Com um lado do rosto ensaboado e segurando a navalha*) - Eu bem dizia que o trem já *tinham*chegado. (*Abraçando Artur*) Cuidado, não se corte. O compadre não veio?!

ARTUR - Não pôde.

MATIAS - Seria por *cerimônia*?

ARTUR - Sabe que meu pai não pode abandonar presentemente a fazenda.

MATIAS - Eu logo vi; *havera* de ser bonito que o compadre fizesse *cerimônia* comigo. Mas onde está esta gente? Gertrudes? Josefina?

ARTUR - Não as incomode.

MATIAS - Olhe que esta casa já é sua; pode ir entrando, e dispondo de tudo.

CENA VII

OS MESMOS, JOSEFINA e GERTRUDES

GERTRUDES - Quanto folgo de vê-lo. (*Aperta a mão de Artur*)

ARTUR (*Para Josefina*) - Como tem passado?

MATIAS - Eu já volto. (*Sai*)

CENA VIII

ARTUR, JOSEFINA e GERTRUDES

GERTRUDES (*Olhando maliciosamente para Josefina*) - Não imagina a ansiedade com que era esperado.

ARTUR - Deveras?

GERTRUDES - Esses dias têm corrido para Josefina com tal lentidão.

ARTUR - Avalie como eu os passaria em Petrópolis. Há um mês que não vejo o sol. O astro rei, uma ou outra vez, por especial favor, mostra-nos a face naquele céu, sempre carrancudo que afugenta as estrelas e onde a lua raras noites desenha o perfil. Um poeta cantou a lua de Londres; eu hei de cantar o sol de Petrópolis. (*Espirrando*)

GERTRUDES e JOSEFINA - Viva!

ARTUR - Obrigado. Não façam caso, são efeitos daquele belo clima. Quem por ali passa paga o tributo de um defluxo, ou... (*Espirra*)

GERTRUDES e JOSEFINA - Viva!

ARTUR - Ora, por quem é. No meio daquela monotonia consolava-me uma idéia.

JOSEFINA - Qual era?

ARTUR - A ventura que terei de gozar no novo estado que me espera.

GERTRUDES (*Para Josefina*) - Curiosa!

CENA IX

OS MESMOS e MATIAS

MATIAS - Por que não vai se acomodar? Deve estar fatigado da viagem. (*Artur espirra*) Está constipado?

ARTUR - Dou-me muito mal com a atmosfera lá de cima.

MATIAS - Aquela fazenda de seu pai é muito sujeita a atmosferas.

GERTRUDES (*Baixo a Matias*) - Já começa a dizer asneiras.

MATIAS (*Alto*) - Qual foi a asneira que eu disse?! Minha mulher entende que eu sou um menino de escola e está constantemente a dar-me *lições*. Pois olhe, Senhor Artur, eu fiz, não há muitos anos, *inzame deprotuguês* em Alagoas e fui aprovado com distinção.

GERTRUDES - Está bom, nós já sabemos.

MATIAS - Mas o Senhor Artur não sabe, porque ainda não lhe contei esta. Havia em Maceió um agente da companhia de vapores chamado Manoel Maria. O *inzaminador*, que queria espichar-me na tal gramática, deu-me para analisar a seguinte oração: - O vapor chegou. - O verbo é *chegou*, não? - Sim, senhor. Quem é o agente? Eu que sou fino, respondi-lhe imediatamente: - É o Senhor Manoel Maria. O meu professor, que estava ao lado, desatou a rir do sangue frio com que respondi à *pergunta* e no dia seguinte vi o meu nome, como o de um dos *concurrentes* mais habilitados ao lugar que pretendia.

ARTUR - Está visto.

MATIAS - Eu serei burro, mas *bão* senso não me falta.

GERTRUDES - Oh! pois não.

MATIAS - Ultimamente no Paraguai mandei deitar abaixo uma linha do *teléfrago*.

GERTRUDES (*Interrompendo-o*) - Vamos para dentro, Senhor Artur. (*Baixo a Matias*) Estás dizendo muitas asneiras.

MATIAS - Não acha que fiz bem?

ARTUR - Muito bem.

MATIAS - Pois o *bão* senso não estava dizendo que aquilo era uma coisa *inútel*?! Aquela gente falava o guarani, nós falamos o *protuguês*. De que nos servia um *teléfrago* em guarani? Mas eu estou aqui a maçar-lhe a paciência. Então, não acha a menina mais gordinha?

JOSEFINA - O que é isto, papai?

ARTUR - Sempre bela e encantadora.

MATIAS - Pois olhe: devia estar muito magra; pois que desde que o conhece vive aqui em casa numas *aflições!* Vestidos para aqui, rendas para acolá. - O Senhor Artur não gosta disto, gosta mais daquilo...

JOSEFINA - Papai.

MATIAS - Ontem estava dizendo à mãe que queria cortar aquelas duas *barruguinhas* do queixo porque parecia-lhe que o senhor implicava com elas.

JOSEFINA - Papai.

MATIAS - E no entretanto eu acho que aquilo dá-lhe muita graça. Parece dois *grõesinhos* de milho.

GERTRUDES (*Baixo*) - Grãos, grãos.

MATIAS - Com os diabos! No outro dia disseste-me - capitão, capitães; logo grão, *grões*.

GERTRUDES - Está bem; dize lá como quiseres.

MATIAS - Faceirice até ali.

JOSEFINA - Vosmecê nunca há de perder o sestro de contar tudo quanto ouve e vê.

ARTUR - É um hábito, como outro qualquer.

MATIAS - Diz muito bem, é um hábito. Não sabe da história da raposa e do macaco?

ARTUR - Não, senhor.

MATIAS - O macaco disse um dia à raposa: - Por que olhas para trás sempre que entras em um capão de mato? A raposa perguntou ao macaco: - E tu, por que não podes estar cinco minutos sem te coçares? Apostaram qual dos dois levaria mais tempo, um sem se coçar, outro sem olhar para trás. Seguiram ambos por um campo. A raposa, mais astuta, querendo ver o que lhe ficava pelas costas sem perder a aposta, puxou a seguinte conversa: - Aqui houve em outros tempos uma grande batalha em que morreu uma quantidade extraordinária de bichos; todo este campo (*Voltando-se ao redor da cena*) ficou cheio de *cadáveres*. O macaco, que era mitra, acudiu logo: - É verdade, o defunto meu

avô cá esteve e ficou todo baleado por aqui, por ali... (*Imita o macaco, coçando as costelas*)

ARTUR (*Rindo*) - Magnífico, magnífico!

MATIAS - Assim sou eu.

GERTRUDES - Pois fazes mal, nem tudo se deve contar. Há bem pouco tempo deste motivo a boas gargalhadas em casa do Queiroz com a história dos cadetes.

MATIAS - Riram-se, é verdade, mas foi por causa da lição que dei aos tais sujeitos. *Vinha* uns cadetinhos *nobondio* dos fumantes, já se sabe - charutinho na boca, e nada de me tirarem os *chapéu*, apesar de eu estar fardado e trazer as competentes *divisa*. Eu viro-me para eles e digo-lhes com certo ar de ironia: - Senhores cadetes, como *vai*? A coisa produziu logo efeito, porque um deles, descobrindo-se com todo o acatamento, disse-me: - Senhor capitão, como *vão*?

GERTRUDES (*Para Artur*) - Por que não entra?

ARTUR - Se me permite, ficarei conversando com Dona Josefina.

GERTRUDES (*Baixo a Matias*) - Vamos, eles querem ficar sós. MATIAS (*Para Artur*) - Maganão! (*Sai juntamente com Gertrudes*)

CENA X

ARTUR e JOSEFINA

ARTUR - Por que hás de ser tão faceira?

JOSEFINA - Não acredite nas histórias de papai. E quando fosse verdade... (*Com intenção*) Quem não se enfeita...

ARTUR - A si se enjeita, tens razão. Se nós homens pagamos tributos à vaidade, as mulheres devem render a essa deusa o mais fervoroso culto.

JOSEFINA - Pelo que vejo, então, a minha pessoa representa um papel muito secundário nesse amor que diz consagrar-me?

ARTUR - Oh! não, minha cara Josefina; mas essas aparências, que o mundo chama futilidades, são para o sentimento o que a aragem é para o fogo. Um poeta disse que a toaleta é a alma da mulher.

JOSEFINA - Amargo epigrama às filhas de Eva. Seria o mesmo que dizer que o merecimento artístico de uma tela depende da custosa moldura que a cerca.

ARTUR - Quando te vejo, ostentando as galas da elegância, parece-me que teus olhos brilham com mais fulgor, que teus lábios purpurinos se abrem como dois botões de rosa aljofrados pelo orvalho da manhã, que tens sobre a fronte um diadema de luz e que pisas a criação com o pezinho mimoso e feiticeiro que o sapatinho oprime.

JOSEFINA (*À parte*) - Meus Deus! Se ele soubesse! Eu morreria de vergonha!

ARTUR - Parece que tua cintura quebrar-se-ia ao menor contato...

JOSEFINA - Tu não me amas.

ARTUR - Se te amo! (*Tirando uma sempre-viva do bolso*) Conheces esta sempre-viva? Trago-a bem junto do coração, desde o dia em que me deste. Esta flor quer dizer - amar até morrer. Eu juro, por este penhor sagrado, que hei de amar-te até a morte.

A sempre-viva que me deste, ó bela,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas pétalas d'ouro que esta flor ostenta,
Leio o protesto de um amor ardente.

Se a flor mimosa desbotar não pode,
Mesmo dos anos ao poder nefando,
Ao seio unida, viverei com ela,
Beijando as pétalas morrerei te amando.

Amor tão puro, como eu sonho, arcanjo,
Vejo exalar-se desta flor divina,
Oh! seja embora meu amor um crime,
Hei de adorar-te como a flor me ensina.

A sempre-viva que me deste, ó bela,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas pétalas d'ouro que esta flor ostenta,
Leio o protesto de um amor ardente.

CENA XI

OS MESMOS e RUPRECHT

RUPRECHT (*Entrando com uma vela e acendendo as da sala*)

- Lá está a zozza a iludir o bobre rabaz. *Eu vai te arma uma poa laço.*

ARTUR (*A Josefina*) - Que maçante! Quem é este palerma?

JOSEFINA - É um criado alemão, por quem papai morre de amores. Dê-me o seu braço e vamos ao jardim. (*Artur dá o braço a Josefina e passa por perto de Ruprecht*)

RUPRECHT (*Baixo*) - *Eu quer lhe falar.*

ARTUR - Se me permite, irei daqui a pouco.

JOSEFINA - Como queira. (*Sai*)

CENA XII

RUPRECHT e ARTUR

ARTUR - O que queres?

RUPRECHT - (*Examinando cautelosamente as portas*) Scio!

ARTUR - Que diabo de mistério é este?

RUPRECHT- *Este menina não está pom, non.*

ARTUR - O que queres dizer com isto?

RUPRECHT - *Bai não sape de nata e mãe sem ferconha serfe de capa.*

ARTUR - Patife!

RUPRECHT - *Batife, ia wohl, endra todo o tia neste zala e está azim (Aloelhando-se) ao bé de noifa de focê.*

ARTUR - Estarei eu sonhando, Santo Deus! Fala, demônio; mas fala português, de modo que eu te entenda.

RUPRECHT - Menina tem um *amande*, *focê* não *defe gasa* com ela.

ARTUR - E se eu te disser que estás mentindo como um cão!

RUPRECHT (*Zangado*) - Engole este *palafra*, eu não mente. (*Avançando*) Engole já *palafra*. *Du bist em Schaffskopf*. (*Ameaçando-o com o punho no rosto*)

ARTUR - Está bom, está bom.

RUPRECHT - Engole já *palafra*.

ARTUR - Já engoli.

RUPRECHT - *Eu guer lhe abre os olhos em dempo e focê está muito sem ferconha.*

ARTUR - Mas tu tens certeza do que estás dizendo?

RUPRECHT - *Ya wohl. Gewiss.*

ARTUR - Pois será crível que aquele anjo de candura...

Ó Deus de bondade, eu te agradeço por me teres iluminado tão horrendo precipício!

RUPRECHT - O que *fai fazer*?

ARTUR - Lançar em rosto desta mulher a infâmia que cometeu para comigo e despedir-me para sempre desta casa.

RUPRECHT - *Esbera um bouco. Focê guer fêr com suas próprias olhos?*

ARTUR - Sim, sim.

RUPRECHT - Então *gala* sua boca, não dá *esgandalo*. Nós. *abanha sujeita com poca na potija. Fai pra dentro e faz cara de dolo.*

ARTUR - Mulheres! Mulheres!

RUPRECHT - *Fai pra dentro. (Artur sai) Bobre rabaz! (Acende a última vela e sai)*

CENA XIII

ANDRÉ BARATA, só.

(*Entrando pela última porta da direita*) - Aquela menina ainda há de ser a causa da minha perdição. Obriga-me a entrar aqui pela porta da cozinha, num belo dia esbarro-me face a face com o pai e dão-me cabo do canastro. Se a mãe não consentisse; eu já tinha sido infalivelmente pilhado, e tudo por um capricho

tolo; sim, porque no fim de contas, que mal havia que o noivo soubesse das minhas visitas? O coração está me vaticinando que hoje acontece-me alguma. (*Canta*)

Por amor de uma menina,
Estou metido em boa cama,
Se me livro da esparrela
Não caio noutra trama.

Quando entro aqui à noite,
Perco a fala fico mudo,
Sinto câimbras pelas pernas,
Sinto frio, sinto tudo.

CENA XIV

O MESMO, JOSEFINA e depois RUPRECHT

JOSEFINA - Constipava-me no jardim, à sua espera... Jesus! o senhor aqui?!

ANDRÉ - Pois não me disse anteontem que esperava-me hoje a estas horas? sou pontual como um inglês.

JOSEFINA - Meu Deus! Ele pode chegar...

ANDRÉ - Minha senhora, declaro-lhe, com a franqueza que me caracteriza, que não compreendo os seus escrúpulos.

JOSEFINA - O senhor não vê que se ele soubesse deste segredo me repeliria no mesmo instante.

ANDRÉ - Não creio, minha senhora; ele havia de fazer todo o possível para ocultar isto e, até depois de casado, as portas de sua casa abrir-se-iam de par em par para receber-me.

JOSEFINA - Depois de casada, nunca, senhor! porque eu morreria no dia que meu marido suspeitasse disto.

ANDRÉ - E sua mãe não sabe de tudo?

JOSEFINA - Sabe, é verdade; porém ela padecia do mesmo mal quando se casou com meu pai...

ANDRÉ - Então, já vê que...

JOSEFINA - Mas meu pai não se importa com essas coisas.

ANDRÉ - É um excelente marido.

JOSEFINA - E eu a conversar com o senhor! Artur não tarda por aí, vá-se embora.

RUPRECHT (*Aparecendo na porta*) *Prafo! abanhei-os. (Sai)*

CENA XV

JOSEFINA, ANDRÉ e depois ARTUR

ANDRÉ - A minha demora é muito pequena; sente-se e vejamos como vai o seu pé. (*Senta-se no sofá*)

JOSEFINA - Ele pode surpreender-nos.

ANDRÉ - São cinco minutos apenas.

JOSEFINA - Aqui mesmo?

ANDRÉ - Por que não?

JOSEFINA - Ai, ai, se não lhe tivesse tanto amor... Vamos, mas muito depressa. (*Artur aparece na porta, Josefina senta-se no sofá e André, ajoelhando-se, segura-lhe no pé*)

ARTUR (*Entrando*) - Infame!

JOSEFINA (*Assustando-se*) - Ai! (*André esconde-se rapidamente na primeira porta da direita. Artur olha com raiva concentrada para Josefina, que abaixa a cabeça*)

CENA XVI

RUPRECHT, JOSEFINA e ARTUR

RUPRECHT - *Eu fai arruma minha baú, e fai me embora, patifaria muito crande. (Entra pela segunda porta da direita)*

JOSEFINA - Artur!

ARTUR - Sei de tudo, senhora.

JOSEFINA - Sabes de tudo?! Céus! o que disse ele! Não me desprezes, eu te peço, em nome do que tens de mais santo.

ARTUR - Vilmente enganado!

JOSEFINA - Eu te juro que é falso. Não creias, não é verdade.

ARTUR - E ousas negar quando acabo de ver...

JOSEFINA (*Com vivacidade*) - Não viste, é mentira.

ARTUR - Basta, senhora; esta cena está me irritando os nervos e eu saberei o partido que hei de tomar. (*Canta*)

Linda e pura como um anjo
Julguei-te nos sonhos meus,
Quebraram-se os teus encantos
Serena imagem de Deus.

Dos jardins da minha vida
Foste a rosa sedutora:
Já não vives neste peito
Mulher falsa e traidora.

JOSEFINA (*Canta*)

Enganá-lo já não posso,
Para sempre estou perdida,
Quebraram-se os seus encantos,
E a ilusão de minha vida.

JOSEFINA - Artur! (*Quer segurar-lhe na mão*)

ARTUR (*Saindo pela segunda porta da esquerda*) - Deixe-me (*Josefina quer segui-lo, mas volta, deixando-se cair no sofá*)

CENA XVII

JOSEFINA e GERTRUDES

GERTRUDES - Onde está o Senhor Artur?

JOSEFINA (*Encostando a cabeça ao peito de Gertrudes e chorando*) - Hi! Hi! Hi!

GERTRUDES - O que tens, menina?

JOSEFINA - Está tudo descoberto!

GERTRUDES - Como?

JOSEFINA (*Levanta-se*) - Artur vai abandonar-me e propalará a minha vergonha por toda a parte.

GERTRUDES - Mas como foi isto? Conta-me.

CENA XVIII

AS MESMAS e ANDRÉ

ANDRÉ (*Tremendo*) - Já se foi?

GERTRUDES - O Senhor André!

ANDRÉ - É verdade, minha senhora, antes não fosse.

GERTRUDES - Mas o que veio fazer o senhor hoje cá?

JOSEFINA - Artur surpreendeu-o aos meus pés e disse-me que já sabia de tudo. (*Chorando*) Hi! Hi! Hi! (*Sai pela primeira porta da esquerda*)

CENA XIX

ANDRÉ e GERTRUDES

GERTRUDES - Que indiscreção, senhor?

ANDRÉ - E então! Pois é a senhora que me chama de indiscreto? Quem foi que me disse que eu viesse cá hoje?

GERTRUDES - É verdade, não me lembrava... saia, saia.

ANDRÉ - Eu sairia correndo como um veado, mas não sei que diabo tenho que as pernas estão a tremer-me como caniços agitados por um grande temporal.

GERTRUDES - Onde está o seu chapéu?

ANDRÉ - Daria um doce à senhora, se me dissesse onde está a minha cabeça. (*Gertrudes procura o chapéu*) Muito custa a levar-se esta vida honradamente.

GERTRUDES (*Achando o chapéu, em cima de um dos aparadores*) - Tome. (*André toma o chapéu, deixa-o cair aos pés de Gertrudes e abaixa-se para apanhá-lo, no momento em que aparece Matias na segunda porta da esquerda*)

CENA XX

OS MESMOS e MATIAS

MATIAS - Um *home* nos *peses* de minha mulher! (*André corre precipitadamente, escondendo-se na segunda porta da direita*) Senhora Dona Gertrudes! (*Com furor*)

GERTRUDES - Não é preciso alterar-se, é a coisa a mais simples deste mundo.

MATIAS - A senhora *arrecebe* um *home* em minha ausência, e tem o atrevimento de vir dizer-me que é a coisa mais simples deste mundo!

GERTRUDES - Miserável! Duvidas de tua mulher!

MATIAS - Não me faça ferver o sangue. Olhe que entre mim e a senhora há um mundo de cobrinhas furta-cores. Eu não estou *bão*, senhora.

GERTRUDES - Fala baixo; queres fazer um escândalo?

MATIAS - Falo bem *arto*; todo o mundo há de saber que a senhora me traiu. O casamento de nossa filha está desmanchado, porque a senhora acaba de comprometê-la.

GERTRUDES - Mentas.

MATIAS - Artur acaba de me contar tudo; ele julgava que Josefina, aquela pomba sem fel... - e no entretanto é a mãe...

GERTRUDES - Senhor Matias, deixe-me falar.

MATIAS - Não; primeiro hei de saciar a minha vingança no infame sedutor. Entra para ali *Lucrecia Brogia*. (*Aponta para a primeira porta da esquerda*) Já para ali.

GERTRUDES - O que irá acontecer, meu Deus! (*Sai*)

CENA XXI

MATIAS e ARTUR

MATIAS - Sou eu a vítima.

ARTUR - O senhor?!

MATIAS - Sim; o negócio é com minha mulher.

ARTUR (*Zangado*) - Ora, Senhor Matias.

MATIAS - Apanhei-os.

ARTUR - Quem?

MATIAS - Gertrudes e o tal sujeito de que me falou.

ARTUR - Se não está caçoando comigo, digo-lhe que está doido.

MATIAS - Mas se eu vi.

ARTUR - Se eu também vi.

MATIAS - O senhor está bem certo disso?

ARTUR - Pois não lhe disse já que estive há pouco com ela nesta sala?

MATIAS - Então são dois. Nós também *samos* dois, seguremos os bichos.

ARTUR - Acredita porventura que eles estejam ainda aqui?

MATIAS - O meu entrou ali. (*Indicando a segunda porta da direita*) Fechemos as portas. (*Fechando a porta do fundo e a primeira e segunda da esquerda*) Ah! é preciso apagar as velas. (*Apague-as*); Agora toda a cautela são poucas. (*Tateando*) Venha me seguindo. (*Chegam à segunda porta da direita*) Coloque-se do lado de lá, eu ficarei aqui. (*Artur fica a um lado da porta e Matias da outro lado*)

ARTUR - Mas isto assim, sem uma bengala ao menos.

MATIAS - O senhor não tem *mões*? Scio! Assim que *aparecerem* a cabeça do sujeito... zás. (*Apertando o pescoço*) Deve-se fingir voz de mulher. (*Com voz fina*) Pode entrar.

ARTUR (*Com voz fina*) - Entrem, eles já se foram.

CENA XXII

OS MESMOS, RUPRECHT e depois ANDRÉ

RUPRECHT (*Entrando*) - *Gue escuritão! (Matias e Artur agarram-lhe no pescoço. Ruprecht quer gritar e não pode, e vêem os três à boca da cena)*

MATIAS - Aperte sem dó, nem piedade.

ARTUR - Está seguro. (*André entra*)

ANDRÉ (*À parte*) - Bonito! A porta do quintal fechada, e eu aqui às escuras. (*Tateando*)

MATIAS - Hás de morrer como um porco. Aperte, seu Artur.

ANDRÉ (*À parte*) - O que ouço?!

ARTUR - O bicho não nos escapa mais.

ANDRÉ (*À parte*) - Morrer como um porco! Caí num mata-douro!

RUPRECHT (*Conseguindo tirar do pescoço a mão de Matias*) - *Zogorro! Zogorro!*

MATIAS - O alamão?! (*Artur larga o pescoço de Ruprecht*)

ANDRÉ (*À parte*) - Santa Bárbara! Onde estará a porta da rua? (*Tateando*)

RUPRECHT - *Gue guer dizer isdo?!*

MATIAS - Cala a boca, não faças barulho. O sujeito está aqui; e é preciso *gazofilá-lo*.

RUPRECHT - Mas eu não *zou o zujeito!*

ARTUR - Os patifes são dois e não um, como me disseste. Procuremo-los. (*Os três tateiam pela cena*)

ANDRÉ - Ei-los comigo! (*Tateando, esbarra-se no sofá, e fica de cócoras em cima daquele. Ruprecht esbarrando em Matias, toma-o por André e segura-lhe no pescoço, Matias quer gritar e não pode, Artur passa a mão pela cara de André*)

ANDRÉ (*Gritando e correndo*) - Socorro! Socorro!

RUPRECHT - *Um xá está seguro.*

ARTUR (*Tateando, em procura de André, esbarra-se com Ruprecht, toma-o por aquele e aperta-lhe o pescoço*) - Achei-te enfim! (*Ruprecht quer gritar e não pode*)

ANDRÉ (*Gritando*) - Socorro! Socorro!

CENA XXIII

GERTRUDES, JOSEFINA, ANDRÉ, ARTUR, RUPRECHT e MATIAS

GERTRUDES (*De dentro, batendo na porta*) - Abram a porta. ARTUR - Agüente, seu Matias. (*Gritando*) Uma vela, que eu

já não posso.

ANDRÉ (*À parte*) - Se eu achasse a porta da rua...

GERTRUDES (*De dentro*) - Então abrem ou não?

ARTUR (*Gritando*) - Uma vela, pelo amor de Deus!

GERTRUDES (*Arrombando a porta e seguida de Josefina que traz uma vela*) - O que é isto?!

ARTUR (*Deixando Ruprecht*) - Pois eras tu?!

RUPRECHT (*Deixando Matias*) - Pois era o zenhor?!

ARTUR - Onde está o sedutor?

JOSEFINA (*Para André*) - Fuja, fuja.

MATIAS (*Avançando para André*) - Eis aqui o *marvado*. (*Segurando-o pela gola do paletó*) Agora não me escaparás.

ANDRÉ (*A Gertrudes*) - Ó senhora, deslinde toda esta alhada, que a minha vida está por arames.

GERTRUDES - Este homem está inocente.

MATIAS - Eu já te vou dar a inocência, grandíssímo maroto. *Xubregas?* A minha espada.

RUPRECHT - *Brombto. (Sai)*

CENA XXIV

OS MESMOS, *menos* RUPRECHT

GERTRUDES - Senhor Matias, um escrúpulo mal entendido da nossa filha é a causa desta cena.

JOSEFINA - Pelo amor de Deus, minha mãe, cale-se.

ARTUR - Deixe sua mãe falar, senhora.

GERTRUDES - Este homem é um pedicura.

MATIAS - Pedicura!

ANDRÉ - É a pura verdade, senhor; sou formado neste difícil ramo, e merecia que me tratassem com mais consideração.

MATIAS - Mas o que veio fazer em minha casa?

GERTRUDES - Josefina sofre...

JOSEFINA - Ela vai dizer tudo! Minha mãe...

ARTUR - Fale, fale, minha senhora.

GERTRUDES - Josefina sofre de uma moléstia horrível...

MATIAS e ARTUR - Qual é?

GERTRUDES - Tem um joanete!

JOSEFINA - Está tudo acabado! (*Cobre o rosto com as mãos*)

MATIAS (*Deixando André*) - Um joanete?! Que diacho vem a ser isto, senhor?

ANDRÉ (*Com tom dogmático*) - O joanete é o diabo em forma de osso que se agrega ao pé, faz com ele comércio de amizade, aumenta-lhe a base e uma vez estabelecido o seu domínio, entendiam os antigos pedicuras que era impossível desalojá-lo. Eu, porém, depois de um acurado estudo, em que gastei a mais bela parte da minha mocidade, descobri um remédio milagroso, perante o qual todos os joanetes se abatem, como provam os atestados, que passo a ler. (*Tira diversos papéis do bolso*)

MATIAS - Não me explicará, senhora, esta embrulhada?

GERTRUDES - Josefina queria ocultar este defeito ao Senhor Artur. Vendo anunciadas nos jornais curas milagrosas feitas pelo Senhor André Barata, resolveu, com meu consentimento, recebê-lo aqui em segredo.

MATIAS - E como me ocultaram isto?

GERTRUDES - Com o teu gênio falador, irias contar tudo ao Senhor Artur e a pobre menina estava persuadida que o seu noivo a abandonaria no dia em que soubesse do fatal segredo.

ARTUR (*Para Josefina*) - Por que me julgaste tão mal? Acreditavas porventura que te idolatrando como um anjo...

GERTRUDES - Era o que eu lhe observava, porque, no fim de contas, o que quer dizer um joanete? (*Para Matias*) Eu tenho um enorme e tu nunca deste pela coisa.

JOSEFINA (*Para Artur*) - É de família.

ANDRÉ (*Lendo*) - "Atesto que o Senhor Barata tirou-me oito calos do dedo mínimo..."

MATIAS - Está *bão*; *abasta*. Vá em paz e *agradeça* à Providência o não ter de ir daqui para a botica.

JOSEFINA (*Para Artur*) - Não me desprezas?

ARTUR - Pelo contrário, cada vez te amo mais. (*Para André*)

Autorizo-o a continuar desassombrado a cura encetada e ponho à sua disposição a minha bolsa.

JOSEFINA - Mas atestado, por forma alguma.

CENA XXV

GERTRUDES, RUPRECHT, ARTUR, ANDRÉ, MATIAS e JOSEFINA

RUPRECHT (*Com a espada embainhada e fazendo esforço por tirá-la da bainha*) - Aqui está a *esbada*. Muito *verrugem*, *non sai*, *non*.

MATIAS - Leva-a para dentro; já não é preciso.

RUPRECHT - *Gomo?*

MATIAS (*Batendo no ombro de Gertrudes*) - Sempre me meteste um susto.

RUPRECHT (*Para Artur*) - *Gomo se explica isdo?*

ARTUR - As aparências muitas vezes enganam, meu palerma.

RUPRECHT (*À parte*) - *Bercepo, apafaram o negocia em família.*

JOSEFINA (*Canta*) -

Meus senhores e senhoras,
Quero dar-lhes um lembrete,
Não propalem por aí...

GERTRUDES (*Canta*) - Que ela tem um joanete.

TODOS (*Menos Ruprecht*) -

Silêncio! scio! atenção!
Por favor bico calado,
Que um defeito de família
Não deve ser revelado.

(*CAI O PANO*)

DOIS PROVEITOS EM UM SACO

PERSONAGENS

AMÉLIA TEIXEIRA

LUÍS TEIXEIRA, *seu marido*

CATARINA, *criada alemã*

BOAVENTURA FORTUNA DA ANUNCIAÇÃO

A cena passa-se em Petrópolis, no verão de 1873.

ATO ÚNICO

Sala regularmente mobiliada

CENA I

AMÉLIA e CATARINA

AMÉLIA (*Mirando-se em um espelho*) - Como achas este vestido?

CATARINA - Vai-lhe às mil maravilhas, minha ama.

AMÉLIA - Lisonjeira.

CATARINA - Somente tenho que fazer-lhe uma observação. Permite-me?

AMÉLIA - Fala.

CATARINA - Parece-me que se a cauda fosse mais pequena...

AMÉLIA - Tola, tu não sabes o que é o chique.

CATARINA - Pois olhe, não é isto o que diz o seu Antonico Mamede.

AMÉLIA - E quem é este Senhor Antonico?

CATARINA - Seu Antonico Mamede é um moço louro, que costuma ir todos os sábados ao baile alemão. Aquilo é que é rapaz de truz. Se minha ama visse com que graça e elegância ele dança a polca!...

AMÉLIA - Oh! atrevida! Tu queres fazer-me confidências amorosas?

CATARINA - Minha ama não namorou também ao Senhor Teixeira antes de se casar com ele? Ainda me lembro quando aqui chegaram em novembro do ano passado, para passarem a lua de mel. Vinham tão agarradinhos que dir-se-ia um casal de pombos batedores. E como estava este chalé! Era um brinco!

AMÉLIA - E os tais oito dias oficiais da lua de mel prolongaram-se até hoje graças ao belo clima de Petrópolis. Ser condenada a passar aqui uma vida inteira, sem ter uma distração no inverno, contemplando, saudosa, todos os anos, esses bandos de andorinhas que voam para a corte, apenas o arvoredado começa a perder o brilho de suas folhas verde-negras. Ora, diz-me uma coisa. Este seu Antonico sofre do fígado?

CATARINA - Do fígado?! Que lembrança! É um rapagão sadio como há poucos.

AMÉLIA - Olha, Catarina, quando ele te pedir a mão, manda-o examinar atentamente por um médico e se tiver a tal víscera estragada, casa-te, mas não venhas passar a lua de mel em Petrópolis. Toma a receita e não te darás mal com ela. Antes de me levar ao altar, disse-me o Senhor Teixeira: - Vamos para Petrópolis, meu anjo; lá passaremos oito dias, respirando o ar puro dos campos, embalsamado pelo perfume suave das flores, em um pitoresco chalé que mandei alugar na rua de Dona Francisca. Acordaremos ao romper da aurora, ao cântico dos passarinhos e juntos, bem juntos, como se fôramos duas almas em um só corpo, escreveremos a página a mais feliz da nossa vida naquele Éden de delícias. A perspectiva do quadro agradou-me. Passar a lua de mel no campo era um requinte do bom tom, que até certo ponto lisonjeava-me o amor próprio de moça elegante. Quando aqui chegamos, no começo do verão, Petrópolis começava a animar-se, e os oito dias correram velozes como um raio. Trazia as malas cheias de luxuosas toaletes. Escusado é dizer-te que regalei-me de arrastar sedas por estes campos. Passados os oito dias, disse-me meu marido que dava-se perfeitamente com este clima e que havia resolvido ficar mais dois meses. Aceitei a idéia. Aproximava-se o inverno, Petrópolis começava a despovoar-se e o Senhor Teixeira, que se sentia cada vez mais sadio e nutrido, foi-se deixando ficar por aqui, como se estivesse no paraíso. Em um belo dia apareceu-me ele todo expansivo e batendo-me no rosto com aquela afabilidade que lhe é peculiar, cravou-me em cheio no peito esta punhalada: - Amélia, dou-te a agradável notícia de que comprei este chalé e que não sairemos mais de Petrópolis. Quero restabelecer-me para sempre destas malditas cólicas de fígado. Ah! o fígado do meu marido! O fígado do meu marido! *(Levanta-se)*

CATARINA - Porém, o que deseja mais, minha ama? Não vive aqui porventura tão feliz? Tem carro para passear todas as tardes ao alto da serra, mora em uma excelente casa, meu amo a adora.

AMÉLIA - No verão. *(Vai ao espelho)*

CATARINA - Está bem relacionada, todos a estimam, ouve música aos domingos no passeio público...

AMÉLIA - No verão.

CATARINA - Vai às partidas do clube, aos bailes do hotel Bragança...

AMÉLIA - No verão! Mas no inverno, desgraçada, o que fico aqui fazendo?

CATARINA - Come excelente manteiga fresca, magnífico pão de cerveja, bebe bom leite e passeia.

AMÉLIA - E hei de passar aqui a minha mocidade, enquanto que outras mais felizes do que eu dançam no Cassino, vão às corridas do Jóquei Clube, divertem-se pelos teatros, gozam, enfim, de todos os prazeres da corte! Se soubesses como fico, quando neste ermo leio os jornais de maio a outubro! Nunca viste contar a história de certo sujeito que não tendo dinheiro para comer costumava colocar-se todos os dias à porta de um hotel e aí saboreava um pedaço de pão duro, aspirando o perfume das iguarias que partiam da sala de jantar? Assim sou eu quando recebo notícias da corte durante o inverno.

CATARINA - Tenha fé em Deus, minha ama. Não havemos de ficar aqui eternamente.

AMÉLIA - Que horas são?

CATARINA - Oito horas. Vosmecê não vai buscar meu amo? Hoje é domingo e os carros da serra devem chegar às dez.

AMÉLIA - Não; espero-o aqui. Antes de partir fizemos uma *Philippina* que vai decidir da minha sorte e não quero perder a única ocasião que tenho de mudar-me de uma vez para a corte.

CATARINA - Uma *Philippina*?! O que vem a ser isto, minha ama?

AMÉLIA - Eu te explico. Como sabes, Teixeira foi para o Rio a fim de tratar de um negócio importante, não querendo levar-me, sob pretexto de que a febre amarela lá está grassando com muita intensidade. Anteontem, quando jantávamos, descobri por acaso, à sobremesa, duas amêndoas unidas sob o mesmo invólucro. Comendo uma, e entregando outra a meu marido, disse-lhe *J'y pense*.

CATARINA - *Gypança*?

AMÉLIA - *J'y pense* é um jogo em que as mulheres ganham sempre e os homens perdem.

CATARINA - E em que consiste este jogo?

AMÉLIA - No seguinte: logo que Teixeira encontrar-me, se ao receber um objeto qualquer de minhas mãos não disser imediatamente *J'y pense*, terá de pagar uma prenda e o mesmo acontecerá comigo em idênticas circunstâncias.

CATARINA - Que excelente jogo! E a senhora ganha com toda a certeza, porque ele não tarda a chegar e (*Dando-lhe uma carta*) pode meter-lhe logo nas mãos esta carta que há pouco vieram aqui trazer.

AMÉLIA - Magnífico! (*Guarda a carta*) Aposto, porém, que não sabes quais foram as condições que estabelecemos.

CATARINA - Se meu amo perder, dá à minha ama um bonito bracelete.

AMÉLIA - Qual bracelete! Se Teixeira perder muda-se de uma vez para a corte e se eu tiver a desgraça de ser codilhada, bordo-lhe um par de chinelas.

CATARINA - E meu amo estará pelos autos?

AMÉLIA - Que remédio! Comprometeu a sua palavra de honra!

CATARINA - Então tome cuidado que ele há de fazer todo o possível por ganhar.

AMÉLIA - Veremos. Logo que o carro parar no portão, vem avisar-me. Arranja esta sala e manda preparar o almoço. (*Sai*)

CENA II

CATARINA e depois BOAVENTURA

CATARINA (*Arrumando a sala*) - Muito sofre esta pobre moça, coitada! Ah! Se eu tivesse a fortuna que ela possui, como não seria feliz ao lado do meu Antonico! É verdade que eu o amo e ele me adora, mas o ofício de fazer bengalas não dá para viver e não há remédio senão ir dançando polcas até que lhe sobre alguma aragem de felicidade.

BOAVENTURA (*Entrando com uma mala e parasitas*) - Ora, muito bons dias.

CATARINA (*Assustando-se*) - Ah! que susto!

BOAVENTURA - Não se incomode comigo. Onde está a dona da casa? Faça o favor de guardar esta mala. Eu fico em qualquer quarto. Não sou homem de cerimônias. Peço-lhe que tenha cuidado com as parasitas.

CATARINA - Mas quem é o senhor? O que quer?

BOAVENTURA - Sou um homem, como vê. Vim passar alguns dias em Petrópolis e não hei de dormir no meio da rua.

CATARINA - Mas isto aqui não é hotel.

BOAVENTURA - Já sei o que vem dizer-me. Dos hotéis venho eu, não me conta nada de novo. Que noite! Se eu lhe disser que ainda não preguei olho até agora, talvez não acredite.

CATARINA - E o que tenho eu com isto?

BOAVENTURA - O que tem a senhora com isto?! Decididamente isto é uma terra de egoístas! Onde está a dona da casa, quero me entender com ela.

CATARINA - Tome a sua mala, vá-se embora, senhor.

BOAVENTURA - Sair daqui? Nem que me rachem de meio a meio.

CATARINA (*Atirando a mala e as parasitas no chão*) - Eu já lhe mostro. (*Sai*)

BOAVENTURA - Não me esbandalhe as parasitas.

CENA III

BOAVENTURA *e depois* AMÉLIA

BOAVENTURA - E dizer-se que vem gente a esta terra para divertir-se! Pois não! Que belo divertimento, Senhor Boaventura. Sair um cidadão da corte com o sol a pino, suando por todos os poros, andar aos trambolhões da barca para o caminho de ferro, do caminho de ferro para os carros, chegar aqui quase ao cair das sombras, percorrer os hotéis um por um e ouvir da boca de todos os locandeiros esta frase consoladora: - Não há mais quartos, estão todos ocupados. Quem me mandou vir a Petrópolis! Pois eu não podia estar agora muito a gosto no beco do Cotovelo, aspirando o ar puro da praia de D. Manoel? Quem me mandou acreditar em caraminholas de febre amarela?

AMÉLIA (*Entrando*) - O que deseja, senhor?

BOAVENTURA - Sente-se, minha senhora, (*Dando-lhe uma cadeira*) e faça o favor de ouvir-me com toda atenção.

AMÉLIA (*À parte*) - E então? Não é ele que vem oferecer-me cadeiras em minha casa?

BOAVENTURA - Tenha a bondade de sentar-se.

AMÉLIA - Estou bem.

BOAVENTURA - Uma vez que quer ouvir-me em pé, não faça cerimônias.

AMÉLIA - O seu comportamento não tem explicação.

BOAVENTURA - Explica-se da maneira a mais fácil possível.

Chamo-me Boaventura Fortuna da Anunciação, tenho cinqüenta e dois anos, sou solteiro e vim para Petrópolis passar estes três dias santos aconselhado pelos médicos.

AMÉLIA - Não tenho o prazer de conhecê-lo.

BOAVENTURA - As relações adquirem-se e é por isto que estou me apresentando.

AMÉLIA (*À parte*) - É inaudito!

BOAVENTURA - Eu bem sei que deve ser até certo ponto estranhável este meu procedimento, mas estou certo de que a senhora no meu lugar faria o mesmo. Faria o mesmo, sim, não se admire; porque, enfim, não havendo mais lugares nos hotéis, é justo que se entre pela primeira porta que se encontra aberta para pedir uma pousada.

AMÉLIA - Ah! Agora compreendo. E pensa o senhor que a minha casa é estalagem?

BOAVENTURA - A senhora diz isto porque não imagina a balbúrdia que vai por aí. (*Mudando de tom*) É verdade, o seu nome? Como temos de morar juntos por alguns dias, é justo que saiba desde já com quem vou ter a honra de tratar.

AMÉLIA (*À parte*) - E então?

BOAVENTURA - Tem cara de que se chama Bonifácia! Aposto que acertei. Que sarilho, Dona Bonifácia! O Bragança está cheio como um ovo: dorme-se ali por toda a parte, sobre os bilhares, sobre a mesa de jantar, a de cozinha, em cima

do piano, pelos corredores, na escada, até a própria sala do baile alemão já foi transformada em dormitório. O *Du Jardin* está que é uma lua cheia, o *MacDowalis* vomita gente pelas janelas e portas.

AMÉLIA - Ainda tem o recurso do hotel dos Estrangeiros, senhor.

BOAVENTURA - Pois não, fresco recurso! Cansado de andar correndo Seca e Meca, fui lá bater anteontem, às 9 horas da noite e a muito custo consegui que dois hóspedes que lá estavam e que deviam dormir na mesma cama, cedessem-me um lugar no meio, observando-me o dono da casa que nada tinha que pagar por ser aquilo um obséquio que os dois sujeitos me faziam. Instalei-me no centro e quando principiava a conciliar o sono, começaram os companheiros das extremidades a brigar por causa do lençol. O dito era na realidade um pouco curto! Um puxava daqui, outro dacolá, até que afinal um deles zangado perguntou-me: o senhor também não puxa? Eu que me achava bem acomodado e que estava gostando do fresco, disse-lhe: - Meu caro senhor, eu não puxo porque não paguei. Não acha que respondi bem?

AMÉLIA - Esta resposta define-o.

BOAVENTURA - Os tais companheiros não quiseram mais me receber. Ontem dormi ao relento nos bancos da porta do hotel de

Bragança. Sabe a Senhora Dona Bonifácia o que é dormir aqui ao relento, alumiado pelos pirilampos, ouvindo uma orquestra diabólica de sapos? Hoje não estou disposto a passar a mesma noite e portanto instalo-me aqui. A casa convém-me, é bastante espaçosa, arejada, está em um belo sítio.

AMÉLIA - Ou eu estou sonhando ou o senhor é de um desfaçamento sem igual!

BOAVENTURA - Nem uma nem outra coisa.

AMÉLIA - Quer então instalar-se aqui?

BOAVENTURA - Se não lhe der isto grande incômodo...

AMÉLIA - Ah! Essa é boa! Provavelmente há de querer também que lhe dê carro para ir ao *bois* todas as tardes, um ginete para ir à Cascatinha.

BOAVENTURA - Não, eu cá dispenso essas coisas; prefiro boa mesa e boa cama. Mas, agora reparo, a senhora tem um vestido chibante.

AMÉLIA - Acha?

BOAVENTURA - Gosto de ver como anda esta gente por aqui! Caudas de seda e de veludo a varrerem a lama das ruas, os homens todos enluvados com enormes catimplórias na cabeça e alguns até de casaca com luvas cor de papo de canário. Gosto disto. Assim é que eu entendo viver em campo. Porém, eu estou tomando-lhe o tempo. Vá tratar de arranjo da casa. Provavelmente ainda não almoçou e enquanto se prepara o almoço, há de permitir-me que me entregue por alguns momentos à leitura.

AMÉLIA (*À parte*) - Estou pasma. (*Boaventura senta-se, tira um livro do bolso e lê*) O que está lendo?

BOAVENTURA - Um livro precioso.

AMÉLIA - Deveras?

BOAVENTURA - Preciosíssimo!

AMÉLIA - O que vem a ser então esse livro?

BOAVENTURA - Intitula-se: *Manual prático do celibatário*. É a vigésima edição.

AMÉLIA - Deve ser uma obra interessante.

BOAVENTURA - Interessantíssima. Este livro jamais me abandona. É o meu breviário, o meu evangelho, a cartilha por onde rezo...

AMÉLIA - Sim? Estou curiosa por saber o que ele contém.

BOAVENTURA - Nada mais nada menos que todos os meios de que uma mulher pode lançar mão para enganar um homem.

AMÉLIA - E estão aí todos esses meios?

BOAVENTURA - Todos, todos, um por um. A este filantrópico livrinho devo a liberdade de que gozo. Leio-o todos os dias pela manhã, em jejum, ao meio-dia e à noite antes de me deitar.

AMÉLIA - Acho-o pequeno demais para a vastidão do assunto.

BOAVENTURA - Oh! mas isto é essência e essência muito fina.

AMÉLIA - De maneira que não há mulher que possa hoje enganá-lo.

BOAVENTURA - Desafio a mais pintada.

AMÉLIA (*À parte*) - Este homem é um original! Oh! Que idéia! Não há dúvida, é um presente que o céu me envia para realizar o que pretendo. Mãos à obra. (*Alto com meiguice*) Senhor Boaventura?

BOAVENTURA - O que é, Dona Bonifácia?

AMÉLIA - Não me trate por este nome. Eu me chamo Amélia Teixeira, a mais humilde de suas criadas.

BOAVENTURA - Oh! Minha senhora! (*À parte*) Que metamorfose!

AMÉLIA - Não acha bonito o nome de Amélia?

BOAVENTURA - Encantador! Conheci uma Amélia a quem amei com todas as veras de minha alma.

AMÉLIA - Ah! Já amou?

BOAVENTURA - Muito!

AMÉLIA - Acaso poderei saber quem era essa criatura feliz, esse ente venturoso, com quem o senhor repartiu os tesouros de um afeto tão puro? (*Lançando um olhar lânguido*)

BOAVENTURA - Pois não, minha senhora. Era minha avó. (*À parte*) E esta! Que olhos que me deita!

AMÉLIA (*Suspirando*) - Ai! Ai!

BOAVENTURA (*À parte*) - Suspira para aí que comigo não arranjas nada.

AMÉLIA - Senhor Boaventura?

BOAVENTURA - Minha senhora?...

AMÉLIA - Não conhece febre?

BOAVENTURA - Todos nós mais ou menos somos médicos. Está doente?

AMÉLIA - Não me sinto boa.

BOAVENTURA - O que tem?

AMÉLIA - Uma dor aqui. (*Aponta para o coração*)

BOAVENTURA - Isto é constipação. Tome um chá de sabugueiro, abafe-se bem e ponha um sinapismo na sola dos pés. (*À parte*) Não me apanhas não, mas é o mesmo.

AMÉLIA - Tenha a bondade de examinar o meu pulso.

BOAVENTURA (*À parte*) - E esta! (*Levanta-se e examina-lhe o pulso, à parte*) Que mão, santo Deus! (*Alto*) Não é nada. (*À parte*) Cuidado, Senhor Boaventura. Faça-se firme e compenetre-se das verdades preciosas do seu livrinho. (*Senta-se e continua a ler*)

AMÉLIA (*À parte*) - Está a cair no laço. (*Alto*) Chegue a sua cadeira mais para cá.

BOAVENTURA - Estou bem aqui, minha senhora.

AMÉLIA - Ora, chegue-se mais para cá, eu lhe peço.

BOAVENTURA - E que aí deste lado bate o sol...

AMÉLIA - E o senhor tem medo de queimar-se?

BOAVENTURA (*À parte*) - Não há dúvida! Esta mulher está mesmo me provocando.

AMÉLIA - Chegue a sua cadeira.

BOAVENTURA (*À parte*) - Sejamos forte. (*Chega a cadeira*)

AMÉLIA - Feche este livro. Vamos conversar. (*Fecha o livro*)

BOAVENTURA (*À parte*) - Que olhos! Parecem lanternas! Estou aqui, estou perdido.

AMÉLIA - Dê-me a sua mão.

BOAVENTURA (*Dando a mão, à parte*) - Santa Bárbara, São Jerônimo! Que veludo!

AMÉLIA - Diga-me uma coisa. Nunca amou a mais ninguém neste mundo, senão a sua avó?

BOAVENTURA - Se quer que lhe responda, largue-me a mão.

AMÉLIA - Por quê?

BOAVENTURA - É que estou sentindo uns arrepios como se estivesse com sezões.

AMÉLIA - Diga. Nunca amou a ninguém?

BOAVENTURA (*Terno*) - Não, porém agora sinto que se opera dentro de mim uma revolução como jamais senti. Eu amo uns olhos negros que me fascinaram, mas largue a minha mão pelo amor de Deus, não me perca.

AMÉLIA (*À parte, rindo-se*) - Ah! ah! ah!

BOAVENTURA - Sim, eu amo uma... amo... quero dizer... amo uma mulher, que é a estrela do meu firmamento. (*À parte*) Já não sei o que digo. Atiro-me de joelhos aos pés dela, e está tudo acabado.

AMÉLIA - E quem é essa mulher?

BOAVENTURA (*Atirando-se de joelhos*) - Dona Amélia, tenha pena de um desgraçado que a adora. A seus pés deposito o meu nome e a minha fortuna!

CENA IV

OS MESMOS e CATARINA

CATARINA (*Entrando às pressas*) - Minha ama, minha ama, meu amo chegou. Aí vem o carro.

AMÉLIA - Jesus!

BOAVENTURA - Teu amo? Então a senhora é casada?

AMÉLIA - Sim, senhor e com um homem que é ciumento como um Otelo!

BOAVENTURA - Mas por que não me disse isto logo!

AMÉLIA - Saia, senhor: se ele pilha-o aqui, mata-o.

BOAVENTURA - Estou arranjado! (*Para Catarina*) Dá cá a minha mala e as parasitas.

CATARINA - Ande, senhor, avie-se. (*Boaventura vai a sair pela porta do fundo*)

AMÉLIA - Por aí não; vai esbarrar-se com ele.

BOAVENTURA - Quem me mandou vir a Petrópolis?!

AMÉLIA - Esconda-se ali, naquele quarto.

BOAVENTURA - E depois?

AMÉLIA - Esconda-se ali, já lhe disse. *(Boaventura esconde-se no quarto, Amélia tranca a porta e fica com a chave)*

CENA V

AMÉLIA, CATARINA e depois LUÍS

CATARINA - O que fazia aquele sujeito a seus pés, minha ama?

AMÉLIA - Saberás daqui a pouco.

LUÍS *(Entrando com uma mala e diversos embrulhos)* Querida Amélia. *(Dá-lhe um beijo. Catarina toma a mala e os embrulhos)*

AMÉLIA - Que saudades, Luís! Estes dois dias que estiveste na corte pareceram-me dois séculos.

LUÍS - Foi o mesmo que me aconteceu, meu anjo. Venho cheio de abraços e beijos que te enviam tua mãe, as manas, tuas primas... É verdade, a Lulu manda-te dizer que morreu aquele celeberrimo felpudo que lhe deste.

AMÉLIA - O Jasmim? Coitadinho!

LUÍS - Lá ficou toda chorosa. Está inconsolável a pobre menina. Como vai isto por aqui?

AMÉLIA - Cada vez melhor.

LUÍS - Tem subido muita gente?

AMÉLIA - Não imaginas. Anteontem vieram vinte e dois carros, ontem outros tantos... Isto está que é um céu aberto. Que luxo, Luís!

LUÍS - Trouxe-te duas ricas túnicas que comprei na Notre Dame. Disse-me o caixeiro que eram as únicas que vieram.

AMÉLIA - E como deixaste o Rio?

LUÍS - Está que é uma fornalha do inferno, Amélia. A febre amarela de mãos dadas com o calor, a bexiga, a companhia *City Improvements* e o canal do

Mangue têm matado gente que é uma coisa nunca vista. Lê o obituário e verás. Ontem fui ao Alcazar...

AMÉLIA - Ah! Tu foste ao Alcazar?

LUÍS - Mas não pude aturar mais do que o primeiro ato da peça. Saí alagado! (*Vendo Catarina, que deve estar inquieta olhando para à porta por onde entrou Boaventura*) Mas que diabo tem esta rapariga que está tão assustada?

CATARINA - Não tenho nada, não, senhor.

AMÉLIA - É que...

LUÍS - É que o quê?

AMÉLIA - É que na tua ausência deu-se aqui uma cena um pouco desagradável...

LUÍS - Uma cena desagradável?!

AMÉLIA - Sim...

LUÍS - Mas que cena foi esta?

AMÉLIA - Não te amofines, eu te peço.

LUÍS - Fala... que estou sobre brasas.

AMÉLIA - Prometes-me que não darás escândalo?

LUÍS - Amélia, eu tremo de adivinhar.

AMÉLIA - Adeus, adeus: se comesas deste modo não conseguirás coisa alguma.

LUÍS - Anda, fala.

AMÉLIA - Introduziu-se há pouco um sedutor em minha casa...

LUÍS - Um sedutor?! Onde está ele?! Onde está este miserável?

AMÉLIA - Ajudada por Catarina e pelos escravos consegui prendê-lo naquele quarto, a fim de que pudesse receber de tuas mãos o castigo que merece.

LUÍS - Tu me pagarás já, patife. (*Vai à porta do quarto*)

AMÉLIA - Onde vais?

LUÍS - Sufocar o bigorrilhas.

AMÉLIA - Queres arrambar a porta?... Espera. Toma a chave.

LUÍS - Dá cá; dá cá. (*Recebe a chave*)

AMÉLIA (*Rindo-se*) - Ah! ah! ah!

LUÍS - E tu te ris?

AMÉLIA - *J'y pense, j'y pense.*

CATARINA - Ah! ah! É boa, é boa. Foi o primeiro objeto que meu amo recebeu e portanto perdeu o jogo.

LUÍS - Ah! velhaca! Lograste-me.

AMÉLIA - Ah! ah! ah! Confessa que perdeste e que foi uma maneira engenhosa de eu ganhar a *Philippina*.

LUÍS - És mulher e basta.

AMÉLIA - Lembras-te do que convencionamos?

LUÍS - Sim, levar-te-ei para a corte todos os invernos. Mas olha que me meteste um susto!...

AMÉLIA (*Para Catarina*) - Apronta o almoço. (*Para Luís*) Vai mudar de roupa.

LUÍS - Velhaca... (*Sai*)

CENA VI

AMÉLIA e BOAVENTURA

AMÉLIA (*Abrindo a porta*) - Saia, senhor.

BOAVENTURA - Já se foi?

AMÉLIA - Já.

BOAVENTURA - Não me meto em outra. Parto para a corte e não me apanham tão cedo.

AMÉLIA - Antes de sair diga uma coisa.

BOAVENTURA - O que é, minha senhora?

AMÉLIA - Ouviu o que se acaba de passar entre mim e meu marido?

BOAVENTURA - Ouvi tudo, mas não compreendo coisa alguma.

AMÉLIA - Não me disse há pouco que naquele livro encontram-se todos os recursos de que uma mulher pode servir-se para enganar um homem?

BOAVENTURA - Sim, senhora.

AMÉLIA - Pois acrescente lá esse meio de que uma mulher lançou mão para enganar a dois homens. Ah! ah! ah! Boa viagem.

(Boaventura sai)

(CAI O PANO)

ENTREI PARA O CLUBE JÁCOME

A propósito cômico em um ato. Oferecido ao mesmo clube por

PERSONAGENS / ATORES

JULIÃO DA CUNHA, 50 anos / Vasques

DOROTÉIA, *sua mulher*, 50 anos / Francisca Mondar

CHIQUINHA, *sua filha*, 17 anos / Marcelina

ERNESTO, 20 anos / Mondar

COMENDADOR ANASTÁCIO / *fazendeiro* Timóteo

ANTÔNIO, criado / Joaquim

A cena passa-se no Rio de Janeiro.

Época - Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala com uma porta ao fundo e duas laterais: aparadores, um sofá, cadeiras etc. Das paredes pendem diversos quadros, figurando corridas de cavalos.

CENA I

DOROTÉIA e CHIQUINHA

DOROTÉIA - Digo-te que aquela criatura está doida.

CHIQUINHA (*Sentada num sofá, bordando num bastidor*) - Aquilo é uma mania, como qualquer outra, que há de passar, mamãe.

DOROTÉIA - Minha filha, teu pai vai caminho do Hospício de Pedro II, conheço muitos que estão lá por menos. Aquele Clube Jácome! Aquele Clube Jácome! Tu ainda hás de ver se eu minto. De noite, de dia, acordado ou dormindo, ele não pensa senão em cavalos; é a sua idéia fixa! Uma noite dessas estava eu dormindo, eis que acordo sobressaltada com um peso enorme na boca do estômago: abro os olhos e vejo teu pai como um possesso, de cabelos arrepiados... up, up, up... e zás, mete-me tamanha vergalhada no pescoço que ainda hoje sinto as dores. Pois se a criatura sonhava que estava saltando barreiras em São Cristóvão! Teu pai, Chiquinha, acaba por ficar um cavalo!

CHIQUINHA Ora mamãe, antes isto do que ir prestar-se ao desfrute no Alcazar, como fazem muitos, mais velhos até do que ele. (*Mostrando o bordado*) Veja, não está chique'?

DOROTÉIA - Cá está o tema predileto. Cavalos até nas chinelas! CHIQUINHA - É para o dia dos seus anos. (*À parte*) Ai, ai, o que eu sinto é que Ernesto não pertença ainda ao Clube Jácome.

DOROTÉIA - Ele não tarda aí. Onde está o Antônio?

CHIQUINHA - Estava há pouco na estrebaria, limpando os arreios.

DOROTÉIA - Ah, seu Antônio? Estou com muito medo de teu pai, minha filha; aquele homem... aquele homem. Ah, seu Antônio? Seu Antônio?

CENA II

AS MESMAS e ANTÔNIO

ANTÔNIO (*Com uma bota enfiada no braço*) - Pronto minha ama.

DOROTÉIA - Você já escovou, já limpou todas aquelas bugigangas que seu amo encomendou-lhe? Já pôs azeite no freio? Ele não tarda.

ANTÔNIO - Já está tudo pronto, sim senhora; agora estou limpando as botas. Ele recomendou-me que as queria bem lustrosas. (*Mostrando*) Veja, está que é um espelho. (*Ouve-se dentro um barulho de gargalhadas e assovios*)

DOROTÉIA - Jesus, meu Deus, o que é isto? (*Vai à porta do fundo*)

CENA III

OS MESMOS e JULIÃO

JULIÃO (*De dentro*) - Antônio? Antônio?

ANTÔNIO - Pronto. (*Sai correndo*)

DOROTÉIA - Querem ver que teu pai caiu?

JULIÃO (*Entrando todo sujo de poeira e enlameado e limpando-se*) - Que rodada!! Pois se o Mouro deu agora em passarinho... Mas, que galope! Dorotéia: o cavalinho vinha ventando pelo Aterrado, cataprus, cataprus, cataprus. O vento zunia-me pelos ouvidos como um guincho de maxambomba,

a barriga do Mouro feria fogo nas pedras: árvores, lampiões, casas, tudo corria para trás, ninguém se animava a atravessar a rua; eu só via pessoas paradas de ambos os lados no meio de uma nuvem de poeira; já não tinha mais fôlego! Em vão quatro urbanos tentaram embargar-me a corrida, eu os vi desaparecer com os lampiões: o povo gritava - cerca! cerca! cerca! era tudo em vão! Nisso uma negra atravessa a rua, o Mouro espanta-se ainda mais, eu cravo-lhe as esporas nos vazios, a negra cai, rola o barril que ela trazia na cabeça, o Mouro salta o barril, perco os estribos, tento em vão segurar-me com os joelhos, roda o selim, o cavalo escorrega, prancheia, e trás!... caio em terra como uma trouxa.

DOROTÉIA - E não podia ter quebrado uma costela? Pois o senhor, seu Julião, ainda é homem para essas coisas? Na sua idade meter-se a rapaz, andar a correr por aí como um maluco. Todas as vezes que o senhor monta a cavalo eu fico com o coração do tamanho de uma pulga, já espero alguma desgraça.

CHIQUINHA - E o cavalo sofreu alguma coisa, papai?

JULIÃO - Qual! Pois o Mouro lá é cavalo que se incomode com essas ninharias! Hás de montar ainda nele para irmos ver as corridas em São Cristóvão.

DOROTÉIA - Seu Julião, deixe-se de graças, não esteja a meter idéias na cabeça da menina.

JULIÃO - É porque tu não sabes o que aquilo é. Olha, Chiquinha: às quatro horas da tarde já vem chegando o povo. Que rapaziada! toda ela desempenada! Gente toda assim da minha laia. Às cinco horas já o campo de São Cristóvão está coalhado de quanta moça bonita há por aqueles arredores: carros, guigues, caleches, gôndolas, tudo o que há de bom, ali se vê. - Fora da raia! é o sinal de atenção. Daí a pouco estendem-se as barreiras, os cavalos se agrupam, os cavaleiros se preparam, há um remexer em toda a linha, todos os olhos se fitam no grupo que vai saltar. Sai o primeiro cavaleiro, salta as barreiras, sai o segundo, sai o terceiro, sai o quarto, quinto, sexto, saltam todos, que pulos! que limpeza! Depois desse primeiro trabalho limpa-se a raia, e vão as corridas rasas. Aí sim... aí entro eu. Daí a pouco só se ouve em toda a linha: aí vem eles! aí vem eles! é o Baio que vem na frente, não é, é o Castanho, não é O Castanho, é o Russo... Qual Russo nem Castanho! É o Mouro que vem, fino como uma seta, rompendo na frente e que ganha com luz a todos os outros.

DOROTÉIA - Pois não era melhor, seu Julião, que o senhor estivesse aqui em casa conversando com a gente, ouvindo a menina tocar, no repouso da família...

JULIÃO - Pois há nada, senhora, que valha as emoções de uma corrida? Há dinheiro que pague dois galões de saída, uma assentada, um grito de partida? Sair um homem colado ao companheiro, sentir-lhe o coração pulsar de emoção

ao lado do seu e ouvir finalmente os urras da vitória! Dorotéia, Dorotéia, *(Abraçando-a)* ainda há de correr comigo.

DOROTÉIA - Chegue-se para lá, seu Julião, não me faça perder-lhe o respeito.

CENA IV

OS MESMOS e ANTÔNIO

ANTÔNIO - O milho acabou-se, meu amo.

JULIÃO - Patife, pois só agora é que vens me avisar.

CHIQUINHA - O cavalo pode ficar agitado.

DOROTÉIA - Eu daria parabéns à minha fortuna, se o visse seco e torrado como uma sardinha.

JULIÃO - Vá à casa do farinheiro, vá dizer-lhe que me mande dois sacos de milho e um de fubá. *(Antônio vai saindo)* Olhe, que seja milho Catete; e assim que vier dê uma boa ração ao cavalo. *(Antônio vai saindo)* Olhe, já limpou o meu freio?

DOROTÉIA - Já está tudo pronto; o criado aqui não faz outra coisa senão cuidar do seu cavalo: quero mandar um recado fora, quero mandar pôr a mesa, e a resposta que me dá o seu Antônio é sempre esta: - estou tratando do cavalo. *(Antônio sai)*

CHIQUINHA - Papai, tem-se esquecido de uma coisa que me prometeu.

JULIÃO - O que é? Vestidos para bailes? Não dou.

CHIQUINHA - Não, não é isso; ora veja se se lembra.

DOROTÉIA - Seu Julião, a menina precisa de saias, de botinas, de meias, e os lençóis estão se acabando... O senhor não pensa senão lá no seu Clube Jácome...

JULIÃO - Hei de lhe mandar fazer uma saia de montar, uma bonita amazona, como vi ontem uma em São Cristóvão.

CHIQUINHA - E o cavalo, papai?

JULIÃO - Arranja-se, arranja-se.

DOROTÉIA - Que loucura, meu Deus! Pois o senhor acredita que eu tivesse criado uma filha até esta idade, para morrer de queda de burro?

JULIÃO - De burro? Pois a senhora confunde cavalo com burro!!

DOROTÉIA - Senhor Julião, já não estou para o aturar. Menina, vamos para dentro. *(Sai)*

JULIÃO - Não, ela fica, preciso falar-lhe.

CENA V

JULIÃO e CHIQUINHA

JULIÃO - Chiquinha, senta-te aqui. *(Sentam-se no sofá)* Nós havemos de ir, todos os domingos, a São Cristóvão: lá há rapazes muito bonitos, que montam bem, tu hás de vê-los; talvez que venhas ainda a gostar de alguns deles.

CHIQUINHA - Se é para isso, papai, não quero ir.

JULIÃO *(Á parte)* - Mau, acordaria já tarde? Já lhe transtornaram a cabeça; aposto que são histórias da Senhora Dorotéia. *(Alto)* Pois fazes mal; aqueles moços do Clube Jácome são muito bem educados e sobretudo que chique! e que cavalos!! Olha, Chiquinha, há lá um que se tu o visses...

CHIQUINHA - Ora qual, papai.

JULIÃO *(Zangado)* - Ora qual, ora qual... Tu ainda não sabes de quem estou falando... Que moço! Tem um cavalo do Cabo, tão bem ensinado pelo Jácome que faz gosto: recua, ladeia, faz perfeitamente o passo espanhol, faz o piafé magistralmente, etc., etc. Tem uns olhos!

CHIQUINHA - Quem? O cavalo ou o moço, papai?

JULIÃO - O moço. Que tábuas de pescoço!

CHIQUINHA - Do moço?

JULIÃO *(Contrariado)* - Não, do cavalo. E que posição elegante sobre os arreios! Ar imponente, as rédeas leves sobre a mão... Enfim Chiquinha, é um rapaz que bem te convinha. Hás de ir comigo domingo às corridas. Quero-te mostrar: que estampa!

CHIQUINHA - Qual, do moço, papai?

JULIÃO - Não, menina, do cavalo.

CHIQUINHA (*Abaixando a cabeça*) - Pois... eu... queria comunicar-lhe, mas...

JULIÃO - Que tem você, que está aqui a engolir palavras?

CHIQUINHA - É que eu... papai...

JULIÃO (*Zangado*) - É que eu, é que eu... É que a senhora já tem a cabeça transtornada por algum pintalegrete. Aposto que é algum sujeito que nunca montou em sua vida, hem?

CHIQUINHA - Não sei se ele já montou, papai.

JULIÃO - Já sei, são histórias da Senhora Dorotéia; mas dou-lhe tamanha rodada, que ela me há de andar aqui em casa num verdadeiro trote inglês. E quanto a você, se me começa a passarinhar, ponho-lhe os machinhos para entrar na verdadeira marcha. Pois saiba que você não se casa senão com um sócio do Clube Jácome: é o meu *ultimatum*. (*Batem*) Entre.

CHIQUINHA - Há de ser o criado com o milho. (*Á parte*) Se fosse Ernesto.

CENA VI

OS MESMOS e ERNESTO

JULIÃO (*A Ernesto, que entra, tomando-o pelo criado*) - Então, seu bruto, é Catete?

ERNESTO - Não venho do Catete, não senhor, venho do Rio Comprido.

JULIÃO - Oh, desculpe, Senhor Ernesto, tomei-o pelo meu criado. Imagine o senhor, que há mais de um quarto de hora que

mandei buscar milho para o cavalo, porque estava sem milho em casa, e até agora nada.

ERNESTO - Como tem passado a Dona Dorotéia?

JULIÃO - Vai indo com alguma tosse; o meu cavalo é que não tem passado bem esses dias. (*Impaciente*) E até agora nada de milho. (*Entra o criado*)

CENA VII

ANTÔNIO e OS MESMOS

ANTÔNIO (*Com um punhado de milho*) - Veja, meu amo, a amostra.

JULIÃO - Excelente. Quanto te pediram pelo saco?

ANTÔNIO - Onze mil réis.

JULIÃO - Veja, Senhor Ernesto, milho Catete de primeira qualidade. Neste a Senhora Dorotéia não mete o dente; se quiser milho para a sua criação, que compre. Com licença, fiquem aí que já volto, vou assistir à ração. (*Sai*)

CENA VIII

ERNESTO e CHIQUINHA

ERNESTO - Então, o que se decidiu?

CHIQUINHA - Por ora, nada. Meu pai, com aquela fatal mania, não pensa senão em cavalos e no Clube Jácome; e já me disse que havia de me dar por noivo um...

ERNESTO (*Admirado*) - Um cavalo?!

CHIQUINHA - Não, um sócio do Clube Jácome. Disse-me que era o seu *ultimatum*. Ah, Senhor Ernesto, o senhor não pode avaliar como eu fiquei.

ERNESTO - E eu que nunca montei em dias de minha vida!

CHIQUINHA - E meu pai que já desconfiou disso.

ERNESTO - Por quê?

CHIQUINHA - Porque convidou-me para ir assistir às corridas de São Cristóvão, disse-me que lá havia moços muito bonitos que montavam muito bem... Enfim, Senhor Ernesto, meu pai quer a todo transe que eu me case com um sócio do Clube Jácome.

ERNESTO - Então, pelo que vejo, lá se vão as minhas esperanças?

CHIQUINHA - Pois o senhor não pode ser sócio do Clube Jácome?

ERNESTO - É verdade... posso... Mas, como quer a senhora que eu entre para uma sociedade de montaria.

CHIQUINHA - Entre, entre, Senhor Ernesto, para agradar a meu pai.

ERNESTO - Mas se eu nunca montei em dias de minha vida, minha senhora!

CHIQUINHA - Não faz mal, aprenderá a montar depois.

ERNESTO - Só se for assim. Mas Dona Chiquinha, pense bem; olhe que é uma grande inconveniência entrar para semelhante Clube. Veja os perigos que um homem corre a pé: uma casca de banana na calçada, um preto de ganho com um cesto à cabeça, um tálburi para aqui, uma gôndola para acolá; se tudo isto a pé faz uma confusão tal na vista que muitas vezes o homem esbarra sem querer, quanto mais um pobre mortal a cavalo! Se defende a anca, lá entra a cabeça do cavalo pela portinhola de um tálburi; se defende a cabeça, vem a anca bater na vidraça de uma loja... Enfim, Dona Chiquinha, eu não quero pensar mais nisto! Sou muito nervoso, não tenho o sangue frio necessário para governar-me a cavalo. Decididamente não entro para o Clube Jácome.

CHIQUINHA - Pelo que vejo, então o senhor dá mais importância aos seus nervos do que ao meu amor! Não lhe valho o sacrifício de uma queda de cavalo?

ERNESTO - Não é por isso, minha senhora; é porque só a idéia de cavalo me repugna.

CHIQUINHA - Aí vem mamãe!

CENA IX

OS MESMOS e DOROTÉIA

DOROTÉIA - Ora viva, Senhor Ernesto, como tem passado?

ERNESTO - Estávamos aqui a conversar sobre o Clube Jácome.

DOROTÉIA - Pois também o senhor está com a mesma mania? Senhor Ernesto, Senhor Ernesto, não me faça perder-lhe a fé que tenho.

CHIQUINHA - Ao contrário, mamãe, o Senhor Ernesto estava me dizendo que nunca montou a cavalo.

DOROTÉIA - Faz muito bem, Senhor Ernesto, ao menos mostra que tem mais juízo do que muitos velhos que conheço. Olhe, Senhor Ernesto, eu perdoaria antes a meu marido se ele fosse ao Alcazar do que vê-lo por aí de chibatinha e luvas, a cavalo. Pois aquele homem é mais para essas coisas? Com aquela

barriga, já pesado, a querer por força ser ágil! Está doido, Senhor Ernesto, está doido! O senhor quer ver? Olhe: veja estas paredes, quadros de corridas de cavalos; olhe estas chinelas, (*Mostrando o bordado*) cavalos! Tem lá dentro um chambre com cavalos pintados e até comprou chita para colchas de cama toda estampada com cavalos! Foi no outro dia à exposição comigo e não tive tempo de ver coisa alguma. O homem levou três horas adiante das estrebarias: que anca! Que lombo curto! Que prumos! Que cabeça! Discutia, gesticulava, eu já estava vexada.

ERNESTO - Agora mesmo, minha senhora, acabei de falar à senhora sua filha sobre o pedido que já lhe tinha feito.

DOROTÉIA - E então?

ERNESTO - Então... vejo que é quase um impossível.

DOROTÉIA - Pelo quê?!

ERNESTO - Porque entre mim e sua filha vejo surgir, dia por dia, hora por hora, um fantasma que diviso ali, (*Todos recuam espavoridos*) um cavalo!

DOROTÉIA (*Rindo-se*) - Pensei que fosse algum rival.

ERNESTO - Pois afianço-lhe, minha senhora, que é pior do que um rival.

CHIQUINHA - Eu já disse ao Senhor Ernesto, mamãe, que o único meio de que ele pode dispor para cair nas boas graças de papai é entrar para o Clube Jácome.

DOROTÉIA - Deus nos livre! Pois se um já é bastante para trazer a casa numa corrida, quanto mais dois! Eram capazes de me converter aqui a sala em campo de São Cristóvão.

ERNESTO - Não se assuste, Dona Dorotéia, nessa não caio eu.

CHIQUINHA - Há de entrar.

DOROTÉIA - Não entra.

ERNESTO - Vejam em que ficam.

CENA X

OS MESMOS e JULIÃO

JULIÃO (*Entrando e falando para dentro*) - Vá lavar os pés do cavalo, dê-lhe água e passe-lhe a escova. Não se pode, não se pode ter animais. É um trabalho insano, Senhor Ernesto. Já viu o meu Mouro?

ERNESTO - Que mouro?

CHIQUINHA (*Puxando-lhe a roupa diz-lhe baixo*) - Diga que já viu, é o cavalo dele. Fale-lhe já naquilo.

ERNESTO - Senhor Julião, desejava dar-lhe uma palavra a sós.

JULIÃO (*À parte*) - Já sei, quer entrar para o Clube. (*Alto*) Menina, vá para dentro. Senhora Dorotéia. (*Faz menção de quem a despede*)

CENA XI

JULIÃO e ERNESTO

ERNESTO - Senhor Julião, desejava...

JULIÃO - Já sei; o senhor não é sócio-fundador, tem de pagar portanto trinta mil réis de jóia, a mensalidade é de dois mil réis paga em trimestre.

ERNESTO - Não é isso... desejava... o senhor, creio que já deve saber...

JULIÃO - Ande, não empaque.

ERNESTO - E que... nas minhas circunstâncias...

JULIÃO - Está o senhor só a refugar.

ERNESTO - Pois eu me explico. Há seguramente três meses...

JULIÃO - É justamente o tempo que possuo o Mouro. Ainda se me não saiu da cabeça a tal rodada! Continue.

ERNESTO - Há seguramente três meses que desejo possuir um objeto, que é o seu desvelo, o seu carinho, e para quem Sua Senhoria ambiciona todas as felicidades da vida.

JULIÃO (*Á parte*) - Já sei, quer me comprar o Mouro; está se ninando.

ERNESTO - Para encurtar-lhe razões, Senhor Julião, peço-lhe a mão da senhora sua filha.

JULIÃO - Cáspite! Folgo muito de saber isso.

ERNESTO - Sou guarda-livros de uma das mais importantes casas comerciais da Corte, tenho trinta apólices, duas moradas de casas...

JULIÃO - Basta, basta meu caro. O senhor sabe montar?

ERNESTO (*À parte*) - Estou em apuros. Eis o meu fantasma.

JULIÃO - Responda, que tenho muito que fazer.

ERNESTO (*À parte*) - É preciso lisonjear-lhe a mania. (*Indeciso*) Monto... já montei e creio mesmo até que já montei num burro!

JULIÃO - Num burro! Senhor Ernesto, não me prostitua a arte hípica. O senhor está-se traindo, não minta; diga antes: Senhor Julião, eu quero ver a verdadeira luz, quero entrar para o Clube Jácome. E as portas do templo se abrirão de par em par para recebê-lo. Diga-me: qual é o melhor sistema de montar? Qual o melhor sistema de ferrar? Como é que conhece quando um cavalo está rengo? Ande, responda sem titubear. Não sabe, não sabe nada, é um ignorante, não lhe dou a mão de minha filha.

ERNESTO - Ah! Senhor Julião, o senhor não sabe, não pode avaliar o entusiasmo que de mim se apodera quando vejo uma corrida, todo eu fico num tremor; os olhos saltam-me das órbitas. (*Julião acompanha também o entusiasmo*) Os cabelos arrepiam-se-me, um suor frio sobe-me dos pés à cabeça: não sabe, Senhor Julião, não pode avaliar: eu seria capaz de passar até por cima de baionetas caladas para ver o seu Mouro correr.

JULIÃO - Bravo, bravo. (*Abraçando-o*) O senhor nasceu com

a predestinação do cavaleiro. Viu aquela última corrida? Como saiu o Mouro fino! Por um triz que o Russo não me ganha. Hei de lhe dar algumas lições; vou lhas dar já.

ERNESTO (*À parte*) - Buli numa casa de marimbondos.

JULIÃO - Sabe qual é o sistema Jácome? Primeira regra: o cavaleiro deve formar com o cavalo uma só peça, deve se confundir completamente com o cavalo. O tronco desempenado, perpendicular ao selim, descansa sobre as pernas que devem se apoiar nos estribos, de maneira que se possa tirar uma linha reta da cabeça aos pés. (*Tomando duas cadeiras e dando uma a Ernesto*) Monte. (*Montando na outra*) Assim. (*Imita*)

ERNESTO (*Montando na cadeira*) - O que diria o meu patrão se me visse nesta posição!

JULIÃO - A cabeça deve estar firme nos ombros. Não mexa com a cabeça, Senhor Ernesto. O tronco ainda mais firme. Rédeas nesta posição. O lugar onde a espinha dorsal muda de nome deve ficar colado ao selim: esta é uma das regras gerais; sofre exceção no trote inglês que deve acompanhar o movimento do cavalo neste sentido. (*Imita o trote*) Cuidado, não perca os estribos, a barriga da perna colada à barriga do cavalo. Não é assim que se segura nas rédeas: a mão deve estar firme e na altura do estômago. Para ladear para a direita não tem mais do que fazer unhas acima e pôr a perna esquerda na virilha do cavalo; para a esquerda, unhas abaixo e a perna direita toma a posição da perna esquerda.

ERNESTO (*À parte*) - Tomo um tombo com toda a certeza.

JULIÃO - Equilibre-se, Senhor Ernesto, o senhor está provando que nunca trotou sem estribos. Agora prepare-se para a corrida.

ERNESTO - Misericórdia!

JULIÃO - Ao grito do juiz, chegam-se as pernas à barriga do cavalo, faz-se a mão leve e cai-se-lhe com duas rimpadas na anca. (*Cai para a frente e indica a posição*) Up, up, up. (*Sai a correr com a cadeira, Ernesto acompanha-o*) Não se importe Senhor Ernesto, com o povo que está na raia. Fora da raia! Firme, sempre olhe que o cavalo desgarrar. Eh lá Mourinho de uma figa.

CENA XII

O COMENDADOR ANASTÁCIO e OS MESMOS

ANASTÁCIO (*Pára na porta*) - Está doido! Já me tinham dito e eu não queria acreditar. (*Ernesto esbarra-se com Julião e vão ambos ao chão*)

ERNESTO (*Levantando-se*) - O Comendador! Que escândalo!

JULIÃO - Ei, Comendador, que tal? Assistiu à corrida? Qual era o seu palpite?

ANASTÁCIO - Que o senhor estava doido. Ora, Senhor Julião, pois o senhor não satisfeito de dar desfrutes no campo de São Cristóvão, ainda vem fazer criançadas em casa? Onde está a sua família?

JULIÃO - Lá está na estrebaria. Vá vê-lo, que elegância! Como está fino! Está um perfeito cavalo de corrida.

ANASTÁCIO - Não lhe perguntei pelo cavalo, perguntei-lhe pela família.

JULIÃO - Venha ver, venha ver.

ANASTÁCIO - Bem me disse a Dona Dorotéia.

ERNESTO - Então, Senhor Julião, o que decide depois de todo esse exercício?

JULIÃO - Que não lhe dou a mão de minha filha, sem vê-lo fio Clube Jácome. Vá já falar com o homem, ele é um moço muito amável, há de recebê-lo de braços abertos. Vá já, não perca tempo. Vá, vá, e venha receber o meu consentimento. *(Empurra a Ernesto pela porta fora)*

CENA XIII

ANASTÁCIO e JULIÃO

JULIÃO - Que corrida! *(Sentando-se cansado)*

ANASTÁCIO - O senhor não perde mais esta mania.

JULIÃO - Mania?! O senhor ousa chamar o progresso de mania? É melhor sem dúvida andar montado num burro de marcha, como anda o senhor lá pela fazenda, ou nalgum cavalo de guinilha?

ANASTÁCIO - E há nada que pague uma boa besta? Nem o senhor nem o seu Mouro fundidos valem o meu João-pequeno: aquilo é meter-se-lhe as esporas e sai o burrinho que é uma rede.

JULIÃO - Comendador, não esteja aí a falar sem ver o animal, venha ver o bicho.

ANASTÁCIO - Ora qual, são uns cavalos cansados que é só vista e nada mais.

JULIÃO - E os seus são só pêlo e lombo e nada mais. É por essas e outras que a raça cavalar está em abandono no país, que o governo não olha seriamente para o importante ramo da zootecnia.

ANASTÁCIO - Aí vem o senhor com os seus palavreados. Eu calo-lhe a boca, mostrando-lhe os burros da minha fazenda. Agora digo-lhe também: vá ver os bichos.

JULIÃO - Pois eu vou mostrar-lhe o que é um animal.

ANASTÁCIO - Se já o vi, Senhor Julião...

JULIÃO - Espere, espere. *(Sai a correr e esbarra com Dorotéia que entra)*

CENA XIV

OS MESMOS e DOROTÉIA

DOROTÉIA - Cruz, te arrenego, criatura! Senhor Comendador, desculpe-me, há três meses que meu marido não está em si. São vexames sobre vexames por que passo.

ANASTÁCIO - Parece-me mesmo, Dona Dorotéia, que o Senhor Julião não anda lá muito bom da cabeça. Quando eu entrei, estava ele aqui com um outro moço, cada um montado em sua cadeira, como dois esbaforidos a correrem pela casa.

DOROTÉIA - O senhor ainda não viu nada! O criado anda num sarilho para dentro e para fora com arreios, selins, cavalos. Estou vendo que acabo também por ficar maluca.

CENA XV

OS MESMOS e CHIQUINHA

CHIQUINHA *(Entrando a toda pressa)* - Mamãe, aí vem papai com o cavalo pelo corredor.

DOROTÉIA - O que estás dizendo, menina?!

ANASTÁCIO - É verdade, parece-me que ele foi buscar o cavalo. *(Ouve-se dentro barulho de patas de cavalo)*

CENA XVI

OS MESMOS e JULIÃO

JULIÃO *(De dentro)* - Deixem o animal; não o espantem. *(Fazendo com a boca o som de quem chama um cavalo)*

ANASTÁCIO - Não estou aqui em segurança. *(Trepá em cima do sofá)* Deixe-me pôr em guarda.

DOROTÉIA - Seu Julião, tenha juízo. (*Ouve-se barulho da queda de trastes*) Lá se vai tudo, lá caiu o guarda-louça. Francisca, sai de detrás desse cavalo, Senhor Comendador, vá ver aquilo. Lá pisou a criança. Lá caiu o papagaio assustado.

JULIÃO - Lá vai ele, Comendador.

DOROTÉIA - Não entre aqui com o cavalo, Senhor Julião, nós brigamos seriamente.

JULIÃO - Pois levo-o para a estrebaria.

DOROTÉIA - Por causa daquele cavalo ainda há aqui em casa uma catástrofe!

ANASTÁCIO - Eu ainda estou tremendo; querer introduzir um cavalo parelheiro numa sala.

CENA XVII

JULIÃO e OS MESMOS

JULIÃO (*Entrando*) - Eu queria mostrar-lhe o que é uma estampa.

ANASTÁCIO - Faço idéia, faço idéia. (*À parte*) Parece-me que

o homem vai ter um acesso. (*Alto*) Com licença. (*Quer retirar-se*)

JULIÃO - Espere, Comendador, quero ler-lhe uma obra que estou escrevendo sobre o sistema moderno.

CENA XVIII

OS MESMOS, ERNESTO e MEMBROS DO CLUBE JÁCOME

ERNESTO (*Entra correndo*) - Cá está o meu diploma. Entrei, entrei para o Clube Jácome.

MEMBROS DO CLUBE - Viva o Clube Jácome!

ANASTÁCIO (*À parte*) - Outros?! Isto é um Hospício de Pedro II. Este é o tal da cadeira. Decididamente vou-me embora.

JULIÃO (*Abraçando Ernesto*) - Meu filho, meu filho.

CHIQUINHA - Meu pai.

JULIÃO - Toma, Chiquinha; é teu, faze-o feliz e que seja bom

cavaleiro. Que seja quanto antes, para irmos todos à corrida e me verem lá no Mouro. *(Segurando em Anastácio e pulando com ele)* Up, up, up... *(Entra o criado com uma bota enfiada no braço e põe-se também a pular)* Up, up, up.

MEMBROS DO CLUBE - Up, up, up.

ANASTÁCIO - Ponham-lhe duchas! Ponham-lhe duchas!

FIM

INGLESES NA COSTA

COMÉDIA EM UM ATO

Bacharel formado pela Faculdade de Direito de São Paulo.

PERSONAGENS

LUÍS DE CASTRO, *tio de*
FÉLIX, *estudante do 5º ano de direito*
SILVEIRA, *dito do 2º ano*
FELICIANO, *dito*
LULU
RITINHA
TEIXEIRA

A cena passa-se em São Paulo.

Época - Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa um quarto com uma porta ao fundo e portas laterais. A direita e à esquerda camas; no fundo uma estante com livros em desordem, um cabide com roupa; sapatos velhos espalhados, duas canastras ao lado do cabide, uma mesa com papéis e livros, etc.

CENA I

FÉLIX e SILVEIRA

(Ao subir do pano Silveira e Félix dormem nas camas embrulhados em cobertores encarnados. Batem três vezes na porta do fundo)

FÉLIX *(Acordando sobressaltado)* - Hem?

SILVEIRA *(Pondo a cabeça fora do cobertor)* - Bata com a cabeça.

FÉLIX - Insensato, o que fazes? É um credor!

SILVEIRA - Um credor! Pois já amanheceu?! *(Batem outra vez:*

baixo) Bate, grandíssimo patife.

FÉLIX - Ora isto é incrível! Vir um cadáver assombrar um homem ao romper da aurora!

CENA II

OS MESMOS e FELICIANO

FELICIANO (*De dentro*) - Abram a porta.

SILVEIRA (*Escondendo-se no cobertor*) - Salve-se quem puder! (*FELICIANO empurra a porta e entra; Félix, levantando-se, esconde-se atrás da cama*)

FELICIANO - Pois ainda dormem! (*Puxando o cobertor de Silveira*) Que escândalo! (*Olhando para a direita vê a cabeça de Félix fora da cama*) Com os diabos o que fazes debaixo da cama?

FÉLIX - FELICIANO, há certas graças que não têm graça.

FELICIANO - Pelo quê? (*Rindo-se*) Ah! Já sei: tomaram-me sem dúvida por algum credor, por um *inglês*?

SILVEIRA - Por um *inglês*?

FELICIANO - Já vejo que ainda não leram Balzac. Pois saibam que o espirituoso autor da *Comédia humana* apelida de *ingleses* a essa raça desapiedada que nos persegue por toda a parte. Depois da questão anglo-brasileira, creio que não pode haver um epíteto mais apropriado para designar um credor. Os ingleses são inimigos terríveis e um credor, a meu ver, é o mais furibundo dos nossos inimigos. (*Rindo-se*) Tomaram-me por um *inglês*!

SILVEIRA - Quando se tem o espírito sobressaltado...

FELICIANO - Sei o que é isso. Eu também venho tocado de casa. Acredita-me, Silveira: eu sou um homem infeliz. Às vezes tenho ímpetos de perguntar ao cano de uma pistola os segredos da eternidade. Esses *ingleses* hão de ser a causa da minha morte!

SILVEIRA - E da morte do Brasil inteiro! As coisas não vão bem.

FELICIANO - Mas tu não te levantas? São onze horas e um quarto.

FÉLIX - Onze e um quarto? Ainda é muito cedo. (*Volta-se para o outro lado*)

FELICIANO - Decididamente não pretendem sair hoje de casa?

SILVEIRA - Não sabes, insensato, que hoje é o dia 15 do mês? O dia 1º e o dia 15 de cada mês são dias fatais para um pobre estudante! As ruas estão calçadas de credores!

FÉLIX - Chi!... Andam por aí assanhados!

FELICIANO - A quem o dizes. Na rua de São Gonçalo fui abordado por quatro. Um deles era coxo; mas a fatalidade, que protege os verdugos, deparou-me um maçante no momento em que eu dobrava um beco para esconder-me no corredor de uma casa. Imaginem vocês a minha situação: entre um maçante e um *inglês*. A vitória do segundo foi inevitável! O homem mediu-me de alto a baixo com a gravidade de um súdito da Rainha Vitória e entregou-me a conta. Creio que tive uma vertigem. Quando tornei a mim, já não tinha uns inocentes dez mil réis, que me restavam da mesada.

SILVEIRA - E julgas-te infeliz por teres encontrado um credor coxo? Pois olha, caro Feliciano, eu tenho tido credores com todos os defeitos: coxos, corcundas, surdos, mudos, anões... nunca viste o recrutamento na aldeia? E para coroar a obra, tenho ultimamente um caolho cujo nome há de ser gravado em letras de ouro nos anais da história. E um diabo em figura de homem com o dom da ubiqüidade: encontro-o em todos os lugares. Se nos bailes, de braço com alguma encantadora menina, eu me transporto ao céu numa nuvem de poesia, a figura sinistra de um sujeito que discute com outro sobre a carestia dos gêneros alimentícios embarga-me a voz na garganta e eu fujo aterrado da sala; é o Teixeira. (Chama-se Teixeira) Nos teatros, quando toda a platéia manifesta a sua expansão por uma chuva de palmas e bravos, eu, semelhante a um herói de melodrama, procuro com a velocidade de um raio a porta da rua, é ainda o Teixeira. Nos cafés, nos botequins, nas igrejas... Enfim, por toda a parte o Teixeira, sempre o Teixeira!... Se algum dia tiveres um credor caolho (ouve este conselho que é de uma pessoa experimentada) quando o avistares toma-lhe sempre o lado do olho arruinado; nunca lhe tomes a frente, porque o credor que só tem um olho, vê mais com ele do que veria com os dois.

FÉLIX (*Sonhando*) - Sim, meu anjo... Hei de adorar-te... SILVEIRA - E pode sonhar este desalmado na manhã do dia 15! (*Puxando o cobertor e gritando-lhe no ouvido*) Acorda, bruto!

FÉLIX (*Sobressaltado*) - Hem?! Quem me chamou? Bárbaros! Acordarem-me no meio de um sonho vaporoso. (*Canta*.)

Sonhei que leda vieste
Junto a meu leito cantar,

Um canto que me dizia:
Bardo, não sabes amar.

Julguei-me por momentos um outro D. Juan ao lado da divina Haidéia sob a safira do belo céu da Grécia. Seus olhos negros e úmidos procuravam as regiões sublimes donde tinham desertado; seus cabelos brincavam em ondas sobre o colo cetinoso... Oh! Mas agora me lembro: o que sonhei antes foi horrível! Sonhei que meu tio, o desalmado LUÍS de Castro, tivera a infeliz idéia de vir visitar-me a São Paulo, e que praguejava a meu lado como um possesso: Isto é comportamento?! O senhor é um dissipador! É um caloteiro! É um ladrão! (creio que ouvi a palavra - ladrão -) Os meus pressentimentos nunca falham, Silveira.

SILVEIRA - Tudo isso é muito bonito, meu caro; mas até o presente não há ainda dinheiro para o almoço.

FÉLIX - Dinheiro, metal vil! O que é o dinheiro?

SILVEIRA - É aquilo com que se compra o almoço.

FÉLIX - E onde está a sublime instituição do crédito? Não crês no crédito? Não crês na Providência? *(Canta)*

*Credo in Dio
Signor dell'Universo*

... Não conheces este pedaço? É dos *Mártires*.

FELICIANO - Pelo que vejo não temos almoço?

SILVEIRA - Desconfio que sim. Vou deitar-me; dizem que o sono sustenta.

FELICIANO - Não haverá ao menos cobres em casa?

FÉLIX - Há a sublime instituição do crédito.

SILVEIRA - Desgraçado, tu ainda ousas falar em crédito, quando estamos desmoralizados e ninguém já nos fia um vintém!

FÉLIX - Não desesperem, colegas: o acaso é nosso Deus. Vou proceder a uma busca. *(Vai ao cabide e tira um colete)*

FELICIANO *(Apalpando as algibeiras)* - Nem um cigarro!

FÉLIX *(Tirando do bolso do colete um papel)* - Um papel!

FELICIANO - E uma nota de dez tostões.

FÉLIX (*Lendo*) - *Lágrimas de Sangue* - Poesias inéditas por uma vítima oferecida em holocausto à experiência.

SILVEIRA - Ainda poesias.

FÉLIX - Enganam-se: é uma conta de alfaiate! (*Vendo a outra algibeira*) Agora não me engano: creio que é uma nota de dois mil réis. (*Os dois aproximam-se*) E uma carta de namoro! (*Lendo*)

- Meu querido...

SILVEIRA - Dispensamos a leitura.

FÉLIX (*Batendo na testa*) - Ah! *Eureka, Eureka!* (*Corre ao fundo e encontra-se com Teixeira que entra*)

CENA III

OS MESMOS e TEIXEIRA

TEIXEIRA - O Senhor Doutor Silveira.

SILVEIRA (*Baixo a FELICIANO*) - Estou perdido! O Teixeira caolho, e estou do lado esquerdo! Que fatalidade!

FELICIANO (*Baixo a Silveira*) - Passa para o lado direito.

SILVEIRA (*Indo para a direita encontra-se de frente com Teixeira que avança para a cena*) - Oh! Senhor Teixeira, como tem passado? Tenha a bondade de sentar-se... sem cerimônia. Félix? traz esta canastra para o Senhor Teixeira. (*Félix arrasta a canastra: Teixeira fica em pé*) Esteja a gosto. (*Teixeira senta-se*)

TEIXEIRA (*Com ar severo*) - A minha demora é pequena.

SILVEIRA - Líamos, quando o senhor entrou, um dos mais belos pedaços de poesia clássica. Gosta de versos alexandrinos, Senhor Teixeira?

TEIXEIRA (*À parte*) - Parece que estão caço ando comigo.

FELICIANO - O senhor pode ter a bondade de me dar um charuto?

TEIXEIRA - Não fumo, senhor.

SILVEIRA - Os clássicos falam mais à cabeça do que ao coração.

TEIXEIRA - Eu não quero saber de corações, senhor doutor, eu vim aqui tratar dos meus interesses.

FELICIANO - O Senhor Teixeira é acardíaco?

TEIXEIRA - Tudo, menos insultos: podemos brincar sem nos sujarmos. Vamos ao que me interessa. (*Tirando um papel do bolso*) Aqui tem a sua...

FÉLIX - Creio que o Senhor Teixeira é mais apaixonado de música. Prefere a música italiana à música alemã? Ouve talvez uma melodia de Bellini, ou do inspirado Donizetti de preferência a uma fuga de Bach, a uma sinfonia de Beethoven, ou a um oratório de Haydn. A música italiana é a voz do coração; a música alemã, vaporosa como as Walkírias do norte, eleva-se em harmonias até o céu. É a metafísica da música, a música transcendental, como se exprime Blase de Bury: é essa música que tornava o divino Mozart inacessível na vasta esfera em que ele girava. Conheceu Mozart, Senhor Teixeira?

TEIXEIRA - Eu já disse que não gosto de gracejos.

SILVEIRA - O Senhor Teixeira prefere a música italiana.

FÉLIX - Então ouça este pedaço. (*Canta*)

Parigi o ó cara lascieremo

La vita uniti percorreremo...

É a mais sublime situação da ópera de Verdi!

SILVEIRA - Oh! a situação é admirável! Violeta está crivada de dívidas; Alfredo, para salvá-la das garras dos credores, suplica-lhe que abandone Paris. O credor, Senhor Teixeira, é o diabo. O senhor não pode fazer uma idéia do que é o credor.

TEIXEIRA - Basta, senhor: não admito mais gaiatadas. Ou o senhor paga o que deve, ou então vou à polícia.

SILVEIRA - Mais devagar, meu caro: não se esquite.

TEIXEIRA - Eu vejo no seu procedimento para comigo uma verdadeira velhacaria.

SILVEIRA - O senhor não pode ver nada direito, porque tem só um olho.

TEIXEIRA - Não! Isto já não é gaiatada! Isto é desaforo! Vou processá-lo por crime de injúria.

FELICIANO - Faz mal, Senhor Teixeira: deve processá-lo por calúnia.

TEIXEIRA Hei de arrastá-lo perante os tribunais. Antes ter um só olho do que, do que... Já me sobe a espuma à boca. Hei de lhe mostrar para quanto serve o Teixeira caolho. (*Riem-se todos*)

SILVEIRA - Venha cá, Senhor Teixeira. (*Teixeira sai*)

CENA IV

FELICIANO, SILVEIRA, FÉLIX e depois TEIXEIRA

SILVEIRA - Eis como deviam terminar as minhas relações com o Senhor Teixeira caolho: por um processo de injúria verbal.

FÉLIX (*Cantando*) - Ah! *dell'indegno rendere...*

SILVEIRA - E tu cantas.

FÉLIX - Queres que chore?

FELICIANO - Afianço-lhes que o homem saiu como uma bomba!

TEIXEIRA (*Aparecendo no fundo*) - Então paga ou não paga?

SILVEIRA - Ora ponha um olho de vidro, sô caolho.

TEIXEIRA - Antes ser caolho do que... do que... Vou estourar na polícia.

CENA V

OS MESMOS *menos* TEIXEIRA

FELICIANO (*Batendo no ombro de Silveira*) - Meu caro, não é processo de injúria que me aterra: o que me aterra é a fome. (*Vendo as horas*) Quase meio-dia, e não há esperança de almoço!

SILVEIRA - Na nossa vida há momentos terríveis, colega. Mas a generosidade e a franqueza, esses dois sentimentos que são quase sempre a partilha dos vinte e dois anos, pulsam nesses trances em nossos corações. No grande mundo há homens que calçam luvas de pelica para ocultar as mãos manchadas no sangue

do seu semelhante, há mulheres que nos embebem o punhal no peito com o sorriso nos lábios; há amigos que nos abandonam na hora do perigo; mas aqui, na vida do coração e das ilusões, sob o teto enegrecido de uma mansarda, é que se encontram os grandes sentimentos. Toma um cigarro. (*Tira um cigarro e uma caixa de fósforos debaixo do travesseiro e dá-o a FELICIANO*)

FELICIANO - Obrigado, colega.

FÉLIX - Isto tudo quer dizer que não há almoço.

SILVEIRA - Mas tu gritaste - *Eureka* - quando entrou o Teixeira.

FÉLIX - Gritei; mas não tive a felicidade do filósofo de Siracusa. Fui a um colete velho...

FELICIANO - E o que achaste?

FÉLIX - Um bilhete de gôndola.

SILVEIRA - Com os diabos! Isso não corre em São Paulo.

FÉLIX - O que querem? Devemos dizer como o cantor da *Boêmia* - "frágeis caniços, a fatalidade dá-nos as honras de uma tempestade" - (*Batendo na testa*) Oh! que idéia! (*Dança e cantarola*)

FELICIANO e SILVEIRA - O quê?

FÉLIX - Está salva a pátria! Hoje não é o dia 15? Fui convidado para um grande almoço em casa do Barão de Inhangabaú.

SILVEIRA - E nós?

FÉLIX -

*Ah! l'amor, l'amor ond'ardo,
Le favelli in mio favor.*

FELICIANO - Esta tua alegria é um insulto.

SILVEIRA - Esse almoço repugna com os teus princípios políticos. O Barão é vermelho, e tu és amarelo. Não deves ir comer um pão molhado nas lágrimas do povo. Não deves ir.

FÉLIX - Silveira, quando fala a barriga, cessam os princípios. E demais, quantos não entram amarelos num jantar, e saem vermelhos? Vou quanto antes: não

me esquecerei de vocês: a casa do Barão é perto e em menos de meia hora eu estarei aqui com o que puder trazer.

SILVEIRA - E com que roupa pretendes lá te apresentar? Queres fazer uma figura ridícula?

FELICIANO - Queres salpicar de lama a ilustre corporação a que pertences?

FÉLIX - E por causa de roupa hei de deixar de ir a um almoço esplêndido? Não: o homem não deve acobardar-se em face desses *petits riens* da vida. (*Para Silveira*) Hás de me emprestar a tua casaca preta. Quanto ao mais que me falta, vou proceder a uma busca. Esta camisa está muito indecente... com um colarinho postiço, e a casaca abotoada...

SILVEIRA - Colarinho é o menos. E os sapatos?

FELICIANO (*Apanhando um sapato*) - Aqui está um sapato.

FÉLIX - Cá está outro. (*Senta-se na cama e calça um*) Vai as mil maravilhas! (*Calçando outro*) - Ananke! -São ambos do mesmo pé! Mas não se conhece.

FELICIANO (*Procurando*) - Uma luva preta.

SILVEIRA - Olha: cá está outra.

FÉLIX - Dá-ma. (*Reparando*) É branca.

SILVEIRA - Isso é o menos, pinta-se.

FÉLIX - Não tenho tempo a perder: já tenho o essencial: dispenso os objetos de luxo. Vou-me vestir. (*Vai saindo pela direita*) FELICIANO - Uma gravata a solferino.

FÉLIX (*Voltando*) - Dá-ma. (*Sai*)

CENA VI

FELICIANO e SILVEIRA

FELICIANO - Pela primeira vez em minha vida sinto a inveja.
SILVEIRA (*Bocejando*) - Ai, ai, vou dormir.

FELICIANO - Ser convidado para um almoço esplêndido, enquanto que nós...

SILVEIRA - Enquanto que nós...

FELICIANO - Silveira: esta vida é cheia de espinhos. No lar doméstico aquecido ao seio da família eu nunca sentia fome.

SILVEIRA - Caímos no sentimentalismo.

CENA VII

FELICIANO, SILVEIRA e depois FÉLIX

FÉLIX (*De dentro cantando*) -

Ah! che la morte ognora
E tarda n'el venir...

SILVEIRA - Canta, patife!

FELICIANO - Ao menos resta-nos um consolo: não morreremos de indigestão.

FÉLIX (*Entrando*) - Pronto. A casaca vai-me bem?

FELICIANO - Como uma luva!

SILVEIRA - Mas este colete está indecente: parece um fogo chinês! Isto faz mal até à vista. Não deves ir ao almoço. Tu podes indispor o Barão de Inhangabaú com este colete.

FÉLIX - Abotôo a casaca. Até logo, rapaziada. (*Sai cantando*)

*Madre infelice
Corro a salvar-te.*

CENA VIII

FELICIANO e SILVEIRA

FELICIANO - Já tenho suores frios, e a cabeça anda-me à roda. SILVEIRA - Feliciano, creio que vou ter uma vertigem. (*Ouvem-se fora gargalhadas de mulheres*) Hein?!

FELICIANO - O quê?

CENA IX

OS MESMOS, LULU e RITINHA

LULU - Vivam os doutores.

SILVEIRA - Lulu!

FELICIANO - Adeus, adorada Ritinha. Sempre bela e arrebatadora, como as criações antigas de Fídias e de Praxíteles.

LULU - Saibam que viemos jantar com vocês.

SILVEIRA - O quê?

RITINHA - Olha, Lulu! Fingem-se de surdos. Viemos jantar com vocês. Queremos sobretudo *Champagne*.

LULU - Apoiado. Não dispensamos *Champagne*.

SILVEIRA - Não preferem *clicau*?

FELICIANO - Está dito: manda-se vir *Champagne, Chambertin, Sothern...* Quem paga?

RITINHA - Olha, Lulu. Estão caçoando!

SILVEIRA - Nós caçoamos; mas vocês fazem mais: vocês insultam-nos. Sim, porque é um insulto entrar ao meio-dia em casa de dois desgraçados que ainda não almoçaram e vir pedir jantar.

RITINHA e LULU - Ainda não almoçaram?!

LULU - Tanto melhor; almoçaremos juntos.

FELICIANO - Viva a Lulu! (*Abraça-a*)

LULU - Mas eu não os compreendo. Há pouco eu insultava-os e agora abraçam-me!

FELICIANO - Pois não pagas o almoço?

RITINHA - E que tal!

SILVEIRA - Não há em casa nem um real!

LULU (*Depois de alguma pausa*) - Está dito: eu pago o almoço.

FELICIANO e SILVEIRA - Viva a Lulu!

SILVEIRA - Eu vou já ao hotel defronte. (*Vai saindo e volta*) Não, vai tu, Feliciano. A felicidade desvairou-me. Louco, ia eu mesmo procurar a boca do lobo!

FELICIANO - Por que não vais?

SILVEIRA - Tenho lá um credor.

LULU (*Rindo-se*) - Cobarde!

FELICIANO - Vou já num pulo. (*Vai saindo, volta: para Lulu*) É verdade e o... (*Faz o acionado de quem pede dinheiro*)

LULU - Mande assentar na minha conta; e sobretudo que venha *Champagne* do melhor. (*Feliciano sai*)

CENA X

OS MESMOS *menos* FELICIANO

LULU - Senhor Silveira: o seu procedimento para comigo ultimamente tem sido inqualificável! Há duas semanas que não tenho a honra de o ver.

SILVEIRA - Menina, os credores...

RITINHA - Quanto a mim, tenho do Senhor Silveira uma ofensa que jamais esquecerei. Lembra-se daquela célebre viagem a Santo Amaro, em que o senhor, entrando numa venda para comprar cigarros sem ter dinheiro, deixou-me na porta, e disse-me: - Ritinha, meu coração, espera-me dez minutos que eu já volto, e trocando algumas palavras em voz baixa com o caixeiro, desapareceu sem mais voltar? Deixar-me empenhada numa venda por meia pataca de cigarros! Desta nunca me hei de esquecer!

SILVEIRA (*Rindo-se*) - Águas passadas não moem moinhos, menina. Agora que a felicidade começa a sorrir-nos, falemos de coisas alegres. O que teremos para almoço?

CENA XI

LULU, RITINHA, SILVEIRA e FELICIANO

FELICIANO (*Com uma caixa de charutos*) – Um magnífico *roastbeef*, ovos, *Bordeaux*, *Champagne*, *Porto*, doces finos... Trouxe esta caixa de charutos por conta. São trabucos.

SILVEIRA - Viva a Lulu.

FELICIANO - Vivam. (*Cantam*)

SILVEIRA

Viva a bela Providência
Que o céu nos deparou,
Viva o anjo tutelar
Que o almoço nos pagou.

LULU - Nada têm que agradecer-me Eu olho para o porvir, Da vossa algibeira um dia o almoço há de sair.

CORO - Viva a bela Providência etc., etc.

(*Entra um criado com uma bandeja*)

SILVEIRA - Arreia, arreia: não há tempo a perder. (*Feliciano e Lulu arrastam a mesa até o meio da cena: Silveira põe a bandeja em cima da mesa*)

RITINHA (*Destapando os pratos*) - Não é um almoço: é um lauto jantar!

SILVEIRA (*Sentando-se na canastra e comendo*) - Já não posso mais; sentem-se e façam o mesmo, nada de cerimônias.

FELICIANO - Ritinha, queres um bocado de *roastbeef*?

RITINHA - Aceito, meu anjo.

LULU - Eu começo pelo *Champagne*: é a bebida dos amores. Não há saca-rolha?

FELICIANO - Veio um. Aqui está. *Champagne* à saca-rolha!

LULU (*Abrindo a garrafa*) - Viva o néctar dos deuses! (*Bebe*) Agora serve-me de qualquer coisa.

FELICIANO - Queres ervilhas?

LULU - Qualquer coisa.

RITINHA - O colega da frente perdeu a fala!

FELICIANO (*Suspirando*) - Ai, ai, meninas; não há gozo perfeito nesta vida. Diante deste *roastbeef* eu vejo dissiparem-se todos os meus sonhos de felicidade. E sabes por quê? Porque à idéia de - *roastbeef* - associa-se uma outra: a de - *inglês!* -.

RITINHA - E o que tem o senhor com os ingleses?

FELICIANO - Cala-te: não quero inocular o mal da experiência

em teu coração de vinte e dois anos. Só o que te digo é que eles hão de ser a causa da minha desgraça. Num belo dia vocês hão de encontrar o meu corpo pendurado a um pé...

LULU - De malvas.

SILVEIRA (*Para Feliciano*) - Por falar em malvas, passa-me o prato das ervas. (*Feliciano passa o prato*)

LULU (*Levantando-se*) - Meus senhores: à saúde daqueles e daquelas a quem consagramos nossas horas de ventura há de ser com - Ups -.

TODOS (*Menos Silveira*) - Ups, ups, urrah, etc., etc.

FELICIANO - Eu proponho outro brinde. À saúde da nossa Providência do dia 15. À tua saúde, Lulu.

SILVEIRA - À razão da mesma.

Tonos (*Menos Silveira*) - Ups, ups, etc., etc.

RITINHA - Não tem medo de uma apoplexia fulminante,

Senhor Silveira?

FELICIANO - Silveira? - És homem: pára! -

SILVEIRA - Vejo tudo azul! Creio que desta não escapo. Amanhã os jornais publicarão "Fato Extraordinário"! Morreu um estudante de indigestão. Eu serei depois de morto o alvo das atenções públicas. Mas, antes que me entoeem o - *Requiescat in pace* -, eu quero fazer um brinde. Encham os cálices de *Champagne*. À morte de todos os credores.

FELICIANO - Bravo! Se é exato o princípio dos Romanos - *Mors omnia solvit* -, eu seria capaz de beber... eu nem sei o que beberia para solenizar este brinde. (*Ouve-se dentro bater palmas*)

SILVEIRA - Hein?!

FELICIANO - Ingleses na Costa!

SILVEIRA - Salve-se quem puder. *(Correm todos e escondem-se na porta do lado direito)*

CENA XII

OS MESMOS e LUÍS DE CASTRO

LUÍS DE CASTRO *(Entra com botas de montar; traz um grande chapéu de palha e uma mala de viagem na mão)* - Dão licença Ninguém?! Olá de dentro!

FELICIANO - Um credor de botas!

SILVEIRA - É um cometa!

FELICIANO - Tu tens dívidas no Rio de Janeiro?

SILVEIRA - Não sei; parece-me que tenho verdugos até na China!

LUÍS DE CASTRO *(Sentando-se aos poucos na canastra)* - Ui, ui, ui. Irra! Doze léguas! Parece-me um sonho estar aqui! Que viagem, que precipícios e que burro! Corcoveou um quarto de hora comigo na serra; afinal não pude: deixei-me escorregar pelo rabicho, e caí com a parte onde a espinha dorsal muda de nome mesmo na ponta de uma pedra! Vi estrelas! Ui, ui, ui. E tudo para quê? Para vir ver o patife de um sobrinho que me anda esbanjando a fortuna! Ah! São Paulo, São Paulo, tu és um foco de imoralidades! Mas onde estará esse bigorrilhas? Disseram-me que ele morava aqui. *(Põe a mala no chão e tira as esporas)*

SILVEIRA - Um sobrinho?! Quem será?

LUÍS DE CASTRO - Hei de lhe mostrar para quanto sirvo, Senhor Félix de Castro. Há de me pagar. *(Ferindo-se com as esporas)* Ui, ainda mais esta. Ora esta! Bebi um pouco de aguardente na viagem. Estou assim meio aéreo!

FELICIANO - É o tio do Félix: é o desalmado Luís de Castro. Ritinha e Lulu, vão batizar aquele mouro.

LULU - Fiquem vocês aqui: quando o homem estiver convertido, eu os chamarei. *(Ritinha e Lulu entram em cena)*

LUÍS DE CASTRO - Minhas senhoras... Perdão: creio que estou enganado. (*À parte*) É uma casa de família. (*Alto*) Como cheguei agora mesmo, julguei que fosse esta a casa de meu sobrinho Félix de Castro.

LULU - Esteja a gosto, pode ficar, o senhor está em sua casa.

LUÍS DE CASTRO - Bondade de vossa excelência, minha senhora.

RITINHA (*Tirando um charuto da caixa e fumando*) - Não quer um charuto?

LUÍS DE CASTRO - Obrigado, minha senhora. (*À parte*) E esta!

LULU - Prefere cigarros campineiros? Não quer um cálice de *Champagne*?

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - Com que gente estou metido! Estou na Torre de Nesly. (*Alto*) Eu estou enganado, minhas senhoras; vou procurar o meu sobrinho. (*Vai a sair*)

LULU - Ora, não vá já, não seja mau. (*Tomam-lhe ambas a frente*)

LUÍS DE CASTRO - Deixem-me, senhoras. Eu sou um pai de família. Não me envolvo em intrigas amorosas.

RITINHA - Pois tem ânimo de nos deixar tão cedo?!

LULU - Ora, fique.

LUÍS DE CASTRO - Eu porventura as conheço? Tenho negócios com as senhoras? (*À parte*) Decididamente vou-me embora: dizem que o fogo perto da pólvora... (*Alto*) Minhas senhoras. (*Vai sair*)

LULU (*Baixo*) - Não vá: se for há de se arrepender.

LUÍS DE CASTRO - O quê?

RITINHA (*Baixo*) - Ingrato.

LUÍS DE CASTRO - Como? (*À parte*) Mau, que já vai me virando a bola!

LULU - Pois o senhor ousa abordar a ilha de Calipso e quer retirar-se impune?!

RITINHA (*Oferecendo-lhe um cálice de Champagne*) - Não seja egoísta: beba ao menos à saúde daquela que tanto lhe adora: à minha saúde.

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - É um fazendão! (*Alto*) Este vinho irrita-me os nervos, minha senhora.

LULU - O senhor padece dos nervos?

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - A provocação já é muito direta: vou-me embora. (*Alto*) Minhas senhoras. (*Vai sair, Ritinha toma-lhe a frente com o cálice*)

RITINHA - Então não quer satisfazer o meu pedido?

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - Vai tudo com os diabos. (*Alto*) Bebo.

LULU (*Enchendo outro cálice*) - Mais este.

LUÍS DE CASTRO - Venha. (*À parte*) Não me apanham no laço.

LULU (*Baixo a Ritinha*) - Está filado.

LUÍS DE CASTRO - Às suas ordens.

LULU (*Dando-lhe um charuto*) - Fume sempre um charutinho.

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - Esta é melhor fazenda. (*Alto*) Não fumo: eu só tomo rapé. (*Tirando uma boceta*) Não gostam?

LULU (*Pondo-lhe a mão no ombro*) - E se eu lhe pedir muito?

LUÍS DE CASTRO - Desencoste-se, senhora. (*À parte*) Não há dúvida: estou na torre de Nesly. Vivam. (*Vai sair, Lulu e Ritinha ajoelham-se*)

LULU - Não vá, meu coração.

RITINHA - Ora, fique...

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - E preciso muita coragem. (*Alto*)

Fico.

LULU (*Oferecendo-lhe outro cálice*) - Então à saúde dos nossos amores.

LUÍS DE CASTRO - Vá lá: à saúde dos nossos amores. (*Bebe até o meio*)

LULU - Esta é de virar.

LUÍS DE CASTRO - Viro.

SILVEIRA (*Para Feliciano*) - Isto promete um desfecho majestoso.

LUÍS DE CASTRO (*Risonho*) Mas as senhoras moram mesmo aqui... sozinhas?

RITINHA - Sozinhas.

LUÍS DE CASTRO (*À parte*) - É célebre! Estou tão leve! (*Alto*) Então com que... (*Rindo-se*) Eu vou-me embora: eu bem disse que aquele vinho fazia-me mal aos nervos.

LULU - É porque não está ainda acostumado. Beba outro cálice que há de sentir-se melhor. (*Dá-lhe outro cálice*) Tem ânimo de rejeitar?

LUÍS DE CASTRO - Quem pode resistir ao fogo desses olhos?

(*Bebe*)

RITINHA - Mais outro.

LUÍS DE CASTRO - Tudo o que quiseses, meu coraçãozinho. (*Beija a mão de Ritinha. Lulu lança-lhe um olhar lânguido*) Machuca-me todo, (*Ajoelhando-se*) mata-me; mas não me lances este olhar! (*Lulu dá sinal a Feliciano e a Silveira que entrem para a cena*)

SILVEIRA (*A Luís de Castro que quer levantar-se*) - Esteja a gosto. (*Tirando um charuto da caixa*) Não quer um charuto?

LUÍS DE CASTRO - Eu bem disse que estava enganado. Eu vou-me embora. (*Levanta-se cambaleando*) Mas aquele patife há de me pagar. (*Vai saindo*)

RITINHA - Não vá.

LULU - Ora, fique.

SILVEIRA - Fique.

FELICIANO - Ora, fique.

LUÍS DE CASTRO (*Consigo*) - Que papel representam estes dois sujeitos aqui? Estou abismado! Era preciso que eu viesse a São Paulo para presenciar estas cenas!

SILVEIRA - Senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO - O senhor sabe o meu nome?! Onde me conhece o senhor?

SILVEIRA (*Para Feliciano*) - Uma idéia! (*Para Luís de Castro; baixo*) Maganão feliz! Então com que pensa que não o conheço. Não se lembra talvez daquele célebre pagode no Rio de Janeiro.

LUÍS DE CASTRO - Eu nunca estive em pagodes, senhor.

SILVEIRA (*Continuando*) - Em que havia uma célebre menina de olhos negros, cor de jambo, cabelos encrespados. .. Maganão! Não tem mau gosto.

LUÍS DE CASTRO - Fale mais baixo, senhor, não me comprometa.

SILVEIRA (*À parte*) - Creio que pegam as bichas. (*Alto*) E no entretanto quer fingir-se santarrão... Diz que o *Champagne* faz-lhe mal aos nervos..

FELICIANO (*Para Lulu e Ritinha*) - O que quererá o Silveira com aquele D. Juan em segunda mão?

SILVEIRA - Basta de hipocrisia. Se continuar com esse ar estudado de moralista, irei denunciá-lo ao seu sobrinho e então...

LUÍS DE CASTRO - Basta, senhor: o que quer que eu faça?

SILVEIRA - Quero que se apresente tal qual é: deixe-se de hipocrisias. (*Para Lulu e Ritinha*) Meninas, o Senhor Luís de Castro é dos nossos: é velho no corpo, mas criança na alma. Senhor Luís de Castro: viva a pândega!

LUÍS DE CASTRO (*Gritando*) - Viva a pândega! (*À parte*) Estou desmoralizado!

SILVEIRA (*Baixo a Feliciano*) - Está preparada a situação. (*Baixo a Lulu*) Enche um cálice de vinho do Porto. (*Lulu enche o cálice*) Senhor Luís de Castro (*Dando o cálice*) à saúde dos velhos moços.

LUÍS DE CASTRO - Vivam! (*Bebe até o meio*)

SILVEIRA - Não senhor; esta é de virar.

RITINHA (*Baixo*) - Olhe que o homem já bebeu muito *Champagne*.

SILVEIRA - Vá outra: à saúde dos seus verdadeiros amigos.

LUÍS DE CASTRO - Vá.

TODOS - Up, up, urrah, etc., etc.

CENA XIII

OS MESMOS e FÉLIX

FÉLIX (*Cantando dentro*)

La donna é mobile
Qual pouima alvento...

LUÍS DE CASTRO - Esta voz...

SILVEIRA (*Para FELICIANO*) - Vejamos o desfecho.

FÉLIX (*Entrando*) - Um cometa! (*Luís de Castro volta-se*)

Meu tio! Estou perdido! Ah! meus pressentimentos! (*Para Luís de Castro*) Abençã.

LUÍS DE CASTRO - Sô bigorrilhas!

FÉLIX (*À parte*) - Ai! Que cheiro de vinho!

LUÍS DE CASTRO (*Cambaleando*) - O seu comportamento é inqualificável! O seu ofício em São Paulo tem sido pregar calotes. (*Esbarra na canastra*)

FÉLIX - Meu tio, olhe a canastra.

LUÍS DE CASTRO - E tem o arrojo de não corar em minha presença! Quem julga o senhor que eu sou?

FÉLIX - A princípio supus que fosse um cadáver.

LUÍS DE CASTRO - Cadáver, grandíssimo patife! Estou vivo e bem vivo para te meter o chicote. (*Félix senta-se*) Levante-se.

FÉLIX (*Sentado*) - Admira-me bastante que o senhor meu tio venha moralizar num lugar destes entre garrafas de *Champagne*, e exalando vapores de vinho. (*Baixo*) Quando chegar ao Rio de Janeiro, minha tia há de ser informada de tudo isso.

LUÍS DE CASTRO (*Brando*) - Sim... mas tu não tens te comportado bem: Constantemente estou a receber contas tuas. Tu não sabes que eu não tenho grande fortuna?

FÉLIX - Meu tio: à primeira vista parece que eu devo muito: mas está ali o Silveira que deve mais do que eu.

LUÍS DE CASTRO - Eu não digo que deixe de se divertir... mas (*Cambaleando*)

FÉLIX - Meu tio, não caia.

CENA XIV

OS MESMOS e TEIXEIRA

SILVEIRA - Ainda o Teixeira caolho.

TEIXEIRA - Venho aqui...

SILVEIRA (*Baixo*) - Já sei, espere. (*Baixo a Félix*) Diz a teu tio que o Teixeira é teu credor. O homem hoje está disposto a tudo!

LUÍS DE CASTRO (*Voltando-se*) - Quem é este senhor?

FÉLIX - Este senhor...

LUÍS DE CASTRO - Diga logo: é um credor.

SILVEIRA - E uma pequena dívida de 100\$000, Senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO - Tome. Trouxe o recibo? (*Recebe*) Suma-se. (*À parte*) Com os diabos, anda-me tudo à roda!

CENA XV

OS MESMOS, *menos* TEIXEIRA

SILVEIRA (*Suspirando*) - Estou livre do Teixeira caolho!

LULU, RITINHA e FELICIANO - Viva o Senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO - Hoje mesmo pagarei todas as tuas dividas; mas hás de me prestar dois juramentos: 1º de não as contrair mais; 2º (*Baixo*) de nada revelares a tua tia do que se passou aqui.

FÉLIX - Juro.

SILVEIRA - Eu também quero impor uma condição. O senhor há de ficar aqui pelo menos dois meses.

LUÍS DE CASTRO - Fico.

SILVEIRA (*Para FELICIANO*) - Já não morreremos mais de fome. LUÍS DE CASTRO
- Estou desmoralizado, perdido, esbandalhado, e tudo por quê? Por causa de
um sobrinho extravagante.

FELICIANO - Engana-se, Senhor Luís de Castro: tudo isto é devido a - Ingleses na
Costa.

LUÍS DE CASTRO - Que *ingleses*?

FÉLIX (*Segurando em Luís de Castro*) - Venha para o quarto, meu tio. É uma
história muito complicada; logo lha contarei.

SILVEIRA - Esperem. Eu tenho que falar com estes senhores por parte do autor.

Se algum inglês se ofendeu,
Com o autor não encavaque
O autor só se refere
- aos Ingleses de Balzac.

(CAI O PANO)

MALDITA PARENTELA

COMÉDIA EM UM ATO

PERSONAGENS

CASSIANO VILASBOAS, 33 anos
HERMENEGILDA TAQUARUÇU DE MIRANDA, 30 anos
DESIDÉRIO JOSÉ DE MIRANDA, 60 anos
DAMIÃO TEIXEIRA, 50 anos
RAIMUNDA, sua mulher, 45 anos
MARIANINHA, sua filha 20 anos
MAJOR BASÍLIO, 60 anos; suas filhas
- LAURINDINHA, 20 anos
- COCOTA, 20 anos
GUIMARÃES, 40 anos
DOUTOR AURÉLIO, 25 anos

3 criados; 3 meninos de 7 a 10 anos; 1 menina de 8 anos, convidados. A ação passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1871.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala mobilada com elegância. É noite.

CENA I

DAMIÃO TEIXEIRA e RAIMUNDA

DAMIÃO (*Entrando por uma das portas da esquerda, a Raimunda, que entra pela direita*) - Onde está Marianinha? (*Com alegria*) As salas regorgitam de gente e neste momento acaba de entrar a família do comendador Pestana.

RAIMUNDA - Marianinha está no toalete com as filhas do conselheiro Neves.

DAMIÃO - Que reunião luzida! São apenas nove horas e já tenho em casa dois desembargadores, três deputados, um conselheiro, um tenente-coronel...

RAIMUNDA - O pior é que chove a cântaros.

DAMIÃO - Tanto melhor. Haverá à porta maior número de carros e o nosso baile, durante uma semana pelo menos, será o assunto das conversações na vizinhança.

RAIMUNDA - Você só pensa nos seus comendadores e barões e não se lembra do mano Basílio e das meninas da Prainha. Sabe Deus como elas virão por aí, coitadinhas, metidas num bonde, todas enlameadas e correndo o risco de uma constipação.

DAMIÃO - Se é por esse motivo que a chuva a incomoda, então fique sabendo desde já que eu não duvidaria dar às almas o dobro do que gastei esta noite para ver desabar sobre a cidade um tremendo temporal, dez vezes maior que o de dez de outubro.

RAIMUNDA - Se a minha família o envergonha, por que casou comigo?

DAMIÃO - Ora Raimunda, falemos com franqueza, a tua parentela é um escândalo!

RAIMUNDA - Em que é que os seus parentes são melhores que os meus?

DAMIÃO - Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tu achas teu mano Basílio...

RAIMUNDA - Teu mano, não; seu cunhado.

DAMIÃO - Vá lá; tu achas que meu cunhado Basílio e aquelas duas filhas; uma muito desengonçada e a dar gargalhadas à todo o momento e a outra de cara sempre amarrada a responder às amabilidades que lhe dizem com desaforos e muxoxos de crioula, estão no caso de entrar em um salão de gente que se trata?

RAIMUNDA - Quem te viu e quem te vê!

DAMIÃO - Desde que me entendo, encontro-as em toda a parte com uns célebres vestidos brancos, tão cheios de fofinhos, pregas e canudos que parecem estar vestidas de tripas. E o tal Senhor Cassiano Vilasboas? Não se me dá de apostar que ele vem por aí de casaca e calça branca.

RAIMUNDA - Pois olhe, o primo Vilasboas foi sempre um janota. DAMIÃO - Um janota da Ponta do Caju, que me tem quebrado, com os seus estouvamentos, quanta louça tenho em casa.

RAIMUNDA - Não é tanto assim.

DAMIÃO - Eu daria parabéns a mim próprio, senhora, se a sua parentela tivesse a feliz lembrança de não pôr cá os pés. Sabe que este baile é dado

especialmente ao Senhor Joaquim Guimarães, que é um homem às direitas, com quem desejo casar Marianinha. Já vê, pois, que é preciso que nos meus salões se encontre a nata da sociedade fluminense.

RAIMUNDA - Não compreendo porque queres a nata da sociedade em tua casa quando pretendes casar tua filha com um lorpa, um sujeito sem educação, que vai fazer a sua infelicidade.

DAMIÃO - Pois um homem que traz para o casal aquilo com que se compram os melões faz porventura a infelicidade de alguém?! Pelo amor de Deus, senhora, não diga disparates.

RAIMUNDA - Se reservavas esta sorte para a pobre menina, seria melhor que não a tivesses mandado educar com todo o esmero em um colégio francês.

DAMIÃO - Pois saiba que é atendendo mesmo a essa educação que desejo casá-la com o tal lorpa, como a senhora o chama. Marianinha está acostumada ao luxo, à vida da alta sociedade e um marido dinheiroso é para ela hoje tão necessário como o ar que respira.

RAIMUNDA - Um marido que há de envergonhá-la em toda a parte.

DAMIÃO - Não há de ser tanto assim. Concordo que a princípio ele cometa suas inconveniências e que dê mesmo algumas patadas bravias; mas depois há de ir se acostumando pouco a pouco à atmosfera dos salões e acabará finalmente por falar a linguagem do bom-tom e não dar um passo sem atender ao formulário da etiqueta.

RAIMUNDA - Veremos.

DAMIÃO - Ora, minha amiga, tu queres medir todos pela bitola de tua família, que nasceu na Prainha, na Prainha foi educada e há de morrer na Prainha.

RAIMUNDA - Está bom, a minha família não está em discussão.

DAMIÃO - Eu já sei o que a senhora quer. Vem com pés de lá advogar a causa do tal doutorzinho que me anda a namorar a pequena...

RAIMUNDA - Pois fique sabendo que Marianinha já me disse que, a não dar a mão ao Senhor Doutor Aurélio, não se casava com mais ninguém. E eu acho que ela faz muito bem.

DAMIÃO - O quê?! Pensa porventura a Senhora Raimunda que eu vou casar minha filha com um valdevinos sem fortuna e sem família?...

RAIMUNDA - Mas...

DAMIÃO - Sim, sem família. Dou um doce ao tal sujeitinho se ele for capaz de dizer quem sejam seus pais.

CENA II

OS MESMOS e TRÊS CONVIDADOS

DAMIÃO *(A duas damas e a um velho que entram pelo fundo)* - Ó Senhor Visconde, pensei que não viesse. *(Aperta a mão do Visconde)* Raimunda, leva as capas das senhoras para o toailete. *(Raimunda beija as duas moças, tira-lhes as capas e entra pela esquerda voltando logo. As moças sentam-se)* Pode dispor desta casa como se fosse sua.

RAIMUNDA *(Para as moças)* - A Senhora Viscondessa por que não veio?

DAMIÃO *(Para o velho)* - É verdade, por que não trouxe a Excelentíssima senhora?

CENA III

OS MESMOS e mais TRÊS CONVIDADOS

DAMIÃO *(A um moço que entra com duas damas pelo fundo)* - Ó Excelentíssimo! Raimunda? O Senhor Doutor Chefe de Polícia. Minha mulher. *(Raimunda cumprimenta o moço, beija as três moças, tira-lhes as capas e leva-as para o toailete, depois do quê, volta para a cena. As moças sentam-se)*

CENA IV

RAIMUNDA, DAMIÃO, OS CONVIDADOS, BASÍLIO, LAURINDINHA, COCOTA, TRÊS MENINOS, de 7 a 10 anos e UMA MENINA de 8 anos

RAIMUNDA - Como está, mano Basílio? *(Laurindinha, Cocota e os meninos tomam a bênção a Raimunda)*

DAMIÃO *(À parte)* - Jesus! Veio a família em peso!

LAURINDINHA - *(Rindo-se às gargalhadas)* - Estamos todas enlameadas! *(Apertando a mão de todos que estão na sala, um por um)* Como

tem passado? *(A outra)* Eu estou boa, muito obrigada. *(A outro)* Boa noite. *(A outro)* Tem passado bem? *(A outro)* Como vai?

DAMIÃO *(À arte)* - Que vergonha, meu Deus! Entram em um baile apertando a mão de todos, sem uma apresentação sequer!

LAURINDINHA *(A outra)* - Viva!

DAMIÃO *(Baixo a Raimunda)* - Senhora, pelo amor de Deus, toque essas sirigaitas daqui para fora. *(O major Basílio, os três meninos, a menina e Cocota seguem também um atrás do outro apertando a mão de todos, que ocultam o riso com o lenço na boca)*

RAIMUNDA *(Baixo a Damião)* - De que é que esta súcia se ri?

DAMIÃO *(Baixo)* - A senhora ainda o pergunta?! Olhe para aqueles vestidinhos, cheios de fitas de todas as cores. Parece-me estar vendo o mastro do Castelo em dia de chegada de voluntários.

BASÍLIO *(Abraçando o Chefe de Polícia)* - Oh! Há quanto tempo não o vejo.

DAMIÃO *(À parte)* - O que é aquilo, o que é aquilo?!

BASÍLIO - Não é o Senhor Tomé da rua do Alcântara, a quem tenho a honra de falar?

DAMIÃO *(Pondo-se de permeio)* - Venha tirar par para uma quadrilha, Excelentíssimo.

BASÍLIO - Desculpe-me, estou sofrendo tanto da vista.

LAURINDINHA *(Rindo-se)* - Ah! Ah! Ah! Titia, não imagina o reboliço que houve hoje lá em casa por causa deste baile.

DAMIÃO *(Com riso forçado)* - Nós imaginamos, nós imaginamos.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah! Eu e Cocota queríamos fazer uns vestidos novos para pôr poeira hoje aqui em tudo. O diabo do italiano que costuma levar fazendas lá na Prainha flauteou-nos e não tivemos remédio senão lançar mão destes vestidos que fizemos para a chegada do Conde D'Eu. Toca a mudar fitas. Ah! Ah! Ah! O caixeiro do armarinho entrava e saía. Ah! Ah! Ah! Papai estava furioso. Já não posso com tanta despesa, disse ele. Ah! Ah! Ah! Saímos de casa todas engomadas, principiava a fuzilar. Quando chegamos ao Largo da Imperatriz, desabou uma pancada d'água... Ah! Ah! Ah! Os bondes passavam... papai, sciu, sciu, sciu, pára! Qual! Iam todos atometados. Ah! Ah! Ah!

DAMIÃO (*Interrompendo*) - Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

LAURINDINHA - A mana está danada.

COCOTA (*Zangada*) - Me deixe.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah! Está com os sapatos todos encharcados, e a meia caiu-lhe pela perna abaixo.

COCOTA (*Zangada*) - Não é de sua conta; cuide de sua vida que não faz tão pouco.

LAURINDINHA - Eu lá tenho a culpa que você viesse com os sapatos rotos?

COCOTA - Vá plantar batatas.

DAMIÃO (*À parte*) - Que vergonha! (*Alto*) Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

COCOTA - Se você me exaspera muito, olhe que eu faço uma das minhas, hem?

BASÍLIO (*Para Cocota e Laurindinha*) - Vocês não trouxeram aquela música a quatro mãos?

COCOTA - Eu não, não tinha eu mais que fazer.

BASÍLIO - Mas por que não trouxeste a música?

COCOTA - Porque não quis, está aí.

CENA V

OS MESMOS e VILASBOAS

VILASBOAS (*Entra pelo fundo, traja casaca e calça branca; traz um cache-nez ao pescoço, a bainha da calça dobrada, sapatos de borracha e um chapéu de chuva sobraçado com a ponta para o ar*) - Afinal, sempre cheguei.

LAURINDINHA (*Batendo palmas*) - Iu... ó primo Vilasboas. Que pagode. Ah! Ah! Ah! (*Vilasboas cumprimenta a todas com a ponta do guarda-chuva voltada para o ar*)

DAMIÃO (*À parte*) - Mais outro.

BASÍLIO (*A Vilasboas que o cumprimenta*) - Olhe que você fura-me um olho.

VILASBOAS - Estou molhado como um pinto. *(Recuando para apertar a mão de Raimunda dá com o cabo do chapéu em um aparador e atira uma jarra ao chão)*

DAMIÃO *(À parte)* - Começa o diabo a quebrar-me tudo.

VILASBOAS *(Para Raimunda)* - Não se incomode, eu pago. Com licença. *(Abre o chapéu de chuva e coloca-o no chão)*

DAMIÃO - O que é isto, senhor?

VILASBOAS - É para enxugar. *(Damião fecha o chapéu e coloca-o a um canto. Vilasboas senta-se no sofá, tira os sapatos de borracha e atira-os para baixo, desenrola o cache-nez e desdobra a bainha da calça)*

DAMIÃO *(Baixo a Raimunda)* - Estou com a cara mais larga que um tacho. *(Alto)* Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

CENA VI

VILASBOAS, OS CONVIDADOS, OS MENINOS, LAURINDINHA, COCOTA, BASÍLIO, DAMIÃO, RAIMUNDA, HERMENEGILDA e MIRANDA

RAIMUNDA - Entre, prima Hermenegilda.

HERMENEGILDA *(Cumprimentando a todos)* - Pensei que não nos aproxinásemos mais às avenidas deste palácio, todo por dentro e por fora iluminado, como diz Alexandre Herculano no *Otelo*.

DAMIÃO *(À parte)* - Faltava mais este casal para coroar a obra.

VILASBOAS *(Para Laurindinha)* - A mana Hermenegilda fala que se pode ouvir.

HERMENEGILDA - Deixamos a poética Praia do Caju envolvida nos vapores fosforescentes do cair das sombras que abandonavam a terra.

DAMIÃO *(À parte)* - Quanta asneira, meu Deus!

HERMENEGILDA - A lua ocultava o perfil entre nuvens negras como diz o cantor do Jocelyn.

DAMIÃO *(Interrompendo)* - Mas vamos tirar pares, vamos tirar pares.

MIRANDA *(Para o Chefe de Polícia)* - Se não me engano, é o Senhor Doutor Chefe de Polícia da Corte? Há de permitir-me que apresente minha filha a Sua

Excelentíssima. *(Apresentando Hermenegilda)* O Senhor Doutor Chefe de Polícia. Minha filha, Dona Hermenegilda Taquaruçu de Miranda.

HERMENEGILDA - Creio que é *inútil* esta apresentação, porquanto já tive o prazer de enlaçar o meu braço no de Vossa Excelência no voluptuoso baile do Frágoso.

VILASBOAS - É verdade, como estive voluptuoso aquele baile! Havia gente como terra. *(A orquestra toca dentro uma quadrilha)*

DAMIÃO - A orquestra dá o sinal para a segunda quadrilha. Não há tempo a perder, meus senhores.

MIRANDA *(Para o Chefe de Polícia)* - Se Vossa Excelência não tem par, tomo a liberdade de oferecer-lhe minha filha. *(O Chefe de Polícia dá o braço a Hermenegilda)*

HERMENEGILDA - Eu amo a dança, como o saltitante colibri, pulando de várzea em várzea ora aqui, ora ali, ama as pétalas de flores, onde a borboleta vai colher o delicioso mel. *(Saem ambos)*

LAURINDINHA *(Para Vilasboas)* - Primo, você dança comigo; nós cá quando nos *ajuntemos, pintemos*. Ah! Ah! Ah! *(Sai de braço com Vilasboas)*

BASÍLIO *(Para a menina)* - Eu vou ver um par para ti, Isabelinha. *(Dirigindo-se a um dos convidados)* Se ainda não tem dama peço-lhe que dance com esta menina. *(A menina sai de braço com o convidado)* Vocês *(Para as meninas)* vejam lá como se portam, vão para a sala, fiquem bem sossegadinhas num canto e sobretudo não me metam a mão nas bandejas. *(Saem as meninas, os outros convidados tiram pares e saem também)*

DAMIÃO *(Para Cocota)* - Você não vai dançar, menina?

COCOTA - Estou muito bem sentada.

DAMIÃO - Se veio cá para fazer papel de jarra, seria melhor ter ficado em casa.

COCOTA - Jarra será ele, veja lá se está falando com seus negros. Se pensa que faço muito empenho em vir aos seus bailes, fique sabendo que vim cá somente para fazer a vontade a papai. Depois que apanhou umas patacas ficou tão cheio de impostúrias e de sobêrbias que parece que tem o rei na barriga. Eu não faço caso de dinheiro.

BASÍLIO - Menina, respeite seu tio, que é mais velho; vá dançar.

COCOTA - Não vou, não vou e não vou. (*Sai para a toailete levando consigo uma moça*)

BASÍLIO (*Dando o braço a duas damas e saindo*) É muito bem criada, mas quando teima, ninguém pode com ela.

CENA VII

DAMIÃO e MIRANDA

MIRANDA - Na realidade, invejo a posição em que te achas.

DAMIÃO (*Com ar pretensioso*) - Ora, meu amigo, mudemos de conversa.

MIRANDA - Infelizmente não posso fazer outro tanto, apesar de ter um elemento com que podia figurar mais do que tu.

DAMIÃO - Qual é?

MIRANDA - Uma filha inteligente e interessante.

DAMIÃO - Não te compreendo.

MIRANDA - Desconheces porventura a importância da mulher na sociedade? Não sabes que de um momento para outro ela pode arremessar-nos ao abismo com a mesma facilidade com que eleva-nos às mais altas posições? Hermenegilda tem todos os dotes para fazer-me subir e, no entretanto, ainda nada consegui até hoje.

DAMIÃO - Ora Miranda...

MIRANDA - Ela, por sua parte, coitada, faz todo o possível. Não a viste, há pouco, com o Chefe de Polícia? Um homem solteiro, em boa posição... um corte de marido, às direitas. Parece-me que o caiporismo vem de mim.

CENA VIII

OS MESMOS e JOAQUIM GUIMARÃES

GUIMARÃES (*Entrando pelo fundo*) - Há um quarto de hora que ando pelas salas a sua procura. Irra!... Estou suando como um burro.

DAMIÃO - Ó Senhor Guimarães, a sua ausência já me era muito sensível!

MIRANDA (*Baixo a Damião*) - Este homem não é aquele sujeito muito apatacado de que me falaste uma vez?

GUIMARÃES - Não pude vir mais cedo. Mandei ver umas botas para o seu bródio, encomendo ao diabo do caixeiro que me procurasse quarenta e oito, três, que é o número que calço, e o ladrão traz-me estas botinas. Estou com os pés intransitáveis.

MIRANDA (*Baixo a Damião*) - Apresenta-me a este homem.

GUIMARÃES - Decididamente não me sei haver com isto. Quem me tira de um bom chinelo-de-tapete, tira-me de tudo.

DAMIÃO - Já estive na sala da frente?

GUIMARÃES - Acabo de sair de lá.

DAMIÃO - Que tal?

GUIMARÃES - O mulherio é magnífico!

MIRANDA (*À parte*) - É preciso que ele dance com Hermenegilda.

GUIMARÃES - Mas quer que lhe fale com franqueza? Eu não gosto de bailes de cerimônia. Se algum dia der reuniões em minha casa, não hei de fazer convites. Encontrando algum conhecido na rua, chamo-o e digo-lhe: Vem cá, fulano, vai tomar hoje uma xícara de água suja lá em casa; podes ir assim mesmo que lá não vai ninguém de bem. Não me entendo com negócios cá de casaca e gravata ao pescoço, está a gente fora de seus hábitos.

MIRANDA - O senhor é como eu.

GUIMARÃES - Quem é o senhor?

MIRANDA - Chamo-me Desidério José de Miranda, moro na Ponta do Caju e sou pai de uma menina que é um anjo.

GUIMARÃES - Onde está ela?

DAMIÃO (*Interrompendo com vivacidade*) - Vamos para a outra sala; minha filha espera-o com ansiedade.

MIRANDA - Venha, eu vou apresentá-la.

DAMIÃO - Oh! Aí vem Marianinha.

CENA IX

MARIANINHA, AURÉLIO, DAMIÃO, MIRANDA e GUIMARÃES

GUIMARÃES (*A Marianinha*) - Ora muito boas noites, minha senhora. Então, como vai a Sé velha?*(Apertando-lhe a mão)*

DAMIÃO (*A Aurélio*) - Desejava falar-lhe, Senhor Doutor.

AURÉLIO (*À parte*) - Compreendo.

MIRANDA (*À parte*) - O patife quer me empatar as vasas.

DAMIÃO (*Saindo com Aurélio*) - Vamos também, Miranda, quero comunicar-te um negócio de muita importância. *(Saem os três. Aurélio lança, ao sair, um olhar furtivo para Marianinha)*

CENA X

MARIANINHA e GUIMARÃES

GUIMARÃES (*À parte*) - Que diabo lhe hei de eu dizer? *(Alto)* O dia de hoje tem me corrido muito bem, minha senhora.

MARIANINHA - Deveras?

GUIMARÃES - É verdade.

MARIANINHA - Então, pelo quê?

GUIMARÃES - Vendi de manhã no meu armazém três barricas de paios avariados e tenho agora o prazer de estar ao seu lado.

MARIANINHA - Que amabilidade!

GUIMARÃES - Ah! eu não sou homem de etiquetas, digo o que sinto. Fiz um bom negócio e desabafo com a menina, que é uma pessoa a quem amo com todas aquelas. Também se não gostasse da senhora, dizia-lhe logo nas ventas; eu para isso sou bom.

MARIANINHA - O senhor gosta da franqueza?

GUIMARÃES - É a alma do negócio.

MARIANINHA (*Com ironia*) - O Senhor Guimarães é um espírito altamente poético; o negócio jamais lhe sai da cabeça, mesmo ao lado da mulher a quem ama.

GUIMARÃES - Se eu não pensar no negócio ao pé da senhora, quando é que hei de pensar então? Além disso o casamento é um verdadeiro negócio.

MARIANINHA - Ah?!

GUIMARÃES - Sim, senhora; é uma sociedade sujeita a perdas e lucros e que tem por capital o amor. Quando o capital se esgota, dissolve-se a firma social, e cada um trata de procurar o seu rumo.

MARIANINHA - Pois já que o senhor gosta da franqueza, há de permitir-me que lhe diga que a nossa firma social é impossível.

GUIMARÃES - Impossível?! Por quê?

MARIANINHA - Já dei o meu capital a outra sociedade.

GUIMARÃES - Já deu o seu capital?! Não é isto o que seu pai tem me dito!

MARIANINHA - Mas é o que lhe digo agora.

GUIMARÃES - Ora, a menina está caçoando. E se o Senhor Damião a obrigar?

MARIANINHA - Casar-me-ei com o senhor, mas o meu coração nunca lhe pertencerá. (*Aurélio aparece ao fundo. Marianinha vai retirar-se*)

GUIMARÃES - Venha cá.

MARIANINHA (*Para Aurélio*) - Dê-me o seu braço, Senhor Aurélio. (*Sai com Aurélio*)

GUIMARÃES (*Pensando*) - Nada. (*Pausa*) Não me serve.

CENA XI

GUIMARÃES, MIRANDA e HERMENEGILDA

MIRANDA (*Apresentando Hermenegilda*) - Aqui está o anjo de que lhe falei. (*Baixo a Hermenegilda*) - Trata-o com toda a amabilidade e vê se o seguras; olha... (*Faz sinal de dinheiro*) Eu a entrego, Senhor Guimarães.

GUIMARÃES - Minha senhora...

HERMENEGILDA - Eu já o conhecia *tradicionalmente*.

GUIMARÃES - (*À parte*) - Isto é aguardente de outra pipa.

HERMENEGILDA - O seu ar nobre, as suas maneiras distintas, cativaram-me o peito em arroubos divinais.

GUIMARÃES - Ora, minha senhora, quem sou eu? Um pobre diabo carregado de esteiras velhas.

HERMENEGILDA - Mas que tem um coração magnânimo e generoso, como um poeta. Não gosta de versos?

GUIMARÃES - Hum... Assim, assim.

HERMENEGILDA - Certamente ama mais a música?

GUIMARÃES - Já fiz parte da Sociedade Recreio da Harmonia, estive aprendendo a tocar clarinete, mas tenho uma péssima embocadura. Nunca cheguei a sair incorporado à banda.

HERMENEGILDA - A música é a minha paixão *predilética*. Naquelas notas místicas, como diz Eugene Sue nos *Ciúmes do Bardo*, a alma esvai-se em perfumes ignotos. Conhece Meyerbeer?

GUIMARÃES - Muito. Não conheço eu outro.

HERMENEGILDA - Que alma!

GUIMARÃES - É verdade, mas deu com os burros n'água.

HERMENEGILDA - Com os burros n'água?!

GUIMARÃES - Sim, senhora. Pois o Meyerbeer não é aquele mocinho estrangeiro que tinha uma loja de drogas na rua Direita? Quebrou e está hoje sem nada.

HERMENEGILDA - Não, eu falo de Meyerbeer, o cantor da *Africana*, de *Julieta e Romeu*, e da *Traviata*.

GUIMARÃES - Com esse nunca tive relações. (*À parte*) Decididamente, isto é gênero de primeira qualidade.

HERMENEGILDA - Não gosta da dança?

GUIMARÃES - Lá isto sim, é o meu fraco; morro por dançar, como macaco por banana.

HERMENEGILDA - Já tem par para a primeira polca?

GUIMARÃES - Não, senhora.

HERMENEGILDA - Poderei eu merecer a honra de *voltigear* com o senhor nesses mundos aéreos, até onde não ousa subir a acanhada concepção dos espíritos tacanhos e positivos?

GUIMARÃES - O que é que a senhora quer? Eu não compreendi bem.

HERMENEGILDA - Quer dançar esta polca comigo?

GUIMARÃES - Essa é boa, pois não. (*À parte*) Esta mulher está me provocando, e eu ataco-lhe já uma declaração nas bochechas.

CENA XII

GUIMARÃES, VILASBOAS, HERMENEGILDA e LAURINDINHA

LAURINDINHA (*Rindo-se às gargalhadas*) - Ah! Ah! Ah! Você já viu, primo, que súcia de feiosas, todas caídas e a fazerem umas cortesias muito fora de propósito! (*Arremedando*)

VILASBOAS - E que lingüinhas! Uma delas que dançou perto de mim, estava falando do seu balão.

LAURINDINHA - O que é que ela podia dizer do meu balão?

VILASBOAS - Eu lá sei; disse que você estava estufada, como uma pipoca.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah! E elas são umas escorridas; parecem uns chapéus de sol fechados!

CENA XIII

OS MESMOS e COCOTA

COCOTA (*Entrando pelo fundo zangada*) - Vamos ver a capa, eu vou-me embora.

LAURINDINHA - O que foi?

COCOTA - Estou furiosa! Vamos embora.

VILASBOAS *(Para Laurindinha)* - Não caia nessa, prima. Já que veio cá, espere pela mamata, que não há de tardar.

LAURINDINHA - Mas o que foi que te aconteceu?

COCOTA - Um diabo de um monoque encontrei na sala tirou-me para uma quadrilha e entendeu que devia tomar-me para seu palito. Depois de me ter dito uma porção de asneiras, perguntou-me se eu não era da Cascadura, e acabou por pedir-me o molde do meu penteado.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah! E tu encavacaste com isto?

COCOTA - Ora, falem com franqueza, vocês acham alguma coisa neste penteado? Pois o mono saiu às gargalhadas dizendo aos companheiros: Olhem o chique com que está aquela flor espetada no cabelo; parece uma lanterna de tílburí! Eu, que não aturo desaforos, mandei-o plantar abóboras e dei-lhe as costas.

GUIMARÃES - A menina fez muito bem. Uma ocasião, no baile das Nove Musas, estive às duas por três por lascar uma bolacha numa sujeita que me dirigiu uma graçola pesada. *(Para Vilasboas)* O senhor quer ouvir o que ela me disse? Olhe, escute. *(Diz-lhe um segredo ao ouvido)*

VILASBOAS - Safa!

CENA XIV

RAIMUNDA, COCOTA, LAURINDINHA, VILASBOAS, GUIMARÃES, HERMENEGILDA, DOIS CRIADOS, *um com uma bandeja de doces e outro com a do chá*, UMA NEGRA, *com um pão-de-ló em uma salva*, OS MENINOS e a MENINA, BASÍLIO

e depois DAMIÃO (Os três meninos pulam para alcançar as bandejas que devem ser levantadas pelos criados)

RAIMUNDA *(Para Laurindinha)* - Já tens par para todas as quadrilhas? *(Cocota e Laurindinha sentam-se no sofá)*

BASÍLIO *(Com uma xícara de chá, seguindo atrás das bandejas)* - Deixa ver isto. *(Os criados, atropelados pelas crianças, levantam as bandejas, sem atenderem a Basílio. Guimarães tira urna xícara que oferece a Hermenegilda, Vilasboas tira outra que vai oferecer a Cocota no momento em que as meninas*

esbarram-se com ele, obrigando-o a despejar a xícara em cima do vestido de Cocota)

COCOTA - Ah! Estou com a pele da barriga toda assada! Que diabo de desastrado!

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS - Não foi por querer, prima.

DAMIÃO *(Entrando pelo fundo e deparando com a negra que traz o pão-de-ló, baixo, zangado, a Raimunda)* - A senhora mande esta negra para dentro. Pois eu alugo para o serviço criados do Carceler e a senhora quer me envergonhar?! *(Para a negra, baixo)* Passa para dentro, tição. *(À parte)* Põem-me a cabeça tonta! *(Olha para os lados como quem procura alguma coisa e sai pelos fundos. A negra sai)*

VILASBOAS - Não haverá por aí pão com manteiga?

GUIMARÃES - O senhor é dos meus, para chá, pão com manteiga. Não entendo cá essas histórias de biscoitinhos e doces. *(Laurindinha e Basílio enchem os lenços de doces)*

RAIMUNDA *(Tirando doces da bandeja, para Basílio)* - Leve este para Chiquinha. *(Para Laurindinha)* Dê este docinho à filha do Barnabé do Tesouro; diga-lhe que não me esqueci dela.

VILASBOAS *(Para o criado)* - Deixa-me ver outra xícara. *(Tira a xícara, para Guimarães)* Não vai a outra?

GUIMARÃES - Reservo-me para logo mais.

VILASBOAS - Faz bem; é preciso deixar algum lugar para o sólido, mas, por causa das dúvidas, vou sempre me prevenindo. *(A orquestra toca dentro sinal para uma polca, os criados saem seguidas pelos meninos e a menina)*

GUIMARÃES *(Para Hermenegilda)* - Esta é a nossa. *(Saem. Entram dois convidados e tomam o braço de Cocota e Laurindinha, saindo todos pelo fundo)*

RAIMUNDA - Dão sinal para uma polca, primo Vilasboas.

VILASBOAS - E eu que não tenho par. Ora, hei de encontrar alguma desgarrada. *(Sai juntamente com Raimunda e Basílio)*

CENA XV

AURÉLIO e MARIANINHA

MARIANINHA - Por que está tão triste hoje?

AURÉLIO - A tristeza tem-me sido companheira fiel desde o berço e há de guiar-me talvez até ao túmulo. *(A orquestra dentro toca a polca)* No horizonte negro que se estendia diante dos meus olhos vi luzir uma estrela de bonança. Quando seus raios principiaram a aquecer-me, o astro empalideceu e disse ao coração do pobre órfão: - Louco, que ousaste sonhar a felicidade, volta ao martírio e segue teu destino.

MARIANINHA - O teu destino é o meu; expele de teu rosto as nuvens sombrias da tristeza e pensa nesse amor que será a nossa ventura.

AURÉLIO - Esse amor é impossível, Marianinha. Sem nome, sem família e sem fortuna, vejo-me repellido por teu pai e a consciência diz-me, nas horas em que a esperança vem acalentar-me, que devo fugir quanto antes desta casa.

MARIANINHA - Mas minha mãe te adora, Aurélio.

AURÉLIO - O coração de uma mãe é sempre generoso!

MARIANINHA - Eu te juro que serei tua.

AURÉLIO - Não jures; entre a opulência que te espera, embora amargurada, e a pobreza feliz, teu pai escolherá aquela e os teus votos serão impotentes diante de tão funesta ambição.

MARIANINHA - Tu não me conheces.

AURÉLIO - Conheço-te. És um anjo! Se a sorte te ligar a esse homem não te criminarei por isso. Curvar-me-ei submisso ante o meu destino e seguirei meu caminho.

CENA XVI

OS MESMOS e DAMIÃO

DAMIÃO *(Entrando às pressas pelo fundo, baixo a Marianinha)* - Lá está a deslambida da Hermenegilda a dançar com o

GUIMARÃES e tu aqui. Anda, vem para a sala. Com licença, Senhor Aurélio. *(Sai com Marianinha)*

CENA XVII

VILASBOAS e A MENINA, AURÉLIO e depois HERMENEGILDA e GUIMARÃES

VILASBOAS *(Para a menina)* - Afinal sempre achei um par! Vamos dançar aqui, Isabelinha, que está mais folgado. *(Dançam, e Aurélio senta-se pensativo)* Faça o passo largo, levante mais o braço, não envergue tanto o pescoço; bravo! Assim.

GUIMARÃES *(Com Hermenegilda)* - Aqui não há tanto aperto. *(Dança a varsoviana ao passo que Hermenegilda dança a polca)*

HERMENEGILDA - Nós laboramos em engano. O que é que o senhor está dançando?

GUIMARÃES - Pois não é assim?

HERMENEGILDA - A orquestra executa uma polca e o senhor está dançando a varsoviana!

GUIMARÃES - Pois isto que estão tocando não é a *valsa-viana*? Minha senhora, eu aprendi com o Guedes e sei onde tenho o nariz. Vamos lá, havemos de acertar. *(Dançam outra vez desencontrados; Vilasboas esbarra-se com Guimarães e atira-o ao chão)*

VILASBOAS *(Continuando a dançar muito entusiasmado)* - Desculpe-me; quando encontro um bom par, perco a cabeça. *(A orquestra pára)*

HERMENEGILDA *(Para Guimarães)* - Machucou-se? Venha beber um copo de água. *(Saem todos menos Aurélio)*

CENA XVIII

BASÍLIO e AURÉLIO

BASÍLIO - Não dança, Senhor Aurélio?

AURÉLIO - Já dancei a primeira quadrilha.

BASÍLIO - Devia ter dançado a segunda que é a dos namorados. Maganão!

AURÉLIO *(À parte)* - Que maçante!

BASÍLIO - Eu também já não danço. O meu maior prazer nestas reuniões é a boa conversa. *(Tirando a boceta de rapé e oferecendo uma pitada a Aurélio)* - Não gosta? *(Aurélio agradece)* Ora, diga-me uma coisa; o senhor não é filho de São Paulo?

AURÉLIO - Sim, senhor; nasci na capital, lá eduquei-me e formei-me.

BASÍLIO - Boa terra! Passei ali a minha mocidade e ainda tenho saudosas recordações dos pagodes que lá tive. Nós, quando somos moços, fazemos cada extravagância...

AURÉLIO - Eu imagino o que o Major por lá faria...

BASÍLIO - O senhor conheceu lá uma... Não; não há de ser do seu tempo.

AURÉLIO - Diga sempre.

BASÍLIO - Ora, isto já foi há tantos anos, e graça é que nunca mais soube notícias daquela pobre criatura! Foi uma rapaziada. Mas, enfim, eu lhe conto. Havia na Luz uma rapariguinha viva e travessa que era requestada por muitos estudantes, menina séria. Eu fazia o meu pé-de-alferes com a sujeita e em um belo dia, quando menos pensava, sou apanhado em flagrante pela velha que era um demônio. Espalhou-se a notícia pela cidade, a polícia soltou atrás de mim os seus agentes, e eu, - *pernas para que te quero!* Venho para a corte, meu pai soube do negócio e assenta-me a farda às costas. Pobre menina! Nunca mais dela soube notícia.

AURÉLIO *(Com interesse)* - Esta mulher morava na Luz?

BASÍLIO - Sim, senhor, quase a chegar à Ponte Grande.

AURÉLIO *(Com interesse crescente)* - E como se chamava?

BASÍLIO - Maria da Conceição.

AURÉLIO - Maria da Conceição!! E o nome da velha que morava com ela?

BASÍLIO - Mas que diabo tem o senhor?

AURÉLIO *(Disfarçando)* - Nada. O nome da velha?

BASÍLIO - Creio que era Aurélia.

AURÉLIO (*Segurando em Basílio*) - Foi pois o senhor quem atirou no caminho da perdição uma mulher pura e inocente que devia mais tarde lançar ao mundo um desgraçado?!

Basílio - O que é isto, senhor? Deixe-me.

AURÉLIO - Sim; saiba que este que tem à sua frente é o fruto desse amor criminoso.

BASÍLIO - O fruto? Pois que... O senhor... Tu és meu filho! (*Chorando e ajoelhando-se*) Perdão.

AURÉLIO - Senhor, minha pobre mãe, que está no céu, sofreu tanto...

BASÍLIO - Perdão, meu Aurélio. Deixa-me contemplar teu rosto. (*Abraça-se com Aurélio chorando em altas vozes*) - Se procedi como um miserável para com aquela infeliz que te deu o ser, eu juro que doravante saberei ser teu pai. Vira para cá esse rosto. (*Dá um beijo em Aurélio chorando*) És o retrato da tua defunta mãe. E como chegaste à posição em que te achas?

AURÉLIO - Graças à alma generosa de um protetor que já não existe e que foi um verdadeiro pai que encontrei no caminho da vida.

BASÍLIO - O teu verdadeiro pai aqui está... Tu serás o arrimo da minha velhice. Não me perdoas?

AURÉLIO - Meu pai. (*Abraça a Basílio*)

Basílio - Meu filho. (*Abraça-o chorando e rindo-se ao mesmo tempo*)

CENA XIX

OS MESMOS e DAMIÃO

DAMIÃO (*Entrando pela direita*) - O que é isto?

BASÍLIO (*Abraçado com Aurélio*) - Eu fui um grandíssimo patife, porém juro-te que serei teu escravo.

DAMIÃO (*Para Basílio*) - Mas que diabo é isto?

BASÍLIO - Ah! És tu? Abraça-me, abraça-me, Damião! (*Abraçando-o*) Eu quero abraçar todo o mundo.

DAMIÃO - Já sei, tu fizeste algumas visitas à copa e bebeste mais do que devias.

BASÍLIO - O que se passa em mim é tão grande, acho-me neste momento tão altamente colocado, que não desço a responder à chufa pesada que acabas de me dirigir.

DAMIÃO - Por que motivo queres abraçar então todo o mundo?

BASÍLIO - Conheces aquele rapaz?

DAMIÃO - Pois não conheço o Senhor Doutor Aurélio?!

BASÍLIO - Olha bem para ele. *(Pausa)* Olha agora para mim. *(Pausa)* Não achas ali um quê...

DAMIÃO - Um quê?!

BASÍLIO - Aurélio é meu filho e eu sou seu pai.

DAMIÃO - Ah! Ah! Ah!

BASÍLIO - É uma história que depois te contarei. *(Para Aurélio)* Vamos para a sala, preciso desabafar com todos a alegria que me vai pelo coração. Vamos, meu filho, quero te apresentar como tal às tuas irmãs. *(Sai com Aurélio)*

DAMIÃO - Um filho natural! Eu já devia sabê-lo. Aquele rubor que lhe subia às faces quando se lhe falava na família... *(Sai pensativo pelo fundo)*

CENA XX

HERMENEGILDA e GUIMARÃES

HERMENEGILDA - Os perfumes dos salões falam-me às fibras mais recônditas da alma. Sinto um indefinível que me atrai para os espaços como as estrelas que brilham no éter purpurino das melodias do céu.

GUIMARÃES *(Com um cravo na mão, à parte)* - O negócio há de começar por esta flor.

HERMENEGILDA *(Depois de pequena pausa)* - Que ar pensativo é este que lhe anuvia a fronte em cismas de poeta?

GUIMARÃES - O que é que a senhora está dizendo?

HERMENEGILDA - Por que está tão pensativo?

GUIMARÃES - Eu... Ora esta... É meu modo. Quando estou no armazém é sempre assim. (*À parte*) Vou lhe dar a flor. (*Alto*) Minha senhora... (*À parte*) Deixe-me ver se me lembro...

HERMENEGILDA - O que quer?

GUIMARÃES (*Oferecendo-lhe o cravo*) - Tomo a liberdade de oferecer um cravo a outro cravo.

HERMENEGILDA - Ah! Será possível? Deixe-me oferecer-lhe também uma flor do meu inodoro ramalhete. (*Tira uma flor do buquê que traz*) Tome, é uma perpétua. Sabe o que quer dizer

no dicionário das flores esta inocente filha dos vergéis, vestida com as cores sombrias do sentimentalismo?

GUIMARÃES - Não, senhora.

HERMENEGILDA - Quer dizer constância eterna.

GUIMARÃES (*À parte*) - Eu atiro-me aos pés dela e acabo com isto de uma vez.

HERMENEGILDA (*Pondo o cravo no peito*) - Este cravo não me sairá do peito até que morra. "Morte, morte de amor, melhor que a vida."

GUIMARÃES (*Ajoelhando bruscamente*) - Ah! Minha senhora, eu a adoro; pela senhora... Eu a amo.

HERMENEGILDA - Não repita essa palavra, que me afeta todo o sistema nervoso.

CENA XXI

OS MESMOS, VILASBOAS e LAURINDINHA

VILASBOAS - Um patife ajoelhado aos pés de minha mana.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS - Não se ria, prima, que isto é muito sério.

GUIMARÃES (*Levantando-se*) - Que tem você com isto?

VILASBOAS - O que tenho com isto?!

LAURINDINHA (*Apontando para Guimarães*) - Ah! Ah! Ah! Olhe, que cara, primo Vilasboas.

VILASBOAS - Não se ria, prima, que eu tenho gosto de sangue na boca. (*Para Guimarães*) Prepare-se para bater-se comigo, senhor.

GUIMARÃES - Pois para bater-me com você é preciso preparar-me?

VILASBOAS - Escolha as armas!

HERMENEGILDA (*Pondo-se de permeio*) - Cassiano Vilasboas, meu irmão, não derrames o sangue deste homem.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS - Escolha as armas, senhor!

GUIMARÃES - Estou pronto. (*Avança para Vilasboas e dá-lhe uma bofetada*)

VILASBOAS (*Gritando*) - Ai! Ai! Ai!

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah!

GUIMARÃES - Em guarda, e defenda-se! (*Dá outra bofetada*) VILASBOAS (*Gritando*) - Ai! Ai! Socorro! Socorro! (*Hermenegilda desmaia nos braços de Laurindinha*)

CENA XXII

VILASBOAS, HERMENEGILDA, MIRANDA, DAMIÃO, RAIMUNDA, MARIANINHA, BASÍLIO, LAURINDINHA, COCOTA, GUIMARÃES, AURÉLIO, CONVIDADOS, e OS MENINOS

DAMIÃO - O que é isto, meus senhores? Que escândalo!

VILASBOAS (*Apontando para Guimarães*) - Este homem ousou levantar a mão para o meu rosto. Deve-me uma reparação.

MIRANDA - Minha filha! (*Hermenegilda acorda*)

VILASBOAS (*Para Miranda*) - Meu pai, surpreendi-o aos pés de minha mana e desafiei-o para bater-se comigo.

MIRANDA (*À parte*) - É preciso fazer render a situação. (*Alto, para GUIMARÃES*) O senhor deve-nos uma reparação.

GUIMARÃES - Mas que diabo de reparação querem vocês? Eu gosto desta moça, caso-me com ela e está acabado.

MIRANDA (*Abraçando Guimarães*) - O senhor é um homem de bem.

DAMIÃO (*Para Guimarães*) - Mas, minha filha...

GUIMARÃES - Sua filha disse-me na bochecha que já tinha dado o capital a outra sociedade e isto de mulher sem o capital... Hum... temos conversado.

BASÍLIO (*Para Damião*) - Sua filha tem aqui um noivo. (*Apresentando Aurélio*) E eu, como pai, dou o meu consentimento.

LAURINDINHA e COCOTA - Como pai?!

BASÍLIO - Sim, é seu irmão.

LAURINDINHA - Ah! Ah! Ah! Onde saiu este irmão de comédia?

MARIANINHA (*Ajoelhando-se com Aurélio aos pés de Damião*) - Meu pai, a sua bênção. (*Damião volta o rosto*)

GUIMARÃES (*Para Vilasboas*) - Se quiser bater-se comigo ainda estou às suas ordens.

VILASBOAS - Uma vez que o senhor vai ser meu cunhado, eu o perdôo; fica a bofetada em família.

DAMIÃO (*Para Marianinha e Aurélio*) - Casem-se, eu irei acabar a minha vida longe daqui. Maldita parentela! Envergonham-me, roubam-me o genro e acabam introduzindo-me em casa ainda um parente! (*Canta*)

Meus senhores, neste espelho
Podem todos se mirar.
Em parentes desta ordem
Ninguém deve se fiar.

Se algum dia se casarem
Vejam lá, tenham cautela!
Que há mulheres que, por dote,
Trazem esta parentela.

(*Caio pano*)

FIM

MEIA HORA DE CINISMO

COMÉDIA EM UM ATO

Estudante do 49 ano da Faculdade de Direito de São Paulo

À QUEM LER

Duas palavras sobre aqueles que, na noite de 17 de julho de 1861, tanto contribuíram para o bom acolhimento, e feliz sucesso de minha primeira composição.

Apresentando-me pela primeira vez perante uma platéia inteligente e ilustrada, dependia todo o meu futuro do artistas poderosos e eminentes, que pudessem com o seu talento suprir o que a pena me negara.

Era assim que, depositando todas as minhas esperanças no Sr. Furtado Coelho o na Sra. D. Eugênia Câmara, e nos Srs. Leal, Peregrino, Henrique e Joaquim Câmara, não fui iludido; e os aplausos que obtive a *Meia Hora de Cinismo* vieram confirmar mais uma vez o talento brilhante dos dois primeiros artistas, e o merecimento dos outros.

Excetuando o Sr. Furtado Coelho e a Sra. D. Eugênia Câmara, artistas superiores à todos os elogios, sem ofender o merecimento dos outros, eu destacarei do grupo o Sr. Leal, que na parte do Frederico fez quanto pode fazer um ator de talento e dedicação pela arte. Oxalá receba sempre o Sr. Leal as lições daquele que tanto tem contribuído para melhorar o teatro de S. Paulo, e o seu nome será em breve uma gloria para o nosso palco.

O Sr. Peregrino posto que lhe tocasse um papel de pequena importância, deixou contudo entrever a habilidade de que é dotado.

Os Srs. Henrique o Joaquim Câmara identificaram-se perfeitamente com os tipos que concebi.

Com tais soldados a vitória é certa.

PERSONAGENS / ATORES

NOGUEIRA, *estudante do segundo ano* / F. Coelho
FREDERICO, *bicho (estudante de preparatórios)* / Leal
NEVES, *estudante do terceiro ano* / Henrique

MACEDO, *dito do quarto ano* / Peregrino
JACÓ, *negociante* / J. Câmara
TRINDADE, *calouro* / D. E. Câmara
UM OFICIAL DE JUSTIÇA / N. N.

A cena passa-se em São Paulo - Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa o quarto de Trindade; ao fundo uma porta aberta e uma janela; duas portas laterais. Junto à janela um cabide com alguma roupa em desordem, uma estante com livros encostada à parede do fundo. A direita um piano, uma mesa no centro com livros espalhados, e à esquerda uma cama com os lençóis e um cobertor encarnado em desalinho. Cadeiras, etc., etc.

CENA I

(Ao subir o pano ouve-se dentro uma gritaria infernal, na qual devem sobressair as palavras: ó calouro, ó burro, ó ladrão de galinhas, ó desfrutável, etc)

TRINDADE, *só*

(Entrando furioso pela porta do fundo) - Berra, canalha!... Miseráveis!... Infames que assentam em desmoralizar um homem, qualquer que seja o lugar em que se ache. *(Pausa: mudando de tom)* São gaiatices do Senhor Nogueira. *(Voltando-se para a platéia)* Os senhores acham isto bonito? Quase todos os senhores são veteranos, pois bem; coloquem-se na minha posição, e façam idéia com que cara passa um homem pela rua sacudido por uma vaia como esta que acabo de tomar! Todas as janelas se abriram, milhares de caras às gargalhadas gritavam na minha passagem, *ó burro, ó desfrutável, ó ladrão de galinhas!*... Ora, senhores, chamarem burro a mim que fiz há dias uma sabatina brilhante em Direito Natural, sim, senhores, *(Com expressão)* uma sabatina brilhante, brilhantíssima. Ao apelo de meu nome marchei majestoso para o banco augusto dos eleitos, e então pela primeira vez elevei minha voz eloqüente no sagrado recinto do templo da ciência. Os senhores não foram à feijoada? Pois não sabem o que perderam. Mas ah! qual não foi a minha desesperação, quando, depois dos parabéns e abraços dos meus colegas, vejo-me cercado nos gerais da Academia por um grupo de segundanistas que, atochando-me um barrete vermelho na cabeça, obrigaram-me a correr pelo Largo *à guise* de uma vítima do Santo-Ofício! Julguei-me no meio de uma horda de selvagens, de Cafres, de Hotentotes, de Antropófagos, sim, de Antropófagos, porque estava vendo a hora em que me comiam, em que me devoravam! Quis resistir; porém quatro

valentes piúvas, e milhares de punhos fechados que surdiram como por encanto do grupo negro que me cercava, embargaram-me a voz na garganta, e então pela primeira vez em minha vida tremi; tremi, não o nego, mas foi de raiva. *(Indo à porta do fundo, e falando para fora)* Hão de me pagar, miseráveis; hei de lhes mostrar que não se desmoraliza um homem impunemente.

Berra, canalha, que eu hei de a cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, domingo, na rua
Num homem como eu que já tem posição!

Infames! eu juro que a minha vingança
Cruel e terrível tremenda há de ser,
Quão pode um calouro ferido em seus brios
Eu juro, canalha, que em breve hão de ver.

Berra, canalha, que eu hei de a cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, domingo, na rua
Num homem como eu que já tem posição!

Do sangue beber-lhes, de acre vingança.

* * *

Mas ah! agora é que me lembro que ainda não almocei... *(Puxando o relógio e vendo as horas)* Bem; ainda falta um quarto para as onze: hoje é domingo, e meus companheiros não almoçam senão lá para o meio-dia; provavelmente ainda estão dormindo, vou acordá-los. *(Vai sair pela porta do lado direito na mesma ocasião em que entra Nogueira pela do fundo, olha meio atrapalhado para Nogueira, que ri às gargalhadas na ocasião em que ele sai)*

CENA II

NOGUEIRA, só.

(Fumando um cigarro) - Que impagável calouro! ~ pior do que uma barrica de pólvora inglesa. Não se me dá de apostar que se ele pilhasse uma pistola fazia-me alguma gracinha. Mas, coitado! prescindindo do desfrute e de todas essas susceptibilidades próprias da posição que ocupa, é uma bela alma; fornece-me todos os dias cigarros, e ontem levou a bondade ao ponto de pagar-me um bilhete de platéia. Mas onde está essa gente? *(Virando-se para a porta do lado direito)* Ó Macedo! *(Voltando-se para o lado esquerdo)* Ó Frederico!

CENA III

O MESMO, FREDERICO e MACEDO

MACEDO (*De dentro*) - O que queres?

NOGUEIRA - Vamos à prosa. (*Macedo e Frederico entram pela porta do lado direito*)

FREDERICO (*Palitando os dentes*) - Desconheci agora a tua voz: pensei que fosse o Araújo.

MACEDO (*Deitando-se na cama, também palitando os dentes*) - O que há de novo por aí, Nogueira?

NOGUEIRA - O que há de novo? Pois vocês não sabem?

MACEDO - Se soubéssemos não te perguntaríamos.

NOGUEIRA (*Sentando-se*) Pois bem; vou contar-lhes. Há pouco estava eu na janela do meu quarto com o Albuquerque, o Inácio, o Martins, e mais uns quatro ou cinco colegas do Neves, que vão todas as manhãs filar-lhe o café de máquina, quando vejo sair do Largo do Pelourinho, e dobrar a Rua da Glória a impagabilíssima figura do Trindade. O homem, apenas avistou-nos, veio cambaleando e tropeçando em quanta pedra encontrava pelo caminho. Descrever então o que se passou é impossível! Insensivelmente seguro em uma lata de folha que tinha debaixo de minha mesa... (*Mudando de tom*) Mas entre parêntesis, vocês já almoçaram?

FREDERICO - Não nos vêes de palito?

NOGUEIRA (*Rindo às gargalhadas*) - Que pagode: faço idéia como não estará o Trindade furioso.

FREDERICO e MACEDO (*Admirados*) - Pelo quê?

NOGUEIRA - Pela tremendíssima hipótese de almoço que vocês lhe pregaram. O homem hoje faz um assassinato.

FREDERICO - O almoço estava marcado para as dez e meia horas; ele chegou depois da hora, a culpa não é nossa: queixe-se de si.

MACEDO - Ora, o que é uma hipótese de almoço? Console-se comigo que já tenho tomado muitas de almoço, jantar e chá.

FREDERICO (*Sentando-se em uma extremidade da cama em que se acha Macedo*) - Se eu contar a vocês o que se passou comigo há quatro anos, talvez não me acreditem. Estava eu nesse tempo no colégio do João Carlos, e estudava alguns preparatórios que me restavam para largar a maldita casca de bicho, casca que até hoje ainda possuo, e julgo possuirei *per omnia saecula saeculorum*, se Deus me der vida e saúde, quando em um belo sábado, saindo do colégio, deliberei lá não voltar senão daí a uma semana; por outra, resolvi ficar na pândega para entregar-me aos doces prazeres de uma tacada de bilhar no Lefebre, e respirar o ar puro e livre das ruas que eu só via aos domingos e dias santos. Mas desgraçadamente meus cálculos falharam, pois meti-me na noite em que saí do colégio em um malfadado *lansquenet*, e perdi, ainda me lembro com grande dor, uns magros dez mil réis com que procurava satisfazer todos os meus sonhos e ambições de cascabulho. Saí da tal casa leve como uma pena, sem um real no bolso, disposto já a vagar pelas ruas até que rompesse a aurora, quando encontrei-me com o Martins.

NOGUEIRA - Quem? o Martins que é hoje meu colega?

FREDERICO - Não: aquele bicho muito pagodista que foi recambiado para o Rio.

NOGUEIRA - Ah! sim, já sei quem é.

FREDERICO - Mas, como ia dizendo, encontrei-me com o Martins, e conto-lhe imediatamente o ocorrido; ele solta uma risada, e diz-me que se achava nas mesmas condições, isto é, sem dinheiro, mas que entretanto morava já há dois dias (note-se que o Martins também estava fugido do colégio) em uma casa que um estudante do 4º ano tinha deixado alugada nas férias. Introduzimo-nos na tal casa, e aí (ah! nem sei como o conte) passamos quatro dias a pêssegos verdes, que em ceroulas colhíamos com as nossas próprias mãos de um rafado pessegueiro que havia no quintal, como outrora a boa mãe Eva no estado primitivo colhia os frutos da árvore proibida. No quarto dia eu estava mais magro que um canivete do Capitão, e o Martins foi transportado para o colégio, por ordem do correspondente, com uma tremenda inflamação de intestinos. (*Riem-se todos às gargalhadas*)

NOGUEIRA - A poesia da nossa vida consiste nesses belos episódios. (*Para Macedo*) Ó Macedo, dá-me um cigarro.

MACEDO (*Tirando um cigarro do bolso, e atirando para Nogueira*) - Tome, e sem exemplo. Na Rua de São Gonçalo há muito bons: mande comprar.

NOGUEIRA (*Prepara o cigarro, e tirando uma caixa de fósforos de cima da mesa, acende-o*) - Não duvido: porém eu prefiro os teus. (*Mudando de tom*) Silêncio, que se não me engano aí vem o Trindade.

CENA IV

OS MESMOS e TRINDADE

(À entrada de Trindade todos olham para o teto, palitando os dentes. Trindade fica por algum tempo mudo, e para disfarçar a sua perturbação, segura em um livro que se acha em cima da mesa. Frederico, Nogueira e Macedo procuram abafar o riso)

NOGUEIRA *(Dirigindo-se a Trindade)* - Bom dia, doutor.

TRINDADE - O senhor é bem ordinário, tão ordinário que não me abaixo a responder-lhe; e se não fosse atender à consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já há muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas.

NOGUEIRA - O doutor está realmente queimado! quer que lhe vá buscar um copo com água? *sans façon*, sem cerimônia.

TRINDADE - Senhor Nogueira, Senhor Nogueira, não me insulte que eu hoje perco-me.

NOGUEIRA - Que mal lhe fiz eu, doutorzinho? Dar-se-á caso que, sem o saber, lhe tenha invadido a esfera jurídica?

TRINDADE - O senhor ainda se atreve a perguntar-me que mal me tem feito? Quando em plena rua se insulta um homem e o desmoralizam só pelo simples fato de se achar ele ainda no princípio de sua carreira; quando chama-se a um homem de burro e ladrão de galinhas, sem que ele tenha ainda revelado estupidez, nem atacado galinheiro de casa alguma, é preciso ter sangue de barata, Senhor Nogueira, para não calcar um miserável deste a pés, e encher-lhe a cara de bofetadas. *(Avançando para Nogueira)*

NOGUEIRA *(Pondo uma cadeira de permeio)* - Não quer sentar-se, doutor?

TRINDADE - Miserável!

FREDERICO - Deixa-te de queimações estúpidas, Trindade, o Nogueira não tem culpa da hipótese que tomaste.

TRINDADE - Também você, sô gaiatão, quer divertir-se à minha custa? Vamos lá, não tem mais nada para dizer? Ora, que eu seja nesta casa debicado até por um bicho! Olhem por favor para aquela cara.

FREDERICO - Não é lá das piores, não é das mais feias.

TRINDADE - O senhor acha que eu sou o palito cá da casa?

NOGUEIRA *(Para os dois)* - Psica, psica: segura Minerva, *(Para Trindade)* pega Turbante. *(Para Frederico)* Psica, psica.

TRINDADE - Psica, sô miserável, diz-se aos cães e cão é você que vem aqui todos os dias filar cigarros e mendigar muitas vezes objeções de Eclesiástico ao Macedo, para fazer, além de tudo, um papel ridículo na sabatina. Eu sou calouro, é verdade, porém a primeira vez que falei em público, não desonrei o meu nome, nem salpiquei de lama a ilustre classe a que pertença. Vá perguntar aos colegas que figura fez o Trindade na sabatina outro dia? E eles todos responderão - É a primeira que tem aparecido até o presente.

FREDERICO e NOGUEIRA *(Tocam o bitu e gritam)* - Viva o Trindade! Viva! Viva!

MACEDO *(Segurando no braço de Trindade, procura levá-lo para fora do quarto)* - Vai-te embora, Trindade, que tu estás te prestando à vista aqui destes senhores. *(Apontando para a platéia)*

NOGUEIRA - Deixa o calouro, Macedo, agora é que ele está começando a ficar impagável.

TRINDADE - Eu vou, Senhor Macedo, e acredite que se não quebro as ventas deste patife *(Apontando para Nogueira)* é em consideração ao senhor. *(Indo à direita)* O moleque, quando estes senhores saírem fecha a porta do meu quarto. *(À parte)* Hei de acabar com o tal pagode.

FREDERICO *(A Nogueira)* - Vamos para o meu quarto, antes que o Trindade quebre-nos as ventas. Além disso eu tenho que te falar. *(Frederico e Nogueira saem pela porta da esquerda)*

TRINDADE *(A parte)* - Já tenho minha resolução formada, hoje mesmo ponho-me no olho da rua, e ficarei livre dessas amolações contínuas. *(Sai pela porta do fundo)*

CENA V

MACEDO, só.

É hoje o dia em que tem de vencer-se essa maldita letra, e até o presente não sei o que fazer, não tenho um real, e nem sei mesmo onde buscar dinheiro para satisfazer esse compromisso de honra. Concordo que deixei-me arrastar por alguns momentos nesse turbilhão de loucuras que se me apresentou, sem pensar, nem refletir; porém quando a minha honra e o meu crédito podiam

prejudicar-se, a razão falou mais alto, e então fugi. Não querendo comprometer a minha dignidade, assinei essa letra e não posso pagá-la. Oh! malditos sejam todos esses credores! *(Sai pela direita)*

CENA VI

NEVES, só

(Entrando pela porta do fundo, fumando um cigarro, com as mãos no bolso do chambre, passeia por algum tempo distraído pela cena, senta-se em uma cadeira, e diz pausadamente) - Que cinismo! *(Sai lentamente pela porta da direita)*

CENA VII

NOGUEIRA e FREDERICO *(Entrando pela esquerda)*

FREDERICO - É o que te digo, Nogueira, hoje vence-se uma letra que o JACÓ obrigou o Macedo a assinar - está portanto realmente encalacrado. Aquele maldito verdugo é capaz de fazer-lhe alguma, e eu antevejo um resultado bem funesto em tudo isso.

NOGUEIRA - Deixa o negócio por minha conta, e verás como se trata um credor de estudante. Acredita, Frederico; um credor de estudante é o animal mais covarde que pisa o solo de São Paulo: com quatro gritos e meio abrandando-se e humilha-se como o mais inocente cordeirinho. E então este que foge de um estudante atrevido, como o diabo da cruz! Além disso o Macedo é filho-família, e em face da nossa legislação não é responsável pelas dívidas que contrai; se quiser pagar é somente para salvar a sua dignidade.

FREDERICO - E tu sabes qual é a Ordenação que trata disso para lermos ao JACÓ, quando ele vier?

NOGUEIRA - Não, porém é o mesmo: improvisa-se qualquer Ordenação, e ele engolirá a pílula com a mesma facilidade com que qualquer de nós engole uma das do Etchecoin. Deixa o negócio por minha conta e verás.

FREDERICO - Não faças alguma das tuas costumadas pagodeiras, que podes comprometer o Macedo. Eu falo-te com experiência; estou aqui há mais tempo que tu, e em uma ocasião quase fui fazer Companhia ao Taborda por uma brincadeira desse gênero.

NOGUEIRA - Por falar em Taborda: lembras-te daquela noite em que o Vilares foi encontrado pela patrulha nos degraus da Igreja da Sé mais bêbado do que um marinheiro inglês em terra, e que daí foi levado em braços para a cadeia?

FREDERICO - Se me lembro! Nessa noite tomei eu uma carraspana de conhaque que deu-me para quebrar quantos lampiões encontrava pelas ruas. É que a claridade me fazia mal.

NOGUEIRA - O pagode não termina aí: o melhor foi sair o Vilares no dia seguinte pelo Largo da Cadeia de chambre e gorro bordado. Com que cara amarrotada vinha o pobre coitado; isso, porém, não o impedia de marchar ovante e pretensioso como um sultão. Está hoje formado, casado, e dizem que é um excelente pai de família.

FREDERICO - *Ó tempora! ó mores!* Que belos tempos! *(Suspirando)* Tens ai...

NOGUEIRA - Um cigarro? Ia te fazer o mesmo pedido.

FREDERICO - Pois deixa de ser filante, que é coisa muito ridícula.

NOGUEIRA - Qual, isto é boato espalhado pelos vinagres. Mas, mudando de assunto, já sabes por quem o Trindade está solenemente apaixonado?

FREDERICO *(Sentando-se na cadeira)* - É moléstia de cabeça, não faças caso.

NOGUEIRA - Não, é real: é pela filha do Juca do Braz. Passa por lá todas as tardes, e é raro o dia que não venha para casa meio triste e meio alegre.

FREDERICO - Explica-te.

NOGUEIRA - Alegre, porque vê a bela, e triste, porque lhe dão vaias. A vaia parte da casa do Martins, e amanhã convidou-te para apreciarmos de lá o pagode. É uma paixão de Otelo!

FREDERICO - Qual, isto é um gracejo teu, porque realmente a *Desdemonda* é uma lambisgóia.

NOGUEIRA - É uma paixão diabólica que o levou à loucura de empenhar um fraque! Isto deu lugar a que o Martins parodiasse esta poesia do Furtado Coelho - *Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem.*

FREDERICO - E sabes a paródia?

NOGUEIRA - Lá vai. *(Sentando-se ao piano)* - Quando pretendem vocês mandar levar este piano lá para a casa? Vocês souberam mandar buscá-lo para o pagode, mas...

FREDERICO - Recita a poesia, e deixa-te de maçadas.

NOGUEIRA *(Acompanhando o recitativo)*

Quero fugir-te, mas não posso, ó fraque,
Ah! sou levado pela onça ingrata!
Quero fugir-te, mas fatal ataque
Me lança em terra, me desgraça e mata!

Lançado ao prego és meu vedado pomo,
Ninguém no mundo minha dor compreende,
Quero fugir-te, quero, sim, mas como?
Se a tua gola me sorri, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes,
Que és velho, infame, que é loucura amar-te:
Então me lembro que não há dois meses,
Que eu fui à casa do Fresneau buscar-te.

Oh! Quantas vezes eu passava as horas,
Mirando as graças de teu talhe airoso,
Hoje perdido para mim tu choras,
Pendido ao prego, ferrugento, idoso.

Fraque querido...

(Representando) - O diabo, não me lembro do resto.

FREDERICO - Bravo, bonito, sim senhor.

CENA VIII

OS MESMOS e NEVES

NEVES *(Entrando pela direita)* - Que cinismo! Meus senhores, estou-os cumprimentando. *(Tira do bolso um canivete e, deitando-se na cama, começa a aparar as unhas)*

FREDERICO - Que furioso cínico! É capaz de levar todo o dia ali naquela cama, aparando unhas, e contando as tábuas do teto. Em São Paulo há duas classes de vadios: uns que, parecendo ter o dom da ubiqüidade, se apresentam em toda a parte, em bailes, teatros, festas de igreja, leilões do Joly, novenas, etc., menos na Academia; outros que, inimigos do progresso e da atividade, passam

a vida no *dolce farniente*, gramaticalmente estendidos em uma cama, onde deixam à vontade crescer o abdômen. Tu pertences à primeira seita, e cá o senhor, que está deitado, à última.

NOGUEIRA - Fechaste a porta do meu quarto quando saíste, Neves?

NEVES (Pausadamente) - Sim, fechei. (Muda de posição na cama)

FREDERICO - Tens um companheiro de casa assaz divertido!

NOGUEIRA - Há dias que não diz uma palavra; no entretanto é o homem que mais aprecia uma prosa, deitado em uma boa cama, já se sabe, sem nada dizer, mas pronto para tudo ouvir. E sabes qual é a especialidade de prosa que ele mais aprecia?

FREDERICO - Sem dúvida caçada de veados ou cruzamento de raças de cavalos?

NOGUEIRA - Nada, coisa mais séria; é a tese das teses - a vida alheia. Respeita-o como uma das primeiras rabecas de São Paulo: toca admiravelmente variações sobre motivos de qualquer tema; tem arcadas de Paganini. Também não respeita ninguém: e um verdadeiro pagão!

FREDERICO - E qual é o sistema da rabequeação que ele mais aprecia? Sim, porque há diversos sistemas de rabequear.

NEVES - Falem mais alto que eu também vim para a prosa.

NOGUEIRA - Falamos dos diversos sistemas de rabequeação, e o Frederico tem a palavra.

FREDERICO (*Em atitude magistral*) - Pois, meus amigos, pela experiência que tenho, atrevo-me a oferecer-lhes uma brilhante preleção sobre este assunto. Querem?

NOGUEIRA - Sim, venha lá isso.

NEVES - Topo.

FREDERICO (*Com dignidade cômica*) - Há sujeitos que rabequeiam de uma maneira insinuativa: eu me explico melhor - há Sujeitos, por exemplo, que nas suas arcadas dizem: "O Nogueira é um tratante, um canalha, um miserável, um caloteiro, mas no entretanto é bom moço, cumpre as suas obrigações, tem boa alma, toma regularmente a sua carraspana, por divertimento, já se vê, desmoraliza-se em lugares públicos, mas não é mau rapaz, tem bons sentimentos." Este é o sistema aristocrático, rabeça de salão, e que tem grande número de sectários. O segundo é o sistema dos *ronhas*. O *ronha* é o homem que exerce a *ronha*. *Aronha* pode-se estender a todos os atos humanos: assim é, por exemplo, *ronha* o beato ou o hipócrita que, acabando de bater nos peitos na igreja, vem cá fora entregar-se religiosamente às delícias de Capua. Parece-me que não há estudantes dessa natureza; no entretanto, se é que há, sou de opinião que andem de mantilha para se distinguir dos outros. Mas a *ronha*, aplicada especialmente à hipótese vertente, é um certo desprezo e mesmo rancor que alguns sujeitos parecem afetar em uma prosa de vida alheia, mas que entretanto extasiam-se às mais pequenas notas do instrumento divino, como o poeta se expande diante do belo. Estes entram somente de ouvido, e são tantos os sectários como os admiradores do Padre Pereira.

NOGUEIRA - A comparação é mesmo de bicho.

FREDERICO - Não me interrompa. O terceiro sistema é o dos que falam mal de tudo e de todos e não encontram nos homens senão defeitos: é o exclusivismo, e peca como todos os sistemas exclusivistas.

NOGUEIRA - É o sistema do Neves.

FREDERICO - Justamente.

NEVES - Não tanto.

FREDERICO - O quarto sistema é o dos que rabequeiam por mero passatempo, para suavizar as horas de cinismo. E este o sistema que quase todos nós seguimos, é o menos nocivo, e o que produz menos males, porque não é o ódio nem o rancor que preside a prosa, mas apenas um desejo de pagode. Tais são, senhores, as observações que tenho colhido de minha longa vida de bicho, e que procurarei ir aperfeiçoando com o correr dos tempos.

NOGUEIRA - Bravo! Falas com a experiência de um velho: és um alcorão; entretanto esqueces o sistema dos mitras, que tecem os maiores panegíricos a um sujeito pela frente e por detrás não são rabeças, são rabeções.

FREDERICO - Cada dia aparecem novos sistemas, e eu ultimamente não estou muito a par do progresso da ciência, porque os credores não me deixam pôr o nariz na rua.

NEVES - Vocês estão muito cínicos.

NOGUEIRA (*Rindo-se*) - Este desgraçado ainda acaba tocando realejo para se distrair.

FREDERICO - Ó Neves! Diz alguma coisa para animar a prosa: estás mesmo de neve.

NEVES - Vocês estão estupidamente cínicos: eu me retiro. (*Levanta-se da cama e sai pela porta do fundo*)

FREDERICO - Ó Neves! Amanhã aparece mais cedo para prosearmos. (*Nogueira e Frederico riem-se às gargalhadas*)

CENA IX

FREDERICO, NOGUEIRA e TRINDADE

TRINDADE (*Entrando com dois negros, aponta para as canastras*) - Rapaz, segura ali. (*Virando-se para o outro negro*) - Rapaz, ajuda ali teu parceiro. Irra! Hoje acaba-se o pagode, mudo-me, e está tudo decidido.

NOGUEIRA (*Para Frederico*) - É preciso abrandarmos o homem. O Macedo, quando souber que fui eu a causa da mudança do calouro, queima-se comigo, e eu não estou para indispor-me com ele. Não quero ser o pomo de discórdia desta casa. Vou fazer as pazes com o calouro. (*Para Trindade, batendo-lhe no ombro*) Não sejas criança, Trindade, foi uma brincadeira própria de rapazes.

TRINDADE - Vá-se embora, senhor, não me aborreça.

FREDERICO - Você também cavaqueia com qualquer coisa, encorda por uma bagatela.

TRINDADE - Pois é qualquer coisa, é bagatela ser um homem constantemente amolado, não poder dizer uma palavra que não lhe respondam com quatro gargalhadas, não poder sair à rua sob pena de lhe gritarem: *á burro, ó sandeu, á calouro?* Isto é bonito? É próprio de moços decentes e civilizados que freqüentam os bancos de uma Academia?

NOGUEIRA - Concordo com tudo que quiseses; mas dá-me um abraço e façamos as pazes. (*Trindade deixa-se abraçar um pouco friamente*) Manda os pretos embora, e continua a viver com os teus companheiros que te estimam como um bom menino que és. Deixa-te de crianças, e viva a pândega!

TRINDADE - Pois bem, se juram doravante tratar-me como um companheiro de casa, e não como um cão, fico.

NOGUEIRA e FREDERICO - Juramos.

TRINDADE (*Virando-se para os negros*) - Ponham-se fora. (*Os negros saem*)

NOGUEIRA (*Abraçando a Trindade*) - Viva a conciliação! Se tivéssemos uma boa garrafa de vinho, poderíamos tornar mais solene este tratado de paz.

TRINDADE - Se prometem cumprir o juramento, isso é o que menos custa. Tenho ali na canastra duas garrafas de vinho que me restaram do pagode que dei no dia de minha sabatina...

NOGUEIRA (*À parte*) - Sempre desfrutável.

FREDERICO (*À parte*) - Lá vem a sabatina.

TRINDADE (*Continuando*) - ... e podemos esvaziá-las.

FREDERICO e NOGUEIRA - Prometemos.

NOGUEIRA - Eu ainda levo a minha promessa mais longe: prometo que de hoje em diante serei o teu mais fiel e dedicado amigo. (*À parte*) Ó mágico poder do vinho.

TRINDADE - Pois bem, viva a rapaziada e vamos à pândega. (*Enquanto Trindade tira as garrafas da canastra, Frederico e Nogueira fazem-lhe gaifonas pelas costas*) Aqui estão, rapaziada. (*Dá uma garrafa a Nogueira e fica com a outra*)

CENA X

OS MESMOS e MACEDO

MACEDO (*À parte*) - Aproxima-se o momento fatal: é quase meio-dia, e o verdugo não tarda a aparecer. (Reparando para o grupo) Pois quê, já fizeram as pazes?

NOGUEIRA - Não há copos nem saca-rolha.

FREDERICO - Saca-rolha há um aqui em cima da mesa. (Tira o saca-rolha e dá a Nogueira) Quanto a copos dispensa-se perfeitamente, podemos beber pela garrafa - é mais clássico.

TRINDADE - Está dito, vai-se ao gargalo. (Recebe o saca-rolha e abre a garrafa)

NOGUEIRA - Viva o Trindade. (Bebe)

FREDERICO (Tirando-lhe a garrafa) - Alto frente: ainda não bebi. À saúde de sua brilhante sabatina, Senhor Trindade. (Vira a garrafa)

TRINDADE - Meus senhores, um brinde: à saúde da emancipação do primeiranista, e à morte de todos esses prejuízos acadêmicos que herdamos da velha Coimbra. À saúde de todas aquelas por quem nossos corações palpitam.

NOGUEIRA (Para Frederico) - Percebo. À filha do Juca do Braz.

TRINDADE - Viva a mocidade inteligente e briosa que abandonando, que abandonando, que...

FREDERICO (A parte) - Temos cabeleira.

NOGUEIRA - Não se engasgue, dê-me o caroço.

TRINDADE - ... as afeições mais caras, o lar doméstico e a terra que lhe deu o ser, vêm, longe de tudo isso, conquistar os louros que engrinaldaram a fronte de Homero, Tasso, Petrarca, Dante e Camões que, cantando as ações heróicas dos Lusitanos, enxergava um horizonte de glórias no futuro.

FREDERICO - E assim mesmo não via pouco; olhe que tinha só um olho.

NOGUEIRA - Pelo menos assim o diz a história.

TRINDADE (*Pulando em cima da cadeira com entusiasmo*) Vou arrematar este brinde, senhores, bebendo à saúde daquelas idéias que mais se harmonizam com o estado de perfectibilidade e civilização dos povos: à saúde das idéias republicanas. (*Vira a garrafa toda*)

Viva o Porto,
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabeleira.

(*Todos, menos Macedo*)

Viva o Porto,
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabeleira.

NOGUEIRA (*A parte*) - O vinho já começa a fazer efeito antes de tempo. (*Para Trindade*) Passa-me a garrafa.

TRINDADE (*Descendo da cadeira*) - Já não há mais nada. (*Vira a garrafa de boca para baixo*)

MACEDO (*Que durante esse tempo passeia pensativo*) - Entretanto esqueceram-se de mim.

NOGUEIRA - Pois também estás hoje tão cínico! não sei o que tens.

TRINDADE (*Mal podendo suster-se em pé*) - Que diabo, anda-me tudo à roda... o tal vinho é forte. O Nogueira, tu estás meio fardado, fala franco. Está-me tudo a andar à roda. .. O Nogueira, anda cá, dá-me ali aquela vela para acender um cigarro. (*Mete a mão no bolso, e tira da algibeira um lápis que põe na boca, julgando ser um cigano*) Que diabo tem este fumo? (*Olhando para o lápis*) Está furado. (*Atira o lápis no chão*)

FREDERICO (*Encostando-se à mesa*) - Furada está a tua cabeça.

NOGUEIRA - De que cor é esta linha, Trindade?

TRINDADE - Que pagode, minha comadre. Vem cá, Mariquinhas, não fujas; olha que é teu benzinho quem fala.

NOGUEIRA (*Segurando em Macedo, e puxando Frederico*) - Não sejam cínicos, vamos formar aqui uma pândega, e apreciar o Trindade enquanto está impagável. Dance-se o cancan, e viva o pagode. (*A orquestra toca a última quadrilha da - Corda Sensível -; Frederico e Nogueira dançam um cancan desesperado, e Trindade sempre cambaleando embrulha-se no cobertor encarnado, trepa em cima da cama, e aí dança um cancan infernal, no meio do qual JACÓ aparece no fundo, e o cancan ainda continua*)

CENA XI

OS MESMOS e JACÓ

JACÓ (*Entrando*) - Com licença, meus senhores. (*Macedo e Frederico escondem-se na porta da esquerda. Nogueira pára espantado, olhando para JACÓ, e Trindade pulando da cama e indo de encontro a JACÓ, obriga-o a valsar pelo meio da cena, e largando-o de repente, atira-o de costas*) ~ desta maneira (*Levantando-se e sacudindo a roupa*) que os senhores recebem as pessoas? (*À parte*) Se não viesse buscar dinheiro... é preciso humilhar-me para

ver se o pilho. *(Alto)* Não sabem dizer se o Senhor Doutor Macedo está em casa?

NOGUEIRA - Julgo que não. O senhor deseja alguma coisa? É sem dúvida dinheiro que vem buscar?

JACÓ *(Risonho)* - Como o senhor doutor adivinha; é isso mesmo. Vossa Senhoria é muito pitoresco. Vence-se hoje uma letra que o Senhor Doutor Macedo assinou, e eu vim buscar os 300\$000 por que ele se obrigou.

NOGUEIRA - Queira sentar-se. *(Na ocasião em que JACÓ vai sentar-se, Trindade puxa-lhe a cadeira, e atira-o de costas)*

JACÓ *(Furioso)* - O senhor não me deixará! *(À parte)* Este sujeito está bêbado.

TRINDADE *(Batendo-lhe no ombro)* - Excelso vinagrão, eu te saúdo.

JACÓ *(Risonho)* - Isso é lisonja, senhor doutor.

NOGUEIRA *(Vai buscar o violão, e vem sentar-se em cima da mesa ao pé de JACÓ)* - Tenha a bondade de explicar-se pausadamente para que eu o entenda.

JACÓ - Eu já disse ao que vim. *(Nogueira acompanha-lhe a frase a violão)*

NOGUEIRA - Pode continuar.

JACÓ - O Senhor Doutor Macedo deve-me já há dois anos 300\$000 *(Nogueira acompanha-o a violão)* e para garantia dessa dívida pedi-lhe que me assinasse uma letra... *(Acompanhamento de violão)* Senhor doutor, olhe que falo sério: deixe-se de caçoadas. *(Acompanhamento de violão)*

NOGUEIRA - Senhor Jacó, tenha a bondade de falar outra vez e repetir o recitativo, para ver como é sonoro este acompanhamento. *(Fere o Violão)*

JACÓ *(Levantando-se)* - Eu não vim aqui para ouvir música, senhor doutor; quando quero vou às retretas.

NOGUEIRA - Está incomodado, Senhor Jacó? A retrete é no fundo do corredor à esquerda. *(Indicando a porta da direita)*

JACÓ - Só o que desejo é falar com o Senhor Doutor Macedo. *(Acompanhamento)*

FREDERICO *(Para Macedo)* - O Nogueira com aquele debique é capaz de comprometer-te.

MACEDO - Haja o que houver eu não apareço.

NOGUEIRA (*Continuando a tocar*) - Ora, Senhor Jacó, esqueça-se disso: o Macedo está sem dinheiro, e ainda mesmo que tivesse é filho-família, e não é responsável pelas obrigações que contrai.

JACÓ (*Furioso*) - Não é responsável, senhor doutor! não me diga isso: a letra está assinada por ele, e em nome de sua dignidade deve pagá-la.

TRINDADE (*Dando uma encapelação em Jacó*) - Está queimado! Viva o rei dos Vinagres!

JACÓ - Olhe que o senhor está me fazendo chegar a mostarda ao nariz. (*Faz menção de avançar para Trindade*)

NOGUEIRA (*Empurrando-o*) - Ponha-se fora.

FREDERICO (*Entrando em cena*) - Fora! fora! (*Trindade dá uma porção de encapelações em Jacó, Nogueira dá-lhe com o violão nas costas, e Frederico ri-se às gargalhadas*)

MACEDO (*Entrando*) - O homem queima-se e é capaz de fazer alguma.

JACÓ (*Sai pela porta do fundo aos empurrões, e voltando, pára na porta*) - Isto é um estorpiço, é umvandalismo. Por terem força julgam-se uns Rockchilles. Hei de mostrar o que é um negociante ofendido em sua dignidade! Eu já volto acompanhado. (*Sai*)

CENA XII

FREDERICO, NOGUEIRA, MACEDO, TRINDADE e depois NEVES

TRINDADE (*Ainda envolvido no cobertor encarnado, deita-se de barriga para baixo em cima da cama*) - Que pagodeira!

NEVES (*Entrando com toda a fleugma*) - Que algazarra foi esta que vocês fizeram?

NOGUEIRA - Foi uma pequena correção doméstica em um credor.

MACEDO - Vocês com o seu pagode acabam de comprometer-me. O homem saiu desesperado.

FREDERICO - Ele é incapaz de queimar-se: aquilo foi fogo de cavaco.

NOGUEIRA - Eu responsabilizo-me pelo resultado.

TRINDADE (Levantando-se da cama) - Esteve riquíssima a pagodeira. Ó Nogueira! tu viste a cara com que saiu o Jacó? O homem saiu *vraiment* indignado! Ó Frederico! passa a garrafa, e vamos beber à saúde do Jacó. Ora esta, homem, quem me vir é capaz de apostar que estou bêbado.

FREDERICO - Qual, não tens nada: estás somente com um fardão de grande gala.

MACEDO (Passeando) - Vejamos qual é o desfecho desta tragédia.

NOGUEIRA - Eu já te disse que não te maces; deixa correr o negócio por minha conta.

NEVES - Mas que diabo de cinismo: eu não os entendo.

TRINDADE - Nem eu tampouco, meu amigo.

NOGUEIRA - Pois eu lhes explico, meus amigos. O Macedo deve 300\$000 ao Jacó, ele veio cobrá-los, e nós tocamos-lo a cachações pela porta fora. É uma coisa muito natural, e que nada tem de extraordinário: seria extraordinário se o Macedo pagasse a dívida e o deixasse sair impunemente.

TRINDADE - Lá isso é; tem toda a razão. Mas que diabo tenho eu que está tudo a andar-me à roda? E esta? parece-me que tenho tanta gente na minha frente; dar-se-á o caso que eu esteja em aula? O Araújo! dá-me o compêndio, e passa-me uma lição que eu estou *in albis*.

FREDERICO (Segurando em Trindade e procurando levá-lo para a Cama) - Vai-te deitar, Trindade, que tu estás meio incomodado.

TRINDADE - Quem? eu incomodado? O Frederico! não me insultes; olha, eu vou aqui à república vizinha, e vê só a certeza com que ando. (Vai cambaleando para o fundo da cena, e encontrando-se com Jacó, que entra com um oficial de justiça, atira-o ao chão)

CENA XIII

OS MESMOS e JACÓ [e UM OFICIAL DE JUSTIÇA]

JACÓ - Não há dúvida - este sujeito está tocado.

TRINDADE - Levante-se, que eu não brigo com homem deitado.

JACÓ (*Levantando-se*) - Pois, meus senhores, agora espero obter um melhor resultado, porque trouxe uma boa carta de recomendação de pessoa influente, a quem os senhores não podem deixar de servir. (*Tira do bolso uma citação, e entrega a Macedo*)

MACEDO (*Lendo*) - É uma citação; eis o desfecho terrível que eu esperava de tudo isto.

NOGUEIRA - Uma citação!

JACÓ - Quando vim pela primeira vez já a tinha comigo; pois sabia perfeitamente que o Senhor Macedo havia de esquivar-se ao pagamento da dívida; porém o acolhimento benévolo que aquele senhor (*Apontando para Trindade*) prodigalizou-me obrigou-me a ir pedir o auxílio da justiça para fazer valer o meu direito: é a razão por que volto agora com este senhor.

MACEDO - E julga o senhor que vem fazer valer o seu direito quando usa de uma infâmia?

FREDERICO (*Batendo o pé*) - Sim, é uma infâmia.

TRINDADE (*Cambaleando para ele, e dando-lhe um arrote na cara*) - É um desaforo; é uma vinagreira.

JACÓ - Será tudo o que os senhores quiserem.

NOGUEIRA - Pois bem, se eram os seus desígnios comprometer a reputação sem mancha de um moço, fazendo-o comparecer perante uma autoridade por um motivo que o difama e extorquir depois, abrigado à sombra da lei, o dinheiro que lhe roubou, se eram estes os seus desígnios, Senhor Jacó, fique convencido que nunca os realizaria. Eu já volto. (*Sai precipitadamente*)

CENA XIV

TRINDADE, JACÓ, FREDERICO, MACEDO, NEVES, *depois* NOGUEIRA

JACÓ (*À parte*) - Eles todos falam em dignidade, em vinagreira e dizem tudo o que lhes vem à boca, mas quando têm de bater o cobre, vêm com desculpas, quando não dão para atrevidos.

MACEDO - Então com que o senhor esperava que eu havia de esquivar-me ao pagamento da dívida? (*Com furor*) O senhor é bem ordinário.

JACÓ - Ora, senhor doutor, isto não vai a zangar.

FREDERICO (*À parte*) - O que iria fazer o Nogueira em casa?

TRINDADE - Estes credores são temíveis!

MACEDO - É bem triste a minha posição, porém a sua ainda é mais, é degradante. Diga-me, finalmente, Senhor Jacó, o que pretende fazer?

NOGUEIRA (*Entrando apressado*) - Coisa nenhuma. (*Para Macedo*) Aqui tens o dinheiro que te devo.

MACEDO - Dinheiro que me deves?

NOGUEIRA (*Em voz baixa*) - Cala-te e aceita. Senhor Jacó, a sua dívida vai ser satisfeita, mas antes de tudo há de ouvir-me. Há ladrões que, embrenhando-se pelas matas, assaltam os viandantes de pistola e faca; há outros que roubam de luva de pelica nos salões da nossa aristocracia, estes têm por campo de batalha uma mesa de jogo; há outros, finalmente, os mais corruptos, que são aqueles que, arrimados a um balcão, roubam com papel, pena e tinta. O senhor faz honra a esta última espécie: é um ladrão e um ladrão muito mais perigoso do que os outros. Dê-me essa letra, documento autêntico de sua infâmia e tome o seu dinheiro. (*Tira o dinheiro da mão de Macedo, e esfrega-lhe na cara*)

JACÓ - Ora, senhor doutor, não se zangue; deixe-se de brincadeiras.

MACEDO (*Abraçando Nogueira*) - Obrigado, meu amigo, obrigado. Acabas de provar que tens uma alma grande e generosa, que, no meio dos risos e folguedos próprios da nossa idade, não olvidas esses sentimentos sagrados, que tanto enobrecem o coração do bom amigo. Obrigado, obrigado.

JACÓ (*Que durante esse tempo está contando o dinheiro*) - Está exato. Agora vamos fazer outra visita. O dia está feliz.

NOGUEIRA - Ponha-se fora. (*Todos tocam Jacó pela porta fora*)

TRINDADE - Viva a pândega! (*Cai na cama*)

NEVES (*Olhando ao redor da cena*) - Que cinismo!

(*Toca a orquestra a última quadrilha da Corda Sensível; dançam todos o Cancan*)

(CAI O PANO)

O TIPO BRASILEIRO

COMÉDIA EM UM ATO

PERSONAGENS / ATORES

TEODORO PAIXÃO, 50 anos / Senhor Guilherme

MR. JOHN READ, 40 anos / Senhor Areas

HENRIQUETA PAIXÃO, 20 anos / Senhora Gilda

HENRIQUE, 29 anos / Senhor Vasques

UM CRIADO / N.N.

A cena passa-se no Rio de Janeiro.

Época - Atualidade.

ATO ÚNICO

Sala elegantemente mobiliada em casa de Teodoro Paixão.

CENA I

HENRIQUETA e HENRIQUE

HENRIQUETA (Sentada à direita bordando em um bastidor e cantando)

Alta noite, tudo dorme,
Tudo é silêncio na terra,
Nem sequer nos ares erra...

HENRIQUE (*Entrando*) - Bravo! bravo! Muito bem!

HENRIQUETA (*Levantando-se*) - Quem é?!

HENRIQUE - Não te assustes, sou eu. Teu pai não está em casa?

HENRIQUETA - Saiu, mas não deve tardar. O que vieste aqui fazer?

HENRIQUE - O que vim aqui fazer? É que te amo, Henriqueta. HENRIQUETA - Mas não vê, Henrique, que esse amor é impossível.

HENRIQUE - Não repitas esta palavra.

HENRIQUETA - Conheces a mania de meu pai e sabes perfeitamente que desde o dia em que esse inglês...

HENRIQUE (Com raiva) - Esse inglês... Quando penso naquele maldito *beef*, sinto ímpetos de empunhar um facão e reduzi-lo a roupa velha. Olha, Henriqueta, está me parecendo que os nossos vão ter um fim muito trágico.

HENRIQUETA Tu me assustas.

HENRIQUE - É o que te digo. Provoco o bretão, há uma grande água suja, sobrevêm complicações internacionais e eis aí armada uma nova questão anglo-brasileira.

HENRIQUETA - E tudo isto por minha causa?!

HENRIQUE - De que te admiras? Por causa de uma mulher derrubam-se impérios e baqueiam as maiores civilizações. Abre a história e lá verás se erro. O cerco de Tróia durou 10 anos. Quem deu origem a essa página de sangue nos fastos da humanidade? Helena, uma mulher formosa e sedutora, como tu; que tinha uns olhos que despediam chamas, como os teus, e que o Criador vasara nos moldes da beleza ideal com esse primor artístico com que cinzelou-te o porte encantador. Eu não sou ainda teu marido, mas juro-te como bom carioca, nascido na antiga rua do Piolho e batizado na freguesia de São José, que esse Paris de fraque não há de alcançar o teu amor.

HENRIQUETA - O meu amor, nunca, dizes muito bem, porque o meu coração só pulsa por ti; mas infelizmente não sou senhora de meus atos e a vontade de meu pai vai-se cumprir.

HENRIQUE - Não se há de cumprir. A mania de teu pai pelo estrangeirismo não subirá ao ponto de comprometer a tua felicidade futura.

HENRIQUETA - O que queres? Para ele o estrangeiro é tudo; em sua opinião um brasileiro não presta para nada. Diz-me constantemente que os nossos compatriotas são indolentes, fúteis, sem educação; que esbanjam a fortuna dos pais, e que quando se vêem surpreendidos pelo temporal da miséria, agarram-se a um casamento rico como o náufrago à tábua de salvação.

HENRIQUE - Mas isto é uma infâmia! Sou brasileiro, tenho vivido até aqui sob o aguaceiro da desgraça, mas minha alma, em suas santas expansões, jamais se deixou fascinar pelos tesouros que possuí.

HENRIQUETA - Eu te conheço, e no entretanto ele não sabe te compreender.

CENA II

OS MESMOS e TEODORO

TEODORO (*Pelo fundo, com alegria*) - Já abracei o homem; acaba de chegar neste instante! (*Deparando com Henrique, à parte*) Este pelintra em minha casa!

HENRIQUE - Como tem passado, Senhor Teodoro?

TEODORO - Vai-se vivendo.

HENRIQUE - Vem muito alegre, Senhor Paixão!

TEODORO - Como veio gordo, bonito, faces rosadas! Olha, Henriqueta, ao descer para o escaler perguntou-me logo em sua meia língua - como vai a sua Excelentíssima filha! E minha *cavala* está bem tratada?

HENRIQUETA (*A parte*) - Que bruto!

HENRIQUE - Ora, eis aí como se define um homem em dois traços. O último, sobretudo, é característico.

TEODORO - Eu já contava com a judiciosa reflexão. Se fosse um brasileiro, antes de informar-se da saúde da família...

HENRIQUE (*Com intenção*) - Da família?!

TEODORO - Sim, da família... havia de perguntar qual era o espetáculo da noite no Alcazar, que colarinhos se usavam, se já tínhamos companhia lírica e outras tantas futilidades.

HENRIQUE - Não sei de quem se trata, Senhor Teodoro; mas posso assegurar-lhe que nós brasileiros não somos tão maus como pensa.

TEODORO - Falo de Mr. John Read, engenheiro distinto, que acaba de chegar de uma viagem que foi fazer ao Norte a fim de melhor conhecer este país.

HENRIQUE - Dou-lhe os meus parabéns e há de permitir que me felicite por tão distinto hóspede.

TEODORO - E deve felicitar-se. E um bretão às direitas, sangue azul puríssimo e homem de vistas largas. Uma empresa importante o trouxe ao Brasil!

HENRIQUE - Ah!

TEODORO - É uma idéia de alta conveniência pública, de que os tais senhores brasileiros ainda não se lembraram.

HENRIQUE - Trata-se sem dúvida da liberdade do ventre?

TEODORO - Não, senhor, trata-se de uma idéia que só poderia germinar num cérebro maravilhosamente organizado. Mr. John Read pretende obter do governo um privilégio para encanar cajuadas em toda a cidade.

HENRIQUE - Assombroso! Se é exato que o caju possui altas virtudes medicinais, este homem vale por dez juntas de higiene pública.

TEODORO - Em três meses compromete-se ele a fazer esguichar caldo de caju de miríades de bicas, colocadas nos pontos principais desta capital. Conversando há dias com um engenheiro... brasileiro, disse-me este que duvidava da obra e que o homem era um visionário. Quer ver até onde chega a miséria desta terra?

HENRIQUE - Vejamos!

TEODORO - O homem ainda não obteve o privilégio e no entretanto já começam a fazer-lhe uma guerra de morte todos os confeitheiros e botequineiros da cidade. Que país! Não se pode ser estrangeiro aqui!

HENRIQUE - Engana-se, Senhor Paixão, brasileiro é que aqui não se pode ser.

TEODORO - Aposto que vem já com o lugar comum favorito: tudo está monopolizado!

HENRIQUE - Ainda não disse nada.

TEODORO - Se tudo está monopolizado é por inteligências superiores às nossas, por ilustrações que nunca havemos de ter..

HENRIQUE - E pelos inúmeros charlatães que cá vêm engodar-nos com cajuadas.

TEODORO - Observo-lhe, Senhor Henrique, que está em minha casa.

HENRIQUE - O Senhor Teodoro é o tipo do brasileiro. Não há país nenhum do mundo que não tenha orgulho de suas glórias, de suas instituições e de suas coisas. Desde a soberba Roma onde o súdito dos Césares dizia cheio de justa satisfação - *civis romanus sum*, até ao canto mais recôndito do globo, o patriotismo tem sido a virtude saliente de todas as classes sociais. O brasileiro desprestigia-se a si próprio, em todos os lugares, a cada momento, nas coisas mais insignificantes da vida e nos maiores acontecimentos dela.

TEODORO - Discursos! Discursos!

HENRIQUE - Apesar de já me ter observado que está em sua casa, peço-lhe que me ouça por alguns instantes. Saímos do colégio ignorando a nossa história; sabemos onde fica a França, a Inglaterra e a Rússia, mas raros são os que podem dizer os nomes das cidades principais do Brasil. No parlamento ninguém cita os luminosos precedentes do nosso passado, roídos pelas traças em solitários arquivos; em compensação porém invocam-se ali, a cada passo, as práticas inglesas e levantam-se soberbos pedestais a lord Derby, Pitt, Thiers, Guisot e a tantos outros luzeiros do velho mundo. A imprensa desprestigia os nossos literatos: quando uma vocação surge, ébria de esperanças, ou morre ignorada, tiritando no gelo da indiferença, ou sucumbe aos golpes da crítica invejosa e mordaz. Não há ninguém honrado no fastígio do poder: os estadistas assumem o governo, cheios de fé, e descem dos conselhos da coroa, feridos na probidade e trazendo no coração os gérmenes da descrença. Se a dignidade da nação empenha-se em cruenta guerra, amesquinhamos as nossas vitórias perante o estrangeiro mandando escrever em todos os jornais do império que nos batemos com inimigos esfaimados, maltrapilhos e covardes. Não é tudo ainda, os guerreiros da rua do Ouvidor dão planos de campanha e, desrespeitando a dignidade do pavilhão nacional, abatem hoje o general que elevaram ontem, para elevarem outro que hão de abater amanhã.

TEODORO - Está provando, meu amigo, que é um brasileiro às direitas; tem discursado maravilhosamente. Estamos fartos de discursos, queremos a realidade.

HENRIQUE - A nossa indústria...

TEODORO (*Zangado*) - Ainda? (*Senta-se e lê o jornal*)

HENRIQUE - A nossa indústria definha, humilhada por nós mesmos. O brasileiro que monta um estabelecimento industrial trata logo de ocultar a nacionalidade dos seus produtos em pomposos rótulos estrangeiros. O senhor, por exemplo, detesta a cerveja brasileira; no entretanto vai beber, por dez tostões a garrafa, a cerveja que o rótulo afirma ser inglesa e que poderia saborear pela módica quantia de uma pataca. Envergonhamo-nos das tradições as mais populares que todos os povos civilizados respeitam como legados preciosos do passado. Vamos de dia em dia perdendo o tipo na família, nos hábitos, nos costumes, e finalmente até já começamos a prostituir a própria língua que falamos! O Senhor Teodoro é a personificação eloqüente do que acabo de dizer. Mas o que é isto? Está lendo?

TEODORO - É verdade. Ora, ouça. "Grande exposição de camelos da Costa d'África. Entrada 1\$000."

HENRIQUE - Eis aí ainda uma prova do nosso pouco amor à pátria, e do maldito estrangeirismo que vai tudo invadindo. Camelos da Costa d'África! Este país tem muito bons camelos, pode dizê-lo com orgulho, não há necessidade de ir mendigá-los ao estrangeiro.

TEODORO (*Com intenção*) - Lá isso tem, é a pura verdade.

HENRIQUE - Talvez militasse no ânimo do expositor uma razão muito poderosa de economia.

TEODORO - Qual é?

HENRIQUE - É que o camelo da Costa d'África pode passar muitos dias sem comer; os camelos do Brasil são os que mais comem.

TEODORO (*Levanta-se, à parte*) - Patife! (*Baixo a Henriqueta*) Despeça-me este sujeito: não quero vê-lo mais aqui.

HENRIQUETA (*Baixo*) - Mas meu pai...

TEODORO (*Para Henrique*) - Sinto não poder ouvi-lo mais, tenho que fazer. Ah! é verdade, aproveito a ocasião para dizer-lhe que minha filha vai casar com Mr. John Read. (*Sai*)

CENA III

HENRIQUE e HENRIQUETA

HENRIQUE - Chama-se isto em bom português pôr-me no andar da rua.

HENRIQUETA - Tu mesmo és o culpado; por que falas-lhe sempre por aquele modo?

HENRIQUE - Eu ando cheio até aqui, (*Mostra a garganta*) Henriqueta. Aborreço-me ver por toda a parte o desprestígio de tudo o que é nosso e sinto a bília ferver-me nas faces quando vejo o gênio brasileiro encarnado em teu pai. Mas tratemos de nós, só de nós. O que nos resta agora fazer?

HENRIQUETA - Esquece-me; és moço e inteligente e ainda podes ser muito feliz.

HENRIQUE - Esquecer-te? Tu não me amas!

HENRIQUETA - Já não te disse que o meu coração só pulsa por ti?

HENRIQUE - Então é necessário que esse inglês desapareça.

HENRIQUETA - Como?!

HENRIQUE - Diante de uma pistola, de um cólera-morbus, de uma febre amarela, de um tifo.

HENRIQUETA - Estás louco?!

HENRIQUE - É preciso que a todo o transe se levante urna barreira entre ti e o filho da Ilha Grande. Vê se achas um meio, anda, inspira-me.

HENRIQUETA - Queres porventura que te aconselhe um crime?!

HENRIQUE (*Batendo na testa*) - Ah! Achei! Estamos salvos! (*Sai correndo*)

HENRIQUETA - Henrique! Henrique! O que iria ele fazer, meu Deus?!

CENA IV

HENRIQUETA e TEODORO

TEODORO - Já se foi aquele pelintra? Ora, graças a Deus! Olha para cá, menina; nada dos muxoxos costumados diante de teu noivo. Estuda um ar senhoril e compenetra-te da idéia de que vais ser a mulher de um inglês! Miss Henriqueta Paixão Read! Que nome! Tem o diabo do Paixão que desconcerta-lhe a harmonia estrangeira, mas enfim, se quiseres, podes tirá-lo.

HENRIQUETA - Não renego o nome de meus pais.

TEODORO - Não digo isso, mas esta maldita língua portuguesa é tão cheia de ãos, ãos, ãos, que nos assemelham, quando conversamos, a uma matilha de cães a ladrar.

HENRIQUETA - Ora, papai, "cá e lá más fadas há".

TEODORO - Minha filha, não há língua nenhuma no mundo tão burlesca e tão pouco significativa como a nossa. O inglês diz *yess* e sente-se na força do termo a resolução tomada, a convicção inabalável, o caráter do povo, enfim... *Yess* é uma palavra de pedra e cal. Quando o francês diz *oui*, quem não vê transparecer neste simples vocábulo a jovialidade, a alegria, a expansão generosa do povo do espírito? O alemão diz *ya*, e vê-se um povo aberto, franco e inteligente. O italiano...

HENRIQUETA - Não há necessidade de vosmecê esgotar a sua lógica para demonstrar-me que a nossa língua nada significa. Dou-me por convencida.

TEODORO - Ainda bem. Lastimo, entretanto, que não fales as línguas dos povos cultos. Estiveste bem contra a minha vontade em um colégio dirigido por uma brasileira que apenas te ensinou a fazer tricô, bordados, marcas, crochê... futilidades em suma.

HENRIQUETA - Conheço a minha língua; não sou como muitas que estudam o francês, inglês, alemão, o que sei eu? em colégios estrangeiros e saem deles ignorando o português.

TEODORO - Meu pai também mandou-me educar em colégio brasileiro... Saí um perfeito burro... Se arranho uma ou outra palavra dos idiomas estrangeiros devo-o a mim mesmo e à sociedade que frequento. *(Vendo o relógio)* Duas horas. O inglês já deve vir subindo as escadas. Ele disse-me: "*Às duas horas em ponto lá estarei.*" E quando um inglês diz, cumpre.

CENA V

OS MESMOS e JOHN

JOHN - *Mim pode entra?*

TEODORO *(Com alegria)* - Ei-lo, eu bem dizia.

JOHN *(Apertando com força a mão de Teodoro)* - *How do you do, sir?*

TEODORO *(À parte)* - Irra.

JOHN *(Apertando com força a mão de Henriqueta)* - *Coma passa. Mim estar com muitas saudades de você.*

HENRIQUETA *(À parte)*. Que brutalidade!

JOHN - *Coração estar muito comprimida. Tres meses sem vê você, passa aborrecida, não pode viver dirreita.*

TEODORO - Eu imagino; por toda a parte a imagem do objeto amado, nos raios da lua, na estrela que brilha no firmamento, nas flores.

JOHN - Oh! *yess, very well.*

TEODORO - No sol a dourar a crista das montanhas, no mar...

JOHN - Oh! *non, non, no mar mim estar passa muito bem; mim come roast beef e bebe port wine, sem recorda ferida de coração. Quando estar em terra, lembra filha de você, e non pode mais bebe.*

TEODORO - Avalio o quanto terá sofrido.

JOHN - *Muite, mim estar bastante contente por ter viaja país de você.*

TEODORO - É muita bondade. Um país bárbaro, atrasado. (À *Henriqueta*) Menina, manda trazer cerveja. (*Henriqueta sai pela direita*)

CENA VI

JOHN, TEODORO e depois um CRIADO

JOHN - *Natureze aqui fica muito grandiose. Brasileira não sabe aproveita riqueza de Brasil; estar tudo preguiça. Não estar precisa planta neste terra: fuma e milha nasce nas telhadas; quem quer sustenta sua cavala de graça, manda bota em campo de Santa Ana.*

TEODORO - É a pura verdade; nunca havemos de ser nada.

JOHN - Oh! *non; você pode ainda ser muita.*

TEODORO - Como achou o Norte?

JOHN - Beautiful! Mas não tem passa lá muito bem. Falta confortável de vida, que este terra não conhece. Mim quando vai p'ra Inglaterra, escreve uma livra, e há de mostra o que estar Brasil. Estar gosta um pouco de Pernambuco, muito de Pará. Oh! Pará is very fine. Eu compra lá muito borracha, e leva uma carregamenta para Liverpool. Não estar muito querida d'Amazonas...

TEODORO - Um deserto! Um ninho de crocodilos, cobras e mosquitos.

JOHN - *Mim não tem lá carne para come. Estar lá muito tempa bastante doente.*

TEODORO - E não me mandou dizer nada!

JOHN - *Quase deixa ossos neste terra.*

TEODORO - Então o que foi?

JOHN - *Dar-me p'ra almoço e janta só caurubu, caurubu.*

TEODORO - Deram-lhe urubu para comer?!

JOHN - *Oh! yess, caurubu.*

TEODORO - Que vergonha! O que não dirão deste país os estrangeiros! Urubu! Um pássaro grande, que come carniça?!

JOHN - *Non, non, uma peixe.*

TEODORO - Ah! pirarucu!

JOHN - *Very well, saurucucu!*

TEODORO - Mr. John, creia que me sobe o rubor às faces todas as vezes que vejo um estrangeiro da sua ordem aportar a estas malditas plagas.

JOHN - *Não fala assim. Mim estar muito contenta, por exempla, de Bahia. Tem intestinas estragadas de vatapá, mas dá tudo por muito bem empregada.*

TEODORO - E para que foi comer essas extravagâncias, que são um veneno para o estômago?

JOHN - *Oh! não diz isso. Se vatapá estar venena, eu quer morre com o boca dentro de terrina. Mim leva muitas saudades de Bahia p'ra Inglaterra: mulatines e crioulines canta lá laundus, que espreme curação de gente.*

TEODORO - Este maganão!

JOHN - *Laundu de Bahia faz bole com perna, vira cabeça, beiça treme e fica caída, arrepiá cabelo daqui. (Mostra a nuca) Mim estar muito incomodada com este cousa.*

TEODORO - Uma música chula.

JOHN - *Eu vem canta tode viage. Oh! tem piana aqui, eu vai canta laundu.*

TEODORO (A parte) - Como são joviais estes ladrões!

JOHN (Abrindo o piano e tocando) - *Espera uma pouca, acerta desacompanhamenta. (Acompanhando) Very well.*

*Mulatines dá caroce
Na pescoce,
Aqui está tua cambau,
Metete ferra do gilhadau,
Minha amada,
No teu dengue cachorrau.*

Mim gosta de cor morena,
Muito amena,
Das bolinhas de mãe benta,
Desse cor que se coloca
No pipoca
Do lada que non rebenta.

Beautiful! Beautiful!

TEODORO - Bravo, muito bem. Que excelente voz!

JOHN - *Mim aprende música em Inglaterra, e leva p'ra lá todes esses bonites coses.*

TEODORO (*Gritando para dentro*) - Ó menina, vem ou não esta cerveja?

JOHN - *Não se incomoda; eu já tem bebe uma dúzia de garrafas: pode espera. (Entra um criado com uma bandeja com copos de cerveja e coloca-a na mesa. Batem na porta)*

TEODORO (*Para o criado*) - Vê quem é. (*O criado sai*)

JOHN (*Abanando-se*) - *Non pode suporta este calor.*

CRIADO - Um senhor estrangeiro deseja falar-lhe.

TEODORO - Um estrangeiro?! Manda-o entrar. (*O criado introduz Henrique*)

CENA VII

TEODORO, JOHN e HENRIQUE

HENRIQUE (*Com barbas e cabeleira postiças imitando um francês*) - *Non é aqui que morra Monsieur Theodore Passion?*

TEODORO - Um seu criado, senhor; tenha a bondade de sentar-se.

HENRIQUE - *Sans façon, Monsieur, non se encomode.*

TEODORO - Ora, por quem é.

HENRIQUE - *Je suis venu a sa case, monsieur, parce qu'on m'a dit que monsieur protege todos os estrangeiros que vêm ô Brésil. Eu já tem estado aqui cinco anos, e por toda a parte ouvi falar no nome de vossa senhorrie.*

TEODORO - Oh, meu caro senhor, é muita bondade.

HENRIQUE - *Eu vem agora diretamente de Lisbonne pour arranje um negocio com o governo e pede que vossa senhorie me concede sa valieuse protection. Je suis né à Paris, monsieur, dans la rue du Chateau Margot n. 100, foi baptisade no freguezie du Chateau La Rose, e ma famille demeure presantemente no traverse du Chateau La Pipe. Sou um francês de fine sociedade.*

TEODORO - Está-se vendo, meu caro senhor, as suas maneiras, o seu todo... Poderei saber qual o negócio que o trouxe pela segunda vez ao Brasil?

HENRIQUE - *Eu tem idéia de montar aqui um grande fabrique de pomade. Quase todos os brasileiros, senhor, são muito pomadistes e eu tem esperance de fazer beaucoup d'argent neste pais. O senhor non acha?*

TEODORO - Não sei; toda a idéia generosa e civilizadora que aqui aparece é recebida com o riso da incredulidade.

HENRIQUE - *Eu me compromete, eu sozinha, a dar pomade a tout le monde. Já tem meus calcules todos feito. Se eu consegue arranjar ser pomadiste universal avec garantie du gouvernement, acaba de uma vez com pomade falsificada que se consume em tudo o Brésil.*

TEODORO - Se o senhor conseguir acabar com o sebo de Holanda que nos impingem os taverneiros e os nossos mascates ambulantes...

HENRIQUE - *O senhor toca justamente no ponte que eu queria chegar. Mediante un processe que eu acaba de descobrir, eu pretende elevar o sebo de Holanda à altura de la plus superfine banha de urso dos fabriques de todo Europe.*

TEODORO - Meu caro amigo, a minha humilde proteção está ao serviço de todos os estrangeiros inteligentes e laboriosos que aportam a este país. Hei de fazer todo o possível por apresentá-lo nos melhores círculos; farei com que toda a imprensa se ocupe de um hóspede tão ilustre, empenhar-me-ei enfim para que a sua idéia seja coroada do feliz resultado a que tem direito; mas digo-lhe desde já que conte com a inveja dos meus compatriotas, que são a gente mais levada do diabo deste mundo.

HENRIQUE - *Não crê; brasileira goste de pomade, e eu ganhe dinheiro.*

TEODORO (A John, que durante o diálogo tem lido o jornal) - O que diz a isto, Mr. John? Ah! é verdade, tinha-me esquecido de apresentá-lo. Mr. John Read, industrioso como o senhor e uma das glórias da velha Inglaterra. (John inclina a cabeça)

HENRIQUE - *Tem muita satisfaction de faire o seu conhecimento, senhor.*

TEODORO - *Tinha mandado vir cerveja quando o senhor entrou... Por favor, não façam cerimônia. (Bebem os dois, menos Henrique)*

JOHN *(Depois de ter bebido)* - *Esta cerveja está muito ordinária.*

TEODORO - *Posso asseverar-lhe que é legítima inglesa.*

JOHN - *Non, quem vende engana a você.*

HENRIQUE - *Deixe-me ver, senhor; eu já tem tido um fabrique de cerveja no Suisse, e entende muito desta bebida. (Bebe) Monsieur Theodore a raison, muito bom cerveja inglesa. (À parte, com voz natural) É legítima marca barbante; uma pataca a garrafa. (Alto) O senhor non fume? (Oferece charutos a John)*

JOHN - *Obrigada; mim tem charutas. (Tira um charuto do bolso e fuma)*

HENRIQUE - *Não quer, senhor? (Dá um charuto a Teodoro, que aceita) Eu gosta muito de fumar destes cigarros.*

TEODORO *(Fumando)* *É um delicioso havana.*

HENRIQUE - *Eu não pode fumar que cigarros de Havana.*

TEODORO - *Está como eu. Este é magnífico! Não sei como se possa tragar charutos daqui.*

HENRIQUE - *Eu manda vir diretamente de Cuba. (À parte) Recebo-os da Bahia.*

TEODORO - *Mas dizia-lhe eu que toda a idéia grandiosa é recebida neste país à ponta de baioneta. Tem o senhor a prova eloqüente disto em Mr. John Read.*

HENRIQUE - *Ah! o senhor também tem um idéia?*

TEODORO - *E que idéia! Um ideáo! Encanar cajuadas em toda a cidade e dar-nos excelente caldo dessa deliciosa fruta a dois vinténs o copo.*

HENRIQUE - *Tiens, vraiment, que c'est bon ça! Mais c'est difficile pour encanar cajuades dans cette ville!*

JOHN - *Processa está perfeitamente estudada. Mim pode explica a você, porque tem segreda que eu só conhece e mim está arranja tudo muito bem.*

HENRIQUE - *Doit être un machinisme très complicade!*

JOHN - Machinisma muito fácil. Mim coloca aparelha no Ponta de Caju. As cajus são colocadas em uma reservatória e daí conduz fruta perfeitamente madura por um roda a uma ponta dada! Neste ponta mim estar faze uma sistema de guilhotine, que logo que a caju presenta seu cabeça arranca o castanha em três tempos. O castanha separada da caju cai em uma tubo que vai ter a uma outra reservatória. Caju passa então por grandes cilindras, é espremida perfeitamente, retirada todo o calda, a bagaça fica para uma lada, e o líquida vai para uma caldeira, onde, por uma machinisma especial, entra o açúcar e água necessária para o tempera. Depois de fervida tudo isso, para não fica picada, passa para destilador, sai todos os porcarias de caju, e vai por uma tubo para o caixa matriz. Daí é distribuída em encanamentas de barro...

HENRIQUE - Como dans la compagnie City Improvements?

JOHN - Oh! Yess.

HENRIQUE - Mais c'est une maravilhe. E precise entretante recomendar de botar sempre água no recipiente, que é para não deixar sair cheiro de caju.

TEODORO - É um ideão!

JOHN - Em cada esquina há um pilastra com um torneira e uma pequena caixão para mete dentro dele vendedor de caju. Cada cajuada custa duas vinténs.

HENRIQUE - Deve ser une empresa três lucrative.

TEODORO - É um negócio da China.

JOHN - Já tem minhas cálculos tudo feito. Rio de Janeiro tem quatracentas mil almas; desses quatracentas, cinquenta mil bebe caju. Cinquenta mil na razão de quarenta réis prefaz quantia de duas contas de réis por dia. Tem ainda mais. Ninguém bebe caju sem apresenta cartáo. Mim calcula emissão de dez contas de réis de cartáo por dia. Neste emissão com os cartáos que perde, o jura do dinheiro, cartáo que mim non paga, porque diz que é falsa, fica mais com uma conto de réis por dia; com as duas contos acima faz trez, e mim pode faze na fim de ana mil e tantas contos.

TEODORO - E então?!

HENRIQUE - Eu tem também autre idée, senhor, que me há de ainda tornar célèbre dans tout le monde.

TEODORO - Só o Brasil nada inventa, nada descobre!

HENRIQUE - *Eu, senhor, eu acaba de descobrir la direction du balon aéreostatique.*

JOHN - *Oh! non pode!*

HENRIQUE - *Eu vai comunicar ao senhor meu segrede, que é precise ainda estudar.*

TEODORO - *Até onde vão esses homens!*

HENRIQUE - *La direction du balon aérostati que, senhor, é o cousa mais facile deste mundo. Supóe vosmecê (Segurando na cabeça de John) que isto é o terra.*

JOHN *(Com dignidade)* - *Minha cabeça non estar globe terraque. Si voucê quer demonstra idéia, segura em sua chapéu.*

HENRIQUE - *Non é precise zangar, senhor. (Segurando em seu chapéu). Supõe vosmecê que isto é o terra. Ora, senhor sabe que o terre está constantemente girando. O senhor quer ir au Chine, par exemple, não tem mais que sóbe cô balon a uma certe altura; fica lá parade, e esperra que o Chine passe. Quando vosmecê aviste o Chine desce tout de suite, e assim em muito pouco tempo pode viajar tout le monde.*

TEODORO - *É assombroso!*

JOHN - *Non póde! non póde!*

TEODORO *(À parte)* - *Vejamos agora os dois.*

JOHN - *Eu vai explica a voucê que non póde. Mim estar uma vez com a cabeça doenta, cidade todo anda à roda, e mim espera n'uma canto que meu porta passa para mete chave. Mim fica na mesma lugar, e porta non passe. Baláo não póde cai no Chine.*

HENRIQUE - *Vossa Senhoria há de ver.*

JOHN *(Baixo a Teodoro.)* - *Mim precisa fala. em particular com voucê sobre privilegia de caju. O negócio há de ser decedida este semana.*

TEODORO *(A Henrique)* - *Monsiú, esta casa é sua, pode. ficar aqui ou entrar; esteja como lhe aprouver.*

HENRIQUE - *Si eu encomode Vossa Senhorrie eu vai me embora.*

TEODORO - Não, senhor, há de ficar para jantar conosco e dar-nos, todas as vezes que quiser, o prazer de sua amável companhia. Eu vou chamar minha filha. Fique aqui conversando com ela, enquanto trato um negócio importante com este senhor. *(Gritando para dentro)* Henriqueta? Ó Henriqueta?

HENRIQUE - *É muita bondade de Vossa Senhorrie.*

CENA VIII

OS MESMOS e HENRIQUETA

HENRIQUETA - Meu pai chamou-me?

TEODORO *(Apresentando Henriqueta)* - Minha filha.

HENRIQUE - *Bon jour, mademoiselle, comment vous portez vous? O senhor tem uma filha trop interessante. (John lança um olhar de ciúme para Henrique)*

TEODORO - Entretém este senhor, que nós já voltamos. *(Sai com John)*

CENA IX

HENRIQUE e HENRIQUETA

HENRIQUETA *(À parte)* - O que hei de dizer a este mono? *(Henrique vai pé ante pé examinar as portas)* O que é isto, senhor?

HENRIQUE - Sciu!

HENRIQUETA *(Assustada)* - Eu grito.

HENRIQUE - Sciu! *(Segura na cintura de Henriqueta)*

HENRIQUETA - Deixe-me.

HENRIQUE - Não te assustes, sou eu. *(Tira as barbas)*

HENRIQUETA - Henrique!

HENRIQUE - Sim, sou eu, o teu Henrique, disfarçado em francês pomadista. Teu pai recebeu-me de braços abertos, porque disse-lhe que tinha nascido na rua do Chateau Margot, vendi-lhe pomada por muito tempo, convidou-me para jantar e aqui instalou-me sem perguntar-me sequer o nome.

HENRIQUETA - O que pretendes fazer agora?

HENRIQUE - Não sei em que acabará esta comédia; mas tenho fé que a minha idéia há de ser bem sucedida. Olha, Henriqueta, se eu te pedisse a mão na qualidade de francês?

HENRIQUETA - Nada conseguirias.

HENRIQUE - Pois bem, mas consigo, em todo o caso uma coisa.

HENRIQUETA - O que é?

HENRIQUE - Provocar o meu rival.

HENRIQUETA - Henrique, tu deliras!

HENRIQUE - Não, Henriqueta, estou em perfeito uso de razão. O inglês saiu daqui meio atravessado com a idéia de ficarmos a sós, eu aumentei ainda a aflição ao aflito, dizendo a teu pai que tu eras muito interessante. Não dou um segundo que o ousado bretão não esteja aqui de sentinela.

HENRIQUETA - Vai-te embora.

HENRIQUE - Daqui não sairei.

CENA X

OS MESMOS e JOHN

JOHN (*Dentro*) - *Mim já volta; só um instanta.*

HENRIQUE - *Aí vem o inglês. (Põe as barbas) Je vous adore, mademoiselle! (Ajoelha-se aos pés de Henriqueta e beija-lhe as mãos). Oh, je vous aime! (Henriqueta procura esquivar-se)*

JOHN (*Entrando*) - *Desafôra!*

HENRIQUE - *Qu'est ce que o senhor tem com isso?*

JOHN - *O que eu tem com issa?... Eu vai já te ensina. (Forma um soco)*

HENRIQUE - *Atira soco, patife. (John vai dar um soco, Henrique dá-lhe uma cabeçada que o lança ao chão. À parte) Esta é legítima brasileira.*

HENRIQUETA - *Meus senhores, por piedade!*

JOHN - *Deixa mim ensina francês. (Dá um outro soco que é correspondido com outra cabeçada)*

HENRIQUETA - Meu pai? Meu pai?

CENA XI

JOHN, HENRIQUE, HENRIQUETA e TEODORO

TEODORO - O que é isto, senhores?!

JOHN - *Mim encontra este francês aos pés de filha de você, mim vai dar-lhe um soco, e ele mete cabeça em mim.*

HENRIQUE - *Eu repele l'aggression, que senhor me faz; mais je suis un français de bone famille, eu desafia senhor para uma duelo.*

JOHN - *Mim aceita duelo.*

TEODORO - Muito bem; procedem com a dignidade de estrangeiros ofendidos. Infelizmente não temos essas práticas. Mr. John, eu serei seu padrinho.

HENRIQUE - *Au toque d'aragon eu estarei no Matadouro com meus testemunhas.*

HENRIQUETA (*À parte*) - Meu Deus!

JOHN - *Mas mim ainda não sabe sua nome!*

TEODORO - É verdade, o seu nome?

HENRIQUE - *Ernesto Guillaume, membre de la société higienique des parfumistes de Paris, president de l'Association du cosmetique bleu, sócio honoraire de la société cheval de Bronze, condecorado com a orde de la fleur du thé de la Chine.*

JOHN (*Sobressaltado*) - *Ernesto Guillaume? Você estar mora em Pariz?!*

HENRIQUE (*À parte*) - O meu nome sobressalta o inglês! Aqui há mistério. (*Alto*) *A Paris, senhor.*

JOHN - Na rua de S. Honoré?

HENRIQUE - Isso mesmo.

JOHN - Número vinte?

HENRIQUE - Número vinte. (*À parte*) Oh! a Providência! Parece-me que ela me guia os passos.

JOHN - Número vinte?

HENRIQUE - *Eu já disse ô senhor que sim. (À parte) Vou já saber de tudo. (Alto) Eu conhece o senhor perfeitamente, senhor não me embace.*

JOHN (*Baixo*) - Cala sua boca, não me compromete.

HENRIQUE (*À parte*) - Bravo!

JOHN (*Para Teodoro e Henriqueta*) - *Mim precisa fala sozinha com este senhor.*

TEODORO (*À parte*) - *Aqui há grande mistério. (Sai Henriqueta. Teodoro finge que sai e fica a espreitar)*

CENA XII

HENRIQUE, JOHN e TEODORO

HENRIQUE (*À parte*) - *Vou dar por paus e por pedras, para chegar ao conhecimento disto. (Alto) Eu conhece ô senhor muito bem.*

JOHN - *Não fala alta.*

HENRIQUE - *Há de falar, e diz que senhor é um grande tratante.*

JOHN - *Mas você não é dono de casa; mim não tem estada ainda em Pariz, mas dono de casa tem estada comigo em Liverpool.*

HENRIQUE (*À parte*) - *Que diabo de embrulhada!... (Alto) Eu já disse que conhece o senhor perfeitamente.*

JOHN - *Mim deve, senhor, mim não nega este grande dívida; mas mim paga.*

HENRIQUE (*À parte*) - *Oh, agora compreendo tudo! Dei por fatalidade o nome de uma casa comercial em Paris, onde este patife deve muito dinheiro. (Alto) Sim, senhor, sabe o senhor que je suis o irmon do dono deste case, e que vem diretamente au Brésil por cobrar este dívida. Quando je suis entré ici, foi por apanhar o senhor, e eu não sai daqui, sem dinheiro contade.*

JOHN - *Fala baixo. Escuta. Mim estar casa com este menina, ela traz muita dinheira de dote, eu arranja inda dinheira de brasileira com minha privilégio, e paga tudo a voucê.*

TEODORO (*À parte*) - Que ouço!

HENRIQUE (*À parte*) - *Ó tratante! (Alto) Eu não quero palavra de senhor, senhor já falta su palavra quando promete a meu irmon de pagar, e eu quero garantia.*

TEODORO (*À parte*) - É impossível que eu não esteja sonhando.

JOHN - *Que quer que eu faz?...*

HENRIQUE - *Escreve no papel isso que senhor diz, e eu esperro.*

JOHN - *Non, mim não escreve nada.*

HENRIQUE - *Então bote pra cá dinheiro.*

TEODORO (*Vindo à cena*) - Não é necessário escrever, eu ouvi tudo.

JOHN - Oh!

HENRIQUE (*À parte*) - Obrigado, Senhora Dona Providência!

TEODORO - Saia desta casa, senhor.

JOHN - *Voucê não tem nada com minha negocia particular com esta sujeito. Voucê me dar mão de sua filha, eu casa com ela. Mim estar home de bem.*

TEODORO - Homem de bem! Você é um grandíssimo patife, que veio aqui enganar-me com cajuadas para apanhar o dinheiro da pequena.

JOHN - *Espera uma pouca, eu quer fala.*

TEODORO - Saia, já lhe disse.

JOHN - *Arranja ao menos minha negocia, e mim fica muito contente com voucê.*

TEODORO (*Como procurando um pau*) - O que eu vou arranjar é um cacete para obrigá-lo a sair.

JOHN (*À parte*) - *Mim foga amanhã de cidade, e fica livre de credor. (Toma a chapéu e sai correndo)*

TEODORO (*Para Henrique*) - E você também o que faz ainda aqui?

HENRIQUE - *Mr. Theodore Passion, je demande la mam de mademoiselle Henriette.*

TEODORO - O quê? Rua, rua, senhor. Nenhum de vocês me engoda mais.

HENRIQUE - *Senhor non tem dirreito de me despede de sua casa sem consultar primeiro vontade de sa filha.*

TEODORO - Eu tenho o direito de lhe rachar até a cabeça agora mesmo.

HENRIQUE - *Fala com mademoiseile, senhor. (Falando para dentro) Faz favor, mademoiseile. Mademoiselle Henriette?*

CENA XIII

TEODORO, HENRIQUETA e HENRIQUE

HENRIQUETA (*À parte*) - O que terá havido, meu Deus! HENRIQUE - *Eu pede seu mão a seu pai, e precisa de seu consentimento, senhora.*

HENRIQUETA - Se for do gosto de meu pai casar-me-ei com o senhor.

TEODORO - Nunca! Nesta casa não há de entrar mais tratante algum. Consinto no teu casamento com o Senhor Henrique. Quanto ao senhor, suma-se.

HENRIQUE (*Tirando as barbas e com voz natural*) - Muito obrigado, Senhor Teodoro Paixão.

TEODORO - Pois era o senhor?!

HENRIQUE - É verdade; um brasileiro, ainda quando nenhum préstimo tenha, serve ao menos para desmascarar um tratante. Receba calado esta lição, e aprenda a respeitar a terra das bananas e palmeiras, onde canta o sabiá. Deite-nos a sua bênção.

TEODORO (*Abençoando-os*) - Deus os faça santos.

HENRIQUE - *Merci, Mr. Theodore Passion.*

FIM

TIPOS DA ATUALIDADE

(O BARÃO DA CUTIA)
COMÉDIA EM TRÊS ATOS

PERSONAGENS

BARÃO DA CUTIA - 50 anos
GASPARINO DE MENDONÇA - 25 anos
DOUTOR CARLOS DE BRITO - 26 anos
DONA ANA DE LEMOS, mãe de - 40 anos
MARIQUINHAS - 17 anos
PORFÍRIA DE MENDONÇA - 70 anos

A ação passa-se no Rio de Janeiro.

Atualidade.

ATO PRIMEIRO

A cena representa urna sala mobiliada com gosto: no fundo portas que dão para um jardim; à esquerda uma janela, portas laterais, etc.

CENA I

MARIQUINHAS e DONA ANA DE LEMOS

MARIQUINHAS (*Encostada à janela*) - Que bela tarde, mamãe. E bem provável que o Senhor Carlos venha hoje fazer-nos uma visita. Há tanto tempo que ele não aparece; talvez que esteja doente.

D. ANA - Tomas tanto interesse pelo Senhor Carlos, Mariquinhas.

MARIQUINHAS (*Saindo da janela e sentando-se defronte de D. Ana*) - Engana-se, mamãe: estimo-o apenas como se pode estimar um moço de belas qualidades e de fina educação. O Senhor Carlos foi-nos apresentado em uma das partidas do Clube, e estou bem certa que vosmecê não lhe ofereceria a sua casa, se não visse nele um moço delicado e da alta sociedade.

D. ANA - Não duvido, minha filha; porém seria melhor que te ocupasses mais com os teus bordados, com as tuas músicas e os teus desenhos, do que com o Senhor Carlos.

MARIQUINHAS - Pois bem, mamãe, não falarei mais nele.

D. ANA - Escuta, Mariquinhas; não te zangues, tu ainda estás muito criança e pouca experiência tens do mundo; estás numa idade em que te deixas levar mais pela paixão do que pela razão. O Senhor Carlos tem transformado essa cabecinha: viste-o pela primeira vez no Clube, e desde então tenho reparado que é ele o objeto constante de tuas conversações. Tu já o amas, Mariquinhas; não me negues. E sendo assim, pergunto-te eu agora: o que pretendes com esse namoro? Casar com o Senhor Carlos? Esperas fazer a sua felicidade, unindo-te a um doutorzinho em medicina, que agora começa a sua carreira, e cuja fortuna consiste em um diploma?

MARIQUINHAS - Mas, minha mãe, o Senhor Carlos é um moço inteligente e estudioso, e com o seu diploma poderá em breve sustentar a dignidade de sua posição.

D. ANA - Dignidade de posição! Que posição tem um doutor em medicina? Bem digo eu que a senhora está com essa cabecinha virada. Diga-me, Senhora Dona Mariquinhas, quando eu me casei com seu pai, que Deus tenha em sua Santa Glória, não era ele um homem respeitável pela sua posição? e era porventura seu pai formado em medicina? seu pai foi negociante na rua do Rosário, e negociante muito honrado. Se veio para o Brasil sem posição, soube elevar-se com o suor de seu trabalho, tanto que freqüentou depois as melhores sociedades, e foi estimado de todos.

MARIQUINHAS - Mas, minha mãe, acredite vosmecê que, se meu pai era estimado de todos, como acaba de dizer, não era unicamente pelos seus belos olhos, mas sim por causa do dinheiro que tinha.

D. ANA - Justamente! chegou a senhora onde eu queria chegar. Seu pai tinha dinheiro, e foi o dinheiro que lhe deu posição. Enquanto ele era caixeiro, ninguém lhe deu importância; mas depois a senhora bem sabe que o dinheiro granjeou-lhe uma comenda, que o dinheiro abriu-lhe as portas das melhores sociedades, e que finalmente o dinheiro deu-lhe consideração e importância. Eu não quero portanto namoro em minha casa: quando for ocasião arranjar-lhe-ei um negociante honrado, ou algum homem sisudo para fazer a sua felicidade. Deixe-se de doutorzinhos.

MARIQUINHAS - Pois bem, mamãe, não se amofine; sujeitar-me-ei às suas vontades. (*À parte*) Pobre Carlos!

D. ANA - Seria melhor que, em lugar de pensar em namoros, fosse tocar alguma coisa ao piano para divertir sua mãe.

MARIQUINHAS (*Depois de alguma pausa*) - Vosmecê pretende ir hoje ao teatro? representa-se a *Traviata* e canta a de La Grange.

D. ANA - Hoje não posso: estou constipada, e o sereno há de fazer-me mal.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Mais esta esperança perdida! (*Alto*) mas nós vamos de carro, e vosmecê podia ir bem agasalhada... (*Ouve-se o rodar de um carro: à parte*) - É ele! sinto o coração bater, e o coração não me engana. É Carlos! (*Vai a uma das portas do fundo e encontra-se com Gasparino, que faz-lhe uma grande cortesia*)

CENA II

AS MESMAS e GASPARINO

GASPARINO - É um humilde criado de Vossa Excelência.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Que maçante!

GASPARINO (*Dirigindo-se a D. Ana faz-lhe outra cortesia*) - Tenho a honra de fazer os meus sinceros cumprimentos à Senhora Dona Ana de Lemos.

D. ANA - Ora viva, Senhor Gasparino. Pensei que já se tivesse esquecido de nós, e que não quisesse mais honrar esta sua casa.

GASPARINO (*Sentando-se*) - Depois que Vossa Excelência mudou-se para o Engenho Velho, raras são as tardes e noites de que tenho podido dispor. Sócio dos Clubes Fluminense e de Botafogo, do Cassino, assinante de uma cadeira do Ginásio, de outra no Lírico, freqüentador de todas essas sociedades onde se reúne o *grand monde* faz-se necessária a minha presença nesses lugares. Às tardes costumo dar o meu passeio pelo Catete, Botafogo e São Clemente. Ultimamente mandei vir uma égua de Meklemburg, oh! que linda égua, minha senhora! Comprei um elegante faetonte... (*Mudando de tom*) Com licença, (*Indo à janela*) James! vira o carrinho, e afasta o cavalo do trilho da Maxambomba.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Oh! que bobo, meu Deus! (*Encosta-se pensativa à janela*)

GASPARINO (*Voltando-se para D. Ana*) - É necessário ter muito cuidado com aquele animal: é muito feroso e espanta-se de qualquer coisa.

D. ANA - Se quiser pode mandar entrar o carrinho para a chácara.

GASPARINO - Não é preciso, minha senhora... Mas, como ia dizendo, comprei este lindo faetonte e todas as tardes faço o meu *tour de promenade* pelas ruas mais freqüentadas da capital. Hoje quis respirar os ares do Engenho Velho, e ao mesmo tempo apreciar no campo *microscópio* do meu *pince-nez* as belas ninfas deste arrabalde.

D. ANA - Não tenciona ir depois de amanhã à partida do Clube, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Se não estiver comprometido para outros lugares...

D. ANA - A sua ausência há de ser sentida, principalmente por aquela linda menina de vestido branco que tanto ocupou sua atenção no baile passado!

GASPARINO - Quer Vossa Excelência falar-me da pérola de São Clemente? Oh! *c'est ravissanté!* tive, é verdade, um pequeno namoro de dias, mas afinal deixei-a.

D. ANA (*Rindo-se*) - Por quê, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Soube que o pai era um negociante falido, e bem vê que uma mulher sem dinheiro...

D. ANA - Entendo; o Senhor Gasparino anda à caça de um casamento rico.

GASPARINO - Um casamento rico, minha senhora, é na minha opinião um emprego mais vantajoso do que outros tantos que por aí há. Devemos acompanhar as idéias do século; longe vão esses tempos em que o cavaleiro de espada em punho combatia pela sua dama. Já não há Romeu nem Julieta, e se ainda existe o amor platônico, como o concebeu o filósofo da antiguidade, é tão somente na cabeça desses loucos que se intitulam poetas. Hoje as teorias são mais positivas.

D. ANA (*Suspirando*) - Desgraçadamente nem todos pensam assim, Senhor Gasparino. (*Para Mariquinhas*) Menina, vai tocar alguma coisa para o Senhor Gasparino ouvir.

MARIQUINHAS - O piano está muito desafinado, mamãe. (*À parte*) Este homem não nos deixará!

D. ANA - O Senhor Gasparino há de desculpar. (*Mariquinhas dirige-se ao piano para abri-lo*)

GASPARINO (*Para Mariquinhas*) - *Sans façón*, minha senhora, Vossa Excelência apreciava da janela o grato perfume das flores do seu jardim, e a queda do astro

brilhante que lá se atufa num oceano de luz na horizonte. *(Pondo a luneta)* Oh! *c'est magnifique!* É um quadro digno do pincel o mais inspirado.

MARIQUINHAS - O Senhor Gasparino sabe desenhar?

GASPARINO - Alguma coisa, minha senhora, o meu pincel não é lá dos melhores. *(Ouve-se o toque da corneta da Maxambomba, e em seguida um rumor surdo de carro)*

MARIQUINHAS *(À parte)* - Oh! sem dúvida é Carlos. *(Alto. Dirige-se à janela)* Oh! mamãe, lá caiu um homem da Maxambomba; está todo sujo de poeira, coitado; levantou-se e dirige-se para aqui.

D. ANA *(Indo ao fundo)* - Machucar-se-ia? coitado!

GASPARINO *(Pondo a luneta)* - É uma figura antediluviana!

CENA III

OS MESMOS e o BARÃO DA CUTIA

BARÃO *(Entra todo sujo de poeira, sacudindo a roupa)* - É aqui que mora a Senhora Dona Ana de Lemos?

D. ANA *(Fazendo uma cortesia)* - É esta sua criada: queira ter a bondade de sentar-se.

MARIQUINHAS *(À parte)* - O que quererá este homem!

GASPARINO *(À parte)* - É uma figura antediluviana, não retiro a expressão. *(Dirige-se ao espelho, torce o bigode e arranja os colarinhos e a gravata)*

BARÃO *(Sentando-se, fica por algum tempo atrapalhado com o chapéu e a bengala, e um maço de cartas que tira do bolso)* - Trago esta carta de São Paulo para Vossa Senhoria.

GASPARINO *(À parte)* - Vossa Senhoria? Isto é coisa muito ordinária, não tem dúvida.

D. ANA *(Recebendo a carta)* - Com licença, *(Abre-a lendo)* "Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Dona Ana de Lemos. São Paulo, etc. A maneira obsequiosa e delicada com que Vossa Excelência se dignou tratar-me durante o tempo que estive em sua amável companhia, animou-me a utilizar-me ainda de

seu valioso préstimo, apresentando a Vossa Excelência, por meio desta, o meu sincero amigo e companheiro de infância, o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais ricos fazendeiros desta Província... (*Procurando a assinatura*) Seu Venerador e Criado. - Prudêncio Augusto de Villas-Boas". - (*Para o Barão*) Oh! Senhor Barão, dê-me o seu chapéu e a sua bengala. (*Para Mariquinhas*) Menina, venha cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia. (*Mariquinhas faz uma grande cortesia ao Barão*)

D. ANA - O Senhor Gasparino de Mendonça, 1º Oficial da Secretaria da Justiça, moço delicado e distinto que dá-nos a honra de freqüentar esta nossa casa. (*Mudando de tom*) Vossa Excelência deve estar bastante machucado com a queda que acaba de dar, e um cálice de licor talvez lhe faça bem. Menina, manda trazer licor para o Senhor Barão. (*Mariquinhas sai pela direita*)

BARÃO - Não se incomode, minha senhora: sofri apenas um pequeno abalo. Aqueles carros têm esse inconveniente; cada vez me convenço mais de que não há nada como uma boa besta.

GASPARINO - Pois quando Vossa Excelência quiser utilizar-se da minha égua de Meklemburgo, está muito a seu dispor.

BARÃO - Eu prefiro uma boa besta. Em São Paulo tenho uma burra branca que é uma rede; foi um presente que deu-me no dia de meus anos o Juiz de Paz da Cutia: custou-lhe na feira de Sorocaba 500\$000 réis. Oh! que lindo animal! é meter-se-lhe as esporas, e a mulinha sai pela estrada que é um regalo.

D. ANA - Vossa Excelência é a primeira vez que vem ao Rio?

BARÃO - É verdade, minha senhora.

GASPARINO - E como tem achado Vossa Excelência o Rio de Janeiro?

BARÃO - Para falar com franqueza prefiro viver em São Paulo. Aqui vive um homem constrangido, e constantemente a suar: olhe, ontem mudei três camisas, e assim mesmo ainda suava como um alambique de engenho! lá no meu sítio da Cutia, aquilo sim, é que era viver; não andava metido numa casaca de pano preto, como estou agora: com o meu chapéu de palha, o meu paletó branco, e as minhas calças de enfiar, percorria aquilo tudo, como se estivesse em minha casa. Não há nada que pague a minha comodidade. Não tinha distrações, é verdade; mas quando queria divertir-me, montava na minha burra branca, e ia a São Paulo. (*Entra uma negra com um licoreiro e oferece ao Barão*)

D. ANA (*Enche um cálice e oferece ao Barão*) - Beba deste licor, Senhor Barão, que lhe há de fazer bem: é legítimo Curaçáo.

BARÃO (*Acabando de beber, dá um grande estalo com a boca*) - Não é mau, minha senhora, Vossa Senhoria já bebeu garapa de Santo Amaro?

GASPARINO (*À parte*) - Garapa! *Qu'est ce que c'est que ça!*

D. ANA - Ainda não, Senhor Barão.

BARÃO - Pois é pena, minha senhora, é uma bebida muito saborosa, principalmente quando está um pouco picada. Eu prefiro-a ao licor.

D. ANA - Desculpando a minha indiscrição, Senhor Barão, Vossa Excelência é casado?

BARÃO (*Suspirando*) - Sou viúvo, minha senhora: há quatro anos que morreu a minha cara Inês.

GASPARINO (*À parte*) - Que formoso D. Pedro!

BARÃO - Deus a tenha em sua Santa Glória.

D. ANA (*À parte*) - Um Barão... viúvo e um dos mais ricos fazendeiros da Província... (*Alto*) A fazenda de Vossa Excelência é mesmo na Cutia?

BARÃO - Tenho duas, minha senhora, uma em Itu, e outra em Porto-Feliz, e além do sítio da Cutia, tenho outra no Senhor Bom-Jesus de Pirapora, onde vou todos os anos passar a festa. O lugar da minha residência é na Cutia, onde sou o eleitor mais votado, e prefiro-o por ser mais perto de São Paulo.

GASPARINO - Mesmo porque Vossa Excelência deve estar relacionado com as pessoas mais gradas da Capital.

D. ANA (*À parte*) - Duas fazendas! (*Alto*) Mariquinhas? Mariquinhas?

CENA IV

OS MESMOS e MARIQUINHAS

MARIQUINHAS - Quer alguma coisa, mamãe?

D. ANA (*Indicando uma cadeira*) - Sente-se aqui, e converse com o Senhor Barão.

MARIQUINHAS (*Sentando-se; à parte*) - Que maçada!

BARÃO (*Fica algum tempo atrapalhado sem saber o que há de dizer*) - Que idade tem, Sinhá? (*Mariquinhas abaixa os olhos*)

D. ANA - Responda, menina; não se faça de tola; não vê que o Senhor Barão pergunta que idade tem.

MARIQUINHAS - Dezesete anos.

BARÃO - É justamente a idade da minha... (*À parte*) Oh! que diabo de asneira ia eu dizer. (*Alto*) Sim... quero dizer.

MARIQUINHAS (*Á parte*) - Que malcriado!

GASPARINO (*À parte*) - *C'est trop fort!*

D. ANA - Não é por ser minha filha, Senhor Barão; esta menina é muito inteligente e muito prendada: saiu há dois anos do Colégio, e tem tido uma educação completa; toca muito bem piano, canta, desenha, fala o francês e o inglês... (*Mudando de tom*) Olhe, quer ver, Senhor Barão? (*Para Mariquinhas*) Menina, conversa um pouco em francês com o Senhor Gasparino para o Senhor Barão ouvir. (*Para Gasparino*) Faz favor, Senhor Gasparino.

GASPARINO - Pois não, minha senhora. (*Refletindo*) *Est ce que vous allez ao Théâtre aujourd'hui, mademoiselle?*

D. ANA - Não responde, menina? (*Para o Barão*) Tenho-me esmerado com a sua educação, Senhor Barão, e no entretanto é isto que vê!

BARÃO - Ela tem cara de ser espertinha; mas eu aprecio mais uma boa dona de casa: a minha Inês! aquilo sim, é que era uma verdadeira mulher: ela mesma assistia a deitar-se o milho de molho, a recolher o gado, trazia a casa sempre com muita ordem... enfim, era uma verdadeira mulher!

GASPARINO (*Á parte*) - O tal Barão ainda está um pouco peludo: eu me encarregarei de civilizá-lo.

D. ANA - Mas isso não a impede de vir a ser uma boa dona de casa, Senhor Barão.

BARÃO - Não duvido, minha senhora; mas a educação moderna é muito mais perigosa.

D. ANA - Mudando de assunto, Senhor Barão, onde Vossa Excelência está morando?

BARÃO - Na rua Direita, casa comercial de *Azevedo & Cia.*

D. ANA - Excusado é dizer a Vossa Excelência que esta casa está sempre ao seu dispor e que tudo quanto estiver no limitado círculo de minhas forças.

GASPARINO (*Interrompendo*) - Quanto a mim, Senhor Barão, sou apenas um simples Oficial de Secretaria, mas as minhas relações nesta Capital, uma tal ou qual influência que exerço entre as famílias as mais importantes, a longa experiência que tenho adquirido nos salões da Corte, são considerações bastantes para a apresentação de Vossa Excelência no *grand monde*.

BARÃO - O *grão monde*? É alguma sociedade de baile? Em São Paulo também há uma chamada - Concórdia.

GASPARINO (*Rindo-se*) - Vossa Excelência entendeu mal.

BARÃO - Pois, minha senhora, Vossa Senhoria há de consentir que eu me retire. Ainda tenho que fazer algumas visitas.

D. ANA - Já, Senhor Barão? Não seria melhor darmos um passeio pela chácara, enquanto eu mando aprontar o carro para conduzir Vossa Excelência à cidade?

GASPARINO - Não se incomode, minha senhora, o Senhor Barão há de dar-me a honra de ocupar por momentos a almofada esquerda do meu faetonte. É um lindo carrinho, *tout á fait chie*, puxado por uma das mais lindas éguas que têm vindo ao Brasil.

BARÃO (*Levantando-se*) - Estou por tudo que quiserem.

D. ANA - Se não é incômodo para Vossa Excelência, podemos dar o nosso passeio pela chácara. (*Designando uma das portas do fundo*) Quero ter o prazer de oferecer-lhe um ramalhete das mais belas flores do meu jardim. (*Saem todos pela porta do fundo, depois de ter Gasparino instado com o Barão para que saia primeiro*)

CENA V

MARIQUINHAS, só

Graças a Deus que estou só. Minha mãe há de estar sem dúvida enfadada, por não ter ido acompanhar à chácara o tal Senhor Barão da Cutia, que, seja dito entre parêntesis, é bem malcriado! Esta nossa casa está se tornando presentemente um museu de raridades: até agora tínhamos o Senhor Gasparino com os seus bigodes retorcidos, com o seu catálogo de conquistas e

ultimamente com a sua égua de Meklemburgo; dora em diante teremos o Senhor Barão da Cutia; e que nome tão implicante - Barão da Cutia -. (*Indo à janela*) E Carlos há uma semana que não aparece, ele que tão repetidas vezes freqüentava a nossa casa; está sem dúvida ao lado de outra fazendo os mesmos juramentos e protestos de amor, que tantas vezes me dirigiu. E acredite uma moça em juramentos de amor! Também eu juro que a primeira vez que ele por aqui aparecer, hei de recebê-lo com o maior indiferentismo. Já estou quase achando razão em minha mãe. (*Senta-se pensativa*)

CENA VI

MARIQUINHAS e CARLOS

CARLOS (*Entrando pelo fundo, à parte*) - Só! Seja-me ao menos permitido depois de tantos dias de ausência, gozar de alguns momentos da ventura. (*Alto, dirige-se para Mariquinhas, e pára atrás da cadeira*) Em que pensa? (*Mariquinhas assusta-se e levanta-se*) Perdão se vim cortar o doce fio dos seus pensamentos.

MARIQUINHAS (*Cumprimentando-o*) - Senhor Doutor Carlos.

CARLOS - O título de Doutor, minha senhora, procurei-o unicamente para satisfazer as vaidades e caprichos deste século em que vivemos: é a primeira vez, depois de dois meses, dois meses que resumem toda a minha existência, que o recebo de seus lábios: não sei por que me trata assim!

MARIQUINHAS - Não faço mais do que dar-lhe o tratamento que tem. (*Senta-se, tira uma flor dos cabelos, e começa a desfolhá-la*)

CARLOS (*Á parte*) - São arrufos. (*Alto*) A senhora sua mãe não está em casa?

MARIQUINHAS - Está passeando pela chácara com o Senhor Gasparino, e um Barão que chegou de São Paulo.

CARLOS - Sem dúvida é o tal Barão a causa da indiferença com que me recebe depois de tantos dias de ausência, não?

MARIQUINHAS - Dias talvez bem agradáveis para o senhor!

CARLOS - Há de permitir que lhe diga que não a compreendo.

MARIQUINHAS - Nem eu.

CARLOS - Minha senhora, em tudo isto há um mistério, filho talvez de alguma intriga baixa e mesquinha. Em nome desse amor tão puro e santo que lhe

consagro, peço-lhe que mo explique. (*Mariquinhas continua a desfolhar a flor*) Oh! não responde. (*Mudando de tom*) Eu me retiro, minha senhora. Não quero importuná-la mais. Vossa Excelência esqueceu o passado, e é justo que sufoque no peito as esperanças que acalentei. Duas únicas ambições tenho eu tido em minha vida: a primeira, o meu sonho dourado desde os mais tenros anos, consegui realizá-lo à custa de sacrifícios e de lágrimas de sangue: é esse o título que hoje me enobrece; a segunda... oh! foi um sonho! (*Mudando de tom*) Adeus, minha senhora.

MARIQUINHAS (*Levantando-se*) - Escuta, Carlos: acusas-me de ingrata, quando devia ser eu a primeira a fazê-lo. Já não és o mesmo de outrora! Já não freqüentas a nossa casa como dantes, e hoje tenho notado que já não procuras aquela que parecia ser o único objeto de teus pensamentos! É justo: talvez outras ilusões...

CARLOS - Oh! não continues, Mariquinhas: não podes avaliar o quanto me custa viver longe de ti. Amo-te muito, amo-te como se pode amar pela primeira vez na vida, e é esse mesmo amor tão santo que me aparta de ti. Sei das intenções de tua mãe, e é preciso que eu mate esta paixão, já que não posso fazer a tua felicidade! Além disso, se eu freqüentar a tua casa constantemente, o que dirá o mundo?

MARIQUINHAS - Que nos amamos, Carlos; e o mundo respeitará nossas crenças, porque elas são as crenças de um primeiro amor.

CARLOS - Mas infelizmente o mundo não as compreende. Ele calca aos pés os sentimentos mais puros, e não duvida mesmo ferir-nos no que temos de mais caro; Sabes o que por aí se diz? Que um homem, a quem a sociedade respeita, porque infelizmente ela só olha para as aparências, vai em breve alcançar a tua mão!

MARIQUINHAS - Quem, Carlos? Oh! dize-me, eu te peço, quem é esse homem?

CARLOS - O Senhor Gasparino de Mendonça.

MARIQUINHAS - E tu acreditaste?!

CARLOS - Conheço-te bastante para te supor capaz de amar um tal homem! Educada nos salões, sei que não te deixas levar por seu falso e pomposo brilho: poderias amar uma fronte pálida, que trai um coração ébrio de vida e de esperança, mas nunca uma caricatura da imagem de Deus, um personagem ridículo de comédia, que consulta ao espelho a melhor maneira de entrar em um salão.

MARIQUINHAS - Eu odeio esse homem, Carlos, e juro-te que, se alguma esperança ele nutre por mim, há de por força odiar-me.

CARLOS - Creio-te, Mariquinhas, agora vê se te amo. (*Ouve-se passos de quem sobe a escada*)

MARIQUINHAS - Sinto passos: é minha mãe. (*Sentam-se e fingem conversar*)

CENA VII

OS MESMOS, BARÃO, D. ANA e GASPARINO

GASPARINO (*Pondo uma cravina no peito*) - É uma bela chácara.

BARÃO (*Com um ramo de flores*) - E está muito bem plantada. Que excelente capim tem Vossa Senhoria nos fundos!

CARLOS (*Para D. Ana*) - Minha senhora. (*Faz um cumprimento*)

D. ANA - Como tem passado, Senhor Doutor Carlos?

GASPARINO (*À parte*) - Mau, já não estou aqui muito bem; a presença deste homem faz-me mal aos nervos; sabe-me da crônica, e é o diabo.

D. ANA (*Para o Barão*) - Apresento a Vossa Excelência o Senhor Doutor Carlos de Brito, um dos moços que faz o favor de freqüentar a nossa casa. (*Para Carlos*) É o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

CARLOS (*Cumprimentando-o*) - Tenho muita honra e prazer em conhecer a Vossa Excelência.

GASPARINO (*Que durante esse tempo passeia aflito, vê as horas*) - Senhor Barão, quando Vossa Excelência quiser retirar-se, estou às suas ordens.

BARÃO - Vamos, meu amigo, porque já estou alagado em suor, e quero mudar a camisa. Que calor!

GASPARINO - *C'est vrai, bien chaud.*

BARÃO - Homem, diga-me uma coisa, naquele seu carrinho não há perigo de cair-se? é tão pequenino! As rodas parecem de piaçaba! Eu já estou escarmentado com o tal *Puxa-bomba, Saca-bomba, Mete-bomba, Vira-bomba*, ou o diabo que o carregue.

GASPARINO - Vossa Excelência engana-se, aquilo é um carrinho que reúne a elegância à consistência. E o que se chama um verdadeiro faetonte.

BARÃO (*Para D. Ana*) - Minha senhora, vou penhorado pelas maneiras afáveis com que Vossa Senhoria tratou-me; se precisar de qualquer coisa, lá estou na rua Direita nº 54.

D. ANA (*Fazendo uma cortesia*) - Só o que desejo, Senhor Barão, é que Vossa Excelência continue a vir a esta sua casa, para que eu possa ter o prazer de passar momentos tão agradáveis em sua amável companhia.

GASPARINO (*Indo ao fundo*) - James, volta o carrinho. (*Voltando e dirigindo-se ao Barão*) Vamos pela rua Nova do Imperador, o passeio é mais poético. (*À parte*) Quero ter a honra de pentear um Barão. (*Alto, para D. Ana*) Minha senhora. (*Cumprimenta. Para Mariquinhas*) Minha senhora. (*Faz um cumprimento a Carlos e sai com o Barão*)

CENA VIII

OS MESMOS, *menos* GASPARINO e BARÃO

D. ANA - Tem estado incomodado, Senhor Doutor Carlos? há tanto tempo que não aparece.

CARLOS - Já me desculpei com Dona Mariquinhas, minha senhora: os doentes roubam-me a maior parte do tempo, e impedem-me muitas vezes de cumprir certos deveres.

D. ANA - É o inconveniente de procurar-se uma profissão tão trabalhosa, e sobre a qual pesa tão grande responsabilidade.

CARLOS - Fui levado pela vocação, minha senhora, mas infelizmente o mundo não compreende as vocações. Vale mais aos olhos da sociedade atual aquele que amontoa riquezas, embora tenha o coração corrompido e o espírito coberto de misérias, do que aquele que, pelo suor de seu trabalho e à custa de tantos sacrifícios, conquista um título que o eleva. A glória é um sonho de loucos: o mundo só olha para os fins e não atende aos meios. Voltemos aos primitivos tempos do paganismo; levante-se um altar ao deus Mercúrio e seja tudo o que o homem pode ter de mais caro e de mais sublime sacrificado nesse altar.

MARIQUINHAS (*À parte*) - E Carlos que me compromete, meu Deus!

D. ANA (*À parte*) - A tal fingida já lhe disse tudo. (*Alto*) Não é tanto assim, Senhor Doutor Carlos: a sociedade não está tão corrompida como julga e custume a crer que ainda tão jovem, já esteja tão descrente.

CARLOS - Não é descrença, minha senhora; desgraçadamente é a convicção da verdade.

D. ANA - Talvez o Senhor Doutor Carlos fale despeitado.

CARLOS - Talvez, minha senhora, o futuro mo dirá.

D. ANA - Apesar da sua descrença, crê ainda no futuro, doutor?

CARLOS (*Vendo as horas*) - Sinto bastante não poder continuar a discussão, minha senhora: é quase noite, e tenho ainda que ver dois doentes.

D. ANA - Pois não passa a noite conosco?

CARLOS - Se não fossem os doentes, com muito prazer. (*Apertando a mão de D. Ana*) Até breve, minha senhora. (*Apertando a mão de Mariquinhas*) Adeus, Dona Mariquinhas.

D. ANA - Não seja tão esquivo e continue a aparecer como dantes. (*Carlos sai*)

CENA IX

MARIQUINHAS e D. ANA

D. ANA - Agora nós, Senhora Dona Mariquinhas. Diga-me por que razão estive a senhora sozinha com esse moço, durante todo o tempo em que estive na chácara? não podia levá-lo para onde eu estava? É bonito que uma menina de sua idade converse só, horas esquecidas, com um rapaz solteiro?

MARIQUINHAS - Ele tinha chegado há pouco, mamãe, e eu ia levá-lo à chácara, quando vosmecê entrou.

D. ANA - Não minta, que eu bem vi quando ele chegou; assim como também já sei que a senhora foi meter-lhe no bico tudo quanto lhe disse há pouco relativamente ao seu futuro. Ele veio atirar-me indiretas e pedrinhas, mas engana-se, que eu bem sei o que hei de fazer. Sou capaz de apostar que a senhora não se agradou daquele homem respeitável e sisudo que aqui estive? Não é nenhum bonequinho de cheiro, nem qualquer doutorzinho!

MARIQUINHAS - Quem, mamãe? o Barão da Cutia?

D. ANA - Sim, o Barão da Cutia, que é viúvo, e um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

MARIQUINHAS (*Rindo-se*) - Ora, mamãe...

D. ANA - O que quer dizer esse - ora mamãe?

MARIQUINHAS - Quer dizer que o Barão da Cutia poderá servir para tudo neste mundo, menos para meu marido.

D. ANA - E quem é a senhora para dizer que este ou aquele não pode ser meu marido? Quem manda aqui nesta casa, Senhora Dona Mariquinhas? Uma vez por todas: a senhora há de fazer aquilo que eu quiser, e nunca aquilo que bem lhe parecer; entendeu?

MARIQUINHAS - Farei tudo o que vosmecê quiser, mas desde já previno-a, que com o tal Barão não me caso.

D. ANA - Ah! a senhora desafia-me? pois bem, veremos quem vence. Sente-se ali, e vá estudar sua lição de piano.

(CAI O PANO)

ATO SEGUNDO

O teatro representa uma sala com portas ao fundo, duas portas laterais. Um sofá, espelhos, etc. É noite.

CENA I

CARLOS e MARIQUINHAS

Ao subir do pano ouve-se a música dentro tocar uma quadrilha que continua durante todo o diálogo. Carlos e Mariquinhas entram de braço pelo fundo e passeiam pela cena.

MARIQUINHAS - Já sabes que o Senhor Gasparino casou-se, Carlos?

CARLOS - Não sabia.

MARIQUINHAS - Pois é exato: casou-se há dois meses com uma velha muito rica.

CARLOS - São casamentos da época.

MARIQUINHAS - E talvez que eles sejam bem felizes.

CARLOS - Oh! não repitas, Mariquinhas: conheço bastante tua alma para que te julgue capaz de partilhar de tais idéias. Pensas que a felicidade consiste na suntuosidade e no luxo?

MARIQUINHAS - Não, Carlos. Mas minha mãe, infelizmente, assim o entende e eu não sei o que sinto desde que esse maldito Barão apareceu em nossa casa: o coração vaticina-me que esse homem há de ser a causa da nossa desgraça; é viúvo, rico e sem filhos; e minha mãe já me deu a entender que era ele o único que poderia fazer a minha felicidade.

CARLOS - A tua felicidade!...

MARIQUINHAS - Sim, Carlos. Ultimamente o Senhor Gasparino tornou-se o seu amigo inseparável e talvez insuflado por minha mãe representa entre mim e esse homem o papel mais ridículo que pode representar um moço de educação.

CARLOS - E falas de educação, Mariquinhas? Tens razão. O Senhor Gasparino é um moço bem educado, que passa por ter mesmo as mais belas qualidades: freqüenta os salões... intermedeia nas conversações algumas frases estudadas do francês, enfim... é um moço bem educado. Inculca-se 1^o Oficial da Secretaria da Justiça e só fala em grandezas quando não passa de um simples praticante, cuja ocupação é fumar charutos e copiar ofícios. Mora no Hotel dos Estrangeiros; janta e almoça com diplomatas, diz ele, mas entretanto anda em contínua guerra com os cabeleireiros e alfaiates da rua do Ouvidor. A sua vida é um mistério. Mas a sociedade também pouco se importa com isso: acolhe-o com os braços abertos em seu seio e considera-o mesmo um dos seus filhos prediletos.

MARIQUINHAS - Mas minha mãe o recebeu em sua casa na persuasão de que ele era um moço distinto.

CARLOS - Oh! o que eu não contesto é que ele seja distinto, até bem distinto!

MARIQUINHAS - Não conversemos sobre futilidades, Carlos; deixemos o Senhor Gasparino. Estamos a sós. Estes momentos são preciosos: falemos de nós só, de nós e do nosso futuro. *(Senta-se juntamente com Carlos)* Não ignoras que este baile foi dado por minha mãe ao Barão da Cutia: minha mãe tem se desfeito em obséquios para com esse homem, leva constantemente a falar na minha educação e nas minhas prendas e é raro o dia em que não mande o carro à cidade para que ele venha passar as tardes conosco. Eu conheço perfeitamente as intenções e julgo que esta comédia, onde, bem contra minha vontade, estou

representando um papel tão importante, vai terminar como todas pelo casamento. Assim pois, só tu me poderás salvar antes que isso se realize. Jura-me, Carlos, em nome do nosso amor, que hás de cumprir um pedido que vou fazer-te.

CARLOS - Em nome do nosso amor, Mariquinhas, não duvidarei fazer os maiores sacrifícios. Dize.

MARIQUINHAS - Pois bem, pede-me quanto antes em casamento à minha mãe.

CARLOS - E julgas que o meu pedido seria atendido! Queres matar a única esperança que me acalenta, a única ilusão que me resta?

MARIQUINHAS - Eu juntarei os meus rogos aos teus, Carlos, e ela nos atenderá.

CARLOS - Acostumado desde criança aos revezes, este golpe seria o mais doloroso para mim. Deixa-me portanto viver neste doce engano porque esta ilusão é toda minha vida. Órfão de pai e mãe, desde a infância fui confiado aos cuidados de um tio bastante rico, que, incumbindo-se da minha educação, não poupou sacrifícios para sustentar-me na carreira que hoje trilho: foi um pai carinhoso e desvelado que a Providência me deparou e a quem devo tudo neste mundo. Até aqui só tenho tido lágrimas e dores, Mariquinhas, poupa-me o martírio: deixa-me viver nesta ilusão.

MARIQUINHAS - Mas, Carlos, teu tio é rico... *(Mariquinhas levanta-se e indo à direita encontra-se com Gasparino que entra com uma capa ao braço ao lado de Porfíria)*

CENA II

OS MESMOS, GASPARINO e PORFÍRIA

MARIQUINHAS *(Dando um abraço e um beijo em Porfíria)* - Chegaram tão tarde...

GASPARINO *(Tirando o relógio)* - São dez horas, é a melhor hora de entrar-se num salão: além disso a menina esteve arranjando o seu toalete. *(Olhando para Carlos, diz à parte)* Sempre este homem.

MARIQUINHAS - Não quer ir ao toalete arranjar os seus cabelos e os seus enfeites, Dona Porfíria?

PORFÍRIA - Ai... Estou muito fatigada: os balanços do carro incomodaram-me excessivamente; quero descansar um pouco. Trouxeste o meu vidrinho de água de Colônia, Gasparino?

GASPARINO - Esqueci-me, deixei-o no *boudoir*.

PORFÍRIA - Fizeste mal, menino, tu sabes que sou achacada dos nervos e a menor emoção incomoda-me.

MARIQUINHAS (*À parte*) - E diz ela que tem emoções.

PORFÍRIA - Dá-me a capa, Gasparino; estou um pouco suada e vem dali... daquela porta, uma correnteza de ar... que pode fazer-me mal.

GASPARINO - Não sejas criança, Porfíria, não vês que é uma brisa fagueira e saudável que sopra? Eu sou até de opinião que vás ao jardim respirar este ar, que há de fazer-te bem.

CARLOS (*À parte*) - Que par tão elegante!

GASPARINO - Vai arranjar o teu toalete, menina. A Senhora Dona Ana de Lemos já deve estar à nossa espera. Aqui tens a tua capa. (*Entrega a capa*) Eu vou passar um golpe de vista pelo salão.

PORFÍRIA - Estou às suas ordens, Dona Mariquinhas. (*Mariquinhas e Porfíria saem pela esquerda*)

CENA III

CARLOS *e depois o BARÃO*

CARLOS - São na realidade bem originais esses quadros da sociedade de hoje! Bem originais, palavra de honra. (*Tira um charuto e vai acendê-lo*)

BARÃO (*Entrando pelo fundo*) - Que calor, meu Deus! Se me demorasse naquela sala morria sufocado! Além disso, por meu caiporismo, meti os pés no vestido de uma moça e o reduzi a trapos: olhe que sou mesmo um desastrado!

CARLOS (*À parte*) - É o Barão: desfrutemo-lo.

BARÃO - Oh! Doutor, por aqui: não dança?

CARLOS - Gosto mais de apreciar, senhor Barão.

BARÃO - Pois olhe: eu já dancei duas quadrilhas, mas, meu amigo, custaram-me caras, porque estou alagado em suor e com uma dor de cabeça... Oh! Que dor de cabeça, doutor.

CARLOS - Padece da cabeça, senhor Barão?

BARÃO - Muito, doutor, desde o tempo de casado: parece-me que isto já é crônico, é de família. Foi uma felicidade encontrá-lo:

se pudesse dar-me um remédio...

CARLOS - As dores são periódicas?

BARÃO - Se eu tenho - periódicos? não senhor. Apenas assinante do *Correio Paulistano*.

CARLOS (*À parte*) - Que estúpido! (*Alto*) Quero dizer: se essas dores aparecem todos os dias a uma hora certa e determinada.

BARÃO - Não senhor, passo muitas vezes sem tê-las; quase sempre aparecem quando faço um grande excesso; mas no meu tempo de casado eram constantes.

CARLOS - Deixe-me ver o seu pulso. (*Apalpa o pulso*) Tenha a bondade de pôr a língua de fora. (*Barão mostra a língua*) A sua língua não está boa. (*A orquestra toca urna valsa*) Com licença, senhor Barão, vou ver se encontro um par de valsa. (*Sai apressado pelo fundo*)

BARÃO - Ó doutor! Doutor!... - A sua língua não está boa! - E esta! Que diabo terá a minha língua. (*Vai ao espelho e examina a língua*)

CENA IV

OS MESMOS e GASPARINO

GASPARINO (*Entrando pelo fundo*) - *Quel damage!* o par de valsa roeu-me a corda. (*Reparando para Barão*) O que está fazendo aí, senhor Barão?

BARÃO (*Mostrando a língua*) - Veja, (*Pausa*) a minha língua não está boa!

GASPARINO - O que quer dizer isso?

BARÃO - Disse-me o Doutor Carlos!

GASPARINO - E Vossa Excelência acredita no que dizem os médicos?

BARÃO - Oh! se acredito, meu amigo! Tenho medo desta cidade; todos os dias leio o obituário no *Jornal do Commercio* e arrepio-me diante de uma fileira de pessoas que morrem de *gastrites*, *fistrites*, ou coisa que o valha; e de uma moléstia chamada *idem, idem* que eu não sei o que seja. Estou vendo que se a tal moléstia - *idem* - continua, vou-me embora quanto antes para São Paulo. Aquilo, sim, é que é terra; aparece de vez em quando lá um ou outro caso de *bexigas* ou de *maletas*, mas isso não quer dizer nada à vista do que por aqui há.

GASPARINO - Não pense nisso, senhor Barão, Vossa Excelência está sadio e robusto. Já andei à sua procura pela sala. Saiba que ainda não pude realizar o seu negócio: trago a carta aqui no bolso, mas ainda não me foi possível estar em um *tête a tête* com a menina. Eu entendo que Vossa Excelência deve dirigir-se a ela e declarar positivamente tudo o que sente; isto de cartas compromete; as palavras convencem mais. Olhe: eu nunca escrevi à minha cara Porfíria; pinteilhe em uma ocasião a seus pés a paixão que me devorava com as cores as mais vivas, cantei ao piano um romance cheio de inspiração e de dor...

BARÃO - Então acha que eu devo... cantar!

GASPARINO - Não é de absoluta necessidade, senhor Barão; basta somente dizer que a ama, que a adora, etc., etc.

CENA V

OS MESMOS e CARLOS

CARLOS (*Aparecendo no fundo, à parte*) - Oh! O Barão e o Senhor Gasparino! Ouçamos o que eles dizem.

BARÃO - Mas, meu amigo, eu não sou o senhor, o senhor sabe essas palavras bonitas que eu não sei; ainda é moço, e pode, com facilidade, fazer uma declaração de amor.

CARLOS (*À parte*) - Uma declaração de amor!

GASPARINO - Mas acredite, senhor Barão, que não há nada mais fácil do que uma declaração de amor.

BARÃO - Mas os meus cabelos brancos

GASPARINO - Oh! *Mais ça n'est fait rien*, quando ama-se loucamente uma menina, como Vossa Excelência ama a Dona Mariquinhas.

BARÃO - Se ela ao menos já tivesse lido a carta. . . Oh! é impossível que aquela carta que o senhor escreveu não lhe vá fazer cócegas no coração; olhe que está muito bem escrita! Aqueles dois versos do fim... não se lembra, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Aquilo foi escrito ao correr da pena, senhor Barão: é impossível reter. Eu entendo que Vossa Excelência deve aproveitar esta noite para fazer a sua declaração. A Senhora Dona Ana de Lemos leva muito a bem, e até estima este casamento, como ela mesmo me deu a entender, e Vossa Excelência não deve perder esses momentos preciosos. Parece-me que este doutorzinho em medicina que frequenta a casa faz a corte e pode tirar-lhe do lance.

BARÃO - Pois quê? esse pinga, esse pelintra que teve há pouco o desaforo de dizer que a minha língua não estava boa, arrasta a asa à menina?

CARLOS (*À parte*) - São títulos que me honram, é um Barão quem mos dá.

GASPARINO - Eu não sei com certeza. Não lhe posso afiançar, mas pelo que tenho observado...

BARÃO - Então acha que eu devo fazer-lhe uma declaração?

GASPARINO - É minha opinião.

BARÃO - Mas é o diabo! O senhor não poderia ensinar-me algumas frases, ao menos só para começar, sim, porque o mais difícil é começar. Eu sou um pouco estúpido, reconheço.

GASPARINO - É modéstia de Vossa Excelência: faço justiça à sua reconhecida inteligência.

CARLOS (*À parte*) - Oh! pois não!

GASPARINO - E se o coração não lhe manda aos lábios essas palavras fervorosas de paixão, é porque Vossa Excelência ama com delírio e a presença dessa menina faz-lhe perder a razão.

BARÃO - Oh! bonito! meu amigo, bonito! E assim que devo começar?

GASPARINO - Não, senhor Barão. Vossa Excelência deve começar, pintando esse fogo que o abrasa em segredo há três meses, que a ama como um insensato, que, para merecer-lhe um olhar, não duvidaria arriscar a sua glória e o seu futuro, que por um seu sorriso, daria a vida, e que para alcançar a sua mão trocaria as harmonias dos anjos e a mansão celeste pelas chamas e tormentos do inferno!

BARÃO - Bravo, meu amigo: bravíssimo! Continue, continue: eu lhe peço.

GASPARINO - Aí, necessariamente, ela há de dizer que os homens são uns perjuros, uns inconstantes...

BARÃO - Não é melhor fazermos isto ao vivo, Senhor Gasparino?

CARLOS (*À parte*) - Ao vivo! O negócio complica-se.

BARÃO - Eu quero ficar com essas palavras bem gravadas na memória e é preciso que nem uma só delas se perca. Suponha o meu amigo que eu sou Dona Mariquinhas e que o senhor representa a minha pessoa.

GASPARINO - Está dito: como é para bem de Vossa Excelência... Sente-se nesta cadeira. (*Oferece uma cadeira ao Barão que senta-se*) Eu fico deste lado. Lá vai: minha senhora. (*Faz uma cortesia*) Aqui faz Vossa Excelência uma cortesia. Vamos ensaiar outra vez.

CARLOS (*À parte*) - Se eu contar esta cena ninguém me acreditará!

GASPARINO - Minha senhora... (*Faz uma cortesia e o Barão levantando-se corresponde*) Justamente: há três meses que um sentimento vago e indeciso preenche um vácuo que existia em meu coração: por toda a parte uma imagem de anjo, uma fada, uma visão de roupas brancas me persegue e preocupa-me o pensamento; quer acordado, quer em sonhos vejo esse anjo adejar sobre minha cabeça e apontar-me sorrindo para um céu de venturas e prazer: esse anjo, essa mulher, essa visão de roupas brancas (veja Vossa Excelência a expressão com que eu digo isto), essa visão sois vós.

BARÃO - Agora eu passo para o seu lugar e o senhor passa para o meu. (*Trocam de lugares*) Mas eu não posso exprimir-me por outras palavras? É impossível decorar em tão pouco tempo toda esta trapalhada.

GASPARINO - Vossa Excelência pode usar de outros termos: basta que eles exprimam o que o seu coração sente. Cumpre porém acabar de joelhos: isto é o mais essencial.

BARÃO - Lá vai: eu te amo Mariquinhas, tu és uma fada de visões brancas; quero dizer, uma visão de fadas brancas... Oh! diabo, também não é: ora, isto também não é essencial! lá vai outra vez: amo-te, sim, amo-te e por que não hei de amar-te? Amo-te como amava a minha cara Inês, (*Possuído, segura nas mãos de Gasparino e ajoelha a seus pés*) como a minha cara Inês, que lá repousa no Jazigo de Itu. (*Entra Dona Ana de Lemos pela esquerda e pára admirada olhando para o Barão: Carlos desaparece*) Amo-te e adoro-te. (*Gasparino olha para Dona Ana de Lemos e levanta-se*)

CENA VI

OS MESMOS, D. ANA, *menos* CARLOS

D. ANA (*À parte*) - O Barão aos pés do Senhor Gasparino! Um homem aos pés do outro! (*Alto*) O que fazia, senhor Barão?

BARÃO (*Ainda de joelhos*) - Nem sei, minha senhora. (*Levanta-se*)

GASPARINO (*Perturbado*) - O senhor Barão perguntava-me... Sim. .. (*À parte*) Que escândalo! (*Alto*) Com licença, minha senhora, eu vou à sala ver a minha Porfíria que deve estar ansiosa por mim. (*Sai*)

CENA VII

D. ANA e BARÃO

BARÃO (*Fica perturbado sem saber o que há de dizer: pausa longa*) - Que tal tem achado Vossa Senhoria o baile?

D. ANA - A mim é que compete fazer essa pergunta, senhor Barão.

BARÃO (*À parte*) - Bonito! já disse uma asneira.

D. ANA - Vossa Excelência tem-se divertido?

BARÃO - Alguma coisa, minha senhora, alguma coisa.

D. ANA - Tem dançado, já sei.

BARÃO - Duas quadrilhas, minha senhora.

D. ANA - Não valsa, senhor Barão?

BARÃO - Na minha idade, minha senhora! Já estou um pouco pesado; já fiz época. Uma ocasião valsei no baile da Concórdia em São Paulo com a filha do alferes Braga e ela deu a entender que eu não valsava mal: mas hoje já não sou o mesmo.

D. ANA - Já dançou com Mariquinhas, senhor Barão? Ela dança muito bem: é principalmente na dança onde ela prima. Aprendeu três meses no colégio e dança com muita graça.

BARÃO (*À parte*) - Oh! ela fala-me desse anjinho: vou declarar-lhe tudo quanto sinto. (*Alto*) A sua filha, minha senhora, a sua filha é... Sim... a sua filha dança bem. Mas eu tenho a cabeça em febre, sinto no peito.

D. ANA - Está incomodado, senhor Barão?

BARÃO (*À parte*) - Lá vai tudo: ânimo e coragem. (*Alto*) Oh! minha senhora eu a amo, eu amo uma fada, uma roupa de visões brancas, um anjo que me consome a existência. Esse anjo, essa mulher, essa visão sois vos.

D. ANA - Ai! será possível, senhor Barão? Tanta felicidade! tanta ventura! Oh! diga-me que tudo isto é um sonho! Tire-me desta ilusão!

BARÃO - Oh! não, não é um sonho: eu amo, sim, eu amo: por um seu sorriso daria as chamas do inferno e por um seu olhar as alegrias dos anjos. A vossos pés deposito duas fazendas.

D. ANA - Ah!

BARÃO - O meu sítio da Cutia...

D. ANA - Oh!

BARÃO - O meu sítio do Senhor Bom-Jesus de Parapora.

D. ANA - Ah!

BARÃO - A minha burra branca e o meu título de Barão. (*D. Ana desmaia*) O que é isto, minha senhora? O que tem? (*Tira um lenço e abana-lhe o rosto*) Minha senhora! Minha senhora!

D. ANA - Estou melhor; o prazer, a emoção... Aceito com reconhecimento tanto sacrifício, senhor Barão. Em troca de tudo isto só posso dar-lhe a minha mão.

BARÃO (*À parte*) - A sua mão! O diabo da velha não me entendeu!

D. ANA (*À parte*) - Oh! É um sonho! Eu o queria para genro e ele quer dar-me o doce título de esposa.

BARÃO - A sua mão! Então Vossa Senhoria não me compreendeu.

D. ANA - Pois não é da nossa união de que se trata, senhor Barão?

BARÃO - Vossa Senhoria entendeu mal! É a mão de sua filha, de Dona Mariquinhas que eu peço.

D. ANA - Oh! bem eu dizia que era um sonho; mas ainda sou muito feliz, senhor Barão, muito feliz: não mereci o doce nome de esposa, mas posso de ora em diante chamar-lhe meu adorado, meu idolatrado filho.

BARÃO - Oh! minha senhora, Vossa Senhoria enterneca-me.

D. ANA (*À parte*) - Duas fazendas! Um baronato! Realizou-se enfim o meu sonho dourado. (*Alto*) Vou para a sala, senhor Barão, quero dar quanto antes a Mariquinhas esta agradável notícia.

BARÃO - Por ora nada lhe diga, minha senhora: ela pode desmaiar de prazer.

D. ANA - Vou quanto antes, senhor Barão. (*À parte*) Duas fazendas! (*Sai apressada pelo fundo*)

CENA VIII

O BARÃO, MARIQUINHAS e PORFÍRIA

BARÃO (*Respirando*) - Parece-me que estou livre de uma carga! Ora também o diabo não é tão feio como o pintam; pensei que fosse mais difícil. (*Entra Mariquinhas com Porfíria pela esquerda*) Aí vem ela: que peixão!

PORFÍRIA (*Cumprimentando o Barão*) - Senhor Barão... ainda não tive o prazer de vê-lo hoje, mas já perguntei por Vossa Excelência. (*Senta-se juntamente com Mariquinhas depois desta fazer uma cortesia ao Barão*)

BARÃO - Estou aqui tomando fresco.

MARIQUINHAS - Como tem achado esta nossa reunião, Dona Porfíria?

PORFÍRIA - Bem agradável, Dona Mariquinhas. Mas infelizmente não a tenho apreciado como devia. Depois que me casei, qualquer coisinha é bastante para chocar-me os nervos. O calor das luzes, a orquestra, o murmúrio das salas, os balanços do carro, tudo isto incomoda-me extraordinariamente. Estou casada há dois meses e Gasparino não me tem deixado sossegar um só instante: leva-me a bailes, festas, teatros, passeios... enfim, é um *motu continuo*. Eu já lhe tenho dito muitas vezes que não posso viver assim, mas ele sempre me responde que não é bonito para um rapaz casado aparecer em público sem a sua cara metade. Além disto obriga-me a andar todos os dias em casa espartilhada.

MARIQUINHAS - Mas isso há de fazer-lhe mal?

PORFÍRIA - Já tenho um vergão na cintura e ultimamente estou padecendo do estômago. Mas em compensação não podia acertar melhor na escolha de um marido: faz-me todas as vontades e não duvida mesmo sacrificar-se para realizar os meus menores caprichos. Foi um pouco extravagante em solteiro, é verdade, mas doravante espero que há de ser um bom pai de família.

BARÃO (*À parte*) - Nem sequer olha para mim: olhem que é mesmo um peixão!

MARIQUINHAS - Deve ser um estado bem feliz o casamento, quando se encontra um bom marido.

BARÃO - Na verdade... bem feliz, minha senhora. Ao lado da minha Inês eu gozava momentos de verdadeira felicidade! (*À parte*) Não me responde. Se aqui não estivesse esta maldita velha repetia-lhe a declaração.

MARIQUINHAS - Esteve ontem no Clube, Dona Porfíria? Dizem que a partida esteve muito concorrida.

PORFÍRIA - Estivemos no teatro - Gasparino quis ir ouvir a *Norma*. (*A orquestra toca uma polca*)

MARIQUINHAS - Não vai dançar, Dona Porfíria?

PORFÍRIA - Tenho par para a quarta, mas julgo que tocam uma polca.

BARÃO (*À parte*) - Vou pedir-lhe uma quadrilha. Esta velha empata-me as vasas. (*Alto para Mariquinhas*) Tem par para esta quadrilha, Sinhá?

MARIQUINHAS - Já tenho, senhor Barão.

BARÃO - E para a seguinte?

MARIQUINHAS - Também já tenho, senhor Barão.

BARÃO - E para a outra?

MARIQUINHAS - Já tenho par para todas, senhor Barão.

BARÃO (*À parte*) - Se ao menos ela já tivesse recebido a carta...

PORFÍRIA - Senhor Barão: dê-me o seu braço e vamos dar um passeio pela sala.

BARÃO (*À parte*) - Que maldita velha! (*Alto*) Pois não, minha senhora. (*Dá o braço a Porfíria*)

PORFÍRIA - Não vem, Dona Mariquinhas?

MARIQUINHAS - Há de desculpar-me, Dona Porfíria. Tenho que dar algumas ordens lá dentro. *(Porfíria e Barão saem)*

CENA IX

MARIQUINHAS, só.

Não sei o que sinto quando estou ao pé deste homem: a sua figura, os seus gestos e o seu ar aparvalhado só me inspiram terror e repugnância. Para minha mãe talvez seja ele a felicidade que entrou em casa; para mim é o anúncio terrível de uma desgraça que pressinto. Paciência! Resta-me ao menos a esperança de que Carlos me salvará. *(Vai ao espelho e arranja as flores do cabelo)*

CENA X

A MESMA e GASPARINO

GASPARINO *(Aparecendo no fundo, à parte)* - Afinal encontrei-a só. *(Dirige-se para a cena: Mariquinhas volta-se)* Minha senhora: aflito procurava uma ocasião para dirigir-lhe a sós algumas palavras.

MARIQUINHAS - Sinto bastante não poder satisfazer-lhe, Senhor Gasparino: vou dançar.

GASPARINO - Oh! conceda-me ao menos um só instante, eu lhe suplico.

MARIQUINHAS - Tenha a bondade de dizer o que deseja.

GASPARINO - Quero cumprir uma missão santa e sublime de que me encarregaram.

MARIQUINHAS - Já lhe disse que vou dançar. *(Quer sair: Gasparino toma-lhe a frente)*

GASPARINO - Eu lhe suplico, minha senhora: duas palavras apenas.

MARIQUINHAS - Pois bem, fale. *(À parte)* Quero certificar-me de minhas suspeitas.

GASPARINO - Minha senhora: há três meses que um homem a adora como um insensato, que a idolatra, que fez de Vossa Excelência o único sonho de seus pensamentos e que para alcançar um sorriso de seus lábios seria capaz de dar a

própria vida. Esse homem deposita aos pés de Vossa Excelência uma fortuna de 500 contos e um título pomposo e nobre que a colocará nos primeiros degraus da escala social.

MARIQUINHAS (*Com altivez*) - E quem é esse homem?

GASPARINO - O Barão da Cutia, minha senhora.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Oh! bem me dizia o coração. (*Alto*) E o senhor não fez mais do que representar um papel que lhe encomendaram? É na realidade um brilhante papel, Senhor Gasparino.

GASPARINO - É um serviço, minha senhora, que pode e até deve prestar todo o amigo dedicado e fiel.

MARIQUINHAS - Estou ciente, Senhor Gasparino: está cumprida a sua missão?

GASPARINO (*Tirando uma carta do bolso*) - Pediu-me mais que lhe entregasse este - *parfumé* - e que dissesse a Vossa Excelência que, já que ele próprio não podia manifestar os seus sentimentos, confiava ao papel os arcanos de sua alma, pede-lhe resposta. (*Entrega a carta*)

MARIQUINHAS (*Rasgando a carta*) - Diga-lhe que a melhor resposta que lhe posso dar é esta.

GASPARINO - O que fez, minha senhora? Vossa Excelência rasgou uma página cheia de inspiração e de sentimento! Uma página que encerra as confissões de uma alma apaixonada! É preciso não ter coração! O Barão ama-a como um louco, adora-a e em nome de tudo que Vossa Excelência tem de mais caro e de mais santo, em nome de sua mãe, eu peço-lhe, suplico-lhe de joelhos (*Ajoelhando-se*) que alimente essa paixão que pode levá-lo à sepultura.

CENA XI

OS MESMOS, o BARÃO e PORFÍRIA

PORFÍRIA (*Entrando de braço com o Barão pelo fundo*) - Ai... os meus nervos... eu morro... segure-me, senhor Barão. (*Desmaia*)

BARÃO - Dona Porfíria! Dona Porfíria! (*Sentando-a no sofá*)

GASPARINO (*À parte*) - Bonito!... por esta não esperava eu.

PORFÍRIA - Os meus nervos... eu morro... ai! senhor Barão, não me desampare.

GASPARINO (*Dirigindo-se a Porfíria sustém-lhe a cabeça. Para o Barão*) - Vossa Excelência acaba de comprometer-me. (*Para Porfíria*) Menina, ó menina, o que tens? Olha, é o teu Gasparino.

PORFÍRIA - Ah!... eu morro... eu morro... meu Deus.

MARIQUINHAS (*Para Gasparino*) - Talvez que cheirando um pouco de água de Colônia lhe passasse.

GASPARINO - Isto costuma dar-lhe quase sempre, não é nada, minha senhora.

BARÃO - Ou então uma canja de galinha. (*Indo ao fundo grita*) Uma canja! Uma canja!

GASPARINO - Como, senhor Barão? Canja num baile!

BARÃO - Sim, senhor: lá para os meus lados em todos os bailes há canja de galinha, isto é fraqueza e a canja sendo substancial faz-lhe bem.

GASPARINO - Não é preciso, senhor Barão, traga-lhe antes um sorvete, isto é proveniente do calor.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Um sorvete para uma vertigem!

GASPARINO - Porfíria! Porfíria! meu anjo! meu coração! o que tens? Dize, eu te peço.

MARIQUINHAS - Não seria bom desatar o vestido, Senhor Gasparino?

GASPARINO - Não é necessário, minha senhora, a Gudín faz-lhe os vestidos muito largos. (*Para Porfíria*) Minha Porfíria! Minha Porfíria! Comeste alguma coisa indigesta? (*À parte*) Se isto se espalha, que escândalo, meu Deus!

CENA XII

OS MESMOS, CARLOS e o BARÃO

BARÃO (*Entrando pelo fundo com Carlos*) - Venha, doutor, venha, ali está ela. (*Carlos dirige-se para Porfíria*)

GASPARINO - Não é nada, doutor: é uma pequena vertigem.

BARÃO - Mas ela está muito pálida! (*À parte*) E a pequena nem sequer olha para mim!

CARLOS (*Apalpando o pulso de Porfíria*) - O seu pulso está agitado, mas julgo que é simplesmente uma síncope.

GASPARINO - Uma síncope, doutor?! É moléstia grave?...

CARLOS (*Com riso irônico*) - Talvez seja, Senhor Gasparino. (*Para Mariquinhas*) Tenha a bondade de levar esta senhora ao toailete, Dona Mariquinhas, desatar o colete e ministrar-lhe os socorros necessários.

GASPARINO (*Baixo para o Barão*) - Já lhe disse tudo.

BARÃO - E então?...

CARLOS (*Baixo para Mariquinhas*) - Tenho muito que dizer-te.

MARIQUINHAS - E eu também, Carlos. (*Carlos ajuda a Mariquinhas a levar Porfíria para a esquerda*)

(CAI O PANO)

ATO TERCEIRO

O teatro representa a mesma cena do primeiro ato.

BARÃO, só.

(*Lendo o Jornal do Commercio*) - "Aluga-se... Vende-se..." É célebre! Estas folhas do Rio de Janeiro não trazem nada de importante! Em São Paulo lê-se o *Correio Paulistano* e faz gosto ver as notícias curiosas que traz aquele jornal. (*Virando a folha do jornal, lê*): "No dia 6 foram sepultados... Julião Praxedes da Cunha, de *fistrites, quistrites, entre coletes ou colites*." Isto é erro de imprensa. "Antônio Gervásio de Araújo, idem, Luciano Pimentel, idem... idem... idem..." Cá está o tal implicante idem. É - *a fantasma* - que me persegue nesta maldita terra! Noutro dia fui consultar um médico e ele disse-me que era moléstia contagiosa! Os sintomas são terríveis: dilatação do nariz... (*Apalpando o nariz*) Felizmente o meu ainda está do mesmo tamanho; afecção nervosa pela circunferência do crânio, estremeamento de orelhas, terminando por cair o indivíduo de quatro pés e entregar-se a um furor infrene. Oh! há de ser uma morte horrível! Logo que sentir o primeiro estremeamento de orelhas, estou marchando para São Paulo. (*Virando a folha do jornal, lê*): "O Doutor Carlos de Brito dá consulta todos os dias úteis das 9 horas às 10 da manhã." E o pelintra

que anda fazendo roda à pequena e que, segundo me disseram, está hoje senhor de boas patacas. *(Tirando o relógio e vendo as horas)* E esta! Há quase meia hora que estou aqui e ainda ninguém veio falar-me! É célebre! Tenho reparado que há um mês para cá esta gente já não me recebe como dantes; a velha já não manda o carro buscar-me todas as tardes e ultimamente sempre que aqui venho aparece-me de nariz torcido, depois de meia hora de espera. Ontem falei-lhe para marcar quanto antes o dia do casamento e a maldita respondeu-me que por ora nada podia fazer, porque ainda se está preparando o enxoval. Maldito enxoval, que demora-me o casório! *(Suspirando)* Ai, ai; muito padece quem ama!

CENA II

O MESMO e GASPARINO

GASPARINO *(Entrando vestido de luto, à parte)* - Oh! o Barão! Que maçante! *(Alto)* Bons dias, senhor Barão.

BARÃO - Oh! meu caro amigo, como vai? Há muito tempo que o não vejo. Por onde tem andado? Já não quer aparecer por aquela sua casa.

GASPARINO - Depois da morte da minha cara Porfíria... *(Tirando o lenço e levando-o aos olhos)* Oh! não posso lembrar-me daquele anjinho sem derramar copiosas lágrimas. Foi uma fatalidade!

BARÃO *(Também enxugando os olhos)* - Também a minha burra branca morreu. São decretos da Providência!

GASPARINO - Ontem fui ao cemitério e depositei sobre a sua sepultura uma capela de saudades.

BARÃO - A minha jaz na Cutia, dormindo o sono dos inocentes. Era mesmo uma inocente criatura! Como marchava aquele animal, Senhor Gasparino, era uma rede!

GASPARINO - Deixemos aqueles que repousam na mansão dos justos *(Mudando de tom)* Vossa Excelência já fixou o dia do seu casamento?

BARÃO - Até agora nada está decidido.

GASPARINO *(À parte)* - E creio que nada arranjarás.

BARÃO - Se o senhor pudesse interceder por mim... Eu não tenho jeito para essas coisas. Se não fosse o senhor talvez que a Senhora Dona Ana ignorasse até as minhas intenções.

GASPARINO - Veremos, senhor Barão. Hei de fazer tudo que estiver no círculo de minhas forças. (*À parte*) Conta comigo, meu lorpa.

BARÃO (*Tirando o relógio, à parte*) - Cinco e meia: há mais de meia hora que estou aqui e ainda ninguém! Que maçada! (*Alto*) Ora diga-me cá, Senhor Gasparino: o senhor que é um moço de inteligência e de saber, poderá explicar-me uma coisa extraordinária que observo há perto de um mês?

GASPARINO - Já sei: quer falar-me do cometa que aparece as noites?

BARÃO - Não; não é isso. Em São Paulo aparecem muitos, mesmo de dia; mas como não devo nada a ninguém, não tenho medo dos cometas.

GASPARINO (*À parte*) - *Je ne le comprends pas, mais c'est la même chose.*

BARÃO - Quero que o senhor me explique a razão por que a Senhora Dona Ana de Lemos trata-me presentemente com tanta frieza.

GASPARINO (*À parte*) - Felizmente já reparou. (*Alto*) Nada mais fácil de explicar-se, senhor Barão. Outrora era Vossa Excelência uma pessoa importante e de cerimônia, cujas relações era preciso firmar com carinhos e um tratamento condigno com a sua posição; hoje Vossa Excelência não é mais do que um filho da casa, um amigo dedicado e fiel, para quem morrem essas regras banais e frívolas da etiqueta.

BARÃO (*Apertando a mão a Gasparino*) - Oh! meu amigo, obrigado. Quando estou ao pé do senhor é que reconheço a minha estupidez. Já não me lembrava que eu era um filho da casa e que não devia reparar nessas coisas. E a pequena ainda consagra-me aquele afeto?

GASPARINO - Oh! Ela ama-o como uma insensata!

BARÃO - Não me diga isso que enlouqueço.

GASPARINO (*À parte*) - Este homem não se conhecerá?

BARÃO (*Segurando no chapéu*) - Eu vou aqui à casa do Comendador Lisboa fazer uma visita e depois virei cumprimentar a minha futura costela. É um anjinho! Se falar com a Senhora Dona Ana de Lemos, não se esqueça do meu pedido.

GASPARINO - Já disse a Vossa Excelência que hei de fazer tudo o que puder.

BARÃO (*Apertando a mão de Gasparino*) - Obrigado, meu amigo. Até logo. (*Sai pelo fundo*)

CENA III

GASPARINO, só.

Quelle bête. Até agora ainda não compreendeu que esta família o repele e pede-me que interceda por ele na fixação do dia do casamento, quando a Senhora Dona Ana de Lemos, confiada na perspicácia que me caracteriza suplicou-me que o despedisse quanto antes desta casa da maneira a menos escandalosa. Na realidade a missão é um pouco difícil, mas enfim é preciso cumpri-la porque tenho cá meus cálculos. Concordo que a Senhora Dona Ana de Lemos, prometendo a mão da menina a esse lorpa, ele tenha um justo motivo para revoltar-se, sofrendo agora uma repulsa; mas também ninguém poderá deixar de concordar que uma fortuna de mil contos não é uma fortuna de quinhentos. Ora, o Senhor Doutor Carlos de Brito, que parecia ser um mau moço, mas que hoje vejo que é um moço de excelentes qualidades, possui com a morte de um tio uma fortuna de mil contos; logo, deve ser preferido ao Barão da Cutia, que possui quinhentos. Isto é lógico e não pode sofrer refutação. Uma fortuna de mil contos! *Parbleu* que já é um belo capital. (*Sentando-se no sofá e suspirando*) Ai, ai! Se eu possuísse tanto dinheiro não estava, decerto, crivado de dívidas. Logrado por aquela velha, a quem o destino ligou-me por três meses, e que o mundo dizia possuir as minas da Califórnia, poderia hoje fazer uma brilhante figura, se a maldita não possuísse unicamente uns miseráveis trinta contos, metade dos quais empreguei no pagamento de algumas dividas minhas e se ela não tivesse a extravagante idéia de deixar a sua terça a irmandades e obras pias. Mas em compensação fiz-lhe também uma obra pia e de caridade, mandando-a para outro mundo da maneira a mais fácil possível. (*Levantando-se*) É um meio pronto e eficaz que recomendo a todos aqueles que se casarem com velhas ricas. Tornei-me sócio de todos os bailes que por aí há, assinante de todos os teatros e por toda a parte levava a velha comigo sempre apertada de colete e trajando os melhores vestidos que figuravam nas vidraças do Wallerstein. Se estava suada oferecia-lhe um sorvete para refrescar-se; se se queixava dos vestidos apertados, convencia-a de que era muito ridículo andar uma menina de vestidos largos: ceias todas as noites para prevenir indigestões; banhos de água fria depois de um passeio pelo campo para dar vigor ao corpo; fogos de artifício etc., etc. Com tal receita pode qualquer dar o passaporte a uma velha desta para a melhor dentro de três meses. Oh! Se eu não tivesse sido logrado, poderia hoje ser o homem mais feliz do mundo! (*Pensando*) Mas enfim não convém desesperar. A Senhora Dona Ana de Lemos tem alguma coisa... julga-me sem dúvida senhor de uma boa fortuna com a morte da velha... a

menina casa-se com mil contos... fica este bolo em casa... Silêncio, minhas esperanças fagueiras! Aí vem ela.

CENA IV

O MESMO e D. ANA

D. ANA (*Entrando pela direita*) - Ansiosa esperava a sua chegada. Já sei que estive aqui com o Barão.

GASPARINO - É verdade.

D. ANA - Então?

GASPARINO - Por ora não lhe disse nada de positivo.

D. ANA - Senhor Gasparino, é um favor que lhe peço: veja se me enxota quanto antes aqui de casa aquela bisca.

GASPARINO - Hei de empregar os meios, minha senhora, mas convém não dar escândalo.

D. ANA - É um toleirão, um malcriado que vem todos os dias aborrecer a menina e maçar-me a paciência contando-me histórias da sua burra branca, falando-me das vantagens da garapa de Santo Amaro, da farinha de milho, de sua fazenda e de tudo que lhe vem à boca. Não acha, Senhor Gasparino, que é um homem sem polidez, sem educação?

GASPARINO - É minha opinião de há muito, minha senhora. (*À parte*) É preciso adular a velha.

D. ANA - Veja se pode haver comparação entre o Doutor Carlos e aquela figura de jarro de louça: é um homem até feio, noutra dia estive reparando.

GASPARINO - E além disso não está na posição em que se acha o Doutor Carlos de Brito!

D. ANA - Justamente. O Senhor Carlos é um moço inteligente e estudioso, que tem diante de si um futuro brilhante e se não é, como o primeiro, um Barão, possui um título ainda mais nobre, porque adquiriu-o à custa de sacrifícios e trabalhos. Além disso os títulos hoje compram-se e com uma fortuna de mil contos não há ninguém que deixe de ser Barão.

GASPARINO - Com mil contos eu seria até Imperador da China.

D. ANA - Demais, devemos respeitar as primeiras inclinações. O Senhor Carlos foi o primeiro moço por quem palpitou o coração de Mariquinhas: cortar a felicidade desses dois inocentes seria matá-los.

GASPARINO - A felicidade? E um sonho dourado que não se realiza na terra.

D. ANA - Descrê da felicidade, Senhor Gasparino? Tem razão, com a perda que acaba de sofrer...

GASPARINO - É uma perda irreparável, minha senhora!

D. ANA - Não descreia. Na posição em que está, talvez encontre brevemente alguém que possa fazer a ventura de seus dias.

GASPARINO (*À parte*) - Esta mulher está me desafiando.

D. ANA - E se tiver de dar pela segunda vez esse passo, ouça os conselhos de uma pessoa experiente e que o estima. Escolha uma mulher sisuda, já gasta das ilusões do mundo e deixe as mocinhas da moda, essas cabecinhas de avelã, em cujo seio só poderá encontrar a desgraça.

GASPARINO (*À parte*) - Não há dúvida: é mesmo uma provocação!

D. ANA - Essas nunca poderão ser boas consortes, nem tampouco boas mães de família, porque, não tendo discernimento bastante para compreender a força desta palavra santa e sublime: amor; falam com o coração e o coração as atraíça! Mas o que tem, Senhor Gasparino? Está incomodado? (*À parte*) Sem dúvida já compreendeu tudo.

GASPARINO - Não tenho nada, minha senhora. Vossa Excelência fala-me em coisas tão tocantes, que é impossível deixar de comover-me.

D. ANA - Feliz daquela que possuir um coração tão sensível!

GASPARINO (*À parte*) - Isto já é muito positivo! Vou declarar-me. (*Alto*) Minha senhora, uma vez que Vossa Excelência pinta-me com cores tão vivas a felicidade de um estado que tanto amei, e do qual tão cedo vi-me privado, é justo que eu também abra o meu coração a Vossa Excelência, manifestando um sentimento que nele germina apenas há um mês, mas que é toda a minha vida. (*À parte*) Ainda não compreendeu?

D. ANA (*À parte*) - Será possível?

GASPARINO - E se uma senhora, nas condições que Vossa Excelência apresenta, quisesse preencher esse vácuo...

CENA V

OS MESMOS e CARLOS

CARLOS (*Entrando pelo fundo vestido de luto*) - Desculpem se venho interromper a conversaço.

D. ANA Chegou muito a propósito, doutor; há pouco falávamos na sua pessoa.

GASPARINO (*Oferecendo urna cadeira a Carlos*) - Não quer sentar-se, doutor?

CARLOS - Aceito: muito agradecido. (*Sentam-se todos*)

D. ANA - Ontem tinha prometido vir jantar conosco e no entretanto logrou-nos. Pois não sabe o que perdeu: jantou aqui o Senhor Gasparino e tivemos um belo jantar.

CARLOS - Só o que sinto é não ter gozado duma tão amável companhia.

GASPARINO - O doutor foi quem não quis proporcionar-nos este prazer.

D. ANA - Mariquinhas sentiu bastante a sua ausência. Ai vem ela. (*Entra Mariquinhas*)

CENA VI

OS MESMOS e MARIQUINHAS

CARLOS - Como tem passado, Dona Mariquinhas?

GASPARINO (*Fazendo uma cortesia*) - Minha senhora...

D. ANA - Há duas horas que está-se vestindo, doutor. Quando espera pelo senhor não quer sair do espelho. Veja como está bonitinha!

MARIQUINHAS - Mamãe...

GASPARINO - Em compensação traz uma elegante toalete.

CARLOS - E muito natural que uma moça na idade de Dona Mariquinhas, possuindo tantos encantos, ame aos espelhos.

MARIQUINHAS (*Rindo-se*) - Mas o que não é natural é que o Senhor Doutor Carlos seja tão lisonjeiro para comigo.

CARLOS - Lisonjeiro, porque disse a verdade.

D. ANA (*Para Gasparino*) - Olhe como estão ternos! Nem ao menos respeitam a presença de uma mãe para renderem-se finezas. Vamos dar um passeio pelo jardim, Senhor Gasparino, para não perturbar a felicidade destes dois anjinhos. Lá continuaremos aquela conversação tão bela que foi interrompida.

GASPARINO (*À parte*) - Está mesmo me desafiando. Vou acabar a declaração. (*Dá o braço a D. Ana*)

D. ANA - Vamos dar um passeio pelo jardim: até já. (*Saem pelo fundo*)

CENA VII

CARLOS e MARIQUINHAS

MARIQUINHAS - Realizou-se enfim toda a nossa ventura, Carlos!

CARLOS - E verdade, Mariquinhas, mas, se não te adorasse como um anjo, nunca a aceitaria por um tal preço! Outrora eu era um simples doutorzinho em medicina, cuja fortuna consistia em um diploma, um desgraçado que freqüentava a tua casa, e se não era maltratado por tua mãe, era muitas vezes recebido com indiferença. Hoje trocaram-se as cenas e o Doutor Carlos de Brito toma o lugar do estúpido Barão pelos motivos que tu bem sabes e que meus lábios não devem pronunciar. Tua mãe especula com a tua mão, tua mãe calca aos pés a virtude e a dedicação para ajoelhar-se diante do ídolo da época, tua mãe é...

MARIQUINHAS - É minha mãe, Carlos.

CARLOS - Tens razão, é tua mãe. Perdoa este desvario.

MARIQUINHAS (*Risonha*) - Está perdoado. Agora só o que te peço é que não sejas tão mau e que freqüentes esta casa.

CARLOS - Para quem vem disposto a solicitar hoje mesmo tua mão, esse pedido é inútil.

MARIQUINHAS - Oh! eu te agradeço, Carlos. O coração vaticina-me que havemos de ser muito felizes. Mas o que me dói e que mais me amofina, é ver minha mãe zombar assim desse pobre homem a quem prometeu a minha mão sem consultar minha vontade e desprezando todas as considerações, quando devia ser a primeira a desenganá-lo. Tenho pena dele, Carlos.

CARLOS - Não te incomodes: tua mãe há de sair deste embaraço da melhor maneira possível.

MARIQUINHAS - E é o Senhor Gasparino, o mesmo que lisonjeava o seu amor próprio e que um papel tão indigno representou entre mim e ele, que se incumbe de despedi-lo desta casa.

CARLOS - Não me dizias que o Senhor Gasparino era um moço de educação? (*Barão aparece no fundo*)

MARIQUINHAS - Julgava-o apenas uma cabeça leviana. mas nunca o tive por um homem infame!

CENA VIII

OS MESMOS e BARÃO (*No fundo*)

BARÃO (*À parte*) - Ela chamou-o de infame!

CARLOS - É um homem da época.

MARIQUINHAS - Mas o que é verdade é que eu tenho pena do Barão, porque vejo que é um pobre homem.

BARÃO (*À parte*) - Oh! ela fala em meu nome! Vou livrá-la das garras daquele malvado. (*Avançando para a cena*) Ora viva!

CARLOS (*Fazendo uma cortesia*) - Senhor Barão.

BARÃO - Deixemo-nos de cumprimentos. O senhor é um homem infame, e eu não cumprimento a infames.

CARLOS - Como, senhor Barão? Tenha a bondade de repetir.

MARIQUINHAS (*À parte*) - Este homem enlouqueceu!

BARÃO - Abusar da inocência de uma menina para fazer-lhe propostas inconvenientes...

CARLOS - Senhor Barão...

MARIQUINHAS - Dê-me o seu braço, Senhor Carlos. Vamos chamar minha mãe para vir cumprimentar o senhor Barão.

CARLOS (*Dando o braço*) - Se não estivesse ao pé de uma senhora a quem respeito e a quem o senhor devia respeitar por todos os títulos, dar-lhe-ia uma resposta conveniente. (*Carlos e Mariquinhas saem conversando baixo*)

CENA IX

BARÃO, só.

E esta! Querem-na mais clara, deem-lhe água. Chama-o de infame e sai de braço com ele a conversar muito amigavelmente! Os diabos levem quem for capaz de entender uma mulher! Há três meses que gosto desta menina e até ao presente não me disse coisa com coisa. Ora não me vem logo falar porque está com dor de cabeça; ora desculpa-se com trabalhos de costura; umas vezes recebe-me com muita alegria; outras vezes trata-me mal... enfim o diabo que a entenda. Já estou arrependido de me ter metido em semelhante alhada. Não podia estar eu na Cutia muito à minha vontade! Vir a esta terra endiabrada cheia de carros, de lama e de calor, para deixar-me apaixonar nesta idade por uma menina que é um demônio de saia balão! Sou na verdade bem desgraçado! (*Senta-se*)

CENA X

O MESMO, D. ANA e GASPARINO

D. ANA (*Entrando com Gasparino pelo braço*) - Oh! havemos de ser muito felizes! Silêncio! Eis aí o Barão. E preciso desenganá-lo de uma vez. Senhor Barão...

BARÃO - Até que afinal tenho o prazer de vê-la.

GASPARINO (*Baixo para D. Ana*) - Vou desenganá-lo já. (*Para o Barão*) Saiba Vossa Excelência que...

D. ANA (*Para Gasparino*) - Espere que eu o despeço em poucas palavras. (*Para o Barão*) Saiba Vossa Excelência que...

BARÃO (*Interrompendo*) - Já sei: Vossa Senhoria quer desculpar-se por não me ter aparecido há mais tempo. Eu sei o que são essas coisas; a minha defunta Inês muitas vezes não aparecia às visitas porque tinha de preparar garapa.

D. ANA - Ora, senhor Barão, essas conversações para uma sala...

GASPARINO - Eu também acho-as impróprias.

BARÃO - Garapa não é coisa indecente.

D. ANA - Não duvido, senhor Barão: mas há certas conversações que São impróprias de uma sala.

BARÃO (*À parte*) - E esta!

D. ANA (*Para Gasparino*) - Agora vai tudo de uma vez. Saiba Vossa Excelência que a menina...

BARÃO (*Interrompendo*) - Já sei, minha senhora, eu já a vi: não pôde aparecer logo que eu cheguei, porque está ocupada com o enxoval. Eu não reparo nestas coisas.

D. ANA (*Para Gasparino*) - O homem faz-se de tolo.

GASPARINO (*Baixo*) - Não senhora, é mesmo muito estúpido: eu o conheço.

D. ANA - Pois senhor Barão, Vossa Excelência há de permitir...

BARÃO - Sem mais incômodo, minha senhora.

CENA XI

OS MESMOS, CARLOS e MARIQUINHAS

MARIQUINHAS (*Entrando pelo fundo de braço com Carlos*) - Já andei à sua procura pelo jardim, mamãe.

D. ANA - Eu passeava pela chácara com o Senhor Gasparino.

BARÃO (*À parte*) - E ainda me aparece de braço com o tal pelintra. Vou deslindar toda esta alhada. (*Alto, para D. Ana*) Minha senhora, desejava dirigir algumas palavras unicamente à senhora e à sua filha.

D. ANA - Os nossos negócios foram sempre públicos, senhor Barão; nunca tive segredos com Vossa Excelência.

BARÃO (*À parte*) - E ela tem razão, porque o casamento é um ato público. (*Alto*) Então posso dizer aqui mesmo na vista destes senhores?

D. ANA - Se não for alguma coisa que ofenda as regras da decência...

BARÃO - Nada, não senhora. Somente quero que Vossa Excelência designe positivamente o dia do casamento.

D. ANA - Mariquinhas é quem poderá dizê-lo.

MARIQUINHAS (*Baixo para Carlos*) - Vê em que apuros me põe mamãe, Carlos.

BARÃO (*Para Mariquinhas*) - O que decide, Sinhá? (*À parte*) Como palpita-me o coração.

MARIQUINHAS - Eu...

D. ANA - Esta menina há dias para cá...

GASPARINO - A Senhora Dona Mariquinhas, senhor Barão, ama a outra pessoa e é impossível realizar-se este casamento.

BARÃO - Ama a outra pessoa!

MARIQUINHAS - Nunca o escolhi para intérprete de meus sentimentos, Senhor Gasparino; agradeço-lhe o interesse que toma por mim, senhor Barão: o meu coração nunca poderia pertencer a um homem a quem sempre respeitei e tratei com toda a consideração, mas que nunca me inspirou esse sentimento inexplicável, que deve fazer a felicidade do estado conjugal. O Senhor Doutor Carlos de Brito já solicitou a minha mão: é ele o único que pode tornar-me feliz.

GASPARINO (*À parte*) - Afinal está tudo decidido!

D. ANA - Já vê, portanto, senhor Barão, que não posso ir de encontro à vontade de minha filha. Além disso, o Senhor Doutor Carlos está em tal posição...

BARÃO - No que é que a posição do senhor aqui é melhor que a minha? E o meu título de Barão? e as minhas duas fazendas? e os meus dois sítios?

GASPARINO - Isso é nada em relação a uma fortuna de mil contos!

BARÃO - Ah! agora tudo compreendo; e é por causa disso que me desprezam? Eu já devia sabê-lo antes de pisar nesta terra! (*Para D. Ana*) A senhora é uma mulher falsa e fingida que põe preço à mão de sua filha e que não duvida comprometer a sua palavra só por causa do dinheiro.

MARIQUINHAS (*Para Carlos*) - Ele insulta a minha mãe, Carlos.

CARLOS - E com razão, Mariquinhas.

BARÃO - A senhora será até mesmo capaz de saltar por cima das considerações da honra e da dignidade...

D. ANA - Senhor Barão...

BARÃO - Não receio ameaças porque, se a minha linguagem é de um homem estúpido e sem isso o que a senhora chama educação e que eu chamarei antes a máscara que oculta uma alma corrompida, tenho ao menos a franqueza e a lealdade que caracteriza um homem de província. Antes me falasse com essa linguagem no dia em que pedi a mão de sua filha do que obrigar-me a representar um papel tão indigno! A senhora adulava-me e chegou mesmo a tomar para si uma declaração que era para sua filha, porque tinha em vista lucrar com a minha entrada nesta casa. Eu não encontro até mesmo palavras para dizer o que a senhora é...

D. ANA - Senhor Barão, lembre-se que está no seio de uma família.

BARÃO - Onde estou sei eu: é no seio da corrupção e da miséria!

GASPARINO - E melhor retirar-se, senhor Barão, para não dar escândalos.

BARÃO - E é o senhor que fala em escândalos!

GASPARINO (*À parte*) - Ei-lo comigo.

BARÃO - O senhor que é talvez a causa de tudo isto! O senhor que especulou também com este negócio, servindo de correio de meus amores, para exigir depois o pagamento de algumas dívidas que sua mulher não quis pagar! O senhor, que pela entrega de uma carta esfolou-me trezentos mil réis.

GASPARINO (*À parte*) - Que escândalo!

BARÃO - O senhor é um homem vil, ordinário e infame!

GASPARINO - O silêncio é a arma de que me sirvo para responder aos insultos.

BARÃO - Vou-me embora quanto antes. O ar que aqui se respira é venenoso e eu quero entrar na Cutia tão puro e tão limpo como de lá saí. (*Para D. Ana e Gasparino*) Vivam! (*Para Carlos e Mariquinhas*) Que sejam muito felizes, é o que desejo. Vivam! (*Sai pelo fundo sem chapéu*)

CENA XII

GASPARINO, CARLOS, MARIQUINHAS, D. ANA e depois BARÃO

GASPARINO - O homem saiu *vraiment* furioso!

D. ANA - Agora posso respirar mais livremente.

CARLOS (*Para D. Ana*) - Minha senhora, solicitando a mão de sua filha, permita-me que faça-lhe uma pequena observação. Não é o interesse, nem uma esperança de lucros que me liga a este protótipo de virtudes, mas sim um sentimento que Vossa Excelência desconhece e que na época atual desafia o epigrama. Como simples doutor em medicina sei que a mão de sua filha me seria negada: Vossa Excelência queria um título ainda mais nobre; esse título a fortuna mo deparou. Não é o Doutor Carlos de Brito que hoje vem fazer parte da sua família: é um milionário, um capitalista que vem realizar as ambições de Vossa Excelência.

D. ANA - Não faça injustiça aos meus sentimentos, doutor. Pode avaliar-se os feitos de uma paixão quando a sentimos também no peito.

BARÃO (*Entrando*) - O meu chapéu. (*Procurando o chapéu*)

D. ANA - E para prova disso apresento-lhe o Senhor Gasparino de Mendonça, que de hoje em diante fará parte da nossa família com o doce nome de meu esposo.

BARÃO - Ah! Casam-se. Que boa peça lhe cai em casa! Já estou vingado. Cá está o chapéu. (*Sai pelo fundo*)

MARIQUINHAS (*Para Carlos*) - Nunca consentiremos que nossa mãe case-se com semelhante homem, Carlos.

CARLOS - É ainda uma ambição fatal que a cega: cumpra-se o seu castigo na terra.

(*CAI O PANO*)